



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

EDUARDO JOSE HENRIQUES ABRANTES

Iconografia e simbolismos de Nossa Senhora

**Uma leitura da arte a partir da Escritura, da
Tradição, do Magistério, e da Liturgia da Igreja**

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor José Paulo Leite de Abreu

Braga

2023

AGRADECIMENTOS

Muitos são aqueles a quem sou devedor, pelo auxílio e colaboração na elaboração deste trabalho. Começo por agradecer ao meu orientador, Doutor José Paulo Leite de Abreu, por todo o trabalho de acompanhamento, pela paciência e pelo encorajamento que sempre teve para comigo. Agradeço à diocese de Viseu, que através do Seminário Interdiocesano de São José, acolheu e fomentou o dom da minha vocação. Agradeço aos meus pais, que sempre e em tudo me apoiaram.

Estou grato ao Luís Almeida que, com seu exemplo, sempre me provocou para a prática da devoção mariana; estou-lhe grato também pela cedência de fontes, que muito contribuíram para este trabalho. Agradeço aos padres José António Machado e Serafim Reis, o empréstimo de livros, que muito uteis foram na elaboração deste trabalho. Ao Tiago Torres e ao Dr. Costa Santos, que do mesmo modo me emprestaram livros, o que muito enriqueceu este trabalho. Ao Alexandre Ribeiro e ao Francisco Ferreira estou grato pela cedência de fontes, que no decorrer deste trabalho se mostraram valiosas, mas também pelo companheirismo de todas as horas, e pela constante preocupação. Agradeço ao Doutor José Carlos Miranda e ao padre Jorge Seixas a indicação de alguns dos textos dos autores da Patrística apresentados.

Agradeço ao padre António Jorge o acompanhamento do decorrer deste trabalho. Do mesmo modo agradeço ao padre Álvaro Balsas, todo o acompanhamento espiritual que me tem proporcionado, o que permitiu que este trabalho se concluísse.

Merecem ainda o meu reconhecimento e a minha gratidão a paróquia de Santo Estanislau Kolska, em Chicago, o mosteiro de San Andrés de Arroyo, o Museu Pio XII, a paróquia e a Santa Casa da Misericórdia de Mangualde, a senhora Amélia Pereira, da empresa Vitral D'arte, o padre António Giroto, da diocese de Lamego e o senhor Paulo Sá, por me permitirem o acesso às imagens presentes neste trabalho, fosse pela partilha das imagens, fosse pela solicitude no acesso ao espaço, onde estão algumas das representações apresentadas.

Estou grato ao Francisco Coimbra e ao João Martins, pelas correções atentas e precisas do texto que se apresenta, do mesmo modo agradeço à professora Helena Gonçalves, pela sua disponibilidade e correção da tradução para inglês do resumo do texto. Agradeço ainda às senhoras Alice e Olinda, que com a sua oração e partilha sempre me apoiaram na realização deste trabalho.

A todos manifesto a minha gratidão¹⁶ e, como Maria, guardo todos estes gestos, no coração (cfr. Lc 2, 51).

Índice Geral

Índice de Figuras/ Tabelas	5
Resumo	6
Abstract.....	7
Siglas e Abreviaturas	9
Introdução	11
Maria na Escritura.....	13
1.1 Antigo Testamento	13
1.1.1. Maria Nova Eva	14
1.1.2. Maria Sarça Ardente	21
1.1.3. Maria Nova Débora	25
1.1.4. Maria Velo De Gedeão	28
1.1.5. Maria Nova Rute.....	32
1.1.6. Maria Nova Ana.....	36
1.1.7. Maria Arca da Aliança	43
1.1.8. Maria Esposa do Cântico dos Cânticos.....	52
1.1.9. Maria a Virgem Mãe do Messias	61
1.2 Novo Testamento.....	71
1.2.1. Maria a Serva Cheia de Graça	71
1.2.2. Maria na Visitação	86
1.2.3. Maria no Nascimento de Jesus.....	103
1.2.4. Senhora do Coração Orante	113
1.2.5. Maria nas Bodas de Caná.....	121
1.2.6. Maria Junto à Cruz.....	130
1.2.7. Senhora Do Pentecostes	139
1.2.8. Maria a Senhora vestida de sol	150

Conclusão	158
Fontes Bibliográficas.....	161

ÍNDICE DE FIGURAS/TABELAS

Figura 1- Árvore da Vida ladeada por Eva e Maria.....	20
Figura 2- Maria Sarça ardente	24
Figura 3- Jael, Débora e Barac	27
Figura 4 - Maria no Velo de Gedeão	31
Figura 5 - Cenas da História de Rute.....	35
Tabela 1 Comparação sinótica entre os Cânticos de Ana e de Maria.....	37
Figura 6 – Ana apresenta Samuel ao sacerdote Eli.....	42
Tabela 2 Comparação sinótica entre a Arca da Aliança e Maria.....	45
Figura 7 - Maria Arca da Aliança	51
Figura 8 - Nossa Senhora do Rosário	60
Figura 9 - A virgem Maria e o profeta Isaías.....	70
Figura 10 - A virgem da Anunciação	85
Figura 11 - Visita de Nossa Senhora a Santa Isabel e Zacarias.....	102
Figura 12 – Presépio	112
Figura 13 - Vitral Sagrado Coração de Maria.....	120
Figura 14 - Nossa Senhora da Alegria.....	129
Figura 15 – Pietà.....	138
Figura 16 - Santa Maria Mãe da Igreja.....	149
Figura 17 - Mulher revestida de Sol- Apocalipse 12, 1-18.....	157

RESUMO

O presente estudo, composto por dois capítulos, dedica-se à descrição de Maria nos textos da Sagrada Escritura em comparação com as suas representações artísticas.

Na primeira parte, abordam-se os escritos do Antigo Testamento e as figuras que se relacionam com Maria nele presentes, sendo, por isso, um estudo em relato indireto. Nestes textos veterotestamentários, encontramos as figuras femininas de Eva, Débora, Rute, Ana e Esposa retratada no livro do Cântico dos Cânticos. Da mesma forma, encontram-se figuras inanimadas, como a Sarça ardente, o Velo de Gedeão e a Arca da Aliança. Nestas figuras, quer as femininas, quer as inanimadas, descortinam-se referências a Maria. Analisa-se ainda a profecia de Isaías 7,14, como referente a Maria mãe de Jesus.

A análise de todas estas figuras, com referência a Maria, tem em conta o Magistério e a Tradição da Igreja, mormente através do estudo dos Padres da Igreja e de uma visão geral da evolução da Mariologia. Não se ficando por aqui, estudam-se também as relações com a Liturgia e a devoção. Procurámos ilustrar, com representações artísticas e com referência à figura em estudo, todas estas figuras, que são prefigurações de Maria.

Na segunda parte, em contraponto da primeira, estuda-se Maria em relato direto, pelo que se abordam as ações, palavras e presenças de Maria nos relatos do Novo Testamento. Para isso, considera-se a presença da Virgem de Nazaré nos episódios da Anunciação do Anjo, Visitação a Isabel, Nascimento de Jesus, Apresentação de Jesus no Templo, Bodas de Caná, Crucifixão de Jesus e Pentecostes. Estuda-se também a visão do Apóstolo João, no capítulo XII do livro do Apocalipse, como referente a Maria de Nazaré. Para o estudo destes episódios da vida de Maria têm-se em conta, à semelhança da parte anterior, alguns textos do Magistério e Tradição da Igreja, passando pela devoção e Liturgia, procurando ilustrar, através de representações artísticas, as características de Maria.

Ao longo deste trabalho, vão-se abordando as formas, cores e símbolos que são aplicados a Nossa Senhora; tal é feito a partir das imagens das representações artísticas que vão aparecendo no decorrer do texto. Estas formas de a representar pela arte são variadíssimas, pelo que se procurou ilustrar os temas que se vão trabalhando com diversas formas físicas de representar artisticamente a imagem de Maria. Para isso, usam-se ilustrações que vão desde a pintura a fresco em Catacumbas, passando pela pintura a óleo sobre painel, a iluminura em pergaminhos e livros, a escultura, o vitral, não esquecendo a azulejaria. Em todas estas formas de arte, em que Maria é representada, ela resplandece, chega até nós.

Palavras-chave: Maria; Sagrada Escritura; Padres da Igreja; Arte; Símbolos; Iconografia.

ABSTRACT

The present study, consisting of two chapters, speaks about Mary's connection with the texts of Sacred Scripture, and her artistic representations.

The initial part is about the writings of the Old Testament and the Mary's figures presented in it and, therefore, a study in indirect report. In these Old Testament texts, we can find the female figures of Eve, Deborah, Ruth, Hannah, and the Wife, depicted in the book Song of Songs. Likewise, there are inanimate figures such as the Burning Bush, the Fleece of Gedeon and the Ark of the Covenant. In these figures, both feminine and inanimate, references to Mary are revealed. The prophecy of Isaiah 7:14 is also analysed as referring to Mary, the mother of Jesus.

The analysis of all these figures as reference to Mary, considers the Magisterium and the Church Tradition, especially through the study of the Church Fathers and an overview of the Mariology's evolution. We also study its relationship with the liturgy and devotion. In all these figures, which are prefiguration of Mary, we try to illustrate, through artistic representations and referencing it to the figure under study and his connection to Our Lady.

In the second part, counterpoint to the first, Mary is studied in a direct account, addressing actions, words, and presences of Mary in the New Testament rapports. To do so, we have considered the presence of the Virgin of Nazareth in the episodes of the Angel Annunciation, Elizabeth Visitation, Birth of Jesus, Presentation of Jesus in the Temple, Wedding at Cana, Crucifixion of Jesus, and Pentecost. We also studied the Apostle John's vision in chapter XII of the book of Revelation, as referring to Mary of Nazareth. To the study of these episodes of Mary's life, as in the previous part, some texts of the Magisterium and Tradition of the Church are considered, passing through devotion and liturgy, seeking to illustrate, through artistic representations, Mary's characteristics.

Throughout this work, the shapes, colours, and symbols assigned to Our Lady, are studied from the images of the artistic representations that appear during the text. These ways of representing art will be varied, trying to illustrate the themes addressed with abundant physical ways of artistically representing the image of Mary. For that, illustrations are used from fresco painting in Catacombs, through oil painting on panel, illumination on parchments

and books, sculptures, stained glass, not forgetting the tiles. In all those forms of art that Mary is represented, she shines, comes to us.

Keywords: Mary; Scripture; Fathers of the Church; Art; Symbols; Iconography.

SIGLAS E ABREVIATURAS

- Livros da Sagrada Escritura:

Antigo Testamento	Novo Testamento
Gn- Livro do Génesis	Lc-Evangelho segundo São Lucas
Ex- Livro do Êxodo	Jo- Evangelho segundo São João
Jz- Livro dos Juízes	Mt- Evangelho segundo São Mateus
Sl- Livro dos Salmos	At- Livro dos Atos dos Apóstolos
Rt- Livro de Rute	1Jo-1ªCarta de João
1Sm-1º Livro de Samuel	Heb-Carta aos Hebreus
2Sm- 2º livro de Samuel	Ap-Apocalipse de João
2Mac-2º livro dos Macabeus	Rm-Carta aos Romanos
1Cr-1º Livro das Crónicas	Gl-Carta aos Gálatas
Is- Livro de Isaías	Tg- Carta de Tiago

- Outras abreviaturas:

AAS - Acta Apostolicae Sedis

CCE - Catecismo da Igreja Católica

CCL - Corpus Chistianorum, series latina, Turnhout 1953ss.

Cfr. - Conferir.

cm - Dimensões em centímetros.

CMP - Corpus Marianum Patristicum, S. Álvarez Campos, Ediciones Aldecoa, Burgos 1970-1885.

CSCO - Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium, Paris-Louvain 1903ss.

DCE - Benedictus PP. XVI, «Litterae Encyclicae Deus Caritas Est», 2006.

EG - Franciscus PP., «Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium», 2013.

GS - Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II, «Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundus huius temporis “Gaudium et Spes”», 1966.

ID - Pius PP. IX. Bula Ineffabilis Deus, 1854.

LG - Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”», 1965.

m - Dimensões em metros.

MD - Pius PP. XII, Constitutio Apostolica. «Fidei Dogma Definitur Deiparam Virginem Mariam Corpore et Anima Fuisse ad Caelestem Gloriam Assumptam “Munificentissimus Deus”», 1950.

MRP - Missal Romano, 3ª edição portuguesa.

p./ pp. - Indicação da(s) página(s).

PG - Migne, Patrologia, series Graeca, Paris 1875ss.

PL - Migne, Patrologia, series Latina, Paris 1848ss.

PO - Patrologia Orientalis, ed. R. Graffin, Paris 1903ss.

RM - Ioannes Paulus PP. II, «Litterae Encyclicae Redemptoris Mater», 1987.

SC - Sources Chrétiennes, Paris 1941ss.

TEG - Traditio Exegetica Graeca. Louvain, Peeters 1991ss.

USA - Estados Unidos da América.

VD - Benedictus PP. XVI, «Adhortatio Apostolica Postsynodalis Verbum Domini», 2010.

INTRODUÇÃO

Falar de Maria de Nazaré, a partir dos textos bíblicos é o grande desafio a que nos propomos. Mas, como relacionar Maria com a Escritura? No Novo Testamento, temos relatos diretos da sua presença ou das suas palavras. Até aqui parece ser muito fácil e óbvio. Mas, como é que podemos abordar a figura de Maria no Antigo Testamento? Talvez este seja o maior desafio deste trabalho. Dando conta da multiplicidade de invocações de Maria, qual a ligação entre estas e a Palavra de Deus?

A Palavra de Deus, que está contida na Sagrada Escritura, está presente nas invocações festivas de Nossa Senhora, seja no contexto litúrgico, seja na devoção popular, como a recitação do Rosário ou a recitação do *Angelus*. Em todas as festas de Maria, a Palavra de Deus é uma presença constante. Não poderia ser de outro modo, uma vez que a Palavra, tudo acompanha e ilumina, mostrando-nos aquela que da Palavra se alimentou, e A conteve em seu próprio seio.

Sabemos que o Novo Testamento nos dá a chave de leitura para o Antigo. Tal máxima aplica-se plenamente em sentido Cristológico. Mas como relacionar os textos da Antiga Aliança com Maria? Qual a ligação entre a Virgem de Nazaré, e os textos da Primeira Aliança? Baseando-nos nos textos bíblicos e tendo em conta a Tradição da Igreja, procuraremos no primeiro capítulo, abordar estas questões, explorando a relação de Maria com a Palavra, a leitura dos textos do Antigo Testamento e os seus paralelismos com os Escritos do Novo Testamento. Ainda quisemos trabalhar a expressão devocional da fé, apresentando diversas formas artísticas que nos representam a Mãe de Deus.

Relacionando Maria com a Antiga Aliança, analisaremos as formas de devoção a Nossa Senhora partindo dos textos do Antigo Testamento, procurando sempre fazer a ligação com as representações artísticas de Maria. Dentro desse itinerário, analisaremos figuras que prefiguram Maria, como Eva, sarça ardente, velo de Gedeão, Débora, Rute, Ana, Arca da Aliança, Esposa do Cântico dos Cânticos, e, por fim, a profecia de Isaías.

No segundo capítulo procuraremos abordar Maria, numa perspetiva distinta. No Novo Testamento, Maria é-nos apresentada de forma direta, seja com a sua presença, seja com as suas palavras. Por isso é que, no nosso método de estudo, se torna imperiosa uma abordagem diferente da do capítulo anterior. Como é que Maria se relaciona com a História da Salvação? Como é que Maria se posiciona face aos acontecimentos da Encarnação, Vida, Paixão, Morte

e Ressurreição de Jesus? Como surge Maria nestes momentos que interligam a História humano-divina em Jesus Cristo? Como é que a partir da Nova Aliança, a arte e a devoção representaram Maria? A estas questões, procuraremos dar resposta, à semelhança do capítulo anterior, ilustrando com imagens as representações de Maria.

Neste capítulo segundo, então, analisaremos as referências a Maria, bem como algumas das suas palavras. Para isso consideraremos os episódios da Anunciação, Visitação, Nascimento de Jesus, Apresentação de Jesus no templo, as Bodas de Caná, a presença de Maria junto à Cruz de Jesus e o Pentecostes. Consideraremos, por fim, a referência a Maria no Livro do Apocalipse, embora esta não seja uma aplicação direta à virgem de Nazaré.

Neste trabalho, procurámos responder ao apelo feito pelo Papa Bento XVI na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, de aprofundar a relação entre a mariologia e a teologia da Palavra. Deste modo, pretendemos descobrir a ligação entre Maria de Nazaré e a escuta crente da palavra (cfr. VD 27).¹

¹ Benedictus PP. XVI, «Adhortatio Apostolica Postsynodalis Verbum Domini», *AAS* 102, n.º 11 (2010): 681–787. De futuro citaremos como «VD».

MARIA NA ESCRITURA

Na Sagrada Escritura são inúmeros os relatos ligados a Maria, a Mãe de Jesus. Se no Novo Testamento estes são relatos diretos, já no Antigo Testamento considera-se que são relatos indiretos, isto é, apontam para a figura de Maria.

É certo que, no que se refere ao Antigo Testamento, as expressões ou pessoas que apontam para Maria não se referem diretamente a ela, pois quando foram escritas ainda não se tinha realizado o mistério da Encarnação. Estas, foram depois interpretadas pela Tradição da Igreja que as considerou referentes a Maria. Quanto ao Novo Testamento, as referências constituem um elemento direto.

Da vida de Nossa Senhora, as Escrituras pouco dizem, pois nestas está de forma mais relevante e explícita o referente à vinda de Cristo, à Sua vida, à Sua doutrina, à redenção que veio operar e ao modo como a operou.

Uma vez que na Escritura as informações são tão escassas, importa ter em conta o conteúdo e interpretação da Tradição e do Magistério da Igreja. Tudo isto será considerado ao longo deste estudo.

1.1 ANTIGO TESTAMENTO

O Antigo Testamento, ou Antiga Aliança, surge no contexto da Bíblia como a preparação ou a prefiguração do que depois se vai realizar à luz do mistério de Cristo.

O Novo Testamento ilumina e dá sentido ao Antigo, mostrando-se a chave de leitura à luz da qual se vivenciam e compreendem a Encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Também a Maria se aplica esta definição, pois sendo ela a mãe de Deus, a mãe do Messias esperado, também sobre ela se fazem leituras de figuras e/ou imagens prefiguradas no Antigo Testamento.

Será esta relação que começaremos por estudar: a leitura de alguns personagens como figura de Maria, como apontando para Maria. Em primeiro lugar será apresentado o texto bíblico,² de seguida, serão expostas algumas considerações sobre o mesmo.

² Neste estudo usaremos a versão da «Bíblia dos Capuchinhos», editada pela Difusora Bíblica; *Bíblia Sagrada*. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2015.

1.1.1. MARIA NOVA EVA

Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar. Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela seria mãe de todos os viventes (Gn 3,15.20).

Começando pelo livro do Génesis, aparece-nos logo neste relato a figura de uma mulher, de seu nome Eva. Esta, sendo a primeira figura feminina a aparecer na Escritura, é considerada a «mãe de todos os viventes» (Gn 3, 20). Também pelo facto de ser a primeira, por meio dela surgiram todos os outros, bem como tudo o que há de bom ou de mau.

Esta figura surge-nos como aquela que dá vida à humanidade, através da geração da prole. Se por Eva nos veio a vida, também por Eva nos veio a morte, isto é, o pecado. Pela desobediência (mitológica) de Eva, a sua descendência foi condenada, isto é, porque Eva escutou a serpente e perdeu a inocência querendo cortar a relação que a unia com o seu Criador, formando como tal uma «amizade com a serpente»,³ torna-se escrava do pecado e da própria serpente (ID, 28).⁴

Mas, se por ação de uma mulher veio o pecado, podemos dizer que, em oposição, por uma mulher veio a redenção desse mesmo pecado; por meio de Maria veio a redenção para o mundo inteiro, pois se «por meio de Eva surgiu na criação o pecado e a morte; por oposição, através de Maria surgiu no mundo a graça e a vida».⁵

Eva nasceu de Adão e, por contraste, de Maria nasceu Jesus, e se «Cristo é o novo Adão» (CCE 504),⁶ consideramos Maria como nova Eva, pois «Maria é a nova Eva, a mulher nova que aceita o projeto do Criador e O gera para a nova humanidade que Ele vai renovando».⁷ Tal como Cristo redimiu o pecado de Adão, assim também por meio de Maria foi redimido o pecado de Eva, pois «a porta do paraíso, fechada por meio da primeira Eva, é finalmente aberta a todos

³ Cfr. João Diogo Martins Mendes, «Imaculada Conceição -Dogma e crença portuguesa» (Universidade Católica Portuguesa, 2022), p.10. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/36284>. Consultado a 12 de setembro de 2022.

⁴ Pius PP IX, «“Ineffabilis Deus”, 8 de dezembro de 1854-Dogma da Imaculada Conceição», em *A Virgem Santa Maria na fé da Igreja*, por Silvério Benigno Pires (Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2017), 40–62. Daqui em diante usaremos a designação «ID».

⁵ Cfr. Gianfranco Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia* (Lisboa: Paulus editora, 2008), p.28.

⁶ «Catecismo da Igreja Católica» (Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016).

Usaremos de futuro a designação «CCE».

⁷ Pedro Lourenço Ferreira, «A Virgem Maria, Modelo da Igreja em Oração», em *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), p.269.

por meio de Santa Maria».⁸ Maria, com a sua graça e total confiança em Deus, foi Aquela que trouxe a salvação ao mundo, condenado por Eva, devido ao seu pecado e consecutiva desconfiança em Deus.

Neste relato, é referida também a figura da serpente, apresentando esta também uma prefiguração que aponta para Maria, pois a serpente que enganou Eva e a levou à condenação subsequente ao pecado, foi depois derrotada por Maria, pois esta, «cheia de graça», derrotou o pecado da natureza humana. Tal como Cristo ao vencer a morte, venceu também o pecado, assim Maria derrubou a antiga serpente que havia condenado Eva. Esta figura da serpente foi depois usada no livro do Apocalipse, pois surge retratada como a serpente calcada aos pés.

Se por Eva o nó do pecado foi atado, Maria desatou-o,⁹ e como tal tornou-se a Mãe dos viventes (Gn 3, 20), pois ao ser a «mãe do Triunfador sobre a serpente, nela culmina a inimizade entre a descendência da Mulher e a da serpente; nela culmina a sequente reconciliação com Deus, ao ser chamada «cheia de graça».¹⁰ Maria é verdadeiramente a nova Eva, pois vence o pecado que havia cometido a primeira Eva.

São Justino (100-165), considerando as duas mulheres, afirma-nos que:

Se por Eva, que obedeceu à serpente, veio o mal ao mundo, a palavra da serpente «deu luz à desobediência e à morte», por Maria, pela resposta dada ao Anjo Gabriel, no momento da anunciação, no seu seio se concebeu a fé e a alegria, assim deste modo, Deus por meio da resposta de Maria destrói a serpente e todas as suas obras.¹¹

Ireneu de Leão (130-202) defende o mesmo ao afirmar que pela obediência de Maria nos veio o remédio das desgraças que a desobediência de Eva nos tinha proporcionado:

Assim como Eva, tendo um esposo, Adão, mas permanecendo virgem [...], por sua desobediência foi causa de morte para si mesma e para todo o género humano, assim também Maria, desposada e ainda virgem, por sua obediência se tornou a causa da salvação, tanto para si mesma como para todo o género humano. E por isso, a donzela desposada com um homem, embora ainda virgem, a lei a chama de esposa daquele que se casou com ela, manifestando assim que a vida remonta de Maria a Eva. Porque o que foi atado não pode ser afrouxado se não for desatando a série de nós na direção oposta, de modo que os

⁸ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.29.

⁹ Cfr. Martina Degl'Innocenti e Stella Marinone, *Maria*, (s.l: Círculo de Leitores,2016), p.12.

¹⁰ Herculano Alves, «Vocação e missão de Maria na história da salvação-Figuras de Maria no Antigo Testamento», em *XI Semana Bíblica Nacional-Maria na História da Salvação*, ed. Morgado Lopes (Lisboa: Difusora Bíblica, 1989), p.19.

¹¹ Justino, *Diálogo com Trifão*, 100,4-6, PG 6, 709-712.

primeiros se afrouxem graças aos últimos e os últimos afrouxem os primeiros [...]. Da mesma forma, aconteceu que o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria. Porque o que a Virgem Eva ligou fortemente à sua incredulidade, a Virgem Maria desligou com a sua fé.¹²

A alma mariana de São Bernardo de Claraval (Abade Cisterciense, e Doutor da Igreja), exalou palavras encantadoras sobre este paralelismo, entre a primeira Eva e a nova Eva. Com efeito e no dizer daquele Santo do hábito branco:

Pela primeira Eva, o veneno da serpente entrou no mundo e infetou a humanidade; pela segunda Eva [Maria] entrou o antídoto a tal veneno. Primeira entrou no mundo a maldição; pela segunda apressou-se a redenção. Pela primeira o homem caiu; pela segunda levanta-se. Pela primeira aconteceu o engano; pela segunda, o perdão. A primeira incitou rebelião, a segunda induz-nos à relação amorosa com Deus.¹³

Também o Magistério da Igreja nos fala desta relação entre Eva e Maria, na bula *Ineffabilis Deus*, do Papa Pio IX (8 de dezembro de 1854) com a qual é proclamado o dogma da Imaculada Conceição. Afirma-se:

Eva escutou infelizmente a serpente, e decaiu da inocência original, e tornou-se escrava da serpente; ao contrário a beatíssima Virgem aumentou continuamente o dom tido na sua origem, e, bem longe de prestar ouvido à serpente, com o divino auxílio quebrou-lhe completamente a violência e o poder (ID 28).

A partir da leitura da supracitada bula pontificia pode-se entender que a escravidão trazida por Eva foi quebrada pela doação plena de Maria a Deus, e este dom tornou-se maior que Maria, ao ponto de, por meio dela, nos ter vindo a graça da presença do Senhor entre nós. Se Eva tinha quebrado a ligação direta que tinha com Deus, Maria, em sentido contrário, criou novamente esta ligação de tal modo que tudo nela se transformou em Graça.

Também no Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), este tema foi refletido, e feita esta analogia, na constituição dogmática *Lumen Gentium* (LG), onde se afirma:

Maria encontra-se já profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (cfr. Gn.3,15), feita a primeiros pais caídos no pecado [...] Com Maria [...] se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus

¹² Ireneu de Leão, *Contra as Heresias III*, 22,4, PG 7,958-959.

¹³ Bernardo de Claraval, Homilia II,3, *Em Louvor da Virgem Mãe*, in *Obras Completas de São Bernardo-II-Tratados 2º*, ed. Conferencia Regional Española de Abades Cistercienses, trad. Iñaki Aranguren, vol. II (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984), pp. 617-619.

dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado com os mistérios da Sua vida terrena (LG 55).¹⁴

A partir deste texto podemos aferir que na promessa da vitória sobre a serpente, e os seus efeitos, depois da queda de Eva, está já a prefiguração de Maria, bem como a promessa da sua vitória que nos traz a salvação. Maria quebrou a maldição que por Eva nos tinha vindo e como tal venceu o pecado e tornou-se «Cheia de graça» (Lc 1, 28), ao ponto do Anjo a ter saudado desta forma.

No âmbito deste texto, podemos comparar ainda a forma como Deus se dirige a ambas as mulheres. A Eva, depois desta ter comido do fruto da árvore, pergunta-lhe, bem como a Adão, «onde estás?» (Gn 3, 9), quase como se depois de cometido o pecado Deus não soubesse onde o homem ou a mulher está, pelo que dá quase a entender que não sabe onde se encontra, e deste modo procura incessantemente o humano.

Por outro lado, como Maria já era considerada «agraciada», ou pelo menos assim é reconhecida pelo Anjo de Deus, «salve cheia de graça» (Lc 1, 28), o Anjo é enviado exatamente onde Maria se encontra. Deus sabia exatamente onde a encontrar, e sabia também que ela estava em graça para receber o Seu Filho. Com isto concluímos que Maria foi encontrada para salvar a Eva que estava perdida.

Um outro paralelismo entes estas duas mulheres, prende-se com o facto de Eva ter levado Adão à queda, a entrar no pecado. Do mesmo modo, Maria levou Cristo a entrar na missão que Lhe havia sido confiada pelo Pai (de anunciar o Reino de Deus), quando nas bodas de Caná, O incita a fazer o seu primeiro milagre, iniciando assim na Sua vida pública.

Assim como Eva convida Adão a cometer o primeiro pecado, também Maria convida Jesus a realizar o seu primeiro prodígio, e assim como Eva está com Adão na queda, assim Maria está com Jesus na crucifixão¹⁵ (poderíamos afirmar no Seu levantamento na cruz). Esta semelhança poderia ainda afirmar-se pelo facto de Jesus chamar a Maria como «mulher» (Jo 19,26).

No hino *Akathistos*, hino composto na sequência do Concílio de Calcedónia (451) e que apresenta, em forma de síntese orante, tudo quanto a Igreja dos primeiros séculos acreditou e

¹⁴ Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”». AAS 57 (1965): 5–67. Daqui em diante usaremos a designação «LG».

¹⁵ Brant Pitre, *Jesus e as raízes judaicas de Nossa Senhora- Quem é a mãe do Messias?* (Cascais: Lucerna, 2022), p.36.

exprimiu sobre Maria,¹⁶ refere-se também a esta ligação entre Maria e Eva, pois na litania, apresenta-se Maria como aquela que «[levanta] Adão da sua queda».¹⁷ Aqui, surge a comparação com Eva, uma vez que por meio desta, Adão caiu no pecado, e perdeu a graça de Deus; por oposição, através de Maria, Adão é levantado da sua queda, sendo-lhe restabelecida a graça que vem de Deus.

Neste mesmo hino, estabelece-se a comparação direta entre Maria e Eva, uma vez que se canta que «Maria é quem [enxuga] finalmente as lágrimas de Eva».¹⁸ Deste modo, podemos afirmar que Maria, com a sua resposta ao Anjo - «eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38), consolou Eva, que havia desobedecido à palavra que Deus lhe havia dado (cfr. Gn 3,2). As portas do paraíso que, por Eva, nos tinham sido fechadas, foram-nos novamente abertas por Maria, uma vez que, pela Sua disponibilidade em fazer a vontade de Deus, mesmo sem saber bem o que isso implicava, respondeu de coração aberto, e predisposto a fazer a vontade de Deus.

De igual forma, a Liturgia nos afirma que Maria é considerada a nova Eva. Podemos verificar tal no prefácio II -A, para o tempo do Advento onde se diz: «A graça, que em Eva nos foi tirada, foi-nos restituída em Maria. Nela, Mãe de todos os homens, a maternidade, resgatada do pecado e da morte, recebe o dom da vida nova: onde abundou a culpa, superabundou a misericórdia».¹⁹ Uma vez que os prefácios são a síntese feita pela Igreja dos mistérios que se celebram, podemos afirmar que, a partir do prefácio II-A do Advento, se considera Eva como figura de Maria.

Na arte surge-nos inúmeras vezes representada esta ligação Eva-Maria. Um exemplo claro de tal, é a iluminura do Missal de Salzburgo, do século XV, intitulada «Árvore da Vida e da Morte ladeada por Eva e Maria», obra que seguidamente se apresenta. Nesta iluminura reproduz-se em plano de fundo, a árvore da Vida, suspendendo o primeiro Adão e Cristo, o novo Adão, cravado numa cruz. Diante de cada uma destas representações, e em primeiro plano, surge-nos a primeira Eva que está a alimentar os viajantes com o fruto proibido da árvore. Ao lado aparece-nos a nova Eva (Maria) em frente ao novo Adão, que alimenta os viajantes com o

¹⁶ s.a, *Akathistos, Hino em honra da Virgem Mãe de Deus* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 1998). Introdução.

¹⁷ *Akathistos, Hino em honra da Virgem Mãe de Deus*, litania 1 estrofe 3, p.6.

¹⁸ *Akathistos, Hino em honra da Virgem Mãe de Deus*, litania 1 estrofe 4, p.6.

¹⁹ Missal Romano, reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S o Papa Paulo VI e revisto por S.S o Papa João Paulo II, Conferencia Episcopal Portuguesa, 3ª ed., Fátima 2021, p. 516. Daqui em diante usaremos a designação «MRP».

novo fruto da árvore da Vida, a hóstia consagrada. Por meio da presente representação, vemos que Maria oferece remédio para as feridas abertas por Eva.

Nesta pintura, Maria e Eva estão em ambos os lados de uma árvore. Maria endossa vestes azuis e possui uma auréola resplandecente; colhendo da árvore uma partícula, coloca-a na língua de um adorador ajoelhado. Eva, em contraste, está nua. Tira o fruto da boca de uma serpente e entrega-o a um devoto, enquanto a Morte observa.

A imagem, que a seguir se apresenta (figura 1) precede o próprio da Liturgia da festa de *Corpus Christi*, num Missal encomendado pelo Arcebispo de Salzburgo. O medalhão central representa uma árvore que dá frutos e hóstias sacramentais. Combina assim a paradisíaca Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Éden. À direita está Eva, que entrega um fruto proibido a um homem ajoelhado a seus pés. Uma caveira aparece entre as frutas no seu lado da árvore. A serpente tentadora serpenteia ao redor do tronco e oferece a Eva outro pedaço de fruta da sua boca. Do lado esquerdo, por sua vez, está Maria. Em vez de uma caveira, surge representado um crucifixo. Em vez do fruto, Maria administra uma das hóstias a um homem que ajoelhado, se dispõe a comungar. Entretanto, as Suas mãos d'alvura recolhem outra partícula. Maria, é assim, apresentada como uma imagem espelhada de Eva e, portanto, o antídoto salvífico para a queda. Um Anjo acompanha Maria à esquerda enquanto a Morte acompanha Eva à direita.²⁰

²⁰ Cfr. Büttner, Nils, "Pintura de paisagem por volta de 1500", em *Christoph Wagner e Berthold Furtmeyr: Obras-primas da iluminura e arte de Ratisbona no Gótico tardio e Renascentista*, s.ed, Ratisbona, 2010. P.149-51 acedido a 10 de janeiro de 2023 a partir de: https://inpress.lib.uiowa.edu/feminae/DetailsPage.aspx?Feminae_ID=30970



Figura 1- Árvore da Vida ladeada por Eva e Maria.²¹

- Autor:
Berthold Furtmeyr
- Datação:
1489
- Dimensões:
38,29 x 28,7 cm
- Material:
Pintura a óleo sobre pergaminho, com uso de folha de ouro.
- Localização:
Biblioteca Estatal da Baviera, Munique, Alemanha.

²¹ Furtmeyr, Berthold, *A árvore da Vida e da Morte, ladeada por Eva e Maria -Ecclesia*, iluminura do «Missal de Salzburgo», Munique, 1489. Acedido a 10 de janeiro de 2023 a partir de: <https://daten.digital-sammlungen.de/0004/bsb00045166/images/index.html?fip=193.174.98.30&id=00045166&seite=127>

1.1.2. *MARIA SARÇA ARDENTE*

Moisés estava a apascentar o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madian. Conduziu o rebanho para além do deserto, e chegou à montanha de Deus, ao Horeb. O Anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio da sarça. Ele olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo, mas não era devorada. Moisés disse: «Vou adentrar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça?» (Ex3, 1-3).

A figura de Maria é, igualmente, apontada como a sarça que arde, mas não se consome. Maria é comparada com a sarça, pois tal como a sarça estava em chamas e não se consumia pelo fogo, e depois, através desta Deus Se manifestou, assim também Maria deu à luz Jesus, sem perder a Sua virgindade e mediante esta graça Deus manifestou-Se aos homens.²²

Tal como a sarça não se consumia, assim se manteve Maria, intocada pelo pecado. A chama vista por Moisés iluminava a sarça e esta, conseqüentemente, tornou-se ardente. A mesma chama fulgurante em Maria, banhou de luz a humanidade. Luz esta que tal como a sarça «brilhou nas trevas» (Jo 1, 5) pois tal como Jesus, brilhou e iluminou a humanidade, assim o brilho da sarça iluminou a vida de Moisés.

Os Padres da Igreja viram neste episódio da sarça um paralelo com Maria, pois «Jesus foi nela como o fogo divino na sarça».²³ Assim como a sarça ardia, mas não se consumiu assim Jesus nasceu do ventre de Maria, sem esta haver perdido o dom da Sua virgindade.

Gregório Magno (540-604), considera a sarça como figura de Maria, da seguinte forma:

Aquilo que então era prefigurado nas chamas e na sarça, depois de transcorrido o tempo intermédio, foi abertamente manifestado no mistério da Virgem. Assim como a sarça ardia na montanha, mas não se consumia, assim a Virgem deu à luz e não sofreu corrupção. Não deve parecer inapropriada a semelhança da sarça, que é uma figura do corpo da Virgem que foi Mãe de Deus.²⁴

Assim como Moisés se aproximou da luz de Deus que refulgia no arbusto em chamas, assim se manifestou o mistério em Maria ao ser saudada pelo Anjo Gabriel. Podemos fazer esta

²² Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.33.

²³ Cfr. s.a, «A sarça ardente», Ponto SJ, 2018, <https://pontosj.pt/especial/a-sarca-ardente/>. Consultado a 17 de janeiro de 2023

²⁴ Gregório Magno, *Homília sobre a Natividade*, PG 46, 1133.

comparação, pois tal como a sarça ardia sem se consumir, assim o corpo de Maria se manteve puro, apesar do nascimento de Jesus.

Já antes, Hesíquio de Jerusalém (?-432) havia feito esta leitura de Maria como a sarça ardente ao afirmar:

A ti ó Virgem, os profetas dispensam louvor; [...] tu és comparada à sarça que arde e não se consome (Ex 3, 2), aludindo assim à carne do Unigénito e à Virgem Mãe de Deus: de facto queimou, mas não se consumiu, pois deu à luz, mas não abriu seu ventre; concebeu, mas não profanou o peito; ela deu à luz a criança, mas deixou o útero selado; deu o leite e manteve os seios intactos; ela carregava a criança, sem conhecer pai terreno; ela se tornou mãe, mas não se tornou noiva; o filho cresceu, mas não havia pai[...].²⁵

No *Catecismo da Igreja Católica*, está refletido o pensamento de Santo Efrém, o sírio, segundo o qual é considerada Maria como a sarça ardente que recebeu o fogo do Espírito Santo e deste modo dá à luz sem perder a virgindade. No Catecismo refere-se que: «em Maria, o Espírito Santo manifesta o Filho do Pai feito Filho da Virgem. Ela é a sarça ardente da teofania definitiva: cheia do Espírito Santo, mostra o Verbo na humildade da sua carne; e é aos pobres e às primícias das nações que ela O dá a conhecer» (CCE 724).

Partindo desta afirmação, havemos de revelar que se Maria é a sarça que recebeu o Espírito Santo, podemos considerar a virgindade de Maria como sinal da presença do Espírito Santo, ou pelo menos como meio através do qual Maria foi escolhida para ser a Mãe do Messias.

Isto mesmo nos afirma Martina degl'Innocentii: «a sarça que arde, mas não se consome pode ser interpretada como um símbolo da virgindade de Nossa Senhora, que deu à luz Jesus, mantendo o seu ventre imaculado».²⁶ Maria é este arbusto que não se consome, pois tal como o arbusto se mantém intacto, assim Maria se manteve em «graça» diante de Deus. Pode ver-se em Maria, aquele mesmo arbusto que Moisés via entre as chamas e que não se consumia, o qual aponta para Jesus Cristo, o Filho do Senhor, que veio e habitou no seio de Maria e o fogo da Sua divindade não consumiu a carne desta.²⁷ A sarça ardente prefigura, portanto, a Mãe de Deus porque o Senhor, tal como a sarça, veio habitar no seu seio sem a «consumir», isto é, sem alterar a sua virgindade. O Verbo Imaculado não a queima, antes, a fecunda e ilumina. Este, ao nascer do seio de Maria, mantém intacta a sua virgindade, como uma tripla virgindade, uma vez que esta se mantém antes, durante e após o parto.

²⁵ Hesíquio de Jerusalém, *Homília II Sobre a Mãe de Deus*, PG 93, 1463.

²⁶ Cfr. Martina Degl'Innocenti e Stella Marinone, *Maria*, (s.l: Círculo de Leitores, 2016), p.24.

²⁷ Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.37.

Esta é já uma imagem que alude ao dogma da Imaculada Conceição, pois Maria foi a única criatura que não foi maculada pelo pecado. Deste modo, Jesus Cristo nasceu de um seio imaculado e, tal como na sarça, Deus manifestou-se ao seu Povo numa forma que não era consumida. Como na sarça, que não ardia, assim a virgindade de Maria se perpetuou.

No episódio da Sarça é possível encontrar semelhanças com a Anunciação. Em ambos os relatos, aparece um Anjo tanto Moisés, quanto Maria, ao qual respondem: «Eis-me aqui». Ambos são informados da missão que Deus lhes atribui, exprimem dúvidas, mas ambos cumprem a vontade do Senhor. O fogo representa a maternidade de Maria, a Sarça prefigura a Virgem e em ambos a Santidade está presente.

Esta figura de Maria é diversas vezes representada na arte, sendo talvez a sua representação mais notável o tríptico da sarça ardente, de Nicolás Froment, que está exposto na catedral de *Saint Sauveur, Aix-en-Provence, França*. Esta pintura (figura 2), apresenta-nos a Virgem Maria com o menino ao colo dentro da sarça ardente que Moisés viu. Aproveitamos a descrição de Jean Arrouye, que nos diz que:

Em primeiro plano à direita, Moisés, vestido de pastor, muito venerável com seu belo rosto de velho barbudo, tira a sandália com um gesto familiar e manifesta, por um movimento do braço direito, o espanto que se apodera dele perante a visão. O seu rebanho pasta tranquilamente ao seu lado. Por entre silvas e flores diversas, uma Virgem quieta com roupas modestas segura o Menino Jesus nos braços. O Menino brinca com um espelho. À esquerda da cena, um lindo Anjo alado, a cruz na testa, com uma longa túnica clara e um rico manto, anuncia o acontecimento a Moisés. Neste tríptico, Nicolás Froment apresenta a Virgem Maria com o menino ao colo dentro da sarça ardente.²⁸

²⁸ Jean Arrouye, «Ce qui coule de source dans le Buisson Ardent de Nicolas Froment», em *L'eau au Moyen Âge* (Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 1985), 7–21, Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pup.2930>. Consultado a 17 de janeiro de 2023.



Figura 2- Maria Sarça ardente²⁹

- Autor:
Nicolás Froment
- Datação:
1475-1476
- Dimensões:
305x410 cm
- Material:
Têmpera sobre madeira
- Localização:
Catedral de *Saint Sauveur*, *Aix-en-Provence*

²⁹ Imagem disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5f/Nicola_Froment%2C_Triptych_of_the_Burning_Bush%2C_1475%2C_Aix-en-Provence%2C_Church_Saint-Sauveur.jpg .Consultado a 2 de fevereiro de 2023.

1.1.3. MARIA NOVA DÉBORA

Ora Débora, profetisa, mulher de Lapidot, exercia por essa altura as funções de juiz em Israel. Sentava-se debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na montanha de Efraim, e os israelitas iam ter com ela para que lhes servisse de árbitro. (...) Faltavam os chefes, faltavam as forças em Israel, até que eu, Débora, me levantei, levantei-me como mãe em Israel. (Jz 4,4-5.5,7)

Seguindo o percurso da Sagrada Escritura, encontramos no livro dos Juízes (Jz 4,1-16) a figura de Débora, profetisa e juíza, possuindo, portanto, um papel preponderante numa sociedade predominantemente patriarcal. Esta mulher, ouvindo os seus sonhos proféticos, procurou organizar o povo para a batalha contra o rei de Canaã e assim dar a vitória a Israel. Por ser mulher na sociedade do seu tempo, era menosprezada, mas tal não a impediu de seguir os apelos do Senhor.

Tal como Débora, pode afirmar-se que Maria teve um papel preponderante, pois também o que lhe aconteceu não era plenamente aceite pela sociedade judaica. Porém clamava mais alto a voz do Senhor. Como Maria, assim também Débora seguiu essa voz, conduzindo o seu povo à vitória.

Mais um aspeto une estas personagens, o facto de ambas terem cantado um cântico de louvor, Débora no fim da vitória, Maria no *Magnificat*. Ambas contemplaram as maravilhas de Deus que derruba os poderosos e exalta os humildes (Lc 1,52).³⁰ De facto, estes cânticos têm algumas semelhanças: em ambos os textos se «proclama o poder de Deus, que mostra a sua glória na proteção dos humildes. Deste modo, tanto a figura protetora daquela mulher israelita [Débora], como o seu canto de louvor antecipam de certo modo a proteção que os Cristãos imploram pela intercessão de Maria».³¹ Podemos então afirmar que um ponto que une estas duas mulheres é o facto de ambas serem sinal de esperança para o povo de Israel, e o facto de, por meio delas, todo o povo ser conduzido à vitória.

Tal como Débora, Maria sabe que tem uma missão a cumprir, e sem que compreenda bem o que lhe era pedido, entregou-se de coração ao Senhor e deste modo foi feita a Sua

³⁰ Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.42.

³¹ José -Román Flecha, «Maria en el Antiguo Testamento», em *Maria en la Biblia y en los Padres de la Iglesia*, ed. José A. Martínez Puche (Madrid: Edibesa, 2006), p.69.

vontade. Ambas traçaram um caminho que não compreendiam³² e através de ambas surgiu a salvação para o povo: por Débora, a vitória na batalha contra o povo cananeu que oprimia os israelitas; por Maria, nasceu Jesus o Salvador da Humanidade, vencedor da morte e do inferno.

Severiano de Gábala (375? - 408?) fala-nos desta relação entre Débora e Maria ao afirmar:

Nós, de nossa parte, temos a Santíssima Virgem e Mãe de Deus, Maria, que intercede por nós. Com efeito, se uma simples mulher (Débora) alcançou a vitória, quanto mais a Mãe de Cristo humilhará os inimigos da verdade? Armado até os dentes, o inimigo julgou a mulher merecedora do ridículo, mas ela se revelou valerosa e corajosa. Ele não esperava estar perto da sepultura e o sepulcro foi preparado para ele; ele pensou que ela estava morta e aconteceu que ela o matou. Temos Nossa Senhora, Santa Maria Mãe de Deus!³³

A partir do sobredito, podemos concluir que se Débora, uma simples mulher, conseguiu conduzir o povo de Israel até à vitória sobre os Cananeus, quanto mais Maria, mãe de Jesus, e «cheia de graça» (Lc 1, 28) nos pode auxiliar nas batalhas contra o pecado, contra o inimigo maligno. Com tal defensora nas batalhas que travamos, ninguém nos poderá vencer.

Um outro ponto que une estas duas personagens são as palavras dirigidas, isto é, as palavras com que Débora homenageou Jael, são semelhantes às dirigidas por Isabel a Maria: se por um lado Débora felicita Jael pela vitória sobre Sísera, usando as palavras: «bendita seja Jael entre as mulheres» (Jz5, 24), por outro lado, Maria é saudada com estas mesmas palavras por Isabel: «bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (Lc 1, 42). A partir destas duas passagens, podemos afirmar a relação entre ambas as mulheres, uma vez que, por meio de ambas, o povo de Israel alcançou a vitória.³⁴

À falta de uma imagem que estabelecesse a analogia entre Débora e Maria, optámos por ilustrar este tema com uma pintura de Salomon Bray, onde estão representados Jael, Débora e Barac.

Nesta imagem (figura 3), encontramos em primeiro plano, Jael, representada com formosura feminina, com roupas brancas, e com o martelo usado para matar Cisera na mão. Em

³² Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.42.

³³ Severiano de Gábala, *Homília sobre o Legislador*, PG 56, 409- 410.

³⁴ Cfr. Lidice Meyer Pinto Ribeiro, «O Papel das mulheres na Bíblia: Protagonistas ou coadjuvantes?», *Ad Aeternum* 1 (2020), p. 74. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/7348>. Consultado a 7 de fevereiro de 2023.

segundo plano, surge-nos Débora, representada como uma senhora idosa, vestida de roupas escuras, manifestando os sinais da passagem do tempo no seu rosto. Débora apresenta-se em posição orante, tendo por isso as mãos unidas, em jeito de oração. No terceiro plano, está representado Barac, trajando armadura militar, usada na batalha contra os cananeus.



Figura 3- Jael, Débora e Barac³⁵

- Autor:
Salomon de Bray
- Datação:
1635
- Dimensões:
87x72 cm
- Material:
Óleo sobre tela
- Localização:
Museum
Catharijneconvent Utrecht,
Holanda

³⁵ Imagem e informações, de domínio público, disponíveis em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Salomon_de_Bray_-_Jael,_Deborah_and_Barak_-_WGA03141.jpg. Consultado a 8 de junho de 2023.

1.1.4. MARIA VELO DE GEDEÃO

Disse então Gedeão a Deus: “Já que queres salvar Israel pela minha mão, como disseste, vou estender na eira um velo de lã. Se houver orvalho somente no velo, e toda a terra ficar seca, ficarei a saber que vais salvar Israel pela minha mão, como disseste.” E assim aconteceu: quando Gedeão se levantou, de manhã, espremeu o velo e este destilou orvalho: uma bacia cheia de água. (Jz 6, 36-38)

É preciosa esta narrativa do Livro dos Juízes, na qual encontramos a referência ao velo³⁶ de Gedeão. Este, embebido em orvalho, enquanto ao seu redor a terra estava seca, foi o sinal de que pela mão de Deus, Gedeão iria salvar Israel.

Podemos afirmar que, no velo de Gedeão, está prefigurado o seio imaculado de Maria, no qual o orvalho, sinal da bênção de Deus para o povo, caiu. Pois, tal como o velo foi sinal de contradição para o ambiente em que estava, assim foi Maria no seu tempo: «o velo é o seio de Maria no qual entrou o orvalho divino do Espírito que gera Cristo».³⁷ Se no seio de cada mãe se realiza um prodígio (Sl 139, 13-18), assim canta o salmista, quanto maior maravilha ocorre em Maria que deu à luz o Salvador do Mundo. Foi no seio de Maria que se gerou o Filho de Deus e, tal como no velo de Gedeão, o orvalho tocou a terra e nesta manifestou-se a presença de Deus.

Esta passagem foi interpretada pelos Padres da Igreja como uma figura que aponta para Maria. Entre eles, Proclo de Constantinopla (?-447) afirma-nos:

O velo puro da chuva celeste (cf. Jz 6, 37) com que o pastor [Gedeão] tomou a pele da ovelha, é Maria, serva e mãe, virgem e céu, única ponte de Deus aos homens, tear sagrado e misterioso da Encarnação, em que de maneira inefável foi tecida a túnica da união, da qual o Espírito Santo foi o tecelão, o fiandeiro foi o poder que estendeu sua sombra de cima, a lã era o antigo velo de Adão, a trama era a carne incontaminada da Virgem, a lançadeira foi a imensa graça Daquela que assumiu nossa natureza e finalmente o arquiteto foi o Verbo ou Palavra de Deus que entrou pelo ouvido.³⁸

³⁶ Velo- pedaço de pele de ovelha com lã, não tecido, que os pastores usam como agasalho.

³⁷ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.51.

³⁸ Proclo de Constantinopla, *Homilia I sobre a Mãe de Deus*, PG 65, 682.

Ao fazer esta leitura, Proclo afirma que Maria é o velo que Gedeão estende e no qual cai o orvalho da presença divina, este velo que sendo uma peça única e inteira, tendo o formato do corpo da ovelha da qual foi tosquiado, e que serve de manto aos pastores, não precisou de ser tecido por mão humana. Assim Maria concebeu pelo Espírito Santo, sem necessidade de intervenção humana; Maria, tão somente teve de dizer o seu «*Fiat! - Faça-se*» e, o Filho de Deus formou-se no seu ventre.

Por seu lado, Ambrósio de Milão (340-397) afirma que o orvalho que apareceu sobre o velo simboliza Maria, pois o orvalho é a chuva de bênçãos (Sl 67(68)) que o Senhor derrama sobre nós através de Maria e do seu sim, pois por Maria nos veio o Salvador do Mundo.

Prestemos atenção ao que nos diz:

Recebei ó Santas virgens a chuva espiritual que flui da nuvem celeste. [...] Esta chuva, que os nossos antepassados previram que seria a salvação do mundo. E o orvalho que escorria sobre a terra, pedido e obtido por Gedeão, simbolizava a chuva de bênçãos. Acolhei esta chuva de bênçãos que Deus voluntariamente derramou sobre seus filhos, por Maria. Este orvalho, que em Maria foi derramado, lavou o pecado de Eva, e tornou-se uma chuva de bênçãos.³⁹

Também Moisés de Cora (410-490) da Igreja Arménia, considera Maria como o velo de Gedeão, ao afirmar, num hino à Virgem Maria: «tu és o velo que Gedeão estendeu».⁴⁰

Considerando a antífona de entrada do IV domingo do Advento,⁴¹ em que se afirma, citando Isaías 45,8: «desça o orvalho do alto dos céus e as nuvens chovam o Justo, abra-se a terra e germine o Salvador», podemos afirmar que já o profeta Isaías tinha consciência de que um dos sinais da vinda do Salvador, ou do Messias esperado, seria precisamente a descida do orvalho vindo dos céus.

No velo de Gedeão, que consideramos como em Maria, desceu este orvalho. O velo é algo puro, um manto não tecido de ovelha, é algo que nunca foi tocado, permanecendo intacto, tal como estava na ovelha, assim também Maria é pura, pois sendo virgem, deu à luz, permanecendo virgem, intocada. Assim o velo é imagem da virgindade de Maria. Só por alguém sem mácula do pecado poderia vir o Salvador. Maria é o velo; através dele se permite a Salvação do povo de Deus.

³⁹ Ambrósio de Milão, *A Educação da Virgem*, 82- 84, PL 16, 324-325.

⁴⁰ Cfr. Georges Gharib et al., *Texti Mariani del Primo Millennio 4. Padri e altri autori orientali* (Roma: Città Nuova Editrice, 1991), p. 503.

⁴¹ MRP. 340.

Esta associação do velo de Gedeão com Maria foi representada num fresco no mosteiro *Hilandar* no monte *Athos*, na Grécia.⁴²

Neste fresco pode-se observar Gedeão a escorrer o orvalho do velo para uma taça, enquanto a terra está seca ao redor. Aparece também um Anjo que fala com Gedeão e lhe mostra o que está no velo -Maria.

Maria surge representada no velo que Gedeão escorre (conforme nos afirma George Warda, poeta siríaco do séc. XII, citado por Georges Gharib et al) pois assim «como a lã que absorveu o orvalho que caiu no velo, assim Maria absorveu a Graça de Deus, [...] assim como o velo recolheu o orvalho enquanto a terra permaneceu seca, assim o Espírito que tudo santifica habitou em Maria».⁴³

Nesta imagem, que a seguir se apresenta (figura 4), observamos Gedeão, do lado esquerdo, com uma túnica branca, a escorrer o velo para uma taça dourada. Em plano central surge-nos o velo onde cai o orvalho, enquanto ao redor a terra está seca. No velo, está representada Maria. Do lado direito, surge-nos uma figura trajada de branco, de aparência celestial; interpretamos esta figura, como sendo um Anjo, que comunica a vontade de Deus a Gedeão. Esta figura segura aquilo que nos parece ser uma pá.

⁴² Cfr. Louis Réau, *Iconografia del arte Cristiana-iconografia de la Biblia-Antiguo Testamento* (Barcelona: Ediciones del Serbal, 2007), p. 275.

⁴³ Cfr. Gharib et al., *Texti Mariani del Primo Millénio 4. Padri e altri autori orientali*, pp. 387-388.



Figura 4 - Maria no
Velo de Gedeão⁴⁴

- Autor:
Desconhecido
- Datação:
desconhecida
- Dimensões:
Desconhecidas
- Materiais:
Pigmento sobre cal
- Localização:
Mosteiro Hilandar,
monte Athos

⁴⁴ Imagem acedida a partir de: [https://www.ruicon.ru/arts-new/fresco/1x1-dtl.php?page_19=3&p_f_12_temp_id=1&p_f_12_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&user_f_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&p_f_12_61\[\]=&p_f_12_20\[\]=&p_f_12_59\[\]=&p_f_12_65_link=&p_f_12_65=&p_f_12_3=&p_f_12_21_link=&p_f_12_21=&p_f_12_72=](https://www.ruicon.ru/arts-new/fresco/1x1-dtl.php?page_19=3&p_f_12_temp_id=1&p_f_12_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&user_f_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&p_f_12_61[]=&p_f_12_20[]=&p_f_12_59[]=&p_f_12_65_link=&p_f_12_65=&p_f_12_3=&p_f_12_21_link=&p_f_12_21=&p_f_12_72=), em 6 de fevereiro de 2023. (Esta imagem teve de ser melhorada digitalmente para melhor se poder contemplar as cores que nela estão presentes. <https://zyro.com/pt/ferramentas/upscaler-de-imagem>.

1.1.5. *MARIA NOVA RUTE*

Booz tomou, pois, Rute, que se tornou sua mulher. Juntou-se a ela e o Senhor concedeu-lhe a graça de conceber e dar à luz um filho. Noemi recebeu o menino e colocou-o no seu regaço, tornando-se a sua ama. (...) As suas vizinhas, congratulando-se com ela, diziam: “Nasceu um filho a Noemi.” E deram-lhe o nome de Obed. Este foi pai de Jessé e avô de David (Rt 4,13.16-17).

Continuando o périplo bíblico iniciado, em busca das prefigurações de Maria, encontramos a figura de Rute. Esta figura foi de tal modo importante que o evangelista Mateus a incluiu na genealogia de Jesus. Rute, sendo uma estrangeira em Israel, converteu-se à religião judaica, passando a adorar o verdadeiro Deus, e tal foi a sua fidelidade que para garantir linhagem, ela que era viúva, concebeu do seu parente mais próximo, operando aqui Deus maravilhas, pois, de Rute, nasceu Jessé, do qual nasceu o rei David.

Ora, este exemplo é importante para qualquer judeu: David nasceu de uma estrangeira, de uma mulher que era desprezada, por ser estrangeira e, pior, por ser viúva. Porém, a ação de Deus em Rute foi de tal modo significativa que dela nasce Jessé, sinal da esperança messiânica.

A semelhança com Maria prende-se por ser sinal da esperança messiânica, pois se de Rute nasceu Obed e, deste, Jessé, o qual gerou David, de Maria nasceu Jesus, da descendência de David. Está aqui o paralelismo: em ambas as mulheres, que não seriam aceites — Rute por ser estrangeira e viúva, e Maria por ter concebido antes do casamento com José — Deus opera maravilhas.⁴⁵

Rute tornou possível, contra toda a esperança, o nascimento de David; por meio da sua ação e docilidade, permitiu o nascimento do servo (Obed). Também Maria tornou possível o nascimento do Servo do Senhor (Jesus). Isto nos afirma José Román Flecha Andrés, da Universidade Pontifícia de Salamanca, que estudou os «*buscadores de Deus*» no Antigo Testamento:

«Rute, a viúva estrangeira e pobre, que chegou às terras de Belém vinda das planícies de Moab, torna possível, contra toda a esperança, o nascimento da família e da dinastia de David, gerando Obed, que significa «Servo» (Rt 4, 17). Como ela, ao longo dos

⁴⁵ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.56.

séculos, também Maria, mãe do novo Servo do Senhor, torna possível a continuação e culminação messiânica da dinastia de David (cf. Mt 1, 5)».⁴⁶

Santo Efrém (306-373) compara Rute com Maria, pelo amor que ela tinha a Deus. Ambas as mulheres amavam de tal modo a Deus, e eram de tal modo humildes na confiança no Senhor, que a ambas foi dado o privilégio de levar a Cristo.⁴⁷

Como dissemos, Rute foi de tal forma importante que o evangelista Mateus a inseriu na genealogia de Jesus (Mt 1,1-17). Nesta descrição, em que maioritariamente surgem nomes de homens, Mateus inseriu cinco nomes femininos, sendo um desses o nome de Rute.

Rute é comparada com Maria por causa do acontecimento Pascal, pois assim como Rute passa de uma situação de morte e pobreza, mas com a sua confiança humilde no Senhor passa a ter vida e depois gera vida, assim também Maria, ao acompanhar Cristo na Sua Paixão e Morte, sentindo as Suas dores, vendo-O crucificado e morto, mas, mesmo correndo o risco de ficar desamparada, acredita, de tal forma que não precisa de verificar a Ressurreição de Seu Filho, acredita tanto que, ela própria anima os discípulos que haviam ficado sem rumo.⁴⁸

Assim como por Rute se abre o caminho para o Messias, assim também com Maria acontece o mesmo: Rute porque gera Obed e Maria, porque sendo Virgem, se confia totalmente à palavra que o Anjo lhe dirige.⁴⁹

Um outro paralelismo entre estas duas figuras, dá-se também no cuidado de Rute por Noemi, e a visitação de Maria a Isabel. Rute não abandona a sua sogra, que ficara viúva e lhe haviam morrido os dois filhos, e decide acompanhá-la, tendo para isso que se converter à crença no Deus de Israel. Apesar da insistência de Noemi para que Rute a abandonasse, Rute recusa-se a deixar a sogra desamparada (cfr. Rt 1, 16-17). Maria, por seu lado, ao ser informada pelo Anjo, que Isabel estava grávida, sendo já de idade avançada, parte apressadamente, para ir em auxílio de Isabel, e na sua casa permanece, mesmo depois do nascimento de João Batista.

Estas duas mulheres mostram-nos a solicitude e o respeito pelas pessoas idosas. Em ambas as situações, as mulheres idosas (Noemi e Isabel) ficariam numa situação delicada, uma vez que Noemi, tendo ficado viúva, seria considerada amaldiçoada, e ficaria desamparada, e Isabel, sendo de idade avançada e estando grávida, precisaria de auxílio para poder preparar o

⁴⁶ Flecha, «Maria en el Antiguo Testamento», p.69.

⁴⁷ Cfr. Efrém, *Hino sobre a Natividade*, 7, CSCO 186, 65-66.

⁴⁸ Cfr. Luciano Manicardi, *O Livro de Rute, um caminho para o Messias-caderno 19*, ed. Rita Veiga (s.l: Fundação Betânia, 2011), p.6.

⁴⁹ Cfr. Manicardi, p.9.

necessário para o nascimento do seu filho. Para as duas mulheres idosas, foi bastante benéfica a presença das suas familiares jovens. Rute não abandonou Noemi, antes cuidou dela, dando-lhe depois a alegria de ter e cuidar de um neto. Maria, quando soube que Isabel estava grávida, apressou-se a ir em seu auxílio, e a alegria entrou nela, pois João exultou de alegria no seio de Isabel.

Um outro fator que une estas duas figuras é o facto de ambas incorporarem a esperança messiânica da «filha de Sião». Rute assume este papel, por abrir caminho à vinda do Messias prometido. Maria, torna-se a verdadeira «filha de Sião», ao conceber e dar à luz Jesus, o Messias esperado.⁵⁰

Para ilustrar esta figura de Maria, e à falta de uma representação na arte, na qual estivesse a analogia entre Rute e Maria, optámos por inserir uma ilustração do Livro de Rute, presente na folha 47 do saltério da rainha Maria I, existente na biblioteca britânica, em Londres.

Nesta ilustração que a seguir se apresenta (figura 5), encontramos dois episódios da história de Rute representados. No quadro superior, surge-nos o discurso entre Rute e Noemi; ambas se apresentam com uma túnica branca, cobertas com um manto esverdeado cada uma. Na túnica de Noemi, apesar de branca, surgem umas manchas negras, indicando o seu estado de espírito, após a morte do seu esposo e dos dois filhos. Noemi faz menção a Rute que a abandone, mas Rute recusa, agarrando a mão da sogra (Noemi). Atrás de ambas surge representado o templo.

No painel inferior, surge-nos Rute a colher espigas no campo de Booz, andando atrás dos ceifeiros a recolher o que eles deixavam ficar para trás. Rute desperta a atenção de Booz, que tendo-se aproximado desta, lhe fala. Aqui Booz surge vestido com uma túnica verde, enquanto Rute surge com a túnica branca apresentando manchas negras do trabalho. Rute apanha espigas, enquanto Booz dialoga com ela. Está também representada outra mulher a apanhar as espigas, bem como os ceifeiros, que indo adiante destas figuras, vão realizando o seu trabalho. Em plano de fundo surge uma estrutura grandiosa, podendo representar o templo ou a casa de Booz. Por baixo de cada um dos quadros está a inscrição em latim do texto bíblico correspondente.

⁵⁰Cfr. L.B. Gorgulho, «Ruth et la “Fille de Sion” mère du Messie», *Revue Thomiste - Revue Doctrinale de Théologie et de Philosophie* 63, n.º 4 (1963), p. 513.



Figura 5 - Cenas da História de Rute⁵¹

- Autor: Desconhecido
- Datação: 1310-1320
- Dimensões: 17,5 x 11,5 cm
- Materiais: Tinta e ouro sobre pergaminho
- Localização: British library (Londres)

⁵¹ Imagem disponível em: <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IllID=53905>.
Acedido a 8 de junho de 2023.

1.1.6. *MARIA NOVA ANA*

«Exulta o meu coração de júbilo no Senhor. Nele se ergue a minha fronte, a minha boca desafia os meus adversários, porque me alegro na tua salvação. Ninguém é Santo como o Senhor. Não há outro Deus fora de ti, ninguém é tão forte como o nosso Deus. Não multipliqueis as vossas palavras orgulhosas. Não saia da vossa boca a arrogância, porque o Senhor é um Deus de sabedoria. Só Ele sabe descobrir as vossas ações. O arco dos fortes foi quebrado e os fracos foram revestidos de vigor. Os saciados tiveram que ganhar o pão e os famintos foram saciados. Até a estéril foi mãe de sete filhos e a mulher que os tinha numerosos, ficou estéril. O Senhor é que dá a morte e a vida, leva à habitação dos mortos e tira de lá. O Senhor despoja e enriquece, humilha e exalta. Levanta do pó o mendigo e tira da imundície o pobre, para os sentar com os príncipes e ocupar um trono de glória; porque são do Senhor as colunas da terra e sobre elas assentou o mundo. Ele dirige os passos dos seus Santos, mas os ímpios perecerão nas trevas; porque homem algum vencerá pela sua própria força. Tremerão diante do Senhor os seus inimigos, tropejará do céu sobre eles. O Senhor julga os confins da terra! Ele dará o império ao seu rei, e exaltará o poder do seu ungido» (1Sm, 2-10).

Surge-nos agora Ana, mãe de Samuel, a orar no templo de Silo, diante de Deus. Num primeiro momento, Ana ora a Deus para que lhe conceda a graça de um filho e, neste momento, Ana encontra-se no templo em ação de graças pelo dom recebido. Também esta é uma prefiguração de Maria.

Maria era virgem, Ana era estéril e gerou o chamado «profeta perfeito». Ana, tal como Maria, confiou-se à graça divina e acreditou de tal modo que até prometeu que se desse à luz um filho varão, o entregaria ao serviço do Senhor. Na verdade, assim se lê em 1Sm 1, 10-11.⁵²

Porque Ana era estéril e concretizou-se a promessa, o seu filho demonstra a graça divina, como aconteceu com Sara, mulher de Abraão, ou com Isabel, mulher de Zacarias. O mesmo acontece com Maria que, permanecendo virgem, dá à luz. No caso de Maria, não se trata de um caso de esterilidade, mas de um acontecimento que surge pela ação de Deus.

⁵² 1 Sm 1, 10-11: «Ana, profundamente amargurada, orou ao Senhor e chorou copiosas lágrimas. E fez um voto, dizendo: “Senhor do universo, se te dignares olhar para a aflição da tua serva e te lembrares de mim, se não te esqueceres da tua serva e lhe deres um filho varão, eu o consagrarei ao Senhor, por todos os dias da sua vida, e a navalha não passará sobre a sua cabeça”».

Porém, não é por ter dado à luz Samuel, sendo estéril, que Ana é apontada como figura de Maria, mas sim pelo seu cântico de ação de graças que é interpretado como o primeiro «*Magnificat*».⁵³ Ambas as mulheres que aqui se referenciam agradecem a Deus pelo dom recebido em seus ventres. Vejamos uma tabela sinótica entre os dois cânticos:

Tabela sinótica dos cânticos de Ana e Maria	
1Sm 2,1-10	Lc 1,46-55
Louvores ao Senhor- ambas começam por louvar o Senhor:	
1a Ana orou, entoando este cântico: «Exulta o meu coração de júbilo no Senhor. Nele se ergue a minha frente.	46 Maria disse, então: «A minha alma glorifica o Senhor
Alegria na Salvação: ambas manifestam alegria, pelo acontecido	
1b a minha boca desafia os meus adversários, porque me alegro na tua salvação.	47 e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
Santidade do Senhor: ambas declaram a santidade de Deus	
2 Ninguém é Santo como o Senhor. Não há outro Deus fora de ti, ninguém é tão forte como o nosso Deus.	49 O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome.
Justiça de Deus: ambas cantam a justiça Divina	
3 Não multipliqueis as vossas palavras orgulhosas. Não saia da vossa boca a arrogância, porque o Senhor é um Deus de sabedoria. Só Ele sabe descobrir as vossas ações.	50 A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem.
9 Ele dirige os passos dos seus Santos, mas os ímpios perecerão nas trevas; porque homem algum vencerá pela sua própria força.	
10 Tremerão diante do Senhor os seus inimigos, trovejará do céu sobre eles. O Senhor julga os confins da terra!	

⁵³ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.64.

Ele dará o império ao seu rei,
e exaltará o poder do seu ungido.»

Os “fracos” serão fortalecidos

4 O arco dos fortes foi quebrado
e os fracos foram revestidos de vigor.

51 Manifestou o poder do seu
braço e dispersou os soberbos.

Antítese quanto aos necessitados

5 Os saciados tiveram que ganhar o
pão
e os famintos foram saciados.
Até a estéril foi mãe de sete filhos
e a mulher que os tinha numerosos, ficou
estéril.

53 Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.

Os humildes serão exaltados:

⁷O Senhor despoja e enriquece,
humilha e exalta.
^{8*}Levanta do pó o mendigo e tira da
imundície o pobre,
para os sentar com os príncipes e ocupar
um trono de glória;

48 Porque pôs os olhos na
humildade da sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-
aventurada todas as gerações...
52 Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.

Expressão da história:

8b porque são do Senhor as colunas
da terra
e sobre elas assentou o mundo.

54 Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
55 como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência, para
sempre.»

Tabela 1 Comparação sinótica entre os Cânticos de Ana (1 Sm 2,1-10) e de Maria (Lc1,46-55).

Ambos os textos começam com claros sentimentos de alegria, de regozijo e, ainda, de glorificação a Deus. Quer Ana, quer Maria extraem os seus cânticos do mais íntimo do seu ser: Ana, do seu coração, e Maria, da sua alma. Ambas as mulheres encontram em Deus o motivo da sua mais profunda alegria e gratidão. No primeiro momento de cada um dos cânticos,

encontramos um movimento ascendente, isto é, o leitor/ouvinte eleva o coração e a alma para Deus.

Posteriormente, verificamos que estas duas mulheres se sentem alegres devido à salvação que vem de Deus. Ana sabe que a salvação vem de Deus e que o fruto que carregou no seu seio é instrumento de Deus, na história da Salvação. Já Maria, sabe que o fruto do seu ventre é a própria salvação. Maria sabe que o seu Filho é o verdadeiro Salvador de Israel, o Messias esperado desde todos os tempos. Com o cântico do *Magnificat*, talvez o evangelista Lucas queira dizer aos seus leitores que o cântico de Ana se concretizou no cântico de Maria. A tônica que aqui sobressai é a alegria. Ambas se alegram e o sentimento delas é comum, assim como a razão dessa mesma alegria.

No v. 2, Ana faz uma profissão de fé no único Deus verdadeiro. Também Maria o faz, deixando claro que «Santo é o Seu nome» (v. 49). Também encontramos uma acentuação no que diz respeito ao poder de Deus sobre todo o universo. Quer Ana, quer Maria professam que o Deus em que acreditam é um Deus Todo-poderoso, pois o que nelas se gerou deve-se ao Seu poder.

Depois, podemos ver como ambas olham para a justiça de Deus. Ana tem a ideia de um Deus justiceiro, que julga pela força e pelo poder. Por sua vez, Maria tem a ideia de um Deus misericordioso, como é típico no evangelho de Lucas. Parece que Lucas acaba por querer completar e fazer uma nova leitura do Antigo Testamento, fazendo uma certa atualização, quer dos termos utilizados quer dos conteúdos nele apresentados.

Nos vv. 4 e 5 do cântico de Ana e nos vv. 51 e 53 do *Magnificat*, encontramos algo que nos parece confundir: os fracos tornaram-se fortes, os famintos foram saciados, os ricos ficaram pobres e as estéreis tornam-se fecundas. Nestes versículos, encontramos uma das ideias mais fundamentais de ambos os textos: com Deus, tudo é possível. Com Deus tudo o que parece ser impossível pode tornar-se possível. A lógica divina é diferente da lógica humana. Depois destas contradições, vemos como Deus olha para os mais humildes e como exalta aqueles que se encontram em situação menos favorecida. Deus exalta aqueles que se humilham, aqueles que colocam a sua confiança em Deus e sabem que Deus é a solução para os seus problemas e a resposta para as suas dúvidas.

Por fim, ambos os textos contêm uma lembrança da história passada. Ana relembra o momento da Criação do Universo e Maria lembra a promessa que Deus tinha feito a Abraão.

No fundo, ambas lembram que Deus é fiel e que mantém as Suas promessas. Elas confiam plenamente no Senhor Deus que lhes concedeu a graça da gravidez.

Em ambos os cânticos - de Ana e de Maria - está presente o louvor litânico, a partir do «abandono confiante», à ação divina, mesmo quando são ameaçadoras as derrotas dos justos e dos pobres da terra.⁵⁴ Esta confiança no Senhor é que permitiu que ambas as mulheres fossem “agraciadas” com o dom da maternidade, em Ana, como promessa; em Maria, como penhor de salvação para toda a humanidade.

Flecha aponta-nos três justificações para esta associação entre Maria e Ana:

Ana, a esposa estéril de Elcaná, que se torna a mãe de Samuel, é lembrada como uma figura de Maria. Essa semelhança fixa-se uma vez mais, na maternidade impensável de ambas as mulheres. Mas fixa-se também na semelhança do cântico de Maria com o belo cântico que a Escritura coloca na boca de Ana (1Sm 2,1-10). Nele se proclama como no *Magnificat* de Maria (Lc1,46-55), o poder e a sabedoria de Deus. Um Deus que muda com frequência a sorte da humanidade, exaltando os desvalidos (humildes) e humilhando os altivos. Existe também uma terceira comparação, os textos bíblicos usam expressões idênticas para notar que tanto Samuel como Jesus, vão crescendo em sabedoria e graça, tornando-se agradáveis aos olhos de Deus e dos homens (1Sm2,26 e Lc2,52).⁵⁵

A partir do que Flecha afirma, concluímos que quando Lucas escreveu o Evangelho tinha bem presente o cântico de Ana, pois: «o Evangelho de Lucas atribui um Cântico a Maria cujo conteúdo e forma são [...] calcados no Cântico de Ana».⁵⁶ Além disso, talvez Maria o rezasse algumas vezes, tendo-o depois vivido na primeira pessoa, uma vez que no *Magnificat* estão presentes muitas ressonâncias do Antigo Testamento,⁵⁷ e «sem dúvida o Cântico de Ana é a referência literária mais imediata de Maria».⁵⁸

À falta de uma representação de Ana como figura de Maria, decidimos usar a imagem de uma pintura sobre painel, de Gerbrand Van den Eeckhout, intitulada Ana apresentando Samuel a Eli, presente no museu do Louvre, em Paris.

⁵⁴ Cfr. Ravasi, p.65.

⁵⁵ Flecha, «Maria en el Antiguo Testamento», p.69.

⁵⁶ Eunice Ângelo Morais de Assis, «Ana-Ousadia que mudou o seu destino» (Universidade de São Paulo, 2006), p.123. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-09112007-153724/publico/TESE_EUNICE_ANGELO_MORAIS_ASSIS.pdf.125. Consultado a 9 de fevereiro de 2023.

⁵⁷ Cfr. Leonardo Boff, *O Rosto Materno de Deus-ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas* (Petrópolis: Editora Vozes, 1979), p.329.

⁵⁸ Assis, «Ana-Ousadia que mudou o seu destino», p.120.

Nesta imagem, que a seguir se apresenta (figura 6) surge-nos representado em plano central Eli, sacerdote, dentro do templo, trajando ricas roupas, entre elas uma túnica azul, com um manto dourado. Eli está sentado num trono magnânimo, de grande riqueza. Este trono é dourado, e ricamente decorado. À frente de Eli surge, em cima de uma mesa, o livro da lei e um cajado, que aparenta ser a vara florida de Aarão. De frente para Eli, aparece Ana ajoelhada, trajada com uma túnica de tonalidades vivas e quentes. Ana apresenta a Eli o seu filho Samuel. No espaço entre Ana e Eli surge representado um vaso aberto. Atrás de Ana, surgem umas figuras masculinas e femininas, dando a entender que acompanham Ana. Uma dessas figuras conduz aquilo que aparenta ser uma vaca.



Figura 6 – Ana apresenta Samuel ao sacerdote Eli⁵⁹

- Autor:

Gerbrand Van den Eeckhout

- Datação:

1665

- Dimensões:

117 x 143 cm

- Material:

Pintura em painel (tinta e madeira)

- Localização:

Museu do Louvre, Paris.

⁵⁹ Imagem disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gerbrand_van_den_Eeckhout_-_Anna_toont_haar_zoon_Samu%C3%ABl_aan_de_priester_Eli.jpg. Consultado a 10 de junho de 2023. Esta imagem, faz parte de domínio público, pelo que pode ser usada livremente ao abrigo da lei de direitos de autor.

1.1.7. *MARIA ARCA DA ALIANÇA*

David levantou-se e pôs-se a caminho com todos os seus homens para transportar a Arca de Deus, sobre a qual é invocado o nome do Senhor do universo, que está sentado sobre os querubins. [...] Naquele dia, David teve grande temor do Senhor, e disse: «Como entrará a Arca de Deus em minha casa?» [...] O rei e todos os israelitas conduziram a Arca do Senhor, soltando gritos de alegria e tocando trombetas. (2Sm 6,2.9.15).

Outra das figuras de Maria no Antigo Testamento é a Arca da Aliança. Como esta contém os símbolos da presença de Deus junto dos homens, assim também Maria, no seu seio, contém o próprio Deus, não como símbolo da Sua presença, mas realmente Deus estava no seio de Maria, em Jesus. Por meio da Arca, o Povo de Israel chegava à presença de Deus. Assim também por Maria, chegamos à presença de Jesus, Deus Incarnado.

A Arca tinha sido feita para conter vários objetos sagrados: as tábuas da Lei, o maná (pão do Céu preservado milagrosamente fresco) e a vara florida de Aarão. Todas estas coisas são significantes de Jesus, pois Jesus é o cumpridor pleno da Aliança (1 Jo 3, 5-6), é o próprio pão descido do Céu (Jo 6, 51) e o sacerdote eterno (Heb 7,23-24). Ora se todos estes objetos que estavam dentro da Arca simbolizam Jesus (uma vez que, Jesus é o cumpridor da Aliança de Deus com os homens), e Este nasceu de Maria, podemos afirmar com precisão que Maria é a Arca da Nova Aliança, não por guardar os objetos ou ter em si uma representação de Jesus, mas por ter gerado e dado à luz o próprio Jesus Cristo. Maria não guardou em si sinais da Presença de Deus entre os Homens, ela teve em seu ventre o próprio Deus.⁶⁰

A arca era de madeira forrada a ouro por fora e por dentro (Ex 25,10-16; Ap 9,13). A madeira e o ouro simbolizavam a união da divindade com a humanidade. Também Maria é considerada «ornada de ouro mais fino» (Sl 45(44) 10 b), pois desta forma é aclamada na solenidade da Sua Assunção no dia 15 de agosto. Em Maria, exteriormente, o ouro evoca a sua impassibilidade perante o pecado; por sua vez, interiormente, o ouro significa a presença do Espírito Santo.

⁶⁰ Cfr. Carlos Caso Rosendi, *Arca da Graça-a Virgem Maria nas Sagradas Escrituras* (Colombo: First Light Press, 2009), pp.9-10.

São Máximo de Turim (?-423) nos seus sermões, fala-nos desta relação entre Maria e a Arca da Aliança uma vez que para ele Maria é a Arca da Nova Aliança, da qual foi figura a antiga Arca. Vejamos o que nos diz:

O que é a Arca senão Santa Maria? Se a Arca continha as tábuas [da Aliança], Maria carregava em seu ventre o herdeiro [da Nova Aliança]. A primeira [Arca] continha em si a lei, a última guardava o Evangelho. A primeira tinha a Palavra de Deus, a última a própria Palavra. Além disso, se a Arca brilhava por dentro e por fora com a cor do ouro, Santa Maria brilhava por dentro e por fora com o esplendor da virgindade. A primeira foi adornada com ouro terrestre, a última com ouro celestial.⁶¹

Atendendo ao supracitado autor, Maria é a Arca da Nova Aliança por conter em si o Verbo Incarnado, a Palavra e a Lei, sendo Mãe e continuando a brilhar em Maria a glória da virgindade.

Também Modesto de Jerusalém, (537-634) no seu *Sermão sobre a Dormição da Virgem*, estabelece a comparação entre Maria e a Arca. Ele associa a Arca com a Assunção (dormição) de Maria, ao meditar que a Arca da Aliança havia sido feita de madeira incorruptível do mesmo modo que Maria, Arca da Nova Aliança e Tabernáculo de Deus, foi preservada da corrupção do túmulo:

O tabernáculo espiritual que maravilhosamente abrigou Deus, Senhor do Céu e da Terra, quando assumiu a nossa carne, hoje é gloriosamente transferido e instalado na incorruptibilidade eterna e na íntima união com Cristo, sendo proteção, salvação e defesa seguras de todos nós, cristãos. Ó bendita Dormição da gloriosa Mãe de Deus, que permaneceste para sempre virgem após o parto e cujo corpo, que abrigou a Vida, não sofreu a corrupção do sepulcro, por Cristo, Salvador todo-poderoso que dela nasceu, preservou sua carne da dissolução!⁶²

Jorge, o hinógrafo (séc.VII) canta no seu hino *para a apresentação de Maria no Templo*, que «Maria é o Tabernáculo celestial». Este é o refrão que se vai repetindo ao longo de todo o hino.⁶³ Ora o Tabernáculo foi construído para ser o depósito da arca, isto é, para ser o sítio onde Deus vive no meio da Humanidade. Em Maria, esta foi a realidade, uma vez que o seu ventre foi o tabernáculo - a Arca - onde Deus veio habitar. Por ter aceitado a mensagem de Deus,

⁶¹Máximo de Turim, *Sermões*, 42,5, PG 57,740.

⁶²Modesto de Jerusalém, *Sermão sobre a Dormição da Mãe de Deus*, 6-7, PG 86,3293

⁶³ Cfr. Georges Gharib et al., *Texti Mariani del Primo Millénio 2. Padri e altri autori Bizantini* (Roma: Città Nuova Editrice, 1989), pp.300-304.

enviada pelo Anjo Gabriel, o seio da Virgem Maria torna-se a Arca que contém o Verbo de Deus Altíssimo (Lc1,28).

A Sagrada Escritura apresenta-nos a relação entre a Arca e Maria, pois as expressões usadas para a Arca e para Maria contêm algumas semelhanças, seja no que se refere à construção da Arca, seja ao seu transporte. Uma das ligações mais comuns dá-se entre o episódio em que David transporta a Arca para Jerusalém (2Sm 6, 1-11) e a Visitação que Maria faz à sua prima Isabel, após ter recebido do Anjo Gabriel a mensagem de que iria tornar-se Mãe do Messias.

Para melhor entendemos esta relação, vejamos uma tabela sinótica (tabela 2) da autoria de Brant Pitre,⁶⁴ que estabelece a comparação:

Arca da Aliança	Nossa Senhora
A nuvem do Senhor pairava sobre (episkiazô) o Tabernáculo (dentro do qual se encontrava a Arca) (Ex 40,34-35)	O Espírito Santo desce sobre Nossa Senhora e o Altíssimo estende a sua sombra (episkiazô) sobre ela (Lc1,35)
David pôs-se a caminho da terra de Judá para ir buscar a Arca de Deus(2Sm6,2)	Maria levantou-se e foi às montanhas de Judá visitar Isabel (Lc1, 39)
David reconhece que não é digno de receber a Arca, exclamando: «Como entrará a Arca do Senhor em minha casa?» (2Sm 6, 9)	Isabel reconhece que não é digna de receber Maria, exclamando: «E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43)
David dançou diante da Arca, que foi conduzida com gritos de alegria (2Sm 6, 14-15)	João saltou de alegria no seio de Isabel ao ouvir a voz de Maria e Isabel ergueu a voz (Lc 1, 41-42)
A Arca permaneceu três meses na colina, em casa de Obbedom (2Sm 6, 11)	Maria permaneceu três meses em casa de Isabel, nas montanhas (Lc 1, 56)

Tabela 2 Comparação sinótica entre a Arca da Aliança e Maria

Começamos por observar que, tal como a nuvem pairou sobre o Tabernáculo, dentro do qual estava a Arca (Ex 40,34-35), assim também desceu sobre Maria, aquando da Anunciação, o Espírito Santo (Lc 1, 35). Quanto a esta comparação, salta-nos imediatamente à vista que a expressão em grego é exatamente a mesma. Podemos, deste modo, afirmar que em Maria, a nuvem da Glória de Deus, que se havia afastado quando a Arca foi escondida por Jeremias e o templo destruído (2 Mac 2, 4-8), volta a estar perto dos homens, manifesta-se uma vez mais, e o momento do regresso é o da Anunciação.⁶⁵

⁶⁴ Pitre, *Jesus e as raízes judaicas de Nossa Senhora- Quem é a mãe do Messias?*, pp.63-64.

⁶⁵ Cfr. Pitre, pp.58-61.

Uma segunda comparação que podemos fazer é quando David decidiu transferir a Arca para Jerusalém e para isso põe-se a caminho de Judá (2Sm 6,2). Também Maria ao saber que estava grávida, bem com a sua prima Isabel, decide pôr-se a caminho de Judá e aqui acontece o episódio da Visitação, onde podemos considerar que se deu a revelação da Nova Arca, na presença de Isabel (Lc1,39). A comparação que se estabelece entre estes dois momentos passa não só pela mesma cidade, mas também, como o poder que a Arca (a presença de Deus) tem de nos pôr a caminho.

Durante o transporte da Arca para Jerusalém, David observa o poder da mesma, e perante tal revelação considera-se indigno de estar na presença da Arca, isto é, na presença do Senhor (2Sm 6,9); assim também Isabel ao sentir a presença do Senhor no seio de Maria, que a vem visitar, se sente indigna de tal presença (Lc1,43). Ambos reconhecem a presença do Senhor e sentem-se indignos de tão grande honra, ao ponto de ambos ficarem atónitos perante tal presença. Podemos observar também que as expressões usadas por ambos são muito semelhantes, pois enquanto David questiona: «como entrará a Arca de Deus em minha casa?», (2Sm 6,9) Isabel questiona, usando palavras muito semelhantes: «Como pode vir a mim a Mãe do meu Senhor?» (Lc1,43). Ambos ficam perplexos perante a presença de Deus junto de si.

Na presença de Deus, tanto na Arca como no seio de Maria, David e João (no ventre de Isabel) dançaram de alegria.⁶⁶ Aqui são notórias as expressões de alegria em ambos os textos, como que a dizer-nos que também nós, na presença de Deus devemos dançar de alegria. Nos dois relatos, a Arca, símbolo da presença de Deus, e a visitação de Maria, trazendo em seu ventre o próprio Deus a Isabel, a permanência junto das personagens humanas foi de três meses.⁶⁷ Deste modo, quando estamos na presença de Deus, não ficamos apenas um momento, mas torna-se um efeito que se prolonga no tempo.

Max Thurian, da comunidade (ecuménica) de Taizé, corrobora no seu livro *Maria Mãe do Senhor, figura da Igreja*, a relação que podemos estabelecer entre o Transporte da Arca por David, e a Visitação que Maria faz:

Também podemos relacionar o relato da Visitação de Maria a Isabel com o relato do transporte da Arca da Aliança por David. [...] Ela [Isabel] vê em Maria aquela que transporta uma Presença sagrada, e não consegue conter a exclamação de êxtase que caracterizava o aparecimento da Arca como sede da Presença de Deus.⁶⁸

⁶⁶ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.73.

⁶⁷ Ravasi, p.73.

⁶⁸ Max Thurian, *Maria, Madre del Señor, figura de la Iglesia* (Saragoça: Editorial Hechos y Dichos, 1966), pp.74-75.

Este autor mostra-nos que Isabel sentiu a Presença Sagrada, o que a fez ter a reação de espanto, podemos afirmar que esta é a mesma reação que teve David, ao dar-se conta do poder da Arca.

Um outro testemunho da ligação entre Maria e a Arca vem-nos pela Tradição litúrgica, pois na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria ao Céu, celebrada no dia 15 de agosto, uma das leituras proclamadas na vigília desta solenidade é a que relata o transporte da Arca para Jerusalém por David (1Cr 15-16,2).⁶⁹

A arca da Aliança é também representada na visão de São João no livro do Apocalipse:

Depois, abriu-se no Céu o santuário de Deus e apareceu a Arca da Aliança. E houve relâmpagos, estrondos, trovões, um tremor de terra e uma tempestade de granizo. Depois, apareceu no Céu um grande sinal: uma mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. Estava grávida e gritava com as dores de parto e o tormento de dar à luz (Ap11, 19-12, 1).

A partir deste relato, entende-se que ambas as personagens, a Arca da Aliança e a mulher vestida de Sol, estão no Templo Celeste; isto afirma-nos a localização da Arca, assim, a Arca já não está na Terra, mas no Céu. A arca está associada à Mulher celeste, pois a expressão usada parece dar a entender isso, ou seja, assim como a Arca aparece no Céu, também a Mulher aparece no Céu. Apesar do texto não fazer referência explícita a Nossa Senhora, descreve a Arca e a Mulher em versículos contíguos o que pressupõe que a mulher (a Mãe do Messias) e a Arca estão no mesmo local.⁷⁰ A Arca e a Mulher são apresentadas como símbolos duais de Nossa Senhora, a Mãe do Messias.

Esta leitura foi feita por Pascácio Radberto (785-863) citado por Michael O'Carrol: «o Templo de Deus abriu-se e a Arca da Aliança foi vista. Não se tratava evidentemente, da Arca feita por Moisés, mas da bem-aventurada virgem Maria».⁷¹

Uma corroboração desta ideia de que a Arca, que é referida no Livro do Apocalipse, é Maria de Nazaré, vem-nos pela proclamação dogmática da Assunção de Maria ao Céu em corpo e alma, pelo Papa Pio XII (1 de Novembro de 1950), através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*.⁷² Neste documento, citando-se João Damasceno (675-749): «Hoje a

⁶⁹ Cfr. Lecionário Santoral, p.251.

⁷⁰ Cfr. Pitre, *Jesus e as raízes judaicas de Nossa Senhora- Quem é a mãe do Messias?*, pp.66-68.

⁷¹ Michael O'Carrol, *Theotokos: A Theological Encyclopedia of the Blessed Virgin Mary* (Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2000), p.50.

⁷² Pius PP. XII, Constitutio Apostolica. «Fidei Dogma Definitur Deiparam Virginem Mariam Corpore et Anima Fuisse ad Caelestem Gloriam Assumptam "Munificentissimus Deus"».AAS 42 (1950): 753-773. De futuro usaremos a designação «MD».

santa e incomparável Virgem entra no santuário celeste que está acima do Universo [...] Hoje a Arca viva e sagrada do Deus vivo, a que transportou dentro de si o seu Criador vem repousar no Templo do Senhor que não foi feito com mãos humanas» (MD 21).⁷³

No mesmo documento também se cita Modesto de Jerusalém (537-634): «Tendo ela [Maria] completado a sua viagem neste mundo, [...] o nosso Deus, mandou que a Arca do seu poder fosse levada de Sião para junto d'Ele. Ela [Maria] foi escoltada e rodeada por um exército de Anjos do Céu» (MD 22).⁷⁴ Afirma-se, portanto, Maria como a Arca da Nova Aliança, uma vez que, esta proclamação se refere à dupla visão da arca celeste e da mulher vestida de sol (Ap 11,19-12,1), que teve o Apóstolo João na ilha de Patmos.

A partir desta proclamação também a Tradição litúrgica nos confirma esta ligação, pois esta leitura é proclamada na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora ao Céu, que se celebra no dia 15 de agosto. Pelo facto da leitura, fazendo alusão a esta interpretação ser proclamada na assembleia reunida, deduz-se que é a interpretação que a Igreja dá a tal leitura, principalmente sendo esta leitura proclamada em conjunto com o relato evangélico da Visitação, como já vimos atrás.

Bento XVI na sua homília de 15 de agosto de 2011, comentando estes textos afirma:

Ela, [Maria] Arca Viva da Aliança, tem um destino de glória extraordinário, porque está tão intimamente unida ao Filho, que acolheu na fé e gerou na carne, a ponto de compartilhar plenamente a sua glória celestial. É quanto nos sugerem as palavras que ouvimos: «Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas.» (Ap 12, 1). A grandeza de Maria, Mãe de Deus, cheia de graça, plenamente dócil à ação do Espírito Santo, já vive no Céu de Deus com toda si mesma, alma e corpo.⁷⁵

Bento XVI, pelo texto apresentado, pretende afirmar-nos que no corpo de Maria, Jesus incarnou, Deus tornou-se Homem. Assim, este corpo que é a verdadeira Arca da Aliança foi elevado ao Céu e lá permaneceu. Maria é a Arca viva da Aliança pela sua ligação íntima ao

⁷³ João Damasceno, *Homilia da Dormição de Maria II, 2*, PG 96, 722.

Este texto aparece citado de forma errada na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, disponível em: AAS 42, 1950, nas páginas 761-763, como: João Damasceno. *Encómio á Dormição da Mãe de Deus e a sempre Virgem Maria*, 14.PG 86-II. 3306, sendo que pela análise dos textos foi possível concluir que a referência correta seria: João Damasceno, *Homilia da Dormição de Maria II, 2*, PG 96, 722, conforme citamos acima.

⁷⁴ Modesto de Jerusalém. *Encómio á Dormição da Mãe de Deus e a sempre Virgem Maria*, 14, PG 86-II.3306.

⁷⁵ Benedictus PP. XVI, «Homiliae I In Sollemnitate Assumptionis Beatæ Mariæ Virginis.», AAS 103, n.º 9 (2011), p. 573.

Seu Filho, de tal maneira que seria inconcebível que o corpo que acolheu o próprio Deus se tornasse mortal, e dado à destruição da morte. Foi, assim, assunto ao céu.

Na ladainha lauretana (de Nossa Senhora), confirma-se o que foi dito atrás, uma vez que Nossa Senhora é apresentada com a invocação de *foederis arca*, isto é, Arca da Aliança. A este propósito escreve Ximenes Belo, citando São Sofrónio:

Nossa Senhora é a Arca do Novo Testamento, porque trouxe no seu seio, por nove meses, o Filho do Eterno Pai: «Vós tendes, na verdade, dentro do claustro do vosso seio, o próprio Deus. Ele habitava em Vós segundo a natureza humana e de Vós sai como esposo do seu tálamo, trazendo a todos a alegria e derramando sobre todos a luz divina».⁷⁶

Partindo de toda esta relação (Maria, Arca da Nova Aliança) também a arte representou este título atribuído a Maria. A representação mais expressiva que encontramos é uma peça intitulada *Lady of the Sign – Ark of Mercy* (Nossa Senhora do Sinal – Arca da Misericórdia). Trata-se de uma custódia para exposição do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo Estanislau Kostka, na cidade de Chicago, Illinois, Estados Unidos da América.

Esta peça, que a seguir se apresenta (figura 7), esculpida por Stefan Niedorezo, e pintada por Malgorzata Sawczuk, pesa cerca de 300 quilos e mede cerca de 2 metros. Procura representar a visão do Apóstolo João, descrita no livro do Apocalipse (Ap11,19-12,2). Nada na construção desta representação de Nossa Senhora foi feito ao acaso: a Arca dourada onde está Maria foi feita com as dimensões e descrições do livro do Êxodo (Ex 25), incluindo os querubins, em posição de adoração; as asas dos querubins têm uma dimensão tal, que formam um arco à volta da imagem de Maria. No painel frontal da Arca, surgem símbolos que nos apontam para o conteúdo da primeira Arca, nomeadamente as Tábuas contendo a Lei, o vaso com o Maná e a vara florida de Aarão. Nossa Senhora é representada com um manto vermelho resplandecente; esta cor relaciona-se com a maternidade Virginal de Maria, bem como com a plenitude da manifestação da luz que é Jesus Cristo (Jo 8,12); esta cor simboliza o princípio da Vida,⁷⁷ vida nova que nos foi trazida por Jesus (Jo 1,4); o uso desta tonalidade significa também o Amor divino e a entrega a Deus por parte de Maria.⁷⁸

⁷⁶ Carlos Filipe Ximenes Belo, *Ladainhas de Nossa Senhora-Meditações sobre cada invocação* (Porto: Edições Salesianas, 2016). p.78.

⁷⁷ Alain Gheerbrant, «Vermelho», em *Dicionário dos Símbolos*, ed. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (s.l: Círculo de Leitores, 1997), pp.686-687.

⁷⁸ Cfr. Licínio Poças, *Nossa Senhora-Títulos e Iconografia* (s.l: s.e, 2014), p.28.

A findar o manto vermelho está uma franja em dourado onde estão inscritas expressões bíblicas que se referem a Nossa Senhora. Esta, encontra-se em posição de serviço, com as mãos a abrirem-se para o espectador. No peito, lugar do coração, ostenta a hóstia consagrada, que é o Corpo de Cristo, o Pão descido do Céu (Jo 6, 51). Estabelece-se neste, ponto, a alusão ao Maná que estava dentro da Arca feita por Moisés (Ex 16,32). Também aqui, Maria continua a ser aquela que nos mostra onde está Cristo, onde está Deus com a Humanidade. Por baixo das mãos, Maria tem uma lua (Ap 12, 1), a simbolizar que Cristo venceu o tempo. Na cabeça, Nossa Senhora tem uma coroa de 12 estrelas (Ap 12,2). A coroa simboliza a perfeição eterna;⁷⁹ significa de igual forma, a participação de Maria na natureza celeste, mais ainda, evoca a sua honra, alegria, grandeza,⁸⁰ ao ter dado à luz o próprio Deus. A coroa exprime, ainda a vitória sobre o mal (sobre a serpente) e em Maria simboliza o verdadeiro amor a Deus,⁸¹ e também a sua obediência à vontade de Deus.⁸²

Atendendo às prefigurações de Maria, podemos falar também da coroa que nos descreve Isaías que está reservada àqueles que amam o Messias (Is 9,7); ora Maria por ter gerado dentro de si, e ter dado à luz o messias, foi aquela que mais O amou.

⁷⁹ Poças, p.27.

⁸⁰ Paul Pierret e Guy de Tervarent, «Coroa», em *Dicionário dos Símbolos*, ed. Alain Gheerbrant e Jean Chevalier, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (s.l: Círculo de Leitores, 1997), pp.231-233.

⁸¹ Alberto Beckhäuser, *Símbolos Litúrgicos*, 16^a (Petrópolis: Editora Vozes, 2002), pp.76-77.

⁸² Joseph Loth e André Virel, «Estrela», em *Dicionário dos Símbolos*, ed. Alain Gheerbrant e Jean Chevalier, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (s.l: Círculo de Leitores, 1997), pp.307-311.



Figura 7 - Maria Arca da Aliança⁸³

- Autor:
Stefan Niedorezo
- Datação:
2008
- Dimensões:
2,74 metros de altura/408 quilos
- Materiais:
Madeira de Tília, dourada
- Localização:
Igreja de Santo Estanislau Kolska, Chicago, Illinois, Usa.

⁸³ Esta imagem, presente na Igreja da Divina Misericórdia, paróquia de S.Estanislau Kolska, em Chicago, Illinois, Usa, tem o título original de *Our Lady of the Sign – Ark of Mercy* (Nossa Senhora do Sinal-Arca da Misericórdia) O uso desta imagem foi concedido por e-mail, após contacto com a paróquia de S.Estanislau Kolska, em Chicago, sendo os direitos de autor da imagem, bem como as informações da mesma concedidos para uso neste trabalho.

1.1.8. MARIA ESPOSA DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

És um jardim fechado, minha irmã e minha esposa, um jardim selado, uma fonte selada. Quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, terrível como as coisas grandiosas? (Ct 4,12; 6,10)

Uma das figuras de grande relevo que nos aponta para Maria é a mulher descrita no Cântico dos Cânticos. É já uma alusão à virgindade de Maria, que permaneceu intacta antes, durante e depois do parto. Esta associação só pode ser entendida no quadro global da Revelação e Tradição da Igreja, uma vez que, esta leitura é baseada em pequenas partes do cântico e tendo sempre como ponto de vista o amor humano-divino, pois no amor humano está a «centelha do amor infinito de Deus».⁸⁴

Maria é a esposa do Cântico, pois através da união «nupcial» mística com Deus, pelo Espírito Santo, ocorreu o nascimento de Cristo. E, assim como a esposa do cântico ansiava e procurava o esposo, de igual modo, Maria ansiava estar na presença de Deus. Esta associação é bastante fundamentada pelos Padres da Igreja, como veremos de seguida.

Santo Ambrósio de Milão (340-397) considera «jardim fechado» o sinal da Virgindade de Maria, bem como «fonte selada» sinal da água pura que reflete a imagem de Deus:

Jardim fechado» porque a virgindade é protegida por todos os lados pelo muro da castidade; «fonte selada» porque a virgindade é a fonte e a origem da modéstia, que custodia os inviolados selos da integridade. Nesta fonte resplandece a imagem de Deus, pois à integridade corporal corresponde também a pureza da inocência.⁸⁵

Para Ambrósio, Maria é o jardim e a fonte pela sua virgindade perpétua, mesmo depois do parto. Esta imagem foi também considerada por São Jerónimo (347-420), que reflete a esposa retratada no Cântico como figura de Maria e, para isso, chama-lhe «jardim fechado e fonte selada»:

Maria é jardim fechado e fonte selada (Ct4,12) porque foi Mãe permanecendo Virgem, e fonte selada, pois dela brotaram todas as graças para a humanidade, sem nunca

⁸⁴ Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.120.

⁸⁵ Ambrósio de Milão, *Cartas*, 14,36, PL 13,1077-1078.

ter ficado suja pelo lodo, Maria é uma fonte de água pura selada, dela só brotou a água pura que é Jesus.⁸⁶

São Jerónimo considera Maria como a esposa do Cântico dos Cânticos, e usa as mesmas palavras que o esposo usa ao descrever a esposa. Por isso, chama a Maria «jardim fechado», considerando a maternidade virginal de Maria. Assim como a esposa do cântico era um «jardim fechado e uma fonte selada» com referência ao espaço onde estava, mas também à sua condição, assim também Maria que, permanecendo Virgem, foi mãe de Jesus e, deste modo, de Maria brotou a água viva, que trouxe a salvação à Humanidade.

Hesíquio de Jerusalém (?-432) considera o mesmo texto atrás descrito como imagem de Maria e da sua Virgindade perpétua:

Um jardim fechado e uma fonte selada, chamou-te antecipadamente no Cântico dos Cânticos [Ct 4, 12] o Esposo que de ti provém. Jardim fechado, porque sem ter tocado em ti a foice da corrupção, [...] com toda a pureza germinaste para a raça humana a flor da raiz de Jessé, cultivada em ti apenas pelo Espírito puro e incontaminado [Espírito Santo]. Fonte selada, porque o rio de vida, que fluiu de ti, inundou toda a terra, mas na sua primavera nenhum ramo de esposa foi visto.⁸⁷

Para este Padre, Maria é chamada de «Jardim fechado e fonte selada» pois de Maria nasceu o Esposo, permanecendo pura, e pelo mesmo motivo d'ela brotou um rio de água viva.

Esta imagem da fonte selada foi também usada por Modesto de Jerusalém (537-634) para descrever a Virgindade de Maria:

Hoje foi levada ao Seu encontro a fonte selada do Senhor, a Sempre-Virgem [Ct 4, 12], por meio da qual foi irrigado o paraíso da verdadeira Igreja, formada pelo segundo Adão, filho nascido dela. Este, bebendo de correntes virginais, isto é, de seus seios, como de correntes que brotam de uma fonte, restaurou à vida o primeiro pai morto, Adão.⁸⁸

Para este patriarca, Maria é a fonte que regou a Igreja, bem como o jardim do paraíso que, em Maria, foi recriado.

Esta imagem foi seguida também por Teodoro Studita (759-826) nas suas odes a Maria:

Salve ó fonte selada que escorre a incorruptibilidade. Tu deste à Luz, Cristo, que é a fonte da Vida, sem quebrar os selos da virgindade, conduzidos por Ti somos levados ao

⁸⁶ Jerónimo, *Contra Joviniano*, 1, 31, PL 23, 254

⁸⁷ Hesíquio de Jerusalém, *Homilia II sobre a Mãe de Deus*, PG 93,1464

⁸⁸ Modesto de Jerusalém, *Sermão na Dormição da Mãe de Deus*, 8, PG 86,3288.

jardim do paraíso. Ave ó jardim fechado, fertilidade nunca antes aberta, o teu perfume é o do Senhor de ti nascido. Ave ó rosa imperecível, infinitamente perfumada, o Senhor atraiu-Se de Teu perfume que Ele desencadeou dentro de ti, Ele mesmo desabrochado de Ti, destruiu o perfume do mundo [...] Ave ó esposa, concebeste do Espírito Santo e o noivo é Cristo que diz no cântico Tu és bela minha esposa em ti não vejo mancha alguma [Ct 4, 7].⁸⁹

Para este cantor da Virgem, Maria é a fonte incorruptível que deu à luz a fonte da vida, o próprio Cristo, bem como o jardim fechado cheio de rosas que emanam um agradável perfume, perfume esse que é o do próprio Cristo.

Esta imagem foi também proclamada por Pascácio Radberto (785-863) que considera Maria como um jardim perfumado:

A Virgem é verdadeiramente um jardim de delícias, no qual foram semeadas todas as espécies de flores e perfumes de virtude! E então o jardim se fechou, de modo que não seja violada nem corrompida por nenhuma fonte insidiosa, e selada com o selo de toda a Trindade: desta fonte emana a Fonte da Vida. [...] Sem dúvida, a saída de Cristo do ventre de Sua Mãe é o paraíso para todos os habitantes do céu!⁹⁰

Do que vimos de todos estes Padres, podemos asseverar que, Maria é a esposa do Cântico dos Cânticos, o «jardim fechado», donde brota o perfume da virgindade e ao mesmo tempo a «fonte selada» da qual brota a água pura, a água viva, que nos trouxe a Vida eterna. Pelo que observámos, a associação que os Padres da Igreja fazem de Maria como a esposa do Cântico, deve-se sobretudo à Sua condição Virginal, condição que permitiu que o próprio Deus escolhesse esta Mulher para os Seus desígnios de Salvação e que, como vimos, pelos referidos autores, que cantaram os louvores da Virgem Mãe como Jardim e fonte selados. Partindo dos referenciados Padres, podemos afirmar com precisão que Maria é a Esposa do Cântico dos Cânticos.

Maria é, portanto, o jardim do paraíso onde Deus plantou a Salvação, dado que, em Maria foi plantada a árvore da Vida, Jesus Cristo. Neste jardim fechado, no qual só o Espírito Santo entrou e que tem como «guardião o próprio Espírito Santo que [do Jardim] Se tornou o Senhor absoluto; é de Maria que o Espírito Santo afirma “És um jardim fechado, minha irmã e minha esposa, um jardim fechado, uma fonte selada.” [Ct 4,12] Maria está fechada! Maria está

⁸⁹ Teodoro Studita, *Odes para a Natividade de Nossa Senhora Mãe de Deus*, PG 96-680-697.

⁹⁰ Pascacio Radberto, *Homilia na Assunção da Santíssima Virgem Maria*, PL 30, 135-141.

selada!»⁹¹ Maria é, por conseguinte, o jardim preparado por Deus para a Encarnação, e consequente salvação da Humanidade.

Maria é este «jardim fechado e fonte selada» pelas graças da sua Virgindade, porque Maria era inteiramente Virgem, não só fisicamente, mas, principalmente, Virgem de coração, ou espiritualmente. Agradou a Deus, a ponto de Ele fazer n'ela a Sua morada. Para tão grande dignidade, «a Virgem tornou-se um jardim, não só uma flor, porque era necessário representá-la como um lugar e não como um objeto; deste modo Maria é o templo da Encarnação».⁹² Esta interpretação de Maria como «*hortus conclusus*», como jardim, como «o sítio onde o humano e o divino estão unidos»⁹³ é de tal modo importante que «a piedade floral atribuiu a Maria pouco menos que o repertório botânico inteiro, ora detalhando para cada flor os atributos Marianos, ora reunindo a flora completa para elogiar o nome de Maria.»⁹⁴ Ora o jardim é precisamente o sítio onde germinam e crescem as flores que adornam, embelezam, e nos oferecem um agradável perfume.

Em Maria o perfume da Virgindade e da humildade agradou de tal forma a Deus, que havia de ser n'ela que se formaria o Filho de Deus. O perfume da humildade que deste jardim brotava foi tão forte que se espalhou como o nardo, de tal forma que agradou ao Esposo, o próprio Deus, que em Maria veio habitar.⁹⁵

Este perfume de Maria foi lido por Pascácio Radberto (785-863),⁹⁶ na obra supracitada, como o perfume do lírio e da rosa, o lírio que simboliza a humildade e a pureza, e também o abandono à vontade de Deus.⁹⁷ A rosa que é para o jardim o que o lírio é para o campo, e que

⁹¹ Luis Maria Grignon de Montfort, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, ed. Nuno Manuel Castello-Branco Bastos (Porto: Caminhos Romanos, 2012). pp.175-176.

⁹² Santiago Disalvo, «Hortus deliciarum et flos spineti : el jardín y las flores de María, de la poesía litúrgica a la lírica hispánica medieval», *Revista do Centro de Estudos Portugueses* 30, n.º 44 , p.136. Consultado a 11 de março de 2023 em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6506> .

⁹³ Victoria Larson, «A Rose Blooms in the Winter: The Tradition of the Hortus Conclusus and its Significance as a Devotional Emblem», *Dialog: A Journal of Theology*, 52, n.º 4 (dezembro de 2013), p.310. Consultado a 28 de fevereiro de 2023 em:

<https://discovery.ebsco.com/c/ljojij/viewer/pdf/xgbmtemy6f>.

⁹⁴ Giovanni Pozzi, «Rosas y lirios para María. Una antifona pintada», trad. Rafael Bonilla Cerezo, *Creneida. Anuario de Literaturas Hispánicas*, 30 de dezembro de 2013, p.65. Consultado a 13 de março de 2023 em <https://doi.org/10.21071/calh.v0i1.3571>.

⁹⁵ Cfr. Bernardo de Claraval. (1987). *Sermão 42, VI, que humildade é a do nardo aromático, in Obras completas de São Bernardo-V- Sermões sobre o Cântico dos Cânticos* (Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences; Trad. Iñaki Aranguren, Vol. 5). Biblioteca de Autores Cristianos, pp.577-579.

⁹⁶ Cfr. Pascacio Radberto, *Homilia na Assunção da Santíssima Virgem Maria*, PL 30, 141-142.

⁹⁷ Cfr. Alain Gheerbrant, «Lírio», em *Dicionário dos Símbolos*, ed. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (s.l.: Círculo de Leitores, 1997), pp. 412-413.

simboliza a pureza, o amor, a realeza; é também um símbolo místico de Cristo.⁹⁸ Virgindade, Maternidade, Imaculada Conceição, inocência, pureza e beleza são atributos aplicados a Maria, baseados nos símbolos relativos às rosas e aos lírios⁹⁹ e que sempre foram atribuídos pela Tradição poética,¹⁰⁰ especialmente àquela que é proclamada como «*Totta Pulcha*» (Ct 6,10).¹⁰¹

Uma vez que consideramos Maria «*Hortus conclusus*», isto é, jardim fechado, e na categoria de jardim entram todas as flores, é lícito consideramos a Rainha do Céu, como uma rosa, pois a rosa é a rainha das flores, e este atributo é concomitante com o mistério da Assunção.¹⁰²

É certo que no texto bíblico que estamos a analisar se fala de lírios (Ct 7,2), e não se mencionam as rosas. Guiando-nos, porém, pelo que afirma António Vieira (1608-1697), falaremos de rosa como símbolo de Maria:

[*Liliis*] Este é o próprio e natural sentido do texto, [...] no qual posto que a palavra *lilii* parece que soa e quer dizer «lírios»; entendida, porém como se deve entender na sua original significação, é certo que significa «rosas», [...] uma vez que o texto expressa «*lilium inter spinas*» [Ct 2,2] e a flor que nasce entre os espinhos, quem pode duvidar que é a rosa e não o lírio?¹⁰³

Como poderíamos falar de associações de flores com Maria e não falar da rosa, a rainha das flores? Seria tarefa quase impossível, uma vez que:

A rosa é a rainha das flores. É aquela que possui de forma mais definida e esplêndida tudo quanto caracteriza uma flor. Igualmente Nossa Senhora, no campo da vida espiritual ou mística, possui da forma mais primorosa tudo aquilo que representa a perfeição. Mas para dar às flores uma rainha, escolheu Deus a rosa, que é o mais belo adorno da criação material, a rainha das primaveras, a princesa dos jardins.¹⁰⁴

Maria é comparada às rosas do jardim pois assim como a rosa é superior a todas as flores, assim Maria foi superior a todas as mulheres, pois permanecendo Virgem deu à luz o

⁹⁸ Cfr. Alain Gheerbrant, «Rosa», em *Dicionário dos Símbolos*, ed. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (Círculo de Leitores, 1997), pp.575-576.

⁹⁹ Cfr. Pozzi, «Rosas y lirios para María. Una antifona pintada», p.50.

¹⁰⁰ Cfr. Disalvo, «Hortus deliciarum et flos spineti», pp.133-134.

¹⁰¹ Pozzi, «Rosas y lirios para María. Una antifona pintada», p. 61.

¹⁰² Pozzi, «Rosas y lirios para María. Una antifona pintada», p.68.

¹⁰³ José Eduardo Franco, Carlos Maduro, e José Paulo Leite de Abreu, *Obra Completa Padre António Vieira-Sermões do Rosário Maria Rosa Mística I*, ed. Pedro Calafate e José Eduardo Franco, vol. 8 (Lisboa: Círculo de Leitores, 2013), pp.424-425.

¹⁰⁴ José de Oliveira Dias, *Florilégio da Fátima, Novo Mês de Maria* (Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1945), p.135.

Filho de Deus, e deste modo restaurou a Humanidade. Isto nos afirma o cardeal Newman: «assim como a rosa é a rainha das flores, assim Maria é a rainha do jardim de Deus».¹⁰⁵ Maria trouxe ao género Humano cores e perfumes novos, seja o perfume da santidade, seja o perfume da salvação.

Que Maria é comparada a uma «rosa sempre fresca» (ID 31) é algo que já havíamos afirmado quando comparámos Maria à fonte selada. Ora, se é uma rosa junto de uma fonte de «água fresca» é natural que esteja sempre fresca, na oração e entrega plena a Deus. Não deixa de ser curiosa a comparação que Nicolau Dias, que viveu alguns anos antes de António Vieira, faz entre Nossa Senhora e as rosas, comparando a excelência da rosa, com a excelência de Maria, bem como com o rezar da devoção do rosário:

Há duas coisas a que a Virgem Nossa Senhora é comparada, a primeira é a rosa, pela qual se significa a Sua excelência na Igreja. E porque uma coisa que muito bem parece e de muita recreação, é um rosal, assim o rosário da Virgem Nossa Senhora é um rosal de rosas espirituais que é oferecida a Maria e por esta a Deus. A segunda é a coroa que oferecemos a Maria, sendo esta composta de rosas brancas e vermelhas, e porque a coroa se faz de muitas rosas, assim pela devoção do rosário se oferece à Virgem Gloriosa uma coroa muito formosa.¹⁰⁶

Deve-se a esta associação ainda hoje a palavra rosário, assinalando um jardim de rosas que se confia a Maria. Mas Maria é também um «*rosarium*»,¹⁰⁷ qual jardim que Maria é, toda entregue a Deus. Maria é o rosário preparado e disponível entregue a Deus por ela própria. Pelo rosário, o fiel que reza as 150 Ave Marias, oferece à Mãe de Deus, uma coroa de rosas, as quais desdobram e expandem o significado de rosa aludindo em primeiro lugar ao «*hortus conclusus*», e consecutivamente à missão da Mãe de Cristo na História da Salvação.¹⁰⁸ As 150 Ave Marias fazem o contraponto com os 150 Salmos da Bíblia.

Rosa é associada ao rosário pois, dá-lhe o nome. Literalmente rosário é uma coroa de rosas e este termo era o usado na língua inglesa para designar precisamente um jardim dedicado ao cultivo de rosas.¹⁰⁹ Esta associação está mais uma vez presente em Nicolau Dias, que afirma:

¹⁰⁵ John Henry Newman, *Meditações e devoções* (São Paulo: Editora Molokai, 2016), p.36.

¹⁰⁶ Nicolau Dias, *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, (1573) Edição fac-similada (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982), pp. 38-41. (Grifos nossos)

¹⁰⁷ Do latim-jardim de rosas fechado.

¹⁰⁸ Pozzi, «Rosas y lirios para María. Una antifona pintada», pp.50-51.

¹⁰⁹ Cfr. André Rocha Cordeiro, «Mater, Virgo et Regina- Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria (Portugal - 1573)» (Maringá, Universidade Estadual de Maringá-Brasil, 2017), p.147. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4595>. Acedido a 5 de outubro de 2022.

«assim que começam a rezar esta devoção entram em um jardim e rosal espiritual: no qual há três ruas de coisas muito lindas».¹¹⁰

Meditar o Rosário, leva o devoto a relacionar o ato de contemplar e recitar as litanias que o compõem com um caminhar entre rosas. A concretização desta expressão vem-nos pela festa litúrgica de Nossa Senhora do Rosário, no dia 7 de outubro, na qual, no ofício de Laudes se canta: «Senhora Rosa das rosas, / do jardim do Rei dos Céus: / entre as virgens gloriosas / sois a Virgem, Mãe de Deus».¹¹¹

Associada também às rosas e, consecutivamente também à esposa do Cântico, aparece a devoção a Nossa Senhora como rosa mística, que é também uma invocação das ladainhas de Loreto (Nossa Senhora). A este propósito importa também ter em conta o que diz Ximenes Belo: «A Virgem Maria é denominada “Rosa mística”, porque é a criatura mais bela escolhida por Deus para ser a Mãe do Salvador e leva todo o cristão a entrar em íntima comunhão com Deus».¹¹²

Voltando ao cântico, neste pode ver-se já a prefiguração da Imaculada Conceição pois em 4,7 afirma-se: «Toda bela és tu, ó minha amada, e em ti defeito não há!» (Ct 4,7). Tornou-se no célebre «*Tota pulchra es, Maria, et macula non est in te*», oração mariana datada do século V. Maria é também cantada como Rainha dos Céus com base na interrogação retórica de 6,10: «Quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol, fascinante como as coisas grandiosas?» (Ct 6,10) «as virtudes de Maria são todas descortináveis nestes símbolos que descrevem a esposa do cântico».¹¹³

Esta imagem «*hortus conclusus*» é das imagens do Cântico o símbolo que mais entrou na devoção mariana, mormente por causa da constante insistência na alusão ao fechado, ao selado. Isso mesmo afirma Ravasi: «Fecundidade e inviolabilidade, maternidade e virgindade, vida e sacralidade fundem-se conjuntamente e facilitam a aplicação a Maria Virgem e Mãe».¹¹⁴

¹¹⁰ Dias, *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, pp. 87-88. (Grifos nossos)

¹¹¹ *Ofício Divino, reformado segundo os decretos do Concílio Vaticano II e promulgado por Paulo VI-Liturgia das Horas-segundo o rito romano*, 4ª, vol. 4 (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa-Gráfica de Coimbra, 2001), p.1377.

¹¹² Belo, *Ladainhas de Nossa Senhora-Meditações sobre cada invocação*, p.68.

¹¹³ Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.124.

¹¹⁴ Ravasi, p.125.

Podemos então afirmar que o jardim, o «*hortus conclusus*» é o espaço simbólico em que estão encerradas todas as virtudes de Maria, pois através dela o «jardim do Paraíso foi restaurado».¹¹⁵

Maria é o membro mais excelso da Igreja, sendo a sua união com Cristo a mais íntima que se pode dar, visto que, depois de Cristo, ela ocupa o primeiro lugar na economia da Salvação. Podemos dizer que Maria, de um modo especial, é a noiva (desposada) referida no Cântico dos Cânticos. Da nossa parte, acreditamos firmemente que Maria estava presente na mente e na intenção de Deus, quando Ele inspirou ao autor sagrado as palavras do Cântico dos Cânticos.¹¹⁶

Partindo deste livro do Cântico dos Cânticos existem muitas invocações de Nossa Senhora associadas às simbologias do Cântico, sejam as invocações dogmáticas, tais como a Virgindade, a Imaculada Conceição, ou sejam outras muitas invocações como Maria a Mulher Eucarística, Torre de Marfim, das ladainhas lauretanas, ou ainda, das virtudes. Com especial ênfase, neste texto, radica a Tradição das «Virgens Negras», com as suas muitas representações de Nossa Senhora, de cor escura; estas representações baseiam-se no versículo: «Eu sou de pele negra, mas formosa» (Ct 1,15). Entre muitas outras invocações e múltiplas representações. Destacamos que com associações simbólicas a este livro só nos Padres Gregos encontramos 408 invocações.¹¹⁷

Como vimos muitas representações poderíamos escolher para ilustrar esta imagem de Maria baseada no «*hortus conclusus*» porém optámos por falar da imagem da Senhora do Rosário, de especial devoção para o povo Português, maioritariamente com a invocação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Nesta imagem (figura 8), apresenta-se nos

A Senhora, de cabelos dourados a descerem em madeixas sobre os ombros, olha em frente e ostenta, sentado no braço esquerdo, de pernas cruzadas, o seu Divino Filho, vestido de túnica comprida e a abrir as mãozinhas ao expectador. A mão direita da Senhora, fecha-se para sustentar o Rosário. Veste longo manto, que apanha pelas pontas com a mão esquerda, à altura do regaço, cobrindo, em múltiplas pregas, o joelho direito. Sob o manto,

¹¹⁵ Cfr. Ravasi, p.125.

¹¹⁶ Cfr. Gianfranco Ravasi, *Il Cantico dei Cantici-commento e attualizzazione* (Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1992), p.72.

¹¹⁷ Cfr. Pozzi, «Rosas y lirios para María. Una antifona pintada», p. 53.

mostra uma túnica, cingida por um cinto sem laçada, que lhe resguarda inteiramente os pés.¹¹⁸

Maria está com um manto azul no qual se identificam vastíssimos motivos florais, como as folhas, as flores. Este manto tem as borlas douradas. Nossa Senhora apresenta-se sustentando o menino Jesus na mão esquerda e, na direita, fazendo um arco invertido para a mão esquerda, com um rosário (coroa de rosas).



Figura 8 - Nossa Senhora do Rosário¹¹⁹

Autor:

Desconhecido

- Datação:

Séc. XVIII (1ª metade)

- Dimensões:

0,95 cm (altura)

- Material:

Madeira estofada a Ouro

- Localização:

Museu Pio XII, Braga.

¹¹⁸ Inventário de escultura nº 11, Museu Pio XII.

¹¹⁹ Imagem de acervo do Museu Pio XII, Braga.

1.1.9. *MARIA A VIRGEM MÃE DO MESSIAS*

O próprio Deus vos dará um sinal: a virgem conceberá e dará à luz um filho, que será chamado Emanuel (Is 7,14).

Não poderíamos terminar a presente análise, sem antes falar do texto de Isaías, no qual surge claramente a prefiguração do Messias e de sua Mãe, pois no texto é afirmado: «O próprio Deus vos dará um sinal: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, que será chamado Emanuel» (Is 7.14). Esta passagem é, talvez, das mais conhecidas de anúncio do Messias e o evangelista Mateus faz a leitura mariano-messiânica desta passagem ao afirmar: «Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho; e não de chamá-lo Emanuel, quer dizer: Deus conosco» (Mt 1,22-23).

Temos como referência que Isaías se refere ao Messias e, por conseguinte, também se refere à Mãe do Messias. Ora, como os próprios evangelistas leram este texto com aplicação a Jesus, por inerência, podemos, sem grande dúvida, afirmar que também se refere a Maria, como Virgem Mãe do Messias. Este sinal surge como um sinal de poder da parte de Deus, pois «é um milagre de poder, a concepção por parte de uma virgem sem por isso deixar de o ser».¹²⁰ Aqui podemos admirar já, a figura de Maria Mãe do Messias, pois faz-se a ligação com o que afirma Mateus acerca do cumprimento da profecia de Isaías.

A maioria dos Padres da Igreja interpretou esta leitura, que faz o evangelista Mateus da profecia de Isaías, bem como as suas implicações em Maria. Consideremos alguns exemplos:

Tertuliano (160-220) afirmam-nos que o filho de Deus - o Messias - deveria nascer de uma virgem:

Antes de tudo, será necessário apontar a razão pela qual o Filho de Deus teve que nascer de uma virgem: o iniciador de um novo nascimento teve que nascer de uma maneira nova, sobre o qual o Senhor havia dado um sinal anunciado de antemão por Isaías. O que é este sinal? Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho (Is 7, 14). Então a Virgem concebeu e deu à luz o Emanuel, que significa Deus conosco.¹²¹

¹²⁰ Cándido Pozo, *Maria en la escritura y en la fe de la Iglesia* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988), p.57.

¹²¹ Tertuliano, *Sobre a Encarnação do Senhor*, 17,2, PL 2, 781.

Para Tertuliano, o sinal da vinda do Messias foi precisamente o pleno cumprimento da profecia de Isaías.

Também São Gregório de Nissa, dos Padres Capadócijs, (330-395), lendo o sinal da profecia de Isaías, afirma a Virgindade de Maria no parto:

O profeta Isaías mostra-nos uma ideia [...] sobre a graça dos dias de hoje. Por meio dele aprendestes previamente sobre os acontecimentos que se referem a uma mãe virgem, a um corpo sem pai, a um parto sem dor, a um parto sem mancha. Com efeito, diz o profeta: Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe dará o nome de Emanuel (Is 7,14), palavra que significa: Deus conosco.¹²²

Gregório interpreta a profecia de Isaías como uma «novidade da natureza, sinal este que indica a predestinação de Maria». Esta mesma ideia está presente num outro escrito deste autor:

Ó evento maravilhoso! A Virgem torna-se mãe e permanece virgem. Observemos esta novidade da natureza. Todas as outras mulheres, enquanto permanecem virgens, não se tornam mães, e quando uma se torna mãe, ela não retém mais a virgindade. Aqui, no entanto, os dois termos se aplicam à mesma pessoa. Com efeito, é a mesma mulher que se apresenta como Mãe e como Virgem, pois nem a virgindade impediu o seu nascimento, nem a maternidade eliminou a virgindade.¹²³

Igualmente São Justino (100-165), mostra-nos esta aplicação a Maria, a partir da leitura que fez São Mateus:

Ouçã novamente como foi profetizado por Isaías que ele nasceria de uma virgem. Foi dito assim: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e eles o chamarão pelo nome: Deus conosco (7:14). De facto, aqueles acontecimentos que teriam parecido incríveis e impossíveis aos homens, Deus predisse por meio do Espírito profético que se cumpririam, para que, quando ocorressem, não fossem rejeitados, mas acreditados porque haviam sido anunciados. [...] A frase: "Eis que a virgem estará grávida em seu ventre", significa que a virgem teria concebido sem união carnal: de fato, se ela tivesse se unido a alguém, não seria mais virgem. Mas o poder de Deus, descendo sobre a Virgem, a cobriu e a engravidou, permanecendo virgem.¹²⁴

O Bispo Eusébio de Cesareia, pai da história eclesiástica (265-339), relata também a ligação entre a profecia de Isaías e a Virgem Maria, por meio dos sinais da profecia:

¹²² Gregório de Nissa, *Homília sobre a Ressurreição*, PG 46,601.

¹²³ Gregório de Nissa, *Sermão na Natividade do Senhor*, PG 46,1133.

¹²⁴ Justino, *Apologia I*, 31-33, PG 6, 376- 381.

«Portanto, o próprio Senhor lhes dará um sinal. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e lhe porás o nome de Emanuel» (Is 7,14). Qual é, diz ele, o sinal de salvação que ele lhe dará mesmo que você não o queira? Será um milagre extraordinário entre os homens, um sinal jamais ouvido por nenhuma geração. Uma Virgem conceberá sem qualquer união carnal com um homem, e dará à luz a Deus, Salvador da humanidade [...]. Mas, chegando a este ponto, convém considerar com que precisão a profecia ordena a casa de David: chamar a Emanuel aquele que há de nascer da Virgem.¹²⁵

Neste excerto que apresentámos é certo que Eusébio de Cesareia não refere o nome de Maria, refere-se a ela, porém como Mãe de Jesus.

Por sua vez, Santo Atanásio de Alexandria (295-373), observa que, esta profecia de Isaías, aplica-se a Maria. Porém, o Doutor da Igreja enfatiza o lado humano de Maria e de Jesus:

A presença de Maria é fundamental: para que Ele tomasse dela o corpo como seu e o oferecesse por nós. E Isaías profetizou e apontou para Maria dizendo: «Eis a virgem» (Is 7,14). Então Gabriel foi enviado a ela não simplesmente como uma Virgem, mas a uma Virgem desposada com um homem, de modo que, ao mencionar o desposado, ele pudesse indicar o ser verdadeiramente humano de Maria.¹²⁶

Para Atanásio, a concretização desta profecia foi essencial e deste modo conseguiu explicar a Anunciação.

Também o Bispo e Doutor da Igreja Basílio Magno (?-379) nos fala da profecia de Isaías, e da aplicação à Virgem Maria, de tão admirável sinal:

Maria é a Virgem Mãe anunciada por Isaías. Assim se cumpriu o mistério preparado antes dos séculos e anunciado antigamente pelos profetas: «Eis que a virgem terá em seu seio e dará à luz um Filho e o chamarão pelo nome de Emanuel que, traduzido, significa: Deus-connosco» (Is 7,14). Mesmo esta antiga denominação contém a manifestação de todo o mistério, isto é, que Deus estará com os homens. [...] O próprio Senhor deu um sinal; um sinal verdadeiramente extraordinário e portentoso, muito superior à lei comum da natureza: a mesma mulher é virgem e mãe; e permanecendo na santa condição de virgem, obtém também a bênção da maternidade.¹²⁷

¹²⁵ Eusébio de Cesareia, *Comentário sobre Isaías, 7,14*, PG 24,133.

¹²⁶ Atanásio de Alexandria, *Carta a Epitteto*, 4-5, PG 26,1056.

¹²⁷ Basílio Magno, *Homília na Santa Geração de Cristo*, 4, PG 31, 1465.

Basílio Magno olha com espanto para tão grande sinal: uma mulher ser Virgem e mesmo depois de ter gerado e dado à luz um filho. Este espanto foi partilhado por Paulo de Emesa (? - 433), Bispo na Fenícia Libanesa e participante no I Concílio de Éfeso (431):

Ó milagre! A Virgem dá à luz e permanece Virgem; ela se torna Mãe e não está sujeita ao que uma mãe está sujeita. De facto, a Virgem deu à luz: coisa própria das mulheres; mas ela permaneceu virgem: o que não é próprio de mulheres no parto. Nos tempos antigos, o profeta Isaías, prevendo o prodígio, exclamou: «Eis que a virgem conceberá em seu seio e dará à luz um filho, e eles o chamarão Emanuel» (Is 7, 14); que traduzido significa - explica o evangelista - «Deus conosco» (Mt 1, 23). Então a Mãe de Deus, Maria, deu à luz o Emmanuel.¹²⁸

Para este Bispo, o sinal de Isaías, com o que tem de tão diferente face ao momento da concepção de um filho, bem como das dores da maternidade, aplica-se a Maria, e por isso ela pode ser chamada de Mãe de Deus.

Sofrónio de Jerusalém (550- 638) Bispo, no que lhe concerne, lê esta profecia de Isaías, com a sua aplicação direta à Encarnação do Verbo de Deus, por meio de Maria:

Aquele admirável Isaías, prevendo de vós a Encarnação de Deus - Verbo, a concepção divina sem semente, uma gestação sem dor, um nascimento inefável, uma amamentação indescritível, tão abertamente profetizou: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz a um filho, a quem chamará Emanuel» (Is 7, 14). Vês, ó Virgem pura e Imaculada, como o profeta chamou de forma inequívoca a virgem que daria à luz o Emanuel? E esta sois vós ó Maria, porque vós sois única: ninguém mais será visto antes ou depois de vós, com semelhantes características.¹²⁹

Esta referência a Maria é posteriormente usada pelo Magistério da Igreja, que tem presente a aplicação da profecia de Isaías a Jesus e, por consequência, a Maria. Na Constituição dogmática sobre a Igreja, manifesta-se a passagem de Isaías como referente a Maria no Antigo Testamento: «[Maria] é a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emanuel (Is. 7,14)» (LG 55).

Também o *Catecismo da Igreja Católica* evidencia a relação deste texto de Isaías, bem como a sua aplicação mariológica com os Evangelhos de Mateus e Lucas:

As narrativas evangélicas (Mt 1, 18-25; Lc 1, 26-38) entendem a concepção virginal como uma obra divina que ultrapassa toda a compreensão e possibilidade humanas:

¹²⁸ Paulo de Emesa, *Homília I no Natal*, PG 77,1436-1437.

¹²⁹ Sofrónio de Jerusalém, *Homília na Anunciação*, PG 87, 3251-3254.

«O que foi gerado nela vem do Espírito Santo», diz o Anjo a José, a respeito de Maria, sua esposa (Mt 1, 20). A Igreja vê nisto o cumprimento da promessa divina feita através do profeta Isaías: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho» (Is 7, 14) (CCE 497).

Com segurança, podemos afirmar que, Maria é a Virgem anunciada por Isaías. E assim interpretada por Mateus, trouxe à comunidade cristã primitiva, a leitura profética da visão do nascimento do «Emanuel». Isso mesmo nos atesta Herculano Alves:

A profecia do Emanuel e os oráculos dos capítulos seguintes permitiram à comunidade cristã dar o salto profético vendo em Maria a «virgem» de Is 7,14 e no Emanuel, Seu Filho, o autêntico Deus conosco, o «Emanuel» em carne e osso: «Tudo isto sucedeu para que se cumprisse o que foi dito pelo Senhor e anunciado pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e chamá-lo-ão Emanuel que quer dizer Deus conosco» (Mt 1.23).¹³⁰

Para o sobredito autor, a interpretação da «virgem» na visão de Isaías como Maria e a concretização do «Emanuel» descrito pelo profeta, em Jesus, foi o que levou o evangelista a aplicar esta interpretação, no seu relato evangélico. Segundo Herculano Alves, a concretização da profecia, manifestou-se não só na oblatividade de Jesus, mas também, na predestinação de Maria para ser Mãe de Deus:

Jesus é puro dom de Deus entregue à humanidade, o mais rico dom que Deus podia outorgar-nos e, por isso, é entregue à humanidade num seio virginal, isto é, sem o concurso dum pai humano. Aqui reside, a meu ver, o mais profundo sentido da virgindade de Maria.¹³¹

A partir do que este autor nos demonstra, podemos afirmar que, o anúncio proferido pelo profeta vincula uma virgem (Maria), com o nascimento de um menino ao qual se dá o nome misterioso de Emanuel, Deus conosco. Nessa virgem profética, numa leitura feita depois de verificado o cumprimento da promessa, a fé cristã viu prefigurada Maria, Mãe de Jesus,¹³² uma vez que: «depois da vinda de Cristo, Mateus retoma a passagem de Isaías e vê-a realizada na sua plenitude de significado».¹³³

¹³⁰ Alves, «Vocação e missão de Maria na história da salvação-Figuras de Maria no Antigo Testamento», p.42.

¹³¹ Alves, p. 42.

¹³² Cfr. Flecha, «Maria en el Antiguo Testamento», p. 49.

¹³³ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Biblia*, p.134.

Para os cristãos, este presságio profético tornou-se efetivo no anúncio e nascimento de Jesus, de modo que:

O sinal de Isaías, tornado messiânico em sentido pleno, faz-se, assim, cristológico: O Emanuel perfeito, [...] refulge no «Deus-connosco», Jesus de Nazaré, filho de Deus em sentido pleno. [...] A aplicação do oráculo a Cristo arrasta consigo também a aplicação mariana.¹³⁴

Este texto de Isaías, com a sua aplicação cristológica, passa a ser interpretado como prefiguração de Maria, a Virgem Mãe do Salvador, pois: «o Messias teria uma Mãe Virgem».¹³⁵ A prova da Virgindade de Maria vem-nos da profecia de Isaías, com o seu cumprimento pleno no nascimento de Jesus.¹³⁶ Deste modo, o texto que era profético torna-se, simultaneamente messiânico, cristológico e mariológico.¹³⁷

Mateus, lendo a profecia de Isaías, em sentido de cumprimento pleno do anúncio em Jesus Cristo, afirma-nos que Maria é a virgem que conceberá (Is 7,14). Porém, a Virgindade de Maria não está dependente do que escreve Mateus, mas antes, o evangelista descreve aquilo em que a comunidade cristã acreditava, pela interpretação do texto de Isaías, bem como o senso de cumprimento da própria passagem da Sagrada Escritura. Isso mesmo nos afirma Herbert Wolf:

A Virgindade de Maria em Mateus, não depende de Isaías 7,14, mas é explicitamente declarada em Mateus 1, 18-25. Aqueles que ouviram o profeta não teriam antecipado um milagre. Quem lê Mateus não pode escapar de um nascimento milagroso.¹³⁸

Não podemos ficar indiferentes à interpretação que Mateus faz da profecia de Isaías, pois ainda que Isaías pudesse não se referir a Maria, depois da leitura de Mateus, bem como da interpretação da comunidade cristã, este texto passou a ser lido em sentido mariológico. Neste sentido, não deixa de ser interessante ter em conta o que nos afirma Brant Pitre: «é inegável que Mateus interpreta o misterioso oráculo de Isaías acerca da mãe do Emanuel (Is 7, 10-14) como uma profecia relativa à concepção milagrosa do Messias por uma Virgem. É, por isso, que salienta que José não conheceu a sua esposa antes de Jesus nascer (Mt 1, 25).¹³⁹

¹³⁴ Ravasi, p.136.

¹³⁵ Eric May, «Maria en el Antiguo Testamento», em *Mariologia*, ed. J.B. Carol. e Trad.Maria Angeles G.Careaga (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964), p. 66.

¹³⁶ Cfr. Antonio Royo Marin, *La Virgen Maria. Teología y espiritualidad Marianas*. (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968), p.85.

¹³⁷ Cfr. May, «Maria en el Antiguo Testamento», p.68.

¹³⁸ Herbert M. Wolf, «A Solution to the Immanuel Prophecy in Isaiah 7:14-8:22», *Journal of Biblical Literature* 91, n.º 4 (1972), pp. 449–56. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3263678>. Consultado a 25 de março de 2023.

¹³⁹ Pitre, *Jesus e as raízes judaicas de Nossa Senhora- Quem é a mãe do Messias?*, p.86.

Para uma compreensão mais acertada deste texto, das suas aplicações mariológicas e cristológicas, é fundamental entendermos que, este texto, interpretado como sinal de Maria pelo evangelista Mateus, bem como por Lucas, tornou-se um texto justificativo da virgindade perpétua de Nossa Senhora, bem como da sua Conceição virginal. Porém, importa ter em conta que o profeta não se referia diretamente a Maria, isso mesmo nos comprova a perspectiva de Raymond Brown:

Embora a profecia de Isaías não tenha dado origem à ideia da concepção virginal nem ao relato de Mateus, o uso que Mateus faz dela em seu relato é particularmente feliz. Mateus viu nela a prova bíblica dos aspetos davídicos e divinos manifestos na identidade de Jesus. [...] Através da Virgem pré-anunciada pela Sua palavra profética havia Deus preparado o nascimento de Jesus, o «Messias» desta maneira (Mt 1,18).¹⁴⁰

Através da virgem anunciada por Isaías, Deus preparou o caminho para a vinda do Seu Filho e, como era esperado em Israel que o nascimento do Messias não fosse um nascimento normal, Deus preparou uma mulher – Maria - para fazer parte integrante desse nascimento. Essa mulher, que sendo virgem, deu à luz um filho. Esta explicação deste novo nascimento surge-nos logo na primeira página do Novo Testamento. Aí é-nos apresentada Maria, que é a virgem que dará à luz um filho que é «Deus conosco» (Mt 1,23). Por outras palavras, Maria é a Progenitora de Deus. Ora esta mulher permaneceu virgem. Como o profeta Isaías é o primeiro a falar de uma mulher que dará à luz um filho, que será chamado Emanuel (Is 7,14), a comunidade cristã e os evangelistas interpretaram esta passagem como referente a Jesus e a Maria, Sua Mãe.¹⁴¹

Esta passagem de Isaías, interpretada pela Tradição cristã, enquanto prefiguração de Maria, tornou-se duradoura pela leitura feita dos acontecimentos pelo evangelista Mateus. É também interessante considerar que Mateus inseriu esta passagem no contexto da Anunciação e perante as dúvidas de José. Porém, o evangelista faz como que um aparte, em que explica o sentido da Escritura. Isto nos demonstra José Roman Flecha:

A Tradição cristã ouviu este texto [de Isaías] pensando na Virgem por excelência, que é Maria de Nazaré. Depois de narrar a concepção virginal de Jesus (cf. Mt 1, 18-21), o texto evangélico acrescenta uma reflexão que constitui uma explícita reinterpretação cristã da profecia de Isaías: Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o oráculo do Senhor pelo

¹⁴⁰ Raymond.E Brown, *The birth of the Messiah- a commentary on the infancy narratives in the Gospels of Matthew and Luke* (Nova Iorque: Doubleday, 1977), p.149.

¹⁴¹Cfr. Pitre, *Jesus e as raízes judaicas de Nossa Senhora- Quem é a mãe do Messias?*, p.95.

profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, a quem porão o nome de Emanuel, que traduzido significa «Deus conosco» (Mt 1, 22- 23). Assim para a virgem este mistério de fertilidade é assumido como sinal da presença salvífica de Deus.¹⁴²

A interpretação deste sinal que Isaías deu a Acaz, tornou-se efetiva em Maria, pelo nascimento de Jesus. Portanto, este sinal que era para Acaz, depois de interpretado pela comunidade cristã e assim descrito por Mateus tornou-se uma figura-tipo de Maria, como nos afirma Gerard Van Groningen:

De acordo com o Evangelista Mateus (1,23), o cumprimento da profecia de Isaías com relação à virgem que daria à luz um filho ocorreu quando Maria deu à luz Jesus Cristo. A virgem, que era um sinal para Acaz, foi um cumprimento inicial no sentido em que foi uma precursora ou, mais precisamente, um tipo de Maria. Esta, ao dar [à luz] a Jesus, realizou plenamente o que tinha sido uma realização incompleta, embora real.¹⁴³

Segundo este autor, em Maria realizou-se de forma perfeita a profecia que até então estava imperfeita ou, por outras palavras, estava por concretizar. A partir da leitura que Mateus faz, está presente em Maria a realização daquele sinal profético. Podemos então afirmar que, na mensagem de esperança lançada pelo profeta, a História da Salvação viu-se relançada no seu cumprimento cristológico em Jesus e conseqüentemente em Maria, sua Mãe. Este sinal profético, plenamente realizado na virgindade de Maria, «não é um opróbrio, pois é fecunda por obra do Espírito Santo. Na mãe de Jesus, esta virgindade [que é fecunda,] significa a proximidade de Deus e de Maria».¹⁴⁴ Este sinal, totalmente novo, tem a sua realização plena em Maria, e isso nos comprova Roberto Vignolo:

Preparado pela profecia de Isaías centrada na fé na promessa de David, o nascimento virginal de Jesus será o exuberante novo sinal provocado pelo cumprimento cristológico do messianismo davídico (Rm 1,3-4), atestado por Lucas (1,34-35), e ainda mais claramente por Mateus, a propósito de Maria, desposada de José da casa de David, encontrada «grávida por obra do Espírito Santo» (Mt 1, 18-25). De modo que o Emanuel para a fé cristã é obviamente Jesus de Nazaré, aquele «nascido de mulher» (Gl 4,4).¹⁴⁵

¹⁴² Flecha, «Maria en el Antiguo Testamento», p.53.

¹⁴³ Gerard Van Groningen, *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, trad. Cláudio Wagner (Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1995), p.490.

¹⁴⁴ Thurian, *Maria, Madre del Señor, figura de la Iglesia*, p.46.

¹⁴⁵ Roberto Vignolo, «Isaia 7,14. Una lettura ermeneutica della profezia dell'Emmanuele», *Credere Oggi* 37, n.º 6 (11 de novembro de 2017), p.83. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib&db=a9h&AN=129540598&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>. Consultado a 25 de março de 2023.

Este sinal de Isaías, que Vignolo considera como novo, interpretado por Mateus como o cumprimento da promessa em Jesus e Maria, é, no Antigo Testamento, uma figura-tipo de Maria, ou pelo menos assim é lido por Luciano Peterlevitz: «o Emanuel referido em Isaías 7,14 é um *tipo*, um anúncio do Cristo que viria. Do mesmo modo, “a virgem” é uma profecia referente não somente à mãe do Emanuel, [...] mas a Maria, mãe do Senhor».¹⁴⁶

Esta visão de Isaías, lida por Mateus, teve também as suas influências na arte, nomeadamente naquela que é considerada a primeira representação de Maria: um fresco nas catacumbas de Priscila, em Roma, intitulado: «A Virgem Mãe e o profeta Isaías».¹⁴⁷

Nesta imagem, que a seguir apresentamos (figura 9) aparece-nos:

A Virgem, vestida com estola e um véu curto, está sentada em atitude de meditação, com a cabeça ligeiramente inclinada para a frente e para a direita. Com ambas as mãos, segura no regaço o Menino Jesus despido: ele tem a cabeça voltada para trás, como se tivesse sido chamado por alguém. Na parte esquerda da cena ergue-se a figura do profeta que tem na mão esquerda o rolo das Escrituras e, com o dedo indicador da mão direita, aponta para a Virgem. A estrela de oito pontas brilha sobre a cabeça de Maria remete também para a luz messiânica evocada por Isaías: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, para aqueles que viviam nas regiões sombrias da morte uma luz se levantou. (9,1).¹⁴⁸

Isaías está de pé em frente à Virgem, sentada com o menino Jesus nos braços, com a mão levantada aponta para uma estrela, símbolo de Cristo.¹⁴⁹

Apesar de alguns autores não considerarem que na pintura está representado o profeta Isaías, mas sim Balaão, na escolha desta imagem seguimos a interpretação de que se trata do profeta Isaías, leitura essa fundamentada em Louis Réau (acima citado), e Bruce Bernard,¹⁵⁰ entre muitos outros.

¹⁴⁶ Luciano R. Peterlevitz, «“«Eis que a jovem/virgem est grávida»” - (IS 7.14) - Considerações Exegéticas e Hermenêuticas sobre Isaías 7.10-17», Teologia Brasileira, 2018, <https://teologiabrasileira.com.br/eis-que-a-jovem-virgem-est-gravida-is-7-14-consideracoes-exegeticas-e-hermeneuticas-sobre-isaias-7-10-17/>. Acedido a 25 de abril de 2023.

¹⁴⁷ Cfr. Cláudio Pastro, *Arte Sacra-o espaço sagrado hoje* (São Paulo: Edições Loyola, 1993), p.206.

¹⁴⁸ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, pp.136-137.

¹⁴⁹Cfr. Réau, *Iconografia del arte Cristiana-iconografia de la Biblia-Antiguo Testamento*, p. 421.

¹⁵⁰Cfr. Bruce Bernard, *A Rainha do Céu* (Lisboa: Editorial Verbo, 1990), pp.13-14.



Figura 9 - A virgem Maria e o profeta Isaías¹⁵¹

- Autor: Desconhecido
- Datação: Séc. II-III
- Dimensões: Desconhecidas.
- Material: Pintura a fresco
- Localização: Catacumbas de Priscila, Roma.

¹⁵¹ Esta imagem, bem como os seus direitos de uso, são de domínio público, porém após contacto com conhecidos que visitaram estas catacumbas, o uso da imagem foi cedido por email.

1.2 NOVO TESTAMENTO

Ao longo do primeiro capítulo, analisámos as figuras de Maria no Antigo Testamento. Considerámos as figuras que prefiguram Maria, bem como algumas semelhanças textuais. Tivemos, igualmente, em conta algumas das figuras e personagens que considerámos relevantes para o presente estudo.

Chegados à plenitude da Revelação, com a Encarnação, propomo-nos analisar as figuras de Maria, em relato mais direto de alguns acontecimentos da sua vida, bem como da vida de Jesus. Passaremos agora a analisar relatos mais diretos colocados nos livros da Nova Aliança inaugurada em Cristo, por meio de Maria. À semelhança do que fizemos anteriormente, analisaremos, agora, as figuras existentes no Novo Testamento.

1.2.1. MARIA A SERVA CHEIA DE GRAÇA

Ao sexto mês, o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da Virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o Anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo» (Lc 1,26-28).

Em Maria, encontramos a Mulher de todas as graças, saudada pelo Arcanjo Gabriel como «cheia de graça». Ora, se o próprio Anjo assim a chamou, podemos afirmar que Maria estava cheia de graça, isto é, toda ela era graça e nela tudo era graça.

No episódio da anunciação do Anjo a Maria, encontramos uma saudação e um título atribuído a Maria pelo Anjo Gabriel: «cheia de graça». Deste título, podemos depreender que, Maria foi assim saudada porque esta era já a sua condição, isto é, Deus havia encontrado graça em Maria. De tal modo que, Maria «era a sede de todas as graças de Deus» (ID 26). Maria tornou-se agraciada por Deus, pois já era sua serva.¹⁵²

Este episódio foi amplamente comentado pelos Padres da Igreja, que interpretaram o papel de Maria perante as palavras do Anjo.

¹⁵² Cfr. Klemens Stock, «María, la Madre del Señor, en el Nuevo Testamento», em *Maria en la Biblia y en los Padres de la Iglesia*, ed. José A. Martínez Puche (Madrid: Edibesa, 2006), p.134.

Orígenes (185-253) interpretou a novidade da saudação feita pelo Anjo como a predestinação de Maria, visto que tais palavras nunca se haviam encontrado na Escritura antes. Vejamos o que nos diz este escritor do século II:

O Anjo saúda Maria com uma nova fórmula [...]: «Salve, cheia de graça» (Lc 1,28). Tais palavras, «ave, cheia de graça» nunca foram dirigidas a um ser humano; esta saudação deveria ser reservada apenas para Maria. De facto, se Maria soubesse que uma fórmula desse tipo havia sido dirigida a alguém, [...] certamente não se assustaria com tal saudação que lhe apareceu assim incomum. Mas Maria estremeceu com tal saudação. Então o Anjo disse-lhe: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus» (Lc 1,30).¹⁵³

Orígenes mostra-nos que a saudação com que o Anjo se apresentou a Maria, nunca na história do povo de Israel tinha sido dirigida a ninguém. Portanto, em Maria, o Anjo estreia uma saudação, que estaria reservada para a Mãe do Messias. Este Padre grego nota também que, pelo facto de a saudação ser inédita, Maria ficou perturbada, com medo, sem saber o que dali viria. Porém, logo o Anjo procurou tranquilizar Maria.

São Gregório de Nissa (330-395), deparando-se, também, perante o relato da Anunciação, nota que a saudação que introduz o Anjo Gabriel, sendo de facto uma saudação inédita é, antes de mais, um convite à alegria em Maria, pois ela foi escolhida para uma grandiosa missão. Para este Padre capadócio, o anúncio feito pelo Anjo veio reparar, através de Maria, as consequências da transgressão de Eva. Prestemos atenção às suas palavras:

Convinha que a Mãe da vida, na concepção começasse com alegria, para que também com alegria desse à luz. Por isso o Anjo lhe disse: Alegra-te, ó cheia de graça (Lc 1, 28). Com estas palavras tirou o peso daquela dor que, no início da criação, havia sido imposta no parto por causa do pecado.¹⁵⁴

Para este teólogo místico, que a Tradição nos diz ser irmão mais novo de São Basílio Magno (329-379), a alegria da concepção virginal em Maria é remédio para as dores de parto herdadas pela humanidade depois do pecado de Eva. Através de Maria, as dores da humanidade causadas pela primeira mulher, são aliviadas.

Santo Epifânio de Salamina (310 - 403), expõe-nos também a ligação entre Eva e Maria, a partir da alocação proferida pelo mensageiro celeste, no momento do anúncio da concepção de Jesus no seio de Maria, como um convite à alegria:

¹⁵³ Orígenes, *Homilia sobre o Evangelho de São Lucas VI, 7*, PG 13,1815-1816.

¹⁵⁴ Gregório de Nissa, *Comentário sobre o Cântico dos Cânticos*, 13, PG 44,1053.

Alegra-te ó cheia de graça, o Senhor está contigo (Lc 1,28). Esta é a que foi prefigurada por Eva e que simbolicamente recebeu o apelativo de mãe dos viventes. Eva de facto havia sido chamada de mãe dos viventes [...] depois da queda. [...] A Virgem Maria, ao contrário, introduziu verdadeiramente a própria vida no mundo ao dar à luz Aquele que é o que vive, e assim Maria tornou-se a mãe dos viventes.¹⁵⁵

Para este defensor da ortodoxia cristã, o epíteto de «mãe dos viventes», que havia sido aplicado de forma simbólica a Eva, por esta ser a primeira mãe, é aplicado verdadeiramente a Maria, aquela que deu à luz Jesus, que é a verdadeira Vida (cfr. Jo 14,6).

Santo Agostinho (354-430), Bispo de Hipona, interpretando o anúncio de Gabriel, afirma-nos que Maria é a «cheia de graça», pelos méritos de Seu Filho, Jesus, e assim, deste modo, Maria é «cheia de graça, porque Mãe do Senhor»:

A quem considera com fé e moderação o mistério da Encarnação, revela-se claramente a grande e única graça de Deus, para que os homens possam compreender que foram justificados dos pecados em virtude daquela mesma graça pela qual aconteceu que o homem Cristo não poderia ter pecado. Da mesma forma, o Anjo saudou a sua Mãe quando anunciou o nascimento que iria acontecer: «Ave, disse ele, cheia de graça» (Lc 1,28). E pouco depois acrescentava: «Achaste graça diante de Deus» (Lc 1,30). Sem dúvida ela é chamada a «cheia de graça» porque encontrou graça diante de Deus, de modo que ela se tornou a Mãe do seu Senhor, na verdade do Senhor de todos.¹⁵⁶

Para o Doutor da Graça (Santo Agostinho), a Graça de Deus, anunciada pela boca do Anjo, revelou-se em Maria, pois esta havia sido destinada por Deus para a Encarnação de Seu Filho, de tal modo que, se revelou plenamente em Maria, por ter sido escolhida, por desígnio do Altíssimo, para ser a Mãe de Deus.

São Pedro Crisólogo (380-450), imitando a saudação do Anjo, canta, dentro do género literário de louvores marianos chamado *khairetismo* (alegra-te/ ave/ salve), sobre a forma de aclamações, a Virgem Maria:

Salve, ó cheia de graça: esta é a graça que deu glória ao céu, Deus à terra, [...] O Anjo trouxe esta graça; a Virgem a acolheu para dar a salvação ao mundo. Salve, ó cheia de graça; enquanto aos outros a graça foi parcialmente conferida, Maria, por outro lado, recebeu a plenitude da graça em sua totalidade. [...] É verdadeiramente abençoada aquela que possuiu o dom da virgindade e alcançou a dignidade de mãe. Ela é verdadeiramente

¹⁵⁵ Epifânio de Salamina, *Panarion (contra as heresias)*, 78, PG 42,728.

¹⁵⁶ Agostinho, *Enchiridion* (Fé, Esperança e Amor) 36,11, PL 40, 250.

abençoada porque mereceu a graça da concepção celestial e porque obteve a coroa da integridade. Ela é verdadeiramente bem-aventurada porque recebeu a glória do Filho divino [...] É verdadeiramente abençoado o que se tornou maior que o céu, mais forte que a terra, mais vasto que o mundo; só ela foi capaz de abrigar Aquele que o mundo não pode abarcar. Ela carregou Aquele que sustenta o mundo, ela deu à luz seu criador, [...].¹⁵⁷

Para este Doutor da palavra de ouro (Crisólogo), a graça que já existia em Maria, e que foi reconhecida pelo Anjo, brindou o céu de glória. Pois, por meio de Maria, Deus desceu à terra e esta graça, que em outros esteve de forma imperfeita, mas, assumida em plenitude em Maria, tornou-se uma fonte de bênçãos.

São Leão Magno (400 - 461), revela-nos que a Virgem Maria, acolheu primeiramente o Seu Filho em espírito e, por isso, manteve-se Virgem. Este mesmo Santo nos mostra que, a fim de que Maria não se assustasse com o que o Anjo lhe anuncia, lhe explicou que o Filho que iria ter seria fruto do Espírito Santo, e apontou-lhe um sinal: a gravidez de Isabel. Contemplemos o que nos afirma este Santo:

Foi escolhida uma virgem da descendência real de David, que, destinada a receber no seu seio o germen sagrado, antes de conceber corporalmente a seu Filho, Deus e Homem, concebeu-O em seu espírito. E para evitar que, desconhecendo o desígnio de Deus, ela se perturbasse perante efeitos tão inesperados, foi informada, no colóquio com o Anjo, sobre o que se ia operar por virtude do Espírito Santo. E acreditou que, estando para ser em breve Mãe de Deus, não sofreria dano a sua pureza. Como podia duvidar deste género de concepção tão original, aquela a quem é prometida a eficácia do poder do Altíssimo? A sua fé e confiança são confirmadas com o testemunho de um milagre precedente, a inesperada fecundidade de Isabel; e esta revelação do Anjo é um sinal do poder divino: quem deu poder a uma estéril de conceber pode concedê-lo também a uma virgem.¹⁵⁸

Para este Doutor da Igreja, a beleza deste relato prende-se com a virgindade materna de Maria, uma vez que esta recebe o anúncio de que irá ser mãe permanecendo virgem. Para São Leão Magno, é importante também notar a linhagem humana de Jesus, que sendo Deus, Encarnou numa história humana e com ligações humanas. Curiosa, na interpretação deste autor, é a fé que Maria expressa às palavras do Anjo, em que, após a revelação do sinal da maternidade de Isabel, todas as dúvidas de Maria se esvaem.

¹⁵⁷ Pedro Crisólogo, *Sermão* 143,4 – 6, PL 52, 583.

¹⁵⁸ Leão Magno, *Sermão no Natal do Senhor*, 1, PL 54, 191.

Crisipo de Jerusalém (410 – 479), oriundo da Capadócia, saúda Maria, usando as palavras do Anjo, o constante convite à alegria, como refrão que vai pautando o discurso. Este Padre da Igreja, vai cantando os louvores de Maria, explicando os motivos da alegria, bem como de Maria ser chamada «cheia de graça». Tenhamos em conta as suas palavras:

Comecemos com as palavras de Gabriel a Maria: Alegra-te, cheia de graça, o Senhor é contigo (Lc 1, 28). Regozije-se disse; com efeito, a verdadeira alegria corresponde a ti, a ti que mereceste ouvir que és cheia de graça, porque contigo está todo o tesouro da alegria, da alegria perfeita e da graça. [...] Contigo está o Criador do universo; está contigo para poder nascer de ti; em ti foi concebido para por ti ser dado à luz; contigo é como Deus, porque pôde nascer de ti como Deus e homem». [...] Alegrem-se, portanto, para sempre; alegra-te, ó cheia de graça. Alegra-te porque recebeste da natureza um seio mais amplo do que os próprios céus, desde o momento em que no teu seio abrigaste Aquele que os céus não podem abranger.¹⁵⁹

Para este Padre da Igreja, a verdadeira alegria corresponde a Maria, pois ela mereceu ouvir a saudação do Anjo, porque já tinha em si o tesouro da alegria. A fonte deste tesouro brota do facto de Maria ter concebido pelo Espírito Santo e ter gerado, em seu próprio seio virginal, o próprio Filho de Deus.

Também São Bernardo de Claraval se inspirou na saudação feita pelo Anjo Gabriel a Maria de Nazaré e explicou-nos este texto. É notável a quantidade de escritos que Bernardo tem acerca deste episódio, sendo talvez o mais destacável o texto em que o abade de Claraval compara Maria com um aqueduto que chega ao céu e dele nos faz chegar a água da graça. Vejamos essa comparação:

Este aqueduto [Maria] que recebe todo o caudal da fonte que brota do coração do Pai, e nos distribui a nós o que somos capazes de receber; sabeis de facto a quem se dirigem estas palavras: «salve cheia de graça» [Lc1,28]; assombra-nos que se tenha feito um aqueduto tão grande e sublime cujo topo toque os céus, mais ainda, este aqueduto atravessa o céu e chega até á fonte inesgotável, que está acima dos céus; [...] a humanidade estava sem a água da graça, faltava a mediação deste aqueduto tão extraordinário de que falamos. Está escrito: «a oração do justo chega aos céus» [Tg 5,16] e quem é justo senão Maria, a que nos trouxe o nosso Salvador? Como podia ela alcançar a inacessível majestade (e as suas graças) senão chamando, pedindo e procurando? Encontrou o que procurava, por isso o Anjo lhe disse «encontreste graça diante de Deus» [Lc 1,30] [...] considera homem o

¹⁵⁹ Crisipo de Jerusalém, *Homília sobre a Santa Mãe de Deus*, PO 19, 336.

desígnio de Deus: [...] antes de resgatar a humanidade depositou todo o preço nas mãos de Maria. E fez isto para que Eva pudesse reabilitar-se por meio da sua filha. [...] Encontre a graça diante de Deus, diz o Anjo (felizmente ela sempre encontrará graça junto de Deus, para nos dispensar). Maria busca somente a graça. Tanto busca a graça que se intimida com a saudação do Anjo, [...] pensava-se indigna da saudação do Anjo. Não temas Maria, nem te assombres com a vinda de um Anjo: vem outro maior que ele. Não te admires do Anjo do Senhor: o Senhor do Anjo está contigo.¹⁶⁰

Para o Doutor melífluo (língua de mel), Maria é o aqueduto de todas as graças e, por meio dela, nos vem a água das graças do céu; é notável esta comparação de Maria com um aqueduto que chega ao céu, ultrapassa-o e faz a ligação para nos trazer o que nos é essencial à vida da graça: a água da graça divina, o abundante manancial da graça de Deus. Por isto, para São Bernardo, o Anjo saudou Maria com tão sublime cumprimento, permitindo que Maria ultrapasse o céu, para dele nos derramar as suas graças.

Para o abade cisterciense, tal foi possível por Maria ser justa, bem como por ter uma fé inquebrantável. A graça que Maria havia procurado, encontrou-a em Deus, de tal forma que Maria se assusta com a presença do Anjo. Neste aspeto, é ainda mais belo considerar a exortação que Bernardo faz a Maria para não temer a presença do Anjo do Senhor, uma vez que o Senhor do Anjo está com ela. Este jogo de palavras, por parte de Bernardo, mostra-se brilhante para afirmarmos que Maria é a serva cheia de graça, pela qual nos vêm as graças do céu.

O Magistério da Igreja também interpreta o sentido da saudação do Anjo a Maria. Um exemplo ímpar é a leitura feita pelo Papa Pio IX na proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria:

Com esta singular e solene saudação, até então nunca ouvida, se demonstrava que a Mãe de Deus era a sede de todas as graças de Deus, era exornada de todos os carismas do Espírito Divino; antes, era um tesouro quase infinito e um abismo inexaurível dos mesmos carismas [...] [de tal modo que] a gloriosíssima Virgem, [...] resplendeu de tal abundância de dons celestes, de tal plenitude de graça e de tal inocência, que se tornou como que por milagre de Deus por excelência, ante a culminância de todos os seus milagres, a digna Mãe de Deus (ID 26-27).

¹⁶⁰ Bernardo de Claraval, *Sermão no Nascimento de Maria*, 4-8, in *Obras completas de São Bernardo-IV- Sermões Litúrgicos-2º*, ed. Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences, vol. IV (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986), pp. 423-427.

Nesta proclamação dogmática, o Papa Pio IX afirma-nos que Maria é a sede de todas as graças de Deus e apresenta-nos esta sede de todas as graças como um grande tesouro. Riqueza esta que, em Maria, se manifestou como plenitude das graças de Deus e, deste modo, Maria apresenta-se como digna de ser a Mãe de Deus.

Maria é sede de todas as graças e, depois da sua resposta ao Anjo torna-se fonte da Graça, pois dela nasceu Jesus, a plena graça. Se Maria se tornou fonte de graça é porque primeiro se tornou serva, com a resposta que deu ao Anjo: «eis a serva do senhor, faça-se em mim a Tua vontade». Tornou-se serva pela resposta concretizada na maternidade, uma vez que, «pelo serviço materno de Maria vem ao mundo Aquele através do qual Deus dá à humanidade a plenitude da vida eterna».¹⁶¹

Porque Maria experimentou a graça por inteiro, de tal modo que o Anjo a chama de agraciada, é que agora é para nós a fonte da graça e, deste modo, torna-se para a humanidade um sinal da graça divina. Isso mesmo nos afirma Bernard Häring: «Maria experimenta por inteiro a plenitude da graça na perspectiva de Jesus, que para todos nós é sinal, é o supremo sinal e fonte dessa graça».¹⁶²

No segundo Concílio do Vaticano, os bispos reunidos interpretaram o anúncio do Anjo a Maria, bem como a sua resposta, como um ato de plena liberdade de Maria, que pelo seu consentimento e pela realização da fé, se consagrou totalmente a Deus. Olhemos o que nos diz a Constituição Dogmática sobre a Igreja:

A Virgem de Nazaré é saudada pelo Anjo, da parte de Deus, como «cheia de graça» (Lc 1, 28); e responde ao mensageiro celeste: «eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc1,38). Deste modo, Maria, [...] dando o seu consentimento à palavra divina, tornou-se Mãe de Jesus e, [...] abraçou de todo o coração o desígnio salvador de Deus, consagrou-se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, subordinada a Ele e juntamente com Ele, servindo pela graça de Deus onipotente o mistério da Redenção. Por isso, [...] Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo, mas [...] cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens (LG 56).

Como podemos ver, na Constituição *Lumen Gentium*, está bem presente a noção da liberdade em Maria, bem como da sua entrega a Deus pela fé, aceitando a saudação e o convite do Anjo, tornando-se Mãe de Jesus. Porque Maria abraçou de coração o desígnio salvador de

¹⁶¹ Stock, «María, la Madre del Señor, en el Nuevo Testamento», p.134.

¹⁶² Bernhard Häring, *Maria prototipo de la fe* (Barcelona: Editorial Herder, 1983), p.18.

Deus, é que tornou possível, pela sua resposta de fé, o mistério da Redenção, que por Maria teve o seu efeito.

Esta noção de cooperação de Maria pela fé e obediência, está também presente no *Catecismo da Igreja Católica*, onde se afirma a fé de Maria, com base na saudação do Anjo e na resposta de Maria. A Virgem Maria é para nós modelo da obediência pela fé. Tenhamos em conta o que nos diz este compêndio das verdades da nossa fé:

A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo Anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (Lc 1, 37) e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 45). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão- de proclamar bem-aventurada (CCE 148).

Pela resposta de Maria ao mensageiro celeste, a qual pela fé acreditou na palavra do Anjo e respondeu com toda a humildade, cumpriu-se nela, o anúncio divino. É esse o motivo pelo qual se chama a Maria bem-aventurada. No seu anúncio, o Anjo revelou a identidade de Maria e, pela fé, Maria correspondeu a essa identidade anunciada. Isto mesmo é nos afirmado por Lelde Briede:

A narração do anúncio a Maria (Lc 1,26-38) sublinha a condição especial de Maria e o conteúdo do anúncio. [...] O Anjo revela a Maria a sua identidade profunda: «cheia de graça.» [...] Alegra-te! [assim a saudou o Anjo] [...] A saudação do Anjo tem o significado de estar em felicidade, [...] estar alegre, pela eleição e cumprimento da missão. Desde o início, todo o diálogo entre Gabriel e Maria situa-se na perspectiva da alegria messiânica.¹⁶³

É curioso observar que o Anjo se apresenta a Maria, saudando-a e, ao mesmo tempo, atribui-lhe um nome novo: «cheia de graça». Este nome vem revelar o que Deus quer operar em Maria. Para além do claro convite à alegria¹⁶⁴ e regozijo pelo cumprimento messiânico das profecias, ocorre também uma transformação em Maria, pelo anúncio que lhe é feito, isto é, Maria que é saudada como «cheia de graça», fica, deste modo, pela sua resposta, transformada pela própria graça.¹⁶⁵ Quem nos afirma claramente isto, é Klemens Stock, ex-secretário da Pontificia Comissão Bíblica. Tenhamos em consideração as suas palavras:

¹⁶³ Lelde Briede, «La grâce christique de la Mère de Dieu», in *Nouvelle Revue Théologique* 136, n.º 2 (2014), pp.233-234.

¹⁶⁴ Cfr. Ignacio de La Potterie, *Maria en el misterio de la Alianza* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993), p.49.

¹⁶⁵ Cfr. Potterie, p.52.

O mensageiro divino não se dirige a esta jovem com o seu nome próprio, Maria, mas chama-a cheia de graça. A expressão revela o que Deus operou nela e o que ela, graças a isso, se tornou. Se a tomarmos em seu verdadeiro sentido, a expressão, muito densa, chega a dizer: - Deus te encheu de graça, deu-te graça, encanto, galanteria; ele te fez tal que tu és graciosa e agradável aos seus olhos; é por isso que sua graça e seu amor são direcionados a ti. Não é o seu próprio comportamento ou os seus próprios méritos que tornam Maria digna de ser amada por Deus. A iniciativa é toda de Deus. Faz parte do mistério e do milagre da escolha e do cuidado divinos o facto de ter criado Maria de tal modo que Deus lhe dirige o seu amor e a sua benevolência. E este facto é tão característico da pessoa de Maria que o Anjo não a chama pelo nome próprio, mas simplesmente a chama de cheia de graça.¹⁶⁶

A saudação do Anjo revela já o novo nome de Maria. Este nome que nos diz o que Deus operou em Maria e revela já a graça de Deus, bem como, o Seu amor por Maria. Deus tomou a iniciativa e, por isso, envia um Anjo para levar uma missão a Maria. E tão grande missão, que os seus frutos se anunciam logo com a saudação. No cumprimento a Maria por parte do celeste mensageiro está presente já o conteúdo de uma revelação futura. Isso nos afirma Manuel Matos:

O Anjo dirige-se a Maria com este apelativo «cheia de graça.» Poderíamos dizer que é um «nome prognóstico», isto é, um conteúdo de revelação do futuro, ou de missão futura. [...] O Anjo diz-lhe que está cheia de graça ou do favor de Deus. [...] Significa que se trata de uma ação antecipadamente exercida por Deus, pela sua benevolência, sobre aquela que agora é declarada cheia dessa mesma graça divina. Trata-se do prévio desígnio de Deus [...] e por isso anterior ao conhecimento que ela tenha dessa realidade pessoal.¹⁶⁷

Para este autor, a saudação do Anjo constitui um prognóstico, isto é, uma revelação dos acontecimentos em Maria que se vão cumprir. Este teólogo, destaca ainda que é uma ação por iniciativa de Deus, à qual Maria responde assertivamente. De tal modo mostra-se já a grandeza de Maria, em que mesmo tendo dúvidas e ficando assombrada por ser a escolhida de Deus, não receia, respondendo o seu sim a Deus. Um dos autores que afirmam a grandeza de Maria de forma mais eloquente é o inigualável Padre António Vieira, que referindo-se à saudação do Anjo à Virgem de Nazaré, nos exorta:

Anjo tão bem entendido como bem-aventurado, não tendes outro título mais alto, não tendes outro nome de maior majestade, com que saudar a vossa Rainha? Não. Porque na graça, de que está cheia, se inclui todo o bem, assim como no pecado, a que nunca esteve

¹⁶⁶ Stock, «María, la Madre del Señor, en el Nuevo Testamento», pp. 129-130.

¹⁶⁷ Manuel Alberto Pereira de Matos, *Ave Maria, a Bendita-Uma fresta aberta ao ecumenismo* (Guarda: Veritas, 2020), pp.24-25.

sujeita, foi livre de todo mal. A graça não pode estar junta com o pecado, e como Maria desde o instante de sua conceição sempre foi cheia de graça; nesta graça, e nesta isenção de pecado, consiste toda a soberania da sua grandeza, ainda maior que a de ser Mãe de Deus, que eu lhe venho anunciar.¹⁶⁸

Para o pregador do século XVII, neste anúncio da parte do Anjo, está a comunicação a Maria de que foi guardada de todo o pecado, isto é, que estará sempre em graça. Podemos então afirmar que, em Maria, a graça foi antecipada, pois pela transformação da graça de Deus, Maria foi santificada, porque acolheu Cristo no seu seio. Maria foi então agraciada, de forma antecipada, porque foi santificada previamente pela graça de Cristo. De tal forma que Maria foi preservada do pecado.¹⁶⁹

Não podemos desligar a graça recebida por Maria, como a saudação do Anjo assim o dá a entender. Ao chamar «cheia de graça» a Maria, o Anjo está a dizer que ela foi agraciada, mas também a graça que ela achou diante de Deus (Lc 1,30), alude, assim à glória recebida por Maria, dado que:

Pela graça somos conduzidos à experiência da glória, somos tocados pela plenitude divina. Ela provoca em nós um coração humilde que nos submete voluntariamente à luz da Palavra divina, que nos proporciona a conaturalidade com Deus. A luz da Palavra não é simples intuição de Deus e dos seus mistérios; é antes começo de vida eterna gratuitamente iniciada na fé. A graça é o começo da glória.¹⁷⁰

Na saudação do Anjo a Maria, isto é, na aclamação por parte do mensageiro celeste, está implícita a experiência da participação de Maria na glória divina, pelo reconhecimento da sua humildade, e da vontade submetida ao chamamento divino. Através da sua resposta, Maria torna-se participante da glória divina ao transfigurar-se de tal forma que se tornou conatural com Deus. Tão conatural que, gerou em seu seio e deu à luz o próprio Deus. Maria com o seu *Fiat*, com o seu sim ao Anjo procura responder à sua vocação, isto é, ao seu chamamento divino.

Pela resposta afirmativa de Maria ao Anjo, Maria cumpre a sua vocação e transforma a sua vontade, para corresponder ao desígnio divino, preparado por Deus para ela. Esta

¹⁶⁸ José Eduardo Franco, Carlos Maduro, e José Paulo Leite de Abreu, *Obra Completa Padre António Vieira-Sermões do Rosário Maria Rosa Mística I*, ed. Pedro Calafate e José Eduardo Franco, vol. 8 (Lisboa: Círculo de Leitores, 2013), p.59.

¹⁶⁹ Cfr. Maria Manuela de Carvalho, *Maria Figura da graça* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004), pp. 116-117.

¹⁷⁰ Maria Manuela de Carvalho, «A Cheia de Graça e a plenitude prometida», em *Maria nos Caminhos da Igreja*, Semanas de estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa (s.l: Editorial Verbo, 1991), pp.62-63.

interpretação é feita por Frédéric Manns, que relaciona o anúncio divino que Maria recebe, com a Filha de Sião, esperada por Israel. Tenhamos em consideração as suas palavras:

Recebendo o título de cheia de graça, Maria é colocada ao mesmo tempo numa relação privilegiada de participação na plenitude de graça que se encontra no Bem Amado. [...] É de facto no Bem Amado que Deus fez habitar a plenitude da sua graça. Como causa da sua vocação de mãe do Messias, Maria foi cheia desta graça. Cheia de graça» significa, pois, a predestinação de Maria para se tornar a Encarnação da filha de Sião. Maria é um sinal da total gratuidade do amor de Deus que não espera a entrada do seu servo no santuário, mas desce em casa da sua serva, já envolta numa plenitude de graça que ela não podia imaginar e ainda menos pedir.¹⁷¹

Ao ser saudada como «cheia de Graça», Maria acolhe, de facto, a vontade de Deus para que se tornasse a Mãe do Messias. Ao acolher a saudação do Anjo, bem como ao responder-lhe assertivamente, Maria torna-se sinal da gratuidade de Deus, bem como da realização do Seu amor. Na saudação do Anjo, Maria reconhece que o mensageiro celeste pretende que ela se torne a Filha de Sião tão ansiosamente esperada, profético sinal da vinda do Messias e prenúncio de esperança para o resto de Israel.

Gianfranco Ravasi, ajuda-nos também a entender a resposta de Maria ao Anjo e consecutivamente, à sua vocação de ser chamada de Filha de Sião, isto é, a verdadeira Mãe do Messias. Prestemos atenção ao que este eminente purpurado nos diz:

Esta simples mulher, depois de ter recebido a revelação angélica, afirma a consciência da sua grande vocação. De facto, nela Deus está prestes a realizar a intervenção suprema da história salvífica, «esperada por todas as gerações» (Lc 1,49). Ela está, portanto, consciente do acontecimento que está para acontecer nela e que exige precisamente a sua adesão e colaboração fundamental como «serva do Senhor». [...] A adesão consciente é confirmada pela segunda parte da declaração de Maria: «Faça-se em mim segundo a tua palavra». É um anúncio da sua vontade de deixar-se invadir pelo Espírito Santo, acolhendo assim o dom do Filho. [...] O [faça-se] de Maria é, portanto, um ato de fé obediente.¹⁷²

Como podemos constatar, Maria tem consciência da sua vocação e entende que o anúncio que o Anjo lhe traz é sinal de que Deus vai realizar a intervenção plena na História da

¹⁷¹ Frédéric Manns, *Maria, uma mulher judia-Feliz és tu que acreditaste!* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006), p.37.

¹⁷² Gianfranco Ravasi, *Le sette parole di Maria* (Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2020), pp.43-44.

Humanidade, isto é, vai finalmente enviar ao mundo o Messias esperado. Porque Maria sabe que tudo depende da sua resposta, afirma a sua humildade, dizendo ao Anjo, que está diante da serva do Senhor, e que se cumpra a vontade Dele.

Para que, este acontecimento ocorresse, Maria foi predestinada, isto é, preparada por Deus, para que se tornasse Mãe de Deus. Foi importante também neste processo a fé de Maria em Deus, deixando-se guiar e iluminar a sua vida pela Palavra Sagrada. «Pela fé, teve a coragem de confiar no Deus do impossível e deixar a Ele a solução das suas dúvidas: a sua fé era pura».¹⁷³ Estavam, portanto, reunidas as condições para que acontecesse o admirável evento da vinda do Messias. Isto mesmo nos atesta Manuel Matos:

Para que este momento acontecesse ela foi a predestinada por Deus, desde a eternidade, e, no tempo, imaculada desde a sua conceção, preservada de qualquer mancha de pecado, de modo que em momento algum da sua existência ela não tenha sido cheia de graça. Neste sentido ela é favorecida com esta graça, [...] no sentido de um verdadeiro «carisma», em vista da missão de que irá ser investida, ou seja, conceber o Salvador de todos os homens.¹⁷⁴

Para que Maria pudesse responder à sua vocação de ser reconhecida como «a Filha de Sião», ela foi predestinada por Deus e preparada para ser a Mãe do Messias prometido, tendo sido, por isso, preservada da mancha do pecado. No anúncio do Anjo, Maria é aclamada no imenso amor de Deus por ela. Tal facto nos confirma Paul Michaud:

O termo [cheia de graça] abre uma perspectiva indefinida sobre a ação do amor de Deus em Maria. Ela é de tal maneira cheia de graça que não é possível dar-lhe outro nome: ela é a «cheia de graça!» Mas, este agir de Deus em Maria está orientado e o Anjo explica isso mesmo imediatamente em Lc1, 30, num versículo que pode ser colocado em paralelo com Lc1,28: «Não temas [...] Maria, pois achaste graça [...] diante de Deus e eis que tu conceberás». Cheia de graça [Kecharitômené], é o seu nome de vocação, totalmente orientado para a maternidade messiânica, divina, do Filho de Deus.¹⁷⁵

A vocação de Maria é afirmada pelo convite do Anjo, tanto à alegria, como ao amor de Deus,¹⁷⁶ o nome que o celeste mensageiro lhe dá, «cheia de graça», torna-se também a missão

¹⁷³ Carlos Carreto, *Maria, a mulher que acreditou*, trad. Isabel Fontes Leal Ferreira (São Paulo: Edições Paulinas, 1987), p.18.

¹⁷⁴ Matos, *Ave Maria, a Bendita-Uma fresta aberta ao ecumenismo*, pp.25-26.

¹⁷⁵ Jean-Paul Michaud, *Maria dos Evangelhos*, Cadernos Bíblicos 48 (Lisboa: Difusora Bíblica, 1995), p.34.

¹⁷⁶ Cfr. Giovanni Maria Bigotto, *Maria dos Evangelhos* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2010), p.16.

que Maria assume, de tal forma que constantemente nos atrai maternalmente para a graça divina. Para isso foi também predestinada por Deus – ajudar os filhos a crescer em graça.¹⁷⁷

O cerne da vocação de Maria está na sua resposta: «eis a serva do Senhor, faça-se em mim a sua vontade (Lc 1,30), sendo talvez o mais importante a autodefinição de Maria como a «serva do Senhor». Uma das condições principais do servo do Senhor é a humildade,¹⁷⁸ e tal mostrou-se realidade em Maria, quando o diz precisamente no *Magnificat*. Maria, pela sua resposta, torna-se a nova morada de Deus.¹⁷⁹

Na saudação do Anjo, está já presente a vocação e a missão de Maria com vista ao cumprimento das profecias messiânicas. Isso mesmo nos afirma Lelde Briede:

O ave, portanto, já indica que Maria é cheia de graça, transformada pela graça de Deus no contexto do cumprimento dos tempos messiânicos. O resto da história torna ainda mais claro o motivo desta transformação: Maria é cheia de graça em vista da tarefa que a esperava, ou seja, tornar-se a Mãe do Filho de Deus, permanecendo virgem.¹⁸⁰

Na cena da Anunciação, está presente o amor a Deus que Maria tem. Por causa desse amor é que Maria é escolhida e saudada pelo Anjo como rainha de todas as graças. Mas, em Maria, a graça não é apenas individual, servindo também manifestação do amor de Deus pela Humanidade.

Como forma de terminar este aspeto, é relevante voltarmos a Lelde Briede e considerarmos o que ele nos tem a dizer acerca da graça em Maria:

Pela sua plenitude de graça, a «Cheia-de-graça» [...] permanece totalmente relativa à graça de Deus que a transformou e a preencheu: Maria coloca-se inteiramente no registo da gratuidade do amor de Deus. [...] Ela é a Cheia de graça, em vista da maternidade divina e virginal, em vista da colaboração na obra da salvação. Maria é o que ela é, exclusivamente para Cristo [ordenada a Cristo] e por meio de Cristo [recebida em Cristo], a sua graça é totalmente Crística. Mas ela é também trinitária: Maria recebeu tudo do Pai, por meio de Cristo e no Espírito Santo, em vista da salvação. [...] Por conseguinte, em Maria realizou-se plenamente o projeto de Deus para a humanidade.¹⁸¹

Como podemos ver, a graça em Maria é divina, orientada para Cristo e para a Trindade. Esta graça nasce do amor que Maria tem a Deus, e por Deus é correspondido. Por isso, ela foi

¹⁷⁷ Cfr. Matos, *Ave Maria, a Bendita-Uma fresta aberta ao ecumenismo*, p.29.

¹⁷⁸ Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p. 158.

¹⁷⁹ Cfr. Marin, *La Virgen Maria. Teología y espiritualidad marianas*, p.448.

¹⁸⁰ Lelde Briede, *«La grâce christique de la Mère de Dieu»*, p.136.

¹⁸¹ Briede, pp.144-145.

Mãe, permanecendo virgem, e sem sofrer as dores do parto. A ação de Maria foi orientada, exclusivamente, para o Seu Filho, e para o serviço de Deus e Seus projetos. Por este motivo, é digna de ser chamada «Cheia de Graça».

Baseado no episódio da Anunciação, em específico, na saudação do Anjo, foi criado o hino *Akathistos*, datado do século IV. Através deste hino, imitando as palavras do Anjo, a Igreja canta ainda hoje, os louvores da Virgem Mãe. Neste hino, aclama-se precisamente Maria com as palavras do Anjo. A primeira parte deste hino é precisamente o relato cantado de pé deste episódio do anúncio do Anjo a Maria. Saudando sempre a Senhora com as palavras do Anjo: «Ave Maria».¹⁸²

No âmbito da devoção popular, o anúncio do Anjo está presente, sempre que se quer louvar a Virgem Mãe de Deus. Faz-se precisamente através da oração que tem o nome da saudação feita pelo Anjo, isto é, Avé Maria. Neste âmbito também se destaca a devoção do *Angelus*, recitado ao meio-dia.¹⁸³ Nesta oração saúda-se precisamente Maria, lembrando-se precisamente este episódio.

Este episódio da Anunciação do Anjo é, dos episódios Bíblicos, talvez, o mais representado na arte, tendo artistas criado arte a partir desta cena, desde os primórdios do Cristianismo. Também nós escolhemos uma das representações deste episódio, como forma de concretizar, na arte, o que até agora foi dito. Para isso, escolhemos uma pintura da Anunciação, (figura 10) que a seguir se apresenta.

Nesta pintura, é possível observar-se Maria do lado esquerdo do espectador, vestindo uma túnica cor-de-rosa, envolta num manto azul. A Virgem está ajoelhada, em posição de oração, tendo também as mãos em posição piedosa. A encimar a cabeça de Maria está uma auréola de tons dourados. Do lado direito, aparece-nos um Anjo, de ar jovial, com grandes asas aladas a saírem das costas, enverga uma túnica branca e está também ajoelhado, saudando a Virgem, entregando-lhe com a mão esquerda três lírios. Com a mão direita, aponta para o alto, para indicar por quem foi enviado.

¹⁸² Cfr.s.a, *Akathistos, Hino em honra da Virgem Mãe de Deus*, pp.6-9.

¹⁸³ Tradicionalmente, recitado também ao romper da aurora, pelas seis da manhã e, ao declinar do dia, pelas seis da tarde.



Figura 10- A virgem da Anunciação¹⁸⁴

- Autor:
António Vieira
- Datação:
1635
- Dimensões:
90 x 90cm
- Material:
Tinta sobre Madeira
- Localização:
Igreja Matriz de Mangualde

¹⁸⁴ Alexandre Alves, *A Igreja de S. Julião de Azurara-Matriz de Mangualde* (Mangualde: Câmara Municipal de Mangualde, 1990), p. 81.

A figura apresentada, é recolha do autor, tratando-se, portanto, de uma imagem de autor.

1.2.2. *MARIA NA VISITAÇÃO*

Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. [...] Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.» Maria disse, então: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre (Lc 1, 42. 45-56).

Depois da saudação do Anjo, Maria pôs-se a caminho para ir ter com Isabel (Lc 1, 39). Como Maria, também nos propomos fazer agora este caminho até à casa de Isabel. Ao chegar à casa de Isabel, algo de inesperado acontece. Isabel sentindo a presença do Messias, saúda Maria, de forma invulgar. Maria é aclamada com uma bênção (v.42) e com uma bem-aventurança (v.45).¹⁸⁵ Maria, cheia do Espírito Santo, pôs-se a caminho, e sem mencionar a Isabel o que lhe tinha acontecido, esta saúda-a, tendo já conhecimento de que algo grandioso acontecera.

Este episódio que começa com uma saudação a Maria e termina com esta a clamar as maravilhas de Deus na sua vida, foi lido pela comunidade cristã como um acontecimento com a presença do Espírito Santo. Dentro desta comunidade, ficaram na história, com especial relevância, os comentários e ensinamentos que os Padres da Igreja fizeram a este acontecimento.

Um dos Padres que discorreu sobre este evento foi Orígenes (185-253). Consideremos alguns dos seus ensinamentos sobre este encontro entre Maria e Isabel:

A voz da saudação de Maria, ao chegar aos ouvidos de Isabel, chegou até ao próprio João, pelo que saltou e a mãe, falando como pela boca do filho e como profetisa, exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre (Lc 1,42). Agora podemos entender completamente o significado da viagem apressada de Maria para

¹⁸⁵ Cfr. Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, p.163.

a [...] casa de [...] Isabel. Tudo isto aconteceu para que Maria fizesse João (mesmo estando ainda no ventre) participante do poder que ela havia recebido, d'Aquele que ela havia concebido; João, por sua vez, compartilharia com sua mãe o dom da profecia que havia recebido.¹⁸⁶

Para este Padre grego, o motivo da visita de Maria a Isabel foi, não só para comunicar a Isabel as maravilhas que o Senhor fez nela, mas também para que o precursor de Jesus, João Batista, tivesse oportunidade de, reconhecendo Cristo no seio de Maria, se manifestar. Esta manifestação deu-se pelo salto que o menino deu no seio de Isabel. E como o menino ainda não falava, falou Isabel, reconhecendo a presença do seu Salvador. Apesar de, ao chegar, Maria não ter dito nada, Isabel sentiu logo a sua presença e a abençoou, bem como ao menino que no seu seio estava.

Este episódio da Visitação foi, igualmente, interpretado por Pseudo-Gregório Taumaturgo (213? - 270?). Apesar de não conhecermos exatamente a quem se designa com este nome epigráfico, os seus escritos, a propósito deste episódio, são relevantes. Tenhamos em conta a sua exposição:

Entrando em casa de Zacarias saudou a Isabel» (Lc 1,40), imitando o Anjo. Assim que Isabel ouviu a saudação de Maria, o bebé saltou em seu ventre. Isabel ficou cheia do Espírito Santo. (Lc 1, 41). Assim, a saudação de Maria foi eficaz no sentido de que encheu Isabel do Espírito Santo; e como de uma fonte perene, com a sua língua, por profecia, fez correr um rio de dons divinos para a sua parente: fez saltar de alegria os pés da criança que estava no ventre da mãe. E este era um símbolo de um júbilo milagroso. De facto, onde chega a plenitude da graça, tudo se enche de alegria. «Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! A que devo que venha a mim a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 42-43). «Bendita és tu entre as mulheres». Pois Maria, tornou-se um princípio de regeneração para Isabel e Zacarias. Maria deu-nos permissão para entrar no céu e colocar a antiga dor em fuga.¹⁸⁷

Para este autor, que foi discípulo de Orígenes, Maria, imitando o Anjo, foi visitar Isabel e, mal esta sente a presença do Messias em Maria, fica «cheia do Espírito Santo» com a saudação de Maria. Este autor continua expondo que a saudação de Maria se tornou eficaz, pois Isabel ficou envolvida no Espírito Santo, de tal forma que, a saudação de Maria se tornou uma fonte de graças. A alegria que Maria transmitiu à sua prima levou a que Isabel, ficando «cheia

¹⁸⁶ Orígenes, *Comentário ao Evangelho de São João*, VI, 49, PG 14, 285.

¹⁸⁷ Pseudo-Gregório Taumaturgo, *Homília II na Anunciação*, PG 10, 1156 B.

do Espírito Santo», aclamasse a bem-aventurança da Virgem, reconhecendo-a como Mãe do Salvador prometido. Pela ação de Maria, foi permitido à humanidade alcançar o céu e, deste modo, ultrapassar a dor da condenação, que por Eva nos tinha vindo.

Também Tito de Bostra (?-378) nos fala deste episódio, relacionando as repostas das duas mulheres: a Virgem e a estéril. Para este Padre da Igreja, as duas mulheres, sentindo-se «cheias do Espírito Santo», têm de anunciar e glorificar as maravilhas que Deus nelas operou. Porque sentem que o Espírito Santo agiu em ambas, não podem ficar caladas. Consideremos as palavras deste autor:

A Virgem, ouvindo-se constantemente chamar-se Mãe de Deus, não tem dúvidas, mas espera o cumprimento do que lhe foi anunciado pelo Anjo e por Isabel. Ela não pode, porém, calar-se; ao contrário, com as palavras que pronuncia, oferece uma antecipação e uma primícia do Espírito Santo que desceu sobre ela. Porque o Espírito agiu ao mesmo tempo e no mesmo lugar nas duas mulheres, isto é, tanto na estéril como na virgem. A estéril, por ter concebido o Precursor, assume a liderança e proclama a Bem-aventurada Mãe de Deus; a Virgem, por outro lado, está atrás dela, porque ela concebeu aquele que é anunciado.¹⁸⁸

Para este autor, o facto de Isabel ter saudado Maria como «Mãe do meu Senhor», levou a que Maria aclamasse as maravilhas que o Senhor fez nela e entoasse o *Magnificat*, como veremos a seguir. Curioso o facto de que, este autor nos chama à atenção: a mãe do precursor, João Batista, é a primeira a reconhecer a presença de Cristo no seio da Virgem, tal como o filho fará mais tarde. Maria responde depois, porque concebeu Aquele que será, posteriormente, anunciado por João, o precursor.

Santo Ambrósio de Milão (340-397) partilha deste mesmo pensamento de Tito de Bostra, e considera que Isabel, mãe do precursor, anuncia primeiro, sentindo o impulso de seu filho, ao passo que Maria anuncia em segundo plano, pois traz em seu seio Aquele que foi anunciado. Porém, este Doutor da Igreja foca-se no paralelismo entre os anúncios de Isabel, tendo por referência a João, e o anúncio de Maria referente a Jesus, isto é, o paralelismo entre os anúncios das duas mulheres, fazendo referência em ambas aos filhos. Consideremos as suas palavras:

Observemos a diferença e propriedade de cada palavra: Isabel foi a primeira a ouvir a voz, mas João foi o primeiro a experimentar a graça, a primeira ouviu na ordem da natureza, a segunda [Maria] exultou com o mistério, a primeira advertiu sobre a vinda de

¹⁸⁸ Tito de Bostra, *Comentário a São Lucas*, CMP II, 827.

Maria, a segunda, quando o Senhor veio, a mulher avisou a outra mulher; [...] A primeira fala palavras de graça, na segunda, é exercida enquanto permanece oculto [Jesus no seio de Maria]; tanto João como Jesus, iniciam o mistério da piedade fazendo com que suas mães lucrem com isso, enquanto estas, com um duplo prodígio, profetizam no espírito de seus filhos. A criança exultou e a mãe ficou cheia do Espírito; nem a mãe foi cheia antes do filho, mas, sendo o filho cheio do Espírito Santo, ele também encheu a mãe. João se alegrou, o espírito de Maria também se alegrou.¹⁸⁹

Para este Doutor da Igreja, Isabel ouviu primeiro a palavra de Maria, que dizia que o Senhor estava com ela, e João foi o primeiro a experimentar a graça de reconhecer o próprio Deus, tendo-O experienciado logo no seio de sua mãe. Isabel, por sua vez, ouviu as palavras de Maria na ordem da natureza enquanto Maria as ouviu na ordem do mistério que ainda não entendera bem. Ambas as mulheres experimentaram a graça. Isabel, por ser estéril e conceber, aclama as maravilhas de Deus, aclamando a Virgem de Nazaré. Maria experimenta a graça, enquanto esta se mantém oculta no seu seio. Tanto pela ação do precursor, como pela ação do Anunciado, ocorre um efeito profético nas mães de ambos.

Isabel aparece algumas vezes com a atribuição, por parte dos Padres da Igreja, de profetisa e também de precursora, à semelhança do seu filho, por ter anunciado que Maria estava grávida, sem esta ter narrado o encontro com o Anjo. Um exemplo dessa interpretação é um escrito de Santo Antípatro de Bostra (?- 451), que nos afirma:

Considerai o que proclama a mãe de João, cheia do Espírito Santo: "A que devo eu que a Mãe do meu Senhor venha a mim?" (Lc 1, 43). Ela vê uma virgem, e chama-a de mãe, antecipando os acontecimentos com as suas palavras proféticas. Aquela que ainda não era chamada de mãe, porque havia concebido recentemente, é chamada de mãe, mesmo que virgem. A estéril tornou-se assim a precursora da Virgem, como João foi o precursor do Salvador.¹⁹⁰

É curiosa a interpretação deste autor, que nos apresenta Isabel como a precursora de Maria. Assim como João Batista foi o precursor de Jesus, assim Isabel anunciou a Maria que ela ia ser Mãe do Messias esperado.

Quem melhor explica este episódio é São Beda Venerável (673-735), que aludindo a todas as intervenções ocorridas em casa de Isabel, nos diz:

¹⁸⁹ Ambrósio de Milão, *Exposição sobre o Evangelho Segundo São Lucas*, 2, 23, PL 15, 1560.

¹⁹⁰ Antípatro de Bostra, *Homília sobre a Mãe de Deus*, PG 85, 1785.

[Maria] entra, portanto, na casa de Zacarias e saúda Isabel, de quem já sabia que ia dar à luz o servo e precursor do Senhor: não por duvidar da revelação recebida do Anjo, mas pelo dom recebido por Isabel, que também é serva [do Senhor]. Dirigiu-se a casa de Isabel, não para encontrar a confirmação das palavras do Anjo com o testemunho do familiar, mas, como uma jovem virgem, colocar-se atentamente ao serviço de uma mulher já avançada em idade. [...] Assim que Maria abriu a boca para saudar, imediatamente «Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em voz alta». (Lc 1, 42) E bem alta, porque ela havia conhecido os grandes dons de Deus, bem alta, porque agora ela sentia fisicamente presente aquele que ela sabia estar presente em todos os lugares. No entanto, com a expressão: alta, devemos significar não tanto uma voz barulhenta, mas cheia de devoção. De facto, aquela que estava cheia do ardor do Espírito Santo não podia louvar o Senhor em voz baixa. [...] Exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre! (Lc 1, 42). Não apenas abençoada entre as mulheres, mas dada uma bênção especial e maior, entre as mulheres abençoadas. [...] De facto, é incomparavelmente abençoada aquela que não apenas recebeu a glória do rebento divino, mas também guardou a coroa da integridade. [...] Bendito é o fruto do vosso ventre, porque por meio dele recebemos a semente e o fruto tanto da incorruptibilidade como da herança celestial que havíamos perdido em Adão. [...] Isabel, portanto, assim que viu aquela que tinha vindo a ela, imediatamente a reconheceu como a Mãe do Senhor. Mas, como ela não descobriu nada em si mesma que a tornasse digna da honra de receber tão excelente visitante, ela exclamou: Por que deveria ter vindo a mim a Mãe do meu Senhor? (Lc 1, 43) Ela certamente se expressou assim porque o Espírito que lhe deu o dom da profecia também lhe deu o dom da humildade. Com efeito, embora cheia de espírito profético compreendeu que quem a visitava era a Mãe do Salvador, ao contrário, na humildade de seu espírito compreendeu que não era digna daquela chegada. [...].¹⁹¹

Para este Santo, Maria foi a casa de Isabel, não para comprovar o que Anjo lhe tinha dito, mas, por um lado, para anunciar a Isabel as maravilhas que Deus havia feito nela e, por outro lado, porque a sua prima, sendo já de idade avançada, precisaria de ajuda para preparar o nascimento de João. Quando chegou a casa de Isabel, esta saudou-a erguendo a voz. Isabel ergueu a voz em sinal de devoção para cantar louvores a Deus e por se sentir na presença do Senhor. De facto, aqueles que estão na presença do Espírito Santo não podem anunciar a presença de Deus em surdina, mas em tom de voz audível.

¹⁹¹ Beda, *Homílias sobre os Evangelhos*, 1,4, CCL 122, 22-23.

Continua este Santo que Isabel abençoa Maria e abençoa também o menino que está no seu seio. Isabel bendiz a Deus, abençoando Maria, porque reconhece um sinal admirável: uma virgem vai ser mãe. Isabel reconhece que este sinal só pode vir de Deus e encontra em Maria a Mãe do seu Senhor, isto é, aquela que irá trazer Deus à terra. Sentindo-se indigna de tal presença e envolvida pelo espírito de humildade aclama Maria como a feliz, porque acreditou.

São Bernardo de Claraval comentou também este episódio da visitação de Maria a Isabel, focando-se em Maria como bem-aventurada, porque acreditou no que o Anjo lhe disse e, deste modo, pôs-se a caminho para ajudar Isabel. Para este Santo, foi a fé de Maria que a pôs a caminho e a levou a ser saudada e aclamada por Isabel. Consideramos as suas palavras:

 Maria corre em socorro de Isabel, e o Espírito revela a esta a glória incomparável da Virgem [...] Não vamos acreditar, meus irmãos, que Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, se tenha enganado, Maria é bem-aventurada não só porque Deus olhou para ela, mas também porque ela acreditou, porque a sua fé é o belo fruto desta benevolência divina.¹⁹²

Para o Doutor melífluo, a fé de Maria, fruto da benevolência divina, é o que a faz ser considerada a bem-aventurada, isto é, feliz. Isabel usa estas palavras para cantar a graça que a Mãe de Deus recebeu. Este mesmo Santo, num outro sermão, nos diz:

Bendita és tu entre as mulheres. E ocorre-me acrescentar agora a saudação de Isabel, a quem são atribuídas estas palavras: *E bendito é o fruto do teu ventre.* Não é porque tu és bendita, que o fruto do teu ventre é abençoado. Mas porque Ele deu um passo à frente para bendizer-te com sucesso, é por isso que tu és bendita. Verdadeiramente o fruto do teu ventre é bendito naquele por quem todas as nações são abençoadas, de cuja plenitude recebeste como todas as outras, embora de uma maneira muito diferente. É precisamente por isso que tu és bendita, mas entre todas as mulheres. Ele, por outro lado, é bendito porque Ele é soberano, Deus, bendito para sempre.¹⁹³

Para São Bernardo, a aclamação que Isabel faz a Maria, «bendita és tu entre as mulheres», aplica-se a Maria, pois esta recebeu o dom do Filho de Deus. De facto, porque Maria acolheu o anúncio do Anjo e, deste modo, se tornou Mãe de Jesus, foi digna de ser chamada bendita. Maria é bendita porque acolheu Aquele que é verdadeiramente bendito, o próprio Deus, gerou-O e anunciou-O. Maria torna-se bendita entre todas as mulheres, porque foi

¹⁹² Bernardo de Claraval, *Sermão do domingo dentro da oitava da Assunção*, 12-13, in *Obras completas de São Bernardo- IV- Sermões Litúrgicos-2º*, pp.411-413.

¹⁹³ Bernardo de Claraval, *Homília III Em louvor da Virgem Mãe*, 5, in *Obras Completas de São Bernardo-II-Tratados 2º*, ed. Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences; trad. Iñaki Aranguren, vol. II (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984), p. 645.

verdadeiramente abençoada com a presença do Senhor em si mesma. Bernardo esclarece perfeitamente que é porque Maria recebeu em si Jesus, que se tornou verdadeiramente bendita e abençoada. Não é porque Maria se tornou bendita, que o fruto do seu ventre é abençoado, antes pelo contrário, porque Maria, entregando-se à vontade do Anjo, acolhe no seu seio o próprio Deus, torna-se verdadeiramente bendita.

Maria, foi, portanto, abençoada pela presença de Deus no seu seio. Uma vez que Maria tinha em si o próprio Deus, tornou-se «participante de perpétua bênção: digna de por Isabel movida pelo Espírito de Deus ser dita: “Bendita és entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre”» (ID 26). Maria, que foi encontrada «cheia de graça» pelo Anjo, com a sua resposta, foi digna de ser saudada pelo Espírito de Deus por meio de Isabel como abençoada entre todas as mulheres.

Maria, porque acreditou nas palavras do Anjo, pôs-se a caminho para ir ter com Isabel, acreditando no cumprimento das palavras anunciadas, pondo-se em movimento para ir auxiliar Isabel. A fé de Maria, tendo sido fortalecida pelo anúncio do Anjo, impeliu-a ao auxílio da sua parente. Maria ficou tão cheia do Espírito Santo que «tendo partido solícitamente para visitar Isabel, foi por ela chamada bem-aventurada, por causa da fé com que acreditara na salvação prometida, e o precursor exultou no seio de sua mãe (Lc 1, 41-45)» (LG 57). Maria acreditou na promessa de salvação anunciada pelo Anjo e, por isso, tornou-se digna de ser considerada bendita pela sua prima Isabel. A presença do Espírito Santo, em Maria, fez com que, à sua chegada junto de Isabel, o menino exultasse de alegria no seu seio.

São João Paulo II explica-nos, de forma brilhante, na sua encíclica *Redemptoris Mater*, este episódio da visita de Maria a Isabel. Consideremos as palavras deste Papa:

Maria dirige-se, pois, impelida pela caridade, a casa da sua parente. Quando aí entrou, Isabel, ao responder à sua saudação, tendo sentido o menino estremecer de alegria no próprio seio, «cheia do Espírito Santo», saúda por sua vez Maria em alta voz: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre» (cf. Lc 1, 40-42). [...] São ainda mais significativas as palavras de Isabel, na pergunta que se segue: «E donde me é dada a dita que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43). Isabel dá testemunho acerca de Maria: reconhece e proclama que diante de si está a Mãe do Senhor, a Mãe do Messias. Neste testemunho participa também o filho que Isabel traz no seio: «estremeceu de alegria o menino no meu seio» (Lc 1, 44). [...] Todas as palavras, nesta saudação de Isabel, são densas de significado; no entanto, parece ser algo de importância fundamental o que ela diz no final: «Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram

ditas da parte do Senhor» (Lc 1, 45). Estas palavras podem ser postas ao lado do apelativo «cheia de graça» da saudação do Anjo. Em ambos os textos, se revela um conteúdo mariológico essencial, isto é, a verdade acerca de Maria, cuja presença se tornou real no mistério de Cristo, precisamente porque ela «acreditou». A plenitude de graça, anunciada pelo Anjo, significa o dom de Deus mesmo; a fé de Maria, proclamada por Isabel aquando da Visitação, mostra como a Virgem de Nazaré tinha correspondido a este dom [RM 12].¹⁹⁴

Segundo o Papa São João Paulo II, o impulso da caridade para com a sua prima, que já era de idade avançada, levou Maria a sair da sua casa para ir ao encontro de Isabel. Ao chegar junto da prima, a presença do Espírito Santo era tão forte, que fez João estremecer no seio de Isabel. Logo esta reconheceu estar dentro de uma presença maior que a sua familiar, pelo que decide louvar Maria, com uma bênção. Esta oração distingue Maria do resto das mulheres, pois pelo facto de a Virgem trazer em seu seio o Filho de Deus, isto é, o próprio Deus, Maria é destacada de todas as mulheres. Maria torna-se especial. Tão especial, que a prima a reconhece como «Mãe do Senhor». Sem Maria o proclamar, Isabel anuncia-a como Mãe de Deus.

É ainda de especial relevo a comparação que o Papa faz entre a proclamação da beatitude de Maria por parte de Isabel e a saudação do Anjo. Nesta comparação, pode-se constatar que Maria é feliz por ter acreditado que é cheia de graça. Porque Maria acreditou na graça de Deus, recebeu o próprio Deus no seu seio. Porque Maria acreditou, correspondeu, generosamente, ao dom dado por Deus.

Também no *Catecismo da Igreja Católica*, se fala deste episódio. Neste documento, manifesta-se o exemplo da fé de Maria, por meio da qual foi possível que Deus estivesse na terra. E porque «a Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a “obediência da fé”» (CCE 148), torna-se para todos nós um exemplo de fé e confiança no poder de Deus. Pela fé mostrada ao Anjo, Maria tornou-se espelho da graça de Deus para nós. Porém, a nossa fé manifesta-se pelas obras e assim Maria acolheu o impulso da caridade, que lhe veio pela missão de ser Mãe de Deus, que recebeu e que teve de «partir apressadamente» para poder auxiliar Isabel. Maria, levando Deus dentro de si, vai ajudar a sua familiar que, por ser estéril e de idade avançada, muito estaria necessitada de auxílio. «A “visitação” de Maria a Isabel tornou-se, assim, “visita de Deus ao seu povo”» (CCE 717).

A fé de Maria permitiu que o projeto de Deus se realizasse. A fé pôs Maria em movimento até Isabel e trouxe a novidade da salvação. De facto, Maria é «a primeira figura da fé em

¹⁹⁴ Ioannes Paulus PP. II, «Litterae Encyclicae Redemptoris Mater», *AAS* 79 (1987): 361–433. De futuro, para nos dirigirmos a este documento usaremos a designação «RM».

Cristo».¹⁹⁵ Como figura da fé, Maria transmite a alegria a Isabel e leva-lhe a presença do Espírito Santo.

A ação de Maria, de se pôr a caminho para ajudar Isabel, pode ser entendida como uma resposta de fé à graça, em que Maria, tendo recebido a alegria e o dom do Espírito Santo, tem de os transmitir a Isabel, para partilhar com ela a efusão do Espírito Santo.¹⁹⁶

Pela ação de Maria de pôr-se a caminho para ir ter com Isabel, vemos já a ação divina da Encarnação. Na Encarnação, Deus visita o Seu povo. Em Maria, do mesmo modo, Deus visita Isabel, pois no seio de Maria vai já o próprio Deus.¹⁹⁷ Isabel reconhece a presença de Deus em Maria, reconhece nela os sinais porque esperava. De facto:

A primeira coisa que Isabel reconhece é o que Deus fez em Maria. [...] Fundamental e decisiva é sempre a ação de Deus. Só podemos valorizar e venerar Maria com justiça se, longe de considerá-la por si mesma, a considerarmos a partir de sua relação com Deus. [...] Isabel reconhece o seu Senhor no filho de Maria. Ela não sabe explicar como é que a Mãe de seu Senhor vai até ela. Ele compreende e reconhece a dignidade de Maria e sabe que não está ao nível dela. Porém, recebe a visita de Maria e participa da alegria da vinda do Senhor.¹⁹⁸

Isabel reconhece em Maria a presença de Deus, contemplando na prima as maravilhas que Deus operou. Isabel exulta de alegria, porque se encontra na presença do próprio Deus, que se encontra no seio de Maria. Para Isabel, é difícil entender como se tornou digna de estar na presença do Senhor, no seio de Maria. Apesar disso, reconhece a presença divina e identifica também em Maria os sinais da Filha de Sião, que, pelas profecias judaicas seria a Mãe do Messias esperado. Isabel esperava a vinda do Messias, o Eterno esperado por Israel, e encontra-O em Maria. A este propósito escreve Teodoro de Faria:

Isabel estava grávida de dois mil anos de espera, Maria traz no seu seio o Eterno esperado por Israel, no encontro das duas mulheres abraçam-se a Antiga e a Nova Aliança, a promessa e o seu cumprimento. O encontro é fruto do ato de fé de Maria; ela percorre a estrada que de Nazaré a leva à montanha da Judeia para reconhecer em Isabel o sinal dado por Aquele a quem nada é impossível. [...] Maria representa o Novo Testamento, vai ao

¹⁹⁵ Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos Santos- I- na história e na escritura*, trad. Maria Delfina Chorão de Aguiar (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998), p. 91.

¹⁹⁶ Cfr. Group des Dombes, p.95.

¹⁹⁷ Cfr. Teodoro de Faria, *Maria, Mãe de Jesus* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2011), p. 92.

¹⁹⁸ Stock, «María, la Madre del Señor, en el Nuevo Testamento», pp.140-141.

encontro do Antigo, representado em Isabel. Através de sua prima, Maria reconhece o sinal que lhe dera o Arcanjo Gabriel.¹⁹⁹

Na Visitação, dá-se o encontro entre as duas Alianças formadas por Deus com a Humanidade. É curioso que este encontro já não se dá no templo, mas na casa de Isabel. Por esta ação de Maria, consideramos que Deus vem ao nosso encontro no sítio em que nos encontramos ou na necessidade em que d'Ele necessitamos, não estando pendente que nos dirijamos ao templo, para que Deus nos encontre. Pela reação de Isabel, Maria recebe a confirmação do anúncio do Anjo, pois:

Pela palavra profética de Isabel, [Maria] tem a confirmação da palavra do Anjo; experimenta, pois, a recompensa da fé. E mais, fica a saber que Deus, no anterior momento da anunciação, fez do seu *fiat* humano uma palavra performativa, cujo efeito é semelhante ao da palavra divina: «faça-se, e foi feito».²⁰⁰

Maria recebe a confirmação do anúncio do Anjo pelas palavras de Isabel, isto é, pela revelação de Isabel. Maria confirma o que o Anjo lhe havia dito. Pelas palavras de Isabel, Maria confirma também que a sua resposta ao Anjo se tornou geradora, ou seja, criou uma realidade nova. Este dom da fé foi também importante para Isabel, pois foi pela fé que reconheceu em Maria os sinais que as profecias haviam anunciado. Podemos afirmar que «sem a fé não reconhecemos as visitas que o Senhor nos faz durante a vida, passam despercebidas».²⁰¹

Maria acolhe, portanto, o dom de Deus, e Isabel acolhe o dom de Deus que a visita por meio de Maria. Porque Maria acolheu o projeto de Deus e, movida pela fé, foi até Isabel, podemos afirmar que Maria se tornou participante no projeto de salvação de Deus, de tal forma que «Maria e o projeto de salvação divina vão de mão dada, exigindo-se um ao outro».²⁰² Maria cumpre o plano de Deus e põe-se a caminho para ir ter com Isabel.

Podemos afirmar que São Lucas, ao descrever este episódio, resgatou Maria da pluralidade, isto é, do lugar-comum de todas as mulheres e faz caminhar a Virgem até Isabel, como os discípulos que seguiram Jesus e depois foram enviados a anunciar o Evangelho.²⁰³

¹⁹⁹ Faria, *Maria, Mãe de Jesus*, pp. 92-93.

²⁰⁰ Matos, *Ave Maria, a Bendita-Uma fresta aberta ao ecumenismo*, p.36.

²⁰¹ Faria, *Maria, Mãe de Jesus*, p.94.

²⁰² Demetria Ruiz López, *El Magnificat, un canto para el tercer milenio* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000), p. 19.

²⁰³Cfr. López, p.24.

Este é um aspeto deveras interessante: aquela que acolheu o anúncio do Anjo, respondendo assertivamente, tornou-se anunciadora e discípula do Senhor que trazia no próprio seio. Maria tornou-se discípula, porque aceitou os ensinamentos que o Anjo lhe trouxe e, decidindo submeter-se à vontade divina, passou a ser, ao mesmo tempo, a portadora de Deus. Tornou-se seguidora, porque primeiro foi acolhedora da mensagem celeste. Na decisão de Maria, encontramos traços de um verdadeiro discípulo, que segue o seu mestre.²⁰⁴

Porque Maria, depois do anúncio do Anjo, decidiu anunciar a Isabel o que lhe tinha acontecido, tornou-se discípula do anúncio. «A palavra de Deus fez com que ela saísse de si mesma e se esquecesse dos seus problemas, para poder pensar nos problemas de Isabel»,²⁰⁵ de tal forma Maria se pôs ao caminho, percorrendo uma longa distância para anunciar a Isabel as boas novas da salvação, mas principalmente para atender às necessidades da sua prima de idade avançada.

O anúncio que Maria acolheu impeliu para a missão e como Maria se havia tornado no lugar que Deus habita, onde ela vá o Senhor vai com ela. Deste modo, Maria é discípula do Filho que tem no seio. Maria acreditou de tal modo nas palavras do Anjo que:

Torna-se o lugar onde habita Deus, porque é Deus Filho, quem agora vive dentro de si, e o primeiro lugar onde vem habitar são as entranhas de Maria, assim, cada passo que Maria dá, é o Senhor quem vai com ela e a acompanha. É igual aos discípulos enviados a anunciar o Evangelho a todos, e lhes promete estar com eles até ao fim dos tempos, sendo que é Maria a primeira a levar Jesus aos demais (Isabel) e que é Ele que é a sua companhia.²⁰⁶

Maria já era morada de Deus, pois a Palavra divina já tinha lugar na sua vida. Porém, depois da resposta dada na Anunciação, Maria torna-se morada efetiva de Deus e como recebe o anúncio e se torna anunciadora, vem a ser o modelo do discípulo e da missão, ou seja, discípula missionária de Jesus.²⁰⁷

Porque Maria já era serva da Palavra e a sua fé muito tem a ver com esta,²⁰⁸ tornou-se anunciadora, isto é, foi visitar Isabel. Ao chegar a casa de Isabel, é acolhida com a primeira

²⁰⁴ Cfr. López, p.25.

²⁰⁵ Carlos Mesters, *Maria, a mãe de Jesus* (Petrópolis: Editora Vozes, 1978), p.30.

²⁰⁶ Jose Luis Betín Benítez, Jose Luis Valera Villar, e Luz Edith Rodriguez Valencia, «Maria Primera Discipula y Misionera del Señor “Maria se puso en Camino” (Lc 1, 39)» (Bogotá, Pontificia Universidad Javeriana, 2019), consultado em: <http://hdl.handle.net/10554/45199>, pp.43-44. Acedido a 9 de maio de 2023.

²⁰⁷ Cfr. Benítez, Villar, e Valencia, p.49.

²⁰⁸ Cfr. José García de Paredes, *Mariologia* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995), p.93.

bem-aventurança do Evangelho. Aquela que era serva da Palavra e dela se torna mensageira é acolhida com palavras novas, mas cheias de grande significado. Ao chegar junto de Isabel, Maria é saudada com um cântico novo, com títulos novos. Isso mesmo nos afirma Giovanni Bigotto:

Isabel dirige a Maria o primeiro cântico do Evangelho, ela é bendita, é mãe do Senhor. [...] Em Maria repousa a primeira bênção dos Evangelhos. Isabel dá a Maria o maior título possível de se lhe atribuir, porque Isabel confere ao Menino o maior título que lhe pertence: Senhor; aliás, com a afeição e com a fé, contidas no possessivo, ela diz o meu Senhor. Maria é a Mãe do meu Senhor. Este título dado ao Menino confirma a Sua divindade; [...] Depois, o cântico desenvolve-se na contemplação da primeira bem-aventurança dos Evangelhos: «Feliz de ti que acreditaste». Esta bem-aventurança da fé é a base de todas as outras.²⁰⁹

Maria recebe, portanto, de Isabel, o primeiro cântico, a primeira bem-aventurança e a primeira bênção contida nos textos sagrados do Novo Testamento. Como tem no seu seio Jesus, podemos afirmar também que Isabel protagoniza também a primeira Adoração Eucarística da História. Isabel atribui um título grandioso a Jesus e, por consequência, a Maria. Está aqui já presente a fé na divindade de Jesus. De destacar ainda a expressão de bênção que Isabel usa: «bendita és tu entre as mulheres». Aqui está, mais uma vez, a anuir que o que se passou em Maria foi único. Isabel serve-se da «bênção [que] no sentido próprio do termo, é obra exclusiva de Deus e significa dar, manter, tornar a vida próspera e trazê-la à sua plenitude».²¹⁰

Com esta bênção com que saúda Maria, Isabel torna-se serva de Maria, pois reconhece-a como «Mãe do meu Senhor» e proclama «bendita entre as mulheres», pela sua fé nas profecias da vinda do Messias, que vê concretizadas em Maria e no fruto do seu ventre.²¹¹

Quem nos explica de forma notável o sentido desta bênção dada por Isabel a Maria é Manuel Matos:

Que a Virgem Maria seja proclamada bendita entre as mulheres, poderá entender-se especialmente em dois sentidos: o primeiro, em sentido «universal»: entre todas as mulheres da terra; em segundo lugar, em sentido «típico»: bendita entre as mulheres benditas, quer dizer, as mulheres especialmente abençoadas por Deus. [...] Maria é, em

²⁰⁹ Bigotto, *Maria dos Evangelhos*, pp. 19-21.

²¹⁰ Stock, «*Maria, la Madre del Señor, en el Nuevo Testamento*», p. 141.

²¹¹ Cfr. Paredes, *Mariologia*, pp.91-92.

absoluto, a mulher bendita. Ela é a bendita por antonomásia, quer por Deus (visto ser a única "cheia de graça"), quer pelos homens de todas as gerações.²¹²

Maria é a Mulher bendita porque é a cheia de graça e, por este motivo, sendo ela a mais excelsa das mulheres, é bendita não só por Isabel, mas principalmente por Deus, e pelos Homens.

Pelo Espírito Santo, Isabel compreende que Maria é aquela que se torna a «Mãe do Salvador» e porque ambas estão cheias do Espírito Santo, ambas louvam a Deus cantando. Esta efusão do Espírito Santo pode ser entendida como o primeiro Pentecostes. Esta leitura é feita por Jean Guitton:

Isabel saúda Maria numa visão antecipada, num transporte de louvores e palavras. Nesta cena da visitação, as personagens são erguidas acima da terra e como que levadas para fora de si mesmas. [...] Isabel saúda Maria: é a mãe daquele que é já o seu Senhor. E o Senhor, presente já em Maria, atua desde esse momento: o menino, que Isabel traz em si, estremece com a sua presença. Jesus intervém já para dar o Espírito e terá Maria como instrumento: primeira figura do Pentecostes.²¹³

Para este autor, a saudação de Isabel, que se apresenta como uma antecipação dos acontecimentos futuros, deve-se à presença de Jesus no seio de Maria, pois é Ele que dá o Espírito Santo e que leva Isabel a antecipar os acontecimentos futuros.

Teodoro de Faria também interpreta a Visitação como primeiro Pentecostes. Escreve:

Os dois meninos reconhecem-se antes das mães, João alegra-se e estremece, Isabel iluminada pelo Espírito Santo, profetiza exclamando em alta voz:-o Filho de Maria é o Messias Salvador. [...] O encontro das duas mães antecipa o Pentecostes, é o mesmo Espírito que enche os Apóstolos de alegria e leva-os a proclamar aos peregrinos da cidade Santa que o crucificado do Gólgota é o Deus Salvador.²¹⁴

Isabel, iluminada pelo Espírito Santo, exclama que Maria é a Mãe do Senhor e, neste encontro, antecipam-se os efeitos do Pentecostes, que levaram os discípulos a anunciar o nome de Jesus Ressuscitado. Na Visitação, isto também acontece, Maria, a cheia de graça, dirige-se a Isabel e, quando juntas, sentem a presença do Espírito Santo, que as leva a anunciar as maravilhas de Deus. Maria, contando o que lhe aconteceu e Isabel reconhecendo a presença de

²¹² Matos, *Ave Maria, a Bendita-Uma fresta aberta ao ecumenismo*, pp.38-39.

²¹³ Jean Guitton, *A Virgem Maria Nossa Senhora-Bendita entre as mulheres*, trad. Cruz Pontes (Porto: Livraria Tavares Martins, 1959), pp.72-73.

²¹⁴ Faria, *Maria, Mãe de Jesus*, p.93.

Deus. A presença do Espírito Santo levou ambas as mulheres a cantarem um cântico: Isabel a louvar a atuação de Maria e Maria, porque era humilde, a louvar o Senhor pelas maravilhas que nela realizou, com o canto do *Magnificat*.

A propósito deste cântico que Maria canta ao Senhor, depois de ouvir o cântico de Isabel, constatamos que este cântico começa precisamente por glorificar a Deus por todas as maravilhas que operou em Maria e esta canta precisamente os dons que recebeu. Isto nos afirma precisamente São Beda Venerável (673-735) que nos diz:

Com estas palavras Maria reconhece, em primeiro lugar, os dons singulares que Lhe foram concedidos e enumera depois os benefícios universais com que Deus favorece continuamente o gênero humano. Glorifica o Senhor a alma daquele que consagra todos os sentimentos da sua vida interior ao louvor e serviço de Deus.²¹⁵

Pelas palavras deste Santo, podemos constatar precisamente que Maria canta este cântico para louvar a Deus pelos dons que Lhe foram atribuídos. Quando Maria se percebe bem-aventurada, assim Isabel a aclama e decide cantar louvores ao Senhor. Porque Maria reconhece as maravilhas que Deus operou em si, decide cantar a misericórdia de Deus. Isso mesmo nos afirma Roberval Silva:

Maria reconhece a graça infinita de Deus com a sua vida quando se percebe, a partir deste encontro com a misericórdia de Deus, «bem-aventurada», uma mulher cheia de graça, cheia de abertura ao poder maravilhoso deste Deus atuando na sua vida.[...] Maria canta o rosto misericordioso e compassivo de Deus como autoridade e poder para mudar a lógica perversa da indiferença e opressão causada pela ganância e arrogância humanas, inclusive uma arrogância espiritual de autossuficiência, por uma lógica da compaixão onde serão bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.²¹⁶

Maria, ao ser cantada por Isabel como bem-aventurada, reconhece a misericórdia que Deus teve e decide aclamar o Senhor, cantando um cântico. Neste cântico, que é um hino de louvor e, ao mesmo tempo, de ação de graças a Deus, são abundantes as referências ao Antigo Testamento, em que, pela voz de Maria, são recordados alguns dos feitos admiráveis do Senhor.²¹⁷

²¹⁵ Beda, *Homilias sobre os Evangelhos*, 4, CCL 122, 25.

²¹⁶ Roberval Rubens Silva, «A espiritualidade do cântico Magnificat de Maria como um novo rosto possível para a Igreja Cristã nos dias atuais», *II Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral: A sinodalidade no processo pastoral da Igreja no Brasil*, *Annales FAJE*, 7, n.º 2 (2022), pp.128-129. Disponível em <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/5192>, acessado em 13 de fevereiro de 2023.

²¹⁷ Cfr. Ravasi, *Le sette parole di Maria*, p.63.

Através deste cântico, Maria mostra mais uma vez a sua humildade e, sobretudo, a sua gratidão a Deus por realizar em si tantas maravilhas. De facto, «a alma de Maria, a mais humilde de todas as criaturas, sente-se cheia de alegria e de gratidão ao reconhecer e ver reconhecidos os favores com que Deus a tinha cumulado».²¹⁸ O louvor que Maria canta vai de acordo à resposta que Maria tinha dado ao Anjo, isto é, Maria respondeu ao Anjo que se fizesse segundo a vontade do Senhor e, ao ver a que a sua palavra produziu efeito, Maria só podia louvar o Senhor pelas maravilhas realizadas.²¹⁹

Maria cantou os louvores do Senhor, as maravilhas que Deus fez nela e, ao fazer isso, como Mãe, ensinou-nos a forma como devemos agir perante Deus, louvar o Senhor e cantar as Suas maravilhas. Por esta ação de Maria, «o *Magnificat* torna-se assim um apelo para os crentes para que tomem consciência da graça que lhes foi concedida e a testemunhem abençoando a misericórdia do Senhor».²²⁰

Neste cântico, Maria, ao engrandecer o Senhor, mostra-nos também o sue programa de vida, um programa onde a oração está ligada à caridade. Isso mesmo nos afirma Bento XVI:

«A minha alma engrandece o Senhor» (*Lc* 1, 46), disse Ela por ocasião de tal visita, exprimindo assim todo o programa da sua vida: não colocar-Se a Si mesma ao centro, mas dar espaço ao Deus que encontra tanto na oração como no serviço ao próximo — só então o mundo se torna bom. Maria é grande, precisamente porque não quer fazer-Se grande a Si mesma, mas engrandecer a Deus. Ela é humilde: não deseja ser mais nada senão a serva do Senhor (cf. *Lc* 1, 38.48). Sabe que contribui para a salvação do mundo, não realizando uma sua obra, mas apenas colocando-Se totalmente à disposição das iniciativas de Deus.²²¹ (DCE 41)

Ao aclamar o Senhor, Maria mostra-nos a importância da fé, da esperança e da caridade e, deste modo, deixa-nos o exemplo para também nós louvarmos o Senhor.

É curioso que na Liturgia, na solenidade da Assunção da Virgem Maria ao Céu, este trecho do Evangelho é proclamado nas assembleias litúrgicas.²²² É quase como se a Virgem nos dissesse que o cântico que ela cantou perante Isabel ainda hoje o canta, mesmo depois de assunta ao céu. Deste modo, podemos ver no *Magnificat* um cântico que, quando o entoamos, nos

²¹⁸ Maria Fernanda Barroca, *As sete palavras de Maria* (Lisboa: Diel, 1997), p.31.

²¹⁹ Cfr. López, *El Magnificat, un canto para el tercer milenio*, p.48.

²²⁰ Jacques Dupont, «Le Magnificat comme discours sur Dieu», *Nouvelle Revue Théologique* 102, n.º 3 (1980), p.322.

²²¹ Benedictus PP. XVI, «Litterae Encyclicae Deus Caritas Est», *AAS* 98 (2006): 217–52. De futuro, para indicarmos o recurso a este documento, usaremos a designação DCE.

²²² Cfr. Ravasi, *Le sette parole di Maria*, p.62. / Lecionário Santoral, pp.256-257.

estamos a associar à Virgem, estamos a cantar com ela e a seguir o exemplo que Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, nos deixou.

Na Liturgia da Igreja, este episódio é relevante, nomeadamente o *Magnificat*, que é todos os dias meditado por aqueles que rezam o ofício de Vésperas da Liturgia das Horas.

Também no *hino Akathistos*, se aclama Maria partindo deste episódio da Visitação de Nossa Senhora a Isabel.²²³ Na devoção popular, este episódio também aparece como importante, pois, na oração da *Ave-Maria*, as palavras de Isabel constituem a segunda parte desta oração, sendo a primeira a saudação do Anjo, como já vimos atrás. O facto destes dois episódios estarem compilados nesta oração, que o povo de Deus usa para saudar a Virgem, mostra-nos a importância e o destaque que estes dois episódios tem na vida dos cristãos.

Na arte, o episódio da Visitação, tem o seu realce. São inúmeros os artistas que representaram esta cena do Evangelho. É precisamente uma dessas representações que escolhemos para ilustrar esta secção do trabalho.

Na imagem que a seguir se apresenta (figura 11), contemplamos, num painel de azulejos (azulejaria tradicional portuguesa), a visita de Nossa Senhora a Isabel. Na figura, Maria apresenta-se a abraçar Isabel em gesto de saudação. Constatamos que Isabel tem o joelho esquerdo dobrado, apresentando-se em posição de semi-adoração. Atrás destas duas figuras centrais, apresenta-se Zacarias e outros homens. Esta cena apresenta o templo como pano de fundo, do qual se identificam as fortes colunas. Em baixo da cena, dentro de um floreado apresenta-se a inscrição em latim, contendo o texto do Evangelho de São Lucas, que relata a visita de Maria a Isabel.

²²³ Cfr. *Akathistos, Hino em honra da Virgem Mãe de Deus*, 5, p. 10.



Figura 11-Visita de Nossa Senhora a Santa Isabel e Zacarias²²⁴

- Autor:

Sousa Carvalho

- Datação:

Séc. XVIII (2ª metade)

- Dimensões:

1,60 x 1,65 m (painel central)

3,55x2,52 m (painel total)

- Material:

Azulejo (barro), tinta azul (cobalto) e branca (sílica)

- Localização:

Capela da Visitação, no escadório do santuário da Senhora do Castelo, Mangualde

²²⁴ Alexandre Alves, *O santuário de Nossa Senhora do Castelo em Mangualde* (Mangualde: Santa Casa da Misericórdia de Mangualde, 2001), pp.65-66.

A figura apresentada, é recolha do autor, tratando-se, portanto, de uma imagem de autor.

1.2.3. *MARIA NO NASCIMENTO DE JESUS*

E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria. (Lc 2, 6-7)

Neste périplo que temos feito, pela Escritura, chegamos ao momento que ilumina e dá sentido a toda a Escritura. Chegámos ao momento da Encarnação do Verbo de Deus (Jo 1,1), nascido do seio de Maria.

Pelo nascimento de Jesus, em Belém, atingimos a plenitude da Revelação, pois o próprio Deus, por meio de Maria, manifesta-Se entre nós. Esta cena bíblica talvez seja das que mais deu origem a heresias no passado. De tal modo, este episódio foi amplamente comentado, no sentido da defesa da ortodoxia da fé, pelos Padres da Igreja. São Cirilo de Jerusalém (313 – 380), comentando este acontecimento, mostra-nos que a Encarnação do Verbo é plenamente real em Maria, ou seja, que Maria é verdadeiramente Mãe de Deus. Consideremos as suas palavras:

Além disso, creiam que o Filho unigênito de Deus, por causa dos nossos pecados, desceu do céu à terra, tornando-se homem semelhante a nós no sofrimento e nascendo da Virgem Maria e do Espírito Santo. O tornar-se homem foi realizado não na aparência ou no imaginário, mas em toda a verdade. Ele (Cristo) não passou pela Virgem, como por um canal, mas verdadeiramente tomou carne dela e foi verdadeiramente alimentado por ela com seu leite; [...] De fato, se a Encarnação tivesse sido uma mera aparência, a salvação também teria sido aparente.²²⁵

Este Doutor da Igreja defende a Encarnação real de Jesus no seio de Maria. Defende a Encarnação verdadeira, de tal modo que Cristo foi alimentado com o leite de Maria.

Santo Ambrósio de Milão (340 – 397), por sua vez, apresenta a Encarnação como início da obra da Salvação, da parte de Deus, e Maria como o primeiro fruto da obra salvífica de Cristo. Em palavras dele:

²²⁵ Cirilo de Jerusalém, *Catequeses* IV, PG 33,465.

Quando o Senhor quis redimir o mundo, começou a sua obra com Maria, para que ela, por quem a salvação seria dispensada a todos, fosse a primeira a receber do seu Filho o fruto da redenção.²²⁶

Maria foi a primeira a receber os frutos da Redenção e recebeu-os ainda antes da concepção de Cristo no seu seio virginal. Recebeu estes dons já na Anunciação do Anjo, quando foi chamada de «cheia de Graça».

Também Anfilóquio de Icônio (340-398), capadócio e amigo íntimo de São Basílio e dos dois Gregórios, nos fala do admirável evento que é Deus nascer de Maria. Tomemos em consideração o que nos diz este Padre da Igreja:

Ó prodígio! Aquele que não é limitado pelos céus encolheu até o tamanho de uma criança, deitado numa manjedoura; aquele que criou o universo com poucas palavras, se aquece nos braços femininos; aquele que deu existência a todas as virtudes cósmicas é amamentado pelos seios imaculados da Santa Virgem.²²⁷

Para este bispo, o facto de Deus, que tudo criou, estar deitado numa manjedoura e ser alimentado pela Virgem, é um feito prodigioso. Não se consegue explicar pela lógica humana, pois trata-se de um evento divino: Deus fazer-Se criança e nascer, num curral, de uma Mãe Virgem.

Também Crisipo de Jerusalém (410 – 479) partilha desta admiração. Este Padre da Igreja considera, porém, a humildade de Jesus de nascer num estábulo e também a ação maternal de Maria de cobrir com panos e, talvez, com o próprio manto Deus feito criança. Tenhamos em atenção as palavras deste Padre da Igreja:

[Maria] deu à luz aquele que foi ao mesmo tempo seu Filho e o Filho primogénito e unigénito do Pai Celestial. «Envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria» (Lc 2,7). Envolveu em panos aquele que «se veste de luz como um manto» (Sl 103, 2); envolto em panos aquele que com o seu poder envolve todas as criaturas. Ele colocou aquele que está sentado acima da terra numa manjedoura.²²⁸

É admirável o Filho Unigénito de Deus, que é o próprio Deus, nascer de uma mulher humana. Porque Jesus nasceu da Virgem Maria, que o envolveu em panos, esta é verdadeiramente chamada de Mãe de Deus.

²²⁶ Ambrósio de Milão, *Exposição sobre o Evangelho segundo São Lucas*, 2, 17, PL 15, 1.559.

²²⁷ Anfilóquio de Icônio, *Homília na Natividade de Jesus Cristo*, 3, PG 39, 40 C

²²⁸ Crisipo de Jerusalém, *Homília sobre a Santa Mãe de Deus*, PO 19, 343.

São Máximo Confessor (580-662), explica-nos o acontecimento da Encarnação de forma admirável. Consideremos o que nos diz:

Quando chegaram a Belém, o tempo da natividade extraordinária foi cumprido. [...] No entanto, como uma grande multidão se havia reunido para o recenseamento e os lugares já estavam preenchidos, e também as casas de Belém, eles alojaram-se numa caverna em Belém. Ó estreiteza e exílio por nossa causa! Nem alojamento nem hotel foi encontrado para o mestre de todas as criaturas! E assim o inacessível, o incircunscrito, foi contido numa pequena gruta, num berço indevido; e o Verbo de Deus, [...] criador de todo o mundo, conduziu a mãe a uma gruta de Belém, como diz o Santo Evangelho: «e aconteceu: estando ali, cumpriram-se os dias do parto, e deu à luz o seu filho primogénito, envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria» (Lc 2,6-7). Então o senhor do céu e da terra foi envolto em panos. Ó grande maravilha! aquele que alimenta a todos foi alimentado com leite.²²⁹

Para este Santo, a pequenez de Deus é extraordinária, pois, sendo Ele tão grande e não havendo um espaço digno para Ele nascer da Virgem Maria, Ele nasceu num espaço pequeno, e num berço indevido, numa manjedoura. Este Santo destaca também a ação maternal de Maria que mesmo num meio imundo, conseguiu dar a Jesus o conforto que lhe era possível. Maria que havia gerado Jesus, envolta no desconhecido, pois o que nela aconteceu foi inédito, confiou-se a Deus, mesmo não tendo onde descansar e tendo o seu Filho num curral de animais. Também São Bernardo, num dos seus sermões da Natividade do Senhor, reconhece a divindade de Deus, em tantos factos improváveis de acontecer, como aconteceram no nascimento de Jesus. Vejamos o que nos diz o Doutor melífluo:

Irmãos, neste nascimento do Senhor considero duas coisas distintas e muito pouco relacionadas. O Menino que nasce é Deus; a mãe que o dá à luz é virgem. E o parto não é doloroso. Uma nova luz, procedente do céu brilha nas trevas. O Anjo nos traz uma grande alegria; um coro do exército celestial entoa hinos; dá-se glória a Deus, e paz aos homens que buscam o bem. Correm os pastores e certificam-se da mensagem anunciada. [...] Estas e outras coisas, [...] são fruto do poder divino, não da debilidade humana.²³⁰

Para São Bernardo, Deus nascer na terra, a sua mãe ser a Virgem Maria, não ter dores no parto, os Anjos cantarem, os pastores e os magos virem adorar o Menino nascido numa gruta, tais sinais só podiam vir de Deus. Só podiam acontecer tantos sinais se o Menino que nasceu

²²⁹ Máximo Confessor, *Vida de Maria*, 33, CSCO 478.

²³⁰ Bernardo de Claraval, *Sermão na Natividade do Senhor*, 3,1 in *Obras completas de São Bernardo-III-Sermões Litúrgicos-Iº*, ed. Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences; (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985), p.219.

fosse o próprio Deus, o que torna a Virgem mãe a Mãe do Deus Encarnado. Deus faz-Se carne, num seio imaculado, para que o sítio onde Jesus nasce seja puro, e assim, pela virgindade e graça de Maria, um espaço que era destinado aos animais torna-se o sítio onde Deus é acolhido entre os homens.

A graça de Maria foi a confiança plena no Senhor e, isso, verifica-se mesmo numa situação adversa, em que não havia nenhum sítio «digno» onde repousar e ter o seu Filho. Certamente, Maria confiou no Senhor e manifestou essa confiança pela alegria. Pela confiança e alegria Maria foi capaz de transformar o local onde Jesus nasceu. Podemos afirmar que esta alegria se tornou plena, no momento do parto, em que, depois deste, acolheu Jesus nos seus braços. Se grande é a alegria de uma mãe ao ter o seu Filho, fruto das suas entranhas, nos seus braços, quão maior terá sido a alegria de Maria ao acolher em seu regaço Jesus, seu Filho, tendo ao mesmo tempo a consciência de que Aquele é o Filho de Deus.

Esta plena alegria de Maria de ter Deus Menino nos seus braços manifestou-se depois com a adoração dos pastores e dos magos, altura em que Maria mostra o seu filho àqueles que o vêm adorar. Isto mesmo nos é afirmado pelo Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

No nascimento, [...] a Mãe de Deus, cheia de alegria, apresentou aos pastores e aos magos o seu Filho primogénito, o qual não só não lesou a sua integridade, mas antes a consagrou [LG 57].

A alegria de Maria estava completa. O nascimento de seu Filho não só não afetou a virgindade de Maria, como a completou. Podemos afirmar que, pela Encarnação, a alegria de Maria foi completa. Esta alegria de Maria, advém do facto de Jesus ter nascido de Maria, tornando-a Mãe de Deus, e pelo facto de que pela Encarnação, Deus une-Se a cada Homem, porque se tornou um de nós. Jesus por ter nascido de Maria, esteve intimamente unido a Maria, o que foi a causa da alegria da Virgem de Nazaré (cfr. GS 22).²³¹

Jesus esteve especialmente unido a Maria, que pela alegria, e pela fé, nela foi gerado, e dela nasceu. Podemos afirmar, como São João Paulo II, que Maria concebeu e gerou Jesus pela fé. Vejamos o que este Papa nos diz, na Encíclica *Redemptoris Mater*:

²³¹ Cfr. Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II, «Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundus huius temporis “Gaudium et Spes”», AAS 58 (1966) 1025-1115. De futuro usaremos a designação GS.

Se Maria, mediante a fé, se tornou a genetriz do Filho que lhe foi dado pelo Pai com o poder do Espírito Santo, conservando íntegra a sua virgindade, com a mesma fé ela descobriu e acolheu a outra dimensão da maternidade, revelada por Jesus no decorrer da sua missão messiânica. Pode dizer-se que esta dimensão da maternidade era possuída por Maria desde o início, isto é, desde o momento da concepção e do nascimento do Filho. Desde então ela foi «aquela que acreditou». Mas, à medida que se ia esclarecendo aos seus olhos e no seu espírito a missão do Filho, ela própria, como Mãe, se ia abrindo cada vez mais para aquela «novidade» da maternidade, que devia constituir a sua «parte» ao lado do Filho [RM 20].

A maternidade de Maria, desde a sua concepção, vai depois sendo testada e adquirindo o seu pleno sentido com a missão de Jesus. Podemos afirmar que esta maternidade, que no nascimento de Jesus teve o seu ponto inicial, atingiu a sua plenitude no momento da cruz.

Maria teve um papel fundamental na Encarnação, pois foi por meio de Maria que o Filho de Deus veio habitar entre os Homens. Pela resposta de Maria, que levou ao nascimento de Jesus, realizou-se verdadeiramente a ligação entre o céu e a terra.²³²

Quem nos explica de forma brilhante a ação de Maria no momento do nascimento de Jesus é o Papa Francisco, que nos diz na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor [EG 286].²³³

Maria foi, de facto, capaz de transformar o pobre local onde Jesus nasceu num espaço belo e cheio de amor. Pela presença e intercessão de Maria, somos capazes de transformar mesmo o pior espaço nas nossas vidas para podermos acolher Jesus. Com a ajuda de Maria, é possível aproximarmo-nos de Jesus. De facto, pela ação de Maria, que mostra o seu Filho a todos quantos O querem ver e a todos quantos querem chegar a Ele, podemos alcançar esta graça.²³⁴

²³² Cfr. Conferência geral do episcopado latino-americano, «Documento de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina -conclusões da IIIª conferência geral do episcopado latino-americano» (Edições Paulinas, 1979), nº 301. Consultado em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf. acedido a 16 de maio de 2023.

²³³ Franciscus PP., «Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium», *AAS* 105 (2013): 1019–1137. Usaremos de futuro a designação «EG».

²³⁴ Cfr. Franciscus PP., «Epistula Apostolica Admirabile signum», *AAS* 109 (2019): 1839–45, Nº 7.

Por Maria, chegamos a Jesus, pois «Deus Pai não deu ao mundo o seu Unigénito senão por Maria».²³⁵ Portanto, se queremos chegar a Jesus, temos de o fazer como a Virgem ou, então, pela sua intercessão. De facto, a «mãe de Jesus [...] é sinal de esperança para todos. Ela reúne todos [...] ao redor do seu Filho».²³⁶ Maria reúne todos ao redor do seu Filho, pois Maria, pela missão recebida coopera com Deus, para todos atrair a Cristo. Podemos afirmar que Maria é participante da missão de Deus, e coopera na obra da Salvação, tanto na sua própria salvação, como na salvação de toda a Humanidade.²³⁷

Pela Encarnação, Deus renova a obra da Salvação, e Maria torna-se participante da nova obra da criação de Deus. Quem nos afirma isto, é Raphael Pinto:

Na Encarnação, Deus recria o mundo por meio da conceção de Cristo no ventre de Maria e a Igreja se torna o foco de uma nova criação na qual a bondade é simbolicamente restaurada como uma antecipação da renovação de toda a criação no fim dos tempos. Com seu «*fiat*» Maria torna-se o autêntico sujeito da união com Deus realizando-se no mistério da Encarnação do Verbo.²³⁸

Pela Encarnação, Maria torna-se participante da ação divina e, como tal, «é sinal de início de um tempo novo».²³⁹ Pela ação de Maria, a criação é refeita, o que leva a História da Salvação à sua plenitude. Isso mesmo nos afirma Lina Boff:

A Nova Criação entra no mundo por meio da carne de uma mulher que dá de sua carne e de seu sangue ao Filho de Deus. A modo de uma mulher, a História da salvação encontra a sua plenitude. Jesus vem através de uma mulher que se encontra fora da estrutura da Aliança.²⁴⁰

Por meio de Maria, por ter recebido em seu seio a Trindade,²⁴¹ a salvação da história humana atinge a plenitude, pois de Maria nasceu Jesus, Filho de Deus que nos veio salvar do

²³⁵ Montfort, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, p. 16.

²³⁶ Francilaide de Queiroz Ronsi, «Maria, mulher toda de Deus», *Revista Coletânea* 17, n.º 33 (2018), p.105. Disponível em <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-5>. Acedido em 15 de maio de 2023.

²³⁷ Jacques Servais, «Maria no Mistério da Encarnação», trad. Leonor Correia, *Communio-Revista Internacional Católica* 20, n.º 1 (2003), p.33.

²³⁸ Raphael Colvara Pinto, «Mary: The Locus to Speak of the Feminine», *Teocomunicação* 52, n.º 1 (2022), p.9, disponível em: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2022.1.42913>. Acedido a 15 de maio de 2023.

²³⁹ Maria Luísa Almendra, «Quem é Maria de Nazaré?: O testemunho bíblico na vida da Igreja», *Atualidade Teológica* 22, n.º 59 (2018): 411. Consultado em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.34494>. Acedido a 16 de maio de 2023.

²⁴⁰ Lina Boff, «Falar de Maria de Nazaré partindo das fontes históricas», *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap* 7, n.º 1 (13 de novembro de 2017), p.7. Disponível em: <https://doi.org/10.25247/2237-907x.2017v7n1.pp>. Acedido a 16 de maio de 2023.

²⁴¹ Cfr. Boff,7.

pecado. Esta plenitude da salvação, atingida com Jesus Cristo, dá-se por Maria se ter doado por inteiro à presença divina. Isso é nos afirmado por Lúcia Pádua:

Maria é o ser humano que alcançou a plenitude na doação de si a Deus, e coloca-se no ponto de interseção entre Deus e o ser humano; nela se dá uma ampla rede de relações que têm a ver com Deus e com a sua graça libertadora, com a história e com a humanidade. Na sua maternidade, Maria recebeu a máxima autocomunicação de Deus, e Deus realizou, no Espírito, uma comunhão plena com um ser humano.²⁴²

Pela inteira doação de Maria, esta torna-se uma ponte entre Deus e a Humanidade, pelo acolhimento da graça divina. Com o nascimento de Jesus, Maria assume outra identidade: a de Mãe e, em simultâneo, a de Mãe de Deus. Porque a maternidade de Maria não é igual às outras maternidades, Maria recebe um novo nome – *Theotokos* - que quer dizer «Mãe de Deus». No dizer de Lúcia Pádua:

Quando Jesus é reconhecido como Messias, como Filho de Deus, a figura de Maria, sua maternidade, o fato de gerá-lo e dá-lo à luz, revestem-se de transcendência. Tudo em Maria adquire um novo significado. A transcendência da maternidade de Maria expressa-se no facto de ter gerado um homem que é Deus encarnado, por isso ela é a *Theotokos*.²⁴³

Maria assume um papel relevante na História da Salvação, porque pela sua entrega a Deus, dela nasceu a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, isto é, Jesus. Pela sua entrega à vontade de Deus, tornou possível a Salvação do género humano. Transfigurou-se com o ser de Deus, porque O teve no seu seio. Quem nos afirma isto, é Guido Gandolfo. Tenhamos em consideração as suas palavras:

A luz de Maria refulge porque faz resplandecer a luz de Cristo, filho do Altíssimo e filho de Maria. Enche-nos de renovado espanto e admiração o facto de Deus ter querido elevar esta simples e humilde criatura de Nazaré a uma tão grande altura. Realmente, Deus olhou com aprazimento para a baixa condição de Maria (cfr. Lc 1,48), elevando-a à dignidade de mãe do seu Filho amado!²⁴⁴

Maria brilhou diante de Deus e brilha ainda hoje diante dos homens pelos dons da sua total confiança em Deus, de tal modo que foi achada «cheia de graça» diante de Deus. Por este

²⁴² Lúcia Pedrosa-Pádua, «Teologia Mariana: contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus», *Atualidade Teológica* 21, n.º 57 (2017), p. 482. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.31816>. Acedido em 16 de maio de 2023.

²⁴³ Pedrosa-Pádua, p. 482.

²⁴⁴ Guido Gandolfo, *Com Maria Mãe de Deus*, ed. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas Editora, 2020), p.9.

motivo, a sua humildade foi iluminada pelo nascimento divino de seu Filho, no presépio de Belém. Aí, Deus todo-poderoso desceu até à criatura humana. Neste acontecimento fica bem latente a humildade do casal Maria e José, da Família de Nazaré:

Na pobreza de um estábulo, mas rico de fé, esperança e amor, Maria e José vivem este momento decisivo na história do mundo. Esta extrema indigência acaba de adquirir um sentido: nada deve desviar o olhar daquele que é tudo em todos, do dom supremo do Pai à humanidade, à criação inteira. Jesus, que jaz entre a pobre palha da manjedoura, é o filho mais desejado do mundo e nele está concentrado todo o amor do Pai celestial. Aquele menino deitado na manjedoura é o príncipe da paz, o rei dos Reis. Este momento revela-nos o verdadeiro significado da bem-aventurança dos pobres. Maria e José testemunham para nós a grande verdade: só Deus basta.²⁴⁵

Maria toda se confiou a Deus, bem como José. Mesmo nascendo o seu Filho num espaço sem condições para tal, acreditaram no plano divino. Plano este que se manifestou de forma plena, anos mais tarde, quando Jesus anunciou as bem-aventuranças (Mt 5,1-12).

Maria envolveu Jesus em panos e colocou-O na manjedoura. Aqui se mostra a ação de Maria, que usando o que tinha, procurou tornar o curral num espaço acolhedor para Jesus. Assim nasce Deus na terra. Desde o nascimento, Jesus vem-nos mostrar, também com a ajuda de Maria, que a lógica do Reino é de pobreza e humildade e não de soberba e riqueza estranha. Isso nos atesta Klemens Stock:

Envolto em panos, Maria coloca seu filho recém-nascido em uma manjedoura. A partir desta informação pode-se deduzir que ela deu à luz seu filho em um estábulo, perto dos animais. Um lugar melhor não estava disponível para ela e ela só pode oferecer a seu filho uma manjedoura em substituição ao berço. Assim nasce aquele que é o Filho do Altíssimo. Assim começa a se manifestar aquela missão a qual Maria lhe deu sim. Ela está em uma situação ruim e se adapta às circunstâncias. Ela faz todo o possível pelo filho em situação de total pobreza e indigência. Assim, ela se apresenta como uma mulher que age com sobriedade e realismo. Ele não sonha com condições melhores e ideais.²⁴⁶

Pelo nascimento de Jesus, na gruta de Belém, e pela ação de Maria, manifesta-se a missão à qual Maria havia respondido, com total confiança, ao Anjo.

²⁴⁵ Häring, *Maria prototipo de la fe*, pp.78-79.

²⁴⁶ Stock, «María, la Madre del Señor, en el Nuevo Testamento», p.158.

Na fé da Igreja, este episódio tem tanta importância, que está representado em casa de cada cristão, pois, qual é o cristão que não tem em sua casa um presépio ou uma representação da Sagrada Família?

Também a arte (pública e de maiores dimensões) representa frequentemente este episódio, que se popularizou depois de São Francisco ter querido representar o cenário do presépio, recriando-o, a partir da forma como interpretou e imaginou o acontecimento narrado nas Escrituras. Um exemplo disso é a figura que a seguir se apresenta (figura 12).

Neste conjunto de 7 peças (das quais vamos apenas descrever a imagem de Maria), que constitui o presépio, encontramos a Virgem Maria, que está representada curvada, com a cabeça ligeiramente inclinada para baixo, segurando o menino Jesus desnudado no seu regaço, amparado entre os seus braços, numa postura que o olhar acompanha.²⁴⁷

É oportuna a descrição desta peça, que se encontra no inventário do Museu Pio XII:

A Senhora, de rosto finíssimo com ares de enlevo e ternura, inclinando-se um pouco para a frente, apresenta amorosamente sobre as mãos, à altura dos joelhos, o seu Divino Filho. A cabeça, de cabelos escurecidos, está-lhe resguardada desde o meio por um véu dourado que desce sobre o ombro direito em pregas soltas e esvoaçantes e cobre-lhe, enrugado, o peito até se esconder sob o manto no ombro esquerdo. Veste uma longa túnica de mangas curtas, que lhe cai em pregas movimentadas, até encobrir inteiramente os pés prolongando-se ondulante pelo chão, do lado direito. Sobre esta, apresenta um manto que desce sobre as costas e lhe é traçado em pregas movimentadas e soltas por entre o braço direito e o corpo até às costas, descendo sobre o ombro e o braço esquerdos. No antebraço direito, aparece a manga estreita de um vestido interior, em ouro e vermelho. O Menino, inteiramente desnudado, de cabelos dourados repuxados sobre a testa e voltado para a frente, sentado, de pés cruzados, sobre uma ponta do manto inclina-se para baixo, em gesto de se entregar a alguém.²⁴⁸

²⁴⁷ Cfr. Maria João Vilhena de Carvalho e José Paulo Leite de Abreu, *Viagem à escultura do Museu Pio XII* (Braga: Instituto de História e Arte Cristãs-Museu Pio XII, 2011), p. 43.

²⁴⁸ Inventário de escultura nº 24 A, Museu Pio XII



Figura 12- Presépio²⁴⁹

- Autor:
Escultura portuguesa
- Datação:
Sécs. XVII- XVIII
- Dimensões:
66 x 35,5 cm (Virgem Maria com o menino Jesus)
- Material:
Madeira dourada, estofada e policromada (verde e vermelho)
- Localização:
Museu Pio XII, Braga

²⁴⁹ Informações da imagem em: Carvalho e Abreu, pp. 42-45.

Imagem de acervo do Museu Pio XII, Braga, registada com o n° de inventário MPXII-ESC-0024 (A- G).

1.2.4. SENHORA DO CORAÇÃO ORANTE

Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração. (Lc 2,19)

Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. (Lc 2, 51b)

Maria tudo ia guardando no seu coração. Meditava os acontecimentos da vida de Jesus, principalmente aqueles que, a princípio, não entendia. O que Maria não compreendia, guardava no coração e ia meditando, até que estes acontecimentos revelassem o seu sentido, as suas razões de ser.

Porque Maria tudo guardava no coração, é a Senhora do Coração Orante, sempre atenta aos acontecimentos e meditando tudo o que, por meio de seu Filho, acontecia.

Nos relatos evangélicos, São Lucas, por duas vezes usa esta expressão para se referir à atitude de Maria de guardar tudo no coração. Recordemos os dois relatos, em que o primeiro é a adoração dos pastores, na gruta de Belém, e o segundo, quando Jesus já tinha 12 anos e na ida ao Templo, talvez pela ocasião do seu *bar mitsvah*,²⁵⁰ ocasião em que Maria e José voltam a Nazaré e Jesus fica lá, no Templo, entre os Doutores.

Usando estes dois momentos, vamos considerar a ação de Maria de tudo conservar no coração. Estes dois episódios foram comentados pelos padres da Igreja. Um dos exemplos que recolhemos é o texto de Santo Ambrósio de Milão (340-397), que nos afirma:

Maria também recebe um certificado de fé dos pastores, e o povo é reunido pelos pastores para render homenagem a Deus: de fato, eles se maravilharam com as coisas que os pastores lhes disseram (Lc 2,18). Quanto a Maria, guardava todas estas palavras em si, meditando-as no seu coração (Lc 2,19). Em tudo reconhecemos a modéstia da Santa Virgem, que, irrepreensível no corpo não menos que nas palavras, meditava em seu coração os argumentos da fé.²⁵¹

Para este Santo, o certificado de fé no filho de Maria, que os pastores apresentaram, não alterou a modéstia da mulher de Nazaré que, no seu coração, guardava as razões da fé dos pastores.

²⁵⁰ *Bar mitsvah*- rito após o qual os rapazes judaicos passam a ser considerados adultos na fé, que ocorre normalmente pelos 12 anos de idade.

²⁵¹ Ambrósio de Milão, *Exposição sobre o Evangelho segundo São Lucas*, 2, 53-54, PL 15, 1571-1572.

Um outro Padre da Igreja que também nos fala deste episódio é Máximo Confessor (580-662), que nos diz que Maria guardava, todos os acontecimentos no seu coração. Atentemos nas suas palavras:

No entanto, Maria guardou estas palavras e guardou-as no seu coração (Lc 2,19): não só as palavras dos pastores, mas tudo o que ela tinha visto e ouvido desde o princípio no templo, depois do templo, a Anunciação do Anjo, e a conceção sem semente, a Natividade sem dor, e a virgindade depois da Natividade, porque não só ela não incorreu nas dores da mulher e tornou-se mãe permanecendo virgem, mas também ela não conseguiu compreender a própria Natividade.²⁵²

Para Máximo Confessor, Maria guardava tudo no coração, desde as vivências no Templo de Jerusalém, passando pela anunciação e conceção de Jesus e até ao nascimento. Guardava tudo no coração porque não entendia verdadeiramente o significado de tais acontecimentos. Visto que a plenitude destes acontecimentos só mais tarde se havia de manifestar, Maria, enquanto não os compreendia, guardava-os no silêncio orante do seu coração.

Visto o episódio da Adoração dos Pastores, passemos agora a considerar as interpretações dos Padres da Igreja sobre o episódio da perda e encontro de Jesus em Jerusalém. Um dos Padres que comenta e explica este texto é Orígenes (185-253):

Ela suspeitava que havia algo que ia além do puramente humano. Por isso ela guardava todas as Suas palavras em seu coração, não como as palavras de uma criança de doze anos, mas como as de alguém que havia sido concebido pelo poder do Espírito Santo e a quem ela via progredir em sabedoria, conhecimento e graça aos olhos de Deus e dos homens (Lc 2, 52).²⁵³

Para Orígenes, Maria sabia que havia algo em seu Filho que ia além do humano e entrava no divino. Como Maria não compreendia todo o alcance das palavras e feitos de Jesus, conservava isso no coração.

Um outro Padre da Igreja que nos explicita o sentido deste acontecimento é Pascácio Radberto (785-863). Para este autor, Maria guarda no seu coração tudo quanto fala de Jesus, seu Filho. Consideremos as palavras deste Padre da Igreja:

Portanto, caríssimos, imitem a bem-aventurada e gloriosa Virgem Maria, a quem amais e cuja festa celebrais hoje na terra. O evangelista diz dela: «Sua mãe guardava todas estas coisas, guardando-as no coração» (Lc 2,51), com clara referência ao que foi dito sobre

²⁵² Máximo Confessor, *Vida de Maria*, 35, CSCO 478

²⁵³ Orígenes, *Homilias sobre o Evangelho de São Lucas*, 20, 4-6, PG 13, 1853.

Cristo. Portanto, queridos, guardem em seus corações o que é dito corretamente sobre o Senhor, para que possam manter intacta sua fé e venerar devidamente sua Mãe. De facto, nenhuma outra honra é prestada a ela, exceto quando se honra de maneira adequada aquele que se dignou a nascer dela.²⁵⁴

Para este Padre da Igreja, Maria guardava no coração tudo aquilo que diz respeito a Jesus, fossem as suas palavras, fossem as suas ações. Para honrar Maria e alegrar o seu coração, é necessário honrar Cristo, que de Maria nasceu.

É ainda oportuno voltarmos a Máximo, Confessor, pois este autor, de forma brilhante resume estes dois episódios bíblicos no que concerne ao facto de que Maria guardava os acontecimentos no coração. Vejamos as palavras deste Padre da Igreja:

A Mãe guardou estas palavras no seu coração (Lc 2, 51); e esperava o tempo de seu cumprimento. Por um lado, ele guardou suas palavras e ações, segundo a disposição divina, para sua própria salvação, por outro lado, como símbolo e anúncio dos indizíveis mistérios e milagres que estavam por vir.²⁵⁵

Neste excerto, Máximo diz-nos que Maria guardava as palavras no coração pois aguardava o cumprimento dessas mesmas palavras. Este autor diz-nos também que Maria guardava no coração os assuntos da disposição divina, para sua Salvação e ainda como símbolo do que havia de vir. Maria guardava no coração, pois não entendia plenamente os acontecimentos, mas confiava no Senhor e, por isso, guardava-os no silêncio do seu coração, lugar do diálogo e da intimidade com Deus.

O Magistério da Igreja apresenta-nos, por diversas vezes, a associação de Maria a guardar todas as coisas em seu coração, relacionando isso com a fé e entrega de Maria, como exemplo para cada cristão. A fé que o cristão tem ao coração de Maria, liga-o de maneira especial àquela que acolheu Deus, primeiro no seu coração e depois no seu seio. Pela intercessão do Coração de Maria, o povo cristão sabe que tem razões para confiar, pois Maria tem para conosco, assim como tinha para com Jesus, um cuidado maternal, que brota do coração. Isso mesmo nos afirma o Papa Pio IX, na bula *Ineffabilis Deus*:

De feito, não pode haver lugar para temor ou para desespero quando ela [Maria] é a nossa condutora e a nossa protetora, quando ela nos é propícia e nos protege; pois que ela

²⁵⁴ Pascácio Radberto, *Homília na Assunção da Santíssima Virgem Maria*, 13, PL 30, 133.

²⁵⁵ Máximo confessor, *Vida de Maria*, 63, CSCO 478.

tem para connosco um coração materno, e, enquanto trata os negócios que dizem respeito à salvação de cada um de nós, é solícita de todo o género humano. (ID 44)

De facto, quando o ser humano se confia ao Coração materno de Maria, esvaem-se as preocupações, pois sabemos que a Mãe nos auxilia e protege e é solícita no que se trata à salvação de cada um de nós.

Porque Maria, tudo orava a Deus, meditando no seu coração e, ainda hoje assim o faz por nós, seus filhos, surgiu na Igreja, tomando por base os dois episódios bíblicos referidos, a devoção ao Sagrado Coração de Maria. Esta devoção, ganhou novo fervor no século XX, com as aparições de Fátima, e com o apelo da Beata Alexandrina de Balasar, transformando-se assim, na devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Neste ponto da devoção ao Imaculado Coração de Maria, é belíssima a radiomensagem do Papa Pio XII, aos fiéis portugueses, a propósito da consagração da Igreja e do mundo ao Imaculado Coração de Maria, proclamada a 31 de outubro de 1942. Tomemos em consideração as palavras do Papa Pio XII:

A Vós, ao vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos não só a Santa Igreja, corpo místico de vosso Jesus, que pena e sangra em tantas partes e por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo, dilacerado por exiciais discórdias, abrasado em incêndios de ódio, vítima de suas próprias iniquidades. [...] Rainha do Santíssimo Rosário, auxílio dos cristãos, refúgio do género humano, vencedora de todas as grandes batalhas de Deus! ao vosso trono, súplices nos prostramos, seguros de conseguir misericórdia e de encontrar graça e auxílio oportuno nas presentes calamidades, não pelos nossos méritos, de que não presumimos, mas unicamente pela imensa bondade do vosso Coração materno. ²⁵⁶

A partir desta mensagem radiofónica do Papa Pio XII, cresceu muito na Igreja a devoção ao Imaculado Coração de Maria, depois da Consagração da Igreja e do mundo à Virgem Maria. De facto, Pio XII foi um dos grandes impulsionadores desta devoção.

Também no Concílio Vaticano II, na Constituição *Lumen Gentium*, fala-se do coração de Maria, uma vez que Maria concebeu primeiro no seu coração e depois no seu seio. Esse é o motivo da verdadeira veneração a Maria, porque toda se confiou a Deus, concebeu no seu coração e depois no seu seio (cfr. LG 53). O coração de Maria é, para os crentes, um refúgio seguro, uma vez que Maria se associou ao seu Filho, guardando no coração o que não entendia,

²⁵⁶ Pius PP. XII, «Radiomensagem aos fiéis portugueses por ocasião da consagração da Igreja e do género humano ao Coração Imaculado de Maria», *AAS* 34 (1942), nº 3, p.318.

mas também com coração materno guardou o sofrimento de ver o seu Filho crucificado (cfr. LG 58) e morto. Mas, no coração Maria também guardou a alegria da Ressurreição, alegria que depois transmitiu aos discípulos. Por este motivo, o Coração Imaculado da Mãe ganhou tanta devoção ao longo dos séculos, primeiro com São João Eudes e, mais recentemente, no século XX, com as aparições de Fátima e os apelos da Beata Alexandrina.

Depois do Concílio Vaticano II, o Coração de Maria também foi alvo de atenção pelos Papas que se foram sucedendo, nomeadamente o Papa São Paulo VI, que nos fala do exemplo de Maria e do seu coração orante que é símbolo, para os cristãos, do modo mais digno de receber o Espírito de Deus. Falando do Coração da Mãe, o Papa diz-nos:

Possa o Coração Imaculado de Maria brilhar doravante ante o olhar de todos os cristãos como modelo de perfeito amor para com Deus e para com o próximo; que Ele os conduza à frequência dos Sacramentos, pelos quais as almas são purificadas das manchas do pecado e dele defendidas; os estimule além disso a reparar as inúmeras ofensas feitas à Divina Majestade.²⁵⁷

Para o Papa São Paulo VI, o Coração de Maria é o modelo perfeito para os cristãos do amor a Deus e ao próximo, levando os cristãos à prática dos Sacramentos, à reparação das ofensas a Deus e à unidade.

Também o Papa Bento XVI, relaciona o coração de Maria, com a sua fé orante, que marca cada instante da sua vida. Vejamos o que nos diz:

A sua fé obediente face à iniciativa de Deus plasma cada instante da sua vida. Virgem à escuta, vive em plena sintonia com a Palavra divina; conserva no seu coração os acontecimentos do seu Filho, compondo-os por assim dizer num único mosaico (cfr. Lc 2, 19.51) [VD 27].

Para o Papa Bento XVI, a fé de Maria, conforme à vontade Divina, marca cada instante da sua vida, levando-a a contemplar os acontecimentos da vida e ministério de seu Filho e, com eles, fazer o mais belo mosaico, feito de vários pedaços, mas que, no fim, nos mostra a mais bela imagem. Também Maria foi assim, construindo um mosaico com os acontecimentos relativos a Jesus e guardando esses pedaços no coração, para depois nos apresentar a mais bela peça, que é o coração do próprio Filho.

²⁵⁷ Paulus PP. VI, «Adhortatio Apostolica Signum Magnum», *AAS* 59 (1967): 465–75, n°14.

De facto, o coração de Maria é o «cofre vivo onde contempla o mistério de Seu Filho».²⁵⁸ Porque Maria estava atenta aos desígnios de Deus, foi espaço para Deus vir ao mundo e o seu coração foi o local que primeiro acolheu os desígnios salvíficos. Por isso, permitiu que a obra da Redenção pudesse acontecer. Pela Virgindade do Coração de Maria, Virgindade tal que torna o seu coração Imaculado, a Virgem de Nazaré tornou-se participante da Plenitude Divina,²⁵⁹ pois, por meio do seu coração, Maria torna-se participante na obra da Redenção, operada por Seu Filho, Jesus.²⁶⁰

Porque Maria tudo guardava no coração, tornou-se contemplativa, pois pelo silêncio e meditação,²⁶¹ se alcança, como Maria, o amor de Deus.²⁶² Maria alcançou o amor de Deus, uma vez que «o coração é o ápice espiritual da pessoa humana, mais ninguém lhe tem acesso senão Deus, onde Ele se revela ao homem: é o lugar do encontro do homem com a graça».²⁶³ Porque Maria entregou o coração a Deus, foi achada digna da sua presença, de tal modo que, se tornou a Mãe de Deus.

Mas o coração da Mãe, não se fica por aqui. Estando ela na presença de Deus, leva-O aos outros, anuncia a Boa Nova, e celebra os Seus mistérios, por isso podemos afirmar que o Coração de Maria é, por antecipação, um coração pascal e profundamente eucarístico.²⁶⁴

O Coração de Maria, que anuncia a alegria pascal e celebra, recordando, o sacrifício de seu Filho, torna-se eucarístico porque é, para nós, memória dos acontecimentos salvíficos de Cristo. Ao lembrar-nos dos acontecimentos cristológicos, Maria, pela sua graça, anima-nos na esperança e conforta-nos, dando-nos o seu coração unificado e santo, como refúgio para nós, os pecadores. De tal modo que Maria, pelo seu Imaculado Coração, torna-se para nós Mãe da Igreja.²⁶⁵

²⁵⁸ Maria Manuela Carvalho, «O coração imaculado e eclesial de Maria na vivência da Mensagem de Fátima.», *Didaskalia* 28, n.º 2 (1998), p. 49, acedido em: <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1998.1406>. Consultado a 16 de maio de 2023.

²⁵⁹ Cfr. Carvalho, pp. 52-53.

²⁶⁰ Cfr. José Jacinto Ferreira de Farias, «O coração de Maria e a mística da reparação», *Didaskalia* 47, n.º 1 (2017), p. 208.

²⁶¹ Cfr. José María Pemán, *Lo que María guardaba en su corazón* (Madrid: Ediciones Palabra, 1994), p.53.

²⁶² Cfr. Carvalho, «O coração imaculado e eclesial de Maria na vivência da Mensagem de Fátima.», p.50.

²⁶³ Isabel Maria Alçada Cardoso, «Da humildade à caridade: o “coração” em Santo Agostinho», *Didaskalia* 47, n.º 1 (2017), p.167.

²⁶⁴ Cfr. Carvalho, «O coração imaculado e eclesial de Maria na vivência da Mensagem de Fátima.», p.54.

²⁶⁵ Cfr. Bertrand de Marguerie, *O coração de Maria coração da Igreja - Ensaio de Síntese Teológica*, trad. Augusto Ascenso Pascoal (Fátima: Edições Missões Consolata, 1992), p.35.

Porque o coração de Maria é espelho da Igreja e porque «o coração da Igreja é o coração Imaculado de Maria»,²⁶⁶ esta torna-se também, pelos méritos do seu coração, Mãe da Humanidade,²⁶⁷ uma vez que, o seu coração está próximo dos homens, acolhendo os pecadores, e levando-os a Cristo.

Maria, com coração materno, acolhe todos os seus filhos e por todos intercede, apresentando-lhes o seu Filho nos acontecimentos e na vivência de cada um dos filhos. A todos, Maria leva a Cristo.

Na Liturgia e na devoção popular, o Imaculado Coração de Maria é uma invocação muito querida aos cristãos, nomeadamente para o povo português. Por meio desta invocação, louva-se o coração da Mãe, onde cabemos todos, e que nos aponta o Filho, Jesus.

Também na arte se procurou representar esta devoção, sendo de considerar a imagem que a seguir apresentamos (figura 13).

Nesta imagem, que é um vitral, que reflete a luz do sol pois «o Coração Imaculado é transparente, mostra Deus, sem se evidenciar a si mesmo»,²⁶⁸ podemos ver Maria com uma túnica branca e um manto vermelho, com as mãos apontando para o coração flamejante e cercado de espinhos.

²⁶⁶ Cfr. Carvalho, «O coração imaculado e eclesial de Maria na vivência da Mensagem de Fátima.», p.58.

²⁶⁷ Cfr. Chiara Lubich, *Maria, coração da Humanidade* (Parede: Cidade Nova, 1988), p.53.

²⁶⁸ Carlos H.do C. Silva, «Do Imaculado Coração: a Mariana expressão do diferencial órgão de consagração. Uma abordagem filosófico-antropológica», *Didaskalia* 47, n.º 1 (2017), p. 88.



Figura 13- Vitral Sagrado Coração de Maria²⁶⁹

- Autor:
Amélia Pereira-Vitral D'arte
- Datação:
2013
- Dimensões:
Desconhecidas
- Material:
Vidro, esmalte, chumbo e grisalha
- Localização:
Igreja da aldeia de Sendim, Tabuaço

²⁶⁹ Imagem disponível em <https://www.vitraldarte.net/portfolio/sagrado-coracao-de-Maria/> com acesso a 21 de maio de 2023. A autorização de uso desta imagem, foi concedida pela autora, via e-mail.

1.2.5. *MARIA NAS BODAS DE CANÁ*

Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. ³Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora». Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» (Jo 2, 1-5).

Maria, a Mulher sempre atenta. O texto diz-nos que Maria e Jesus estavam num casamento, e dando-se conta de que faltava o vinho, Maria logo se dirige a Jesus, a fim de O alertar para a situação e ver o que Ele poderia fazer a respeito de tal. Maria, que tudo guardava no coração, isto é, que tudo leva à oração, mostra-se atenta e solícita, e dá-se conta, numa festa de casamento, que o vinho vai faltar, ainda antes dos responsáveis se aperceberem da situação. Porque Maria, tudo entregava a Deus, dirige-se ao seu Filho, e persuade-O a agir, para que não falte o vinho, para que não falte a alegria naquela festa.

Este episódio constitui o primeiro sinal daquilo que Jesus ia realizar, e Maria, pela sua atenção para que não falte a alegria, apela a Jesus, para que Ele se disponha a resolver a situação.

Os Padres da Igreja, interpretaram vastamente este sinal que Jesus dá nas Bodas de Caná, sinal do que iria fazer, bem como a ação de Maria.

O diácono Santo Efrém (306-373), comenta este texto, considerando a atitude de Maria e o que ela saberia, para persuadir Jesus a realizar este prodígio. Ouçamos as suas palavras:

Maria estava ciente do milagre que Jesus estava prestes a realizar: «ela guardava tudo em seu coração» (Lc 2,51). «Fazei tudo o que meu Filho vos disser» (Jo 2, 5). Ela viu que faltava o vinho e entendeu que não era à toa que Ele tinha vindo para aquele casamento [...] Maria disse-lhe: «Filho, eles não têm mais vinho.» Jesus respondeu-lhe: «mulher, que tem isso a ver conosco?» [...] O que Maria disse aos servos mostra claramente que esta resposta a fez entender que Ele faria um milagre; pelo que disse aos servos: Fazei tudo o que meu Filho vos disser.²⁷⁰

Para este Doutor da Igreja, porque Maria tudo meditava no coração, sabia que Jesus iria fazer alguma coisa. Por isso, Ele tinha ido ao casamento. Por esse mesmo motivo é com Jesus que Maria vai logo ter, para que Ele resolva a situação e não falte a alegria na festa. Mesmo

²⁷⁰ Efrém, *Diatesseron (Da Harmonia dos Quatro Evangelhos)*, 5, 1-4, SC 121, 107-109.

depois da resposta de Jesus, Maria continua a confiar e, por isso, indica aos serventes, que façam o que Ele pedir.

Também Teodoro de Mopsuestia (350-428) comenta a atenção maternal de Maria e o conhecimento que ela tinha do poder de Jesus. Consideremos o que nos diz:

«Não têm vinho» (Jo. 2, 1-3). Sua mãe, à maneira das mães, instava-o a fazer um milagre, desejando que a grandeza de seu filho se manifestasse imediatamente e acreditando que a falta de vinho era a ocasião propícia para fazer o milagre. Mas o Senhor lhe diz: «Que tenho eu contigo, ó mulher? Ainda não é chegada a minha hora» (Jo 2,4). [...] Sua mãe, entendendo o que Ele queria dizer, disse imediatamente aos servos: «Façam o que ele lhes disser (Jo 2, 5). De facto, como havia entendido que não tinha momentos específicos para fazer milagres, nem que a indulgência de quem a recebia lhe era indispensável para conceder seus dons, [...] com confiança ela ordenou aos servos que obedecessem ao que Seu Filho pedisse.²⁷¹

Para este bispo Maria age de forma maternal, esperando que se manifestasse a grandeza de Jesus e o início da Sua missão. Ora, a falta do vinho foi a ocasião para que tal acontecesse. Maria compreende bem as palavras de seu Filho e, por isso, coloca-se em atitude servil, e indica aos serventes: «fazei o que Ele vos disser», com confiança, por mais estranho que seja.

Também São Cirilo de Alexandria (376-444) comenta, neste texto, a ação de Maria, que suplica a Jesus que faça um milagre. Atentemos nas suas palavras:

Entretanto, acabando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: «Eles não têm mais vinho» (Jo 2,1-3). Apropriadamente, Cristo começa a realizar milagres, embora pareça ser chamado para esse início involuntariamente. [...] Como falta o vinho para os convidados, a mãe suplica ao Senhor que intervenha com a sua habitual bondade e a sua habitual amabilidade, dizendo: «Eles não têm vinho». Ela O convida a fazer o milagre, acreditando que está em seu poder fazer o que quiser. [...] A mãe diz aos criados: «façam o que Ele mandar.» [...] A mulher, ciente do poder que Ele tinha, para fazer o milagre acontecer, convenceu o Senhor, seu filho.²⁷²

Para este Doutor da Igreja, Maria é a causadora do primeiro «milagre» de Jesus porque, para que não faltasse a alegria naquele casamento, usando de bondade e amabilidade maternas, Maria apelou ao coração do Filho. Maria acreditava que Jesus podia restaurar a alegria naquela festa e, por isso, com confiança exorta os serventes a acreditarem e fazerem o que Jesus dissesse.

²⁷¹ Teodoro de Mopsuestia, *Comentário sobre o Evangelho de João*, CSCO 116, 39-40.

²⁷² Cirilo de Alexandria, *Comentário sobre João*, 2, 1, PG 73, 224 D-225 D.

Também Romano, o Melode (490-556), numa composição, entoa louvores à Virgem, pela sua atenção e solicitude para que não se esvaia a alegria da festa. Contemplemos a belíssima composição deste autor:

Enquanto Cristo estava presente no casamento e a multidão de convidados se alegrava, o vinho acabou e a alegria deles se transformou em tristeza (cfr. Jo 2, 3). [...] Diante desse espetáculo, Maria, toda pura, mandou apressadamente advertir seu Filho: «Eles não têm mais vinho (Jo 2, 3), Filho, por favor, mostra que tudo podes, que tudo criaste com sabedoria». Rogamos-te, Virgem venerada, que milagres conheceste para teres tanta certeza de que teu Filho era capaz de oferecer vinho sem antes ter colhido? Como poderias convidá-lo a fazer milagres se nunca tivesses visto ou experimentado nenhum dos seus prodígios? A questão que agora se nos apresenta não é simples, isto é, a de perceber como pudeste dizer ao teu Filho: «Dá-lhes vinho, Tu que tudo criaste com sabedoria.» [...] Dócil [às palavras de Jesus], a Mãe de Cristo apressou-se a dizer aos servos do casamento: «Tudo o que meu Filho vos disser, fazei» (Jo 2, 5).²⁷³

Para este cantor da Virgem, a pureza de Maria intercedeu junto do Filho. Ela que, segundo os Evangelhos, não tinha ainda presenciado nenhum milagre de Jesus, vem-Lhe pedir que faça um milagre, restaurando a alegria aos convidados. Neste hino, o melodista apresenta a Virgem com a certeza de que seu Filho era o Filho de Deus e, por isso, este autor põe nas palavras de Maria a certeza de que seu Filho é o Verbo criador, que deu origem a tudo o que existe. É ainda de destacar a característica que este poeta atribui a Maria: a docilidade. É esta característica que a leva a aceitar as palavras de seu Filho, mesmo que não as tenha compreendido. A docilidade de Maria trouxe-lhe a confiança, qualidade que a levou a transmitir essa mesma certeza aos serventes.

Também São Bernardo comenta este texto das Bodas de Caná e salienta a ação de Maria que, movida pela sua bondade, não deixou que os noivos ficassem envergonhados e, faltando o vinho, apresentou a situação a Jesus. Tenhamos em conta as palavras com que nos brinda:

«E, acabando o vinho, disse-lhe a mãe de Jesus: eles não têm mais vinho» (Jo 2, 3); ela teve pena [dos noivos] na sua bondade e participou de seu embaraço. O que pode fluir da fonte da bondade senão a bondade? Sim, eu vos pergunto, como nos podemos surpreender que das entranhas de sua benevolência tal benevolência surja? [...] Talvez a resposta do Senhor pareça um pouco dura e severa; mas aquele que o disse sabia muito bem com quem falava. [...] Mas se vocês querem saber como ela recebeu esta resposta e o

²⁷³ Romano, o Melode, *Hino das Bodas de Caná*, 5- 18, SC 110, 300-320.

quanto ela contava com a bondade de seu Filho, ouçam o que ela disse aos que serviam: «Fazei tudo o que ele vos ordena» (Jo 2, 4).²⁷⁴

Para o Doutor melífluo, a bondade de Maria impeliu-a a apresentar a situação a Jesus, para que Ele a pudesse resolver. A atenção de Maria e o seu cuidado, são frutos da sua bondade, característica que não permite que na festa falte a alegria. A bondade de Maria, provém-lhe do seu coração puro, isto é, imaculado. Maria é aquela que acolhe sempre a palavra do Senhor mesmo quando esta, pela voz de Jesus, parece ser mais ríspida, ou mesmo repreensiva. Mas, Maria confia na bondade do Senhor e, por isso, indica aos serventes que façam o que o Senhor lhes mandar.

Também o Magistério da Igreja aborda este episódio. Na Constituição *Lumen Gentium*, Maria aparece descrita como aquela que, movida pela compaixão, leva Jesus, o Messias, a dar início aos seus milagres (cfr. LG 58).

Verdadeiramente expressiva é a Encíclica do Papa João Paulo II, *Redemptoris Mater*, sobre este episódio. Neste documento, é-nos dito que Maria contribui de modo significativo para o início dos milagres de Jesus e n'Ele confia plenamente. Consideremos o que nos diz São João Paulo II, neste documento:

Maria está presente em Caná de Galileia como Mãe de Jesus e contribui, de modo significativo, para aquele «início dos milagres», que revela o poder messiânico do seu Filho. «Ora, vindo a faltar o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: «não têm mais vinho». E Jesus respondeu-lhe: «Que importa isso, a mim e a ti, ó mulher? Ainda não chegou a minha hora» (Jo 2, 3-4). [...] Mesmo assim Maria dirige-se aos que serviam e diz-lhes: «Fazei aquilo que ele vos disser» (Jo 2, 5). [...] Naquele evento é bem certo que já se delinea bastante claramente a nova dimensão, o sentido novo da maternidade de Maria. [...] [esta maternidade nova traduz] a solicitude de Maria pelos homens, o seu ir ao encontro deles, na vasta gama das suas carências e necessidades. [...] Dá-se, portanto, uma mediação: Maria põe-se de permeio entre o seu Filho e os homens na realidade das suas privações, das suas indigências e dos seus sofrimentos. [...] Faz de mediadora, não como uma estranha, mas na sua posição de mãe, consciente de que como tal pode - ou antes, «tem o direito de» - fazer presente ao Filho as necessidades dos homens. [...] Outro elemento essencial desta função maternal de Maria pode ser captado nas palavras dirigidas aos que serviam à mesa: «Fazei aquilo que ele vos disser». A Mãe de Cristo apresenta-se diante dos

²⁷⁴ Bernardo de Claraval, *Sermão no 1º Domingo depois da oitava da Epifania*, 1, 2 in *Obras completas de São Bernardo-III-Sermões Litúrgicos-Iº*, p.323.

homens como porta-voz da vontade do Filho, como quem indica aquelas exigências que devem ser satisfeitas, para que possa manifestar-se o poder salvífico do Messias. (RM 21).

O Pontífice mostra-nos, nesta Encíclica, que, nesta festa em Caná, Jesus revela-Se e começa a fazer milagres, mas também diz que Maria se revela com o novo sentido da maternidade. Em Maria, a maternidade, não é apenas dar à luz, alimentar e criar depois o Filho. Em Maria, a maternidade assume uma nova dimensão. Depois de Caná, Maria não é apenas Mãe de Jesus, mas torna-se também mãe da Humanidade, uma vez que, estando atenta aos problemas e circunstâncias dos seus filhos, apresenta Jesus a todos, para que a ninguém falte a alegria de estar na presença de Jesus e a alegria de participar na festa de Jesus, no seu banquete nupcial.

Maria torna-se, então, medianeira entre os homens e Jesus, sendo solícita para com os Homens e dando-se conta de que estes sofrem alguma provação, logo se apressa a apresentar a Jesus as dificuldades dos seus filhos. Se Maria é medianeira entre os Homens e Jesus, também o é entre Jesus e os Homens, pois assim como apresenta cada filho ao Filho eterno, também, e de forma mais particular, procura sempre apresentar a vontade de Seu Filho a todos os Homens.

A Mãe, em Caná e nas circunstâncias da vida de cada filho, procura sempre apresentar a Jesus as alegrias e dores dos seus filhos, mas também é dócil à vontade de Jesus, tornando-se sua percursora e porta-voz, uma vez que, prepara os Homens para a ação de Jesus. Assim como Maria disse aos serventes para fazerem a vontade de Seu Filho, também nos diz a cada um de nós: - «faz a vontade de Jesus».

O Papa Francisco, interpretando este episódio, afirma que Maria nos mostra a vontade de Jesus, e deixa-nos um testamento: - «fazei o que Ele vos disser». Contemplemos as belas palavras com que o Papa nos brinda:

As palavras que Maria dirige aos servos coroam o quadro esponsal de Caná: «Fazei o que ele vos disser» (v. 5). É curioso: são as suas últimas palavras narradas pelos Evangelhos. São a sua herança que entregou a todos nós. Também hoje Nossa Senhora diz a todos nós: «Fazei o que ele - Jesus - vos disser». Eis a herança que nos deixou: é bonito!²⁷⁵

Esta interpretação, que nos é dada pelo Papa, mostra-nos que as últimas palavras de Maria, com que fomos brindados em herança, é que façamos a vontade de Deus nas nossas vidas. De facto, essa foi sempre a vontade de Maria: cumprir os planos de Deus. E, como Mãe,

²⁷⁵ Papa Francisco, «Audiência Geral 8 de Junho, 2016», consultado em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/Papa-francesco_20160608_udienza-generale.html, acedido a 23 de maio de 2023.

deixa-nos esse mesmo apelo de fazer a vontade de Deus. Maria preocupa-se para que nada falte nas bodas e para que na nossa vida não falte a alegria da festa com Jesus. Para isso, a Mãe sempre solícita, dá-nos, como testamento, o cumprimento da vontade do Senhor. Só assim a alegria não nos faltará.

Em Maria, tudo nos aponta para Deus, uma vez que, ao nível da fé, «Maria é a única que penetra no mistério de Jesus Cristo».²⁷⁶ Maria é aquela que nos revela Deus, e nos revela o Seu amor por nós, uma vez que, foi por indicação da Mãe, que Jesus se revelou e realizou o primeiro milagre. Porém, Maria não ordena a Jesus que faça um milagre. Ela apenas põe o Filho ao corrente da situação.²⁷⁷ De facto, «como humilde serva do Senhor, não trata de ditar a Jesus o que deve fazer. A sua súplica é ao mesmo tempo audaz e modesta».²⁷⁸

Maria é a Mulher atenta e solícita que não deixa que nos falte a alegria. Quando vê que a nossa alegria começa a esmorecer, faz uma sugestão discreta a Jesus, à semelhança da festa em Caná, é como se dissesse ao Filho: - «podes fazer alguma coisa?». Maria expressa a sua preocupação a Jesus, já sabendo que Ele podia agir.²⁷⁹ Maria dirige uma prece a Jesus pelos problemas da humanidade e, depois, deixa espaço para que Ele faça o que é da Sua vontade, no Seu tempo próprio. Não impõe nada a Jesus, apenas O informa, guiada pela sua solícitude, e com a certeza de que Ele pode fazer algo.²⁸⁰

Maria participa sempre nas preocupações mais recônditas dos homens. Ela toma-as para si própria e quer mitigá-las. Assim fez também em Caná. Mas não só isto. Maria manifesta-se em Caná simultaneamente como aquela que está plenamente consciente da missão do seu Filho e do Seu poder divino. Ela diz: «Fazei o que Ele vos disser!» (Jo 2, 5), o que quer dizer: «realizai as palavras de Jesus Cristo!».²⁸¹

Maria, com a sua atenção, fé e oração, surge como a representante dos Homens junto de Deus.²⁸² Maria, pela sua humildade, aproxima-se de Jesus e indica-Lhe o problema, dizendo a Jesus que tome a iniciativa que Ele julgar mais conveniente,²⁸³ e dá-se o milagre na humanidade.

²⁷⁶ Bernhard Dolna, «As Bodas de Caná, um casamento Judaico?», trad. Inês Madeira de Andrade, *Communio-Revista Internacional Católica* 23, n.º 2 (2006), p. 149.

²⁷⁷ Cfr. Barroca, *As sete palavras de Maria*, p. 59.

²⁷⁸ Häring, *Maria prototipo de la fe*, p.115.

²⁷⁹ Cfr. Potterie, *Maria en el misterio de la Alianza*, p. 223.

²⁸⁰ Cfr. Bigotto, *Maria dos Evangelhos*. p.36.

²⁸¹ Marija Zupancic, «Maria em Caná», trad. M. da Graça Pereira Coutinho, *Communio-Revista Internacional Católica* 23, n.º 2 (2006), p.172.

²⁸² Cfr. Thurian, *Maria, Madre del Señor, figura de la Iglesia*, p. 197.

²⁸³ Cfr. Barroca, *As sete palavras de Maria*, p.63

Nesta ação de Maria, podemos ainda identificar a humildade da maternidade de Maria, bem como a sua mansidão e compaixão pelo sofrimento dos seus filhos. Isto mesmo nos afirma o Cardeal Ravasi:

Para os servos nas bodas de Caná, o discurso de Maria foi um sinal claro de mansidão natural e reserva virginal. Sem dúvida, considerando a vergonha dos outros como sua, não suportou e não pôde esconder de Jesus que faltava o vinho. Duramente repreendida por seu Filho, ela, mansa e humilde de coração, não lhe respondeu, mas nem sequer se desesperou, limitando-se a exortar os servos a fazerem o que Ele lhes mandasse.²⁸⁴

Pela mediação de Maria, ela mostra a sua mansidão, pureza de coração e também a sua virgindade, pois, porque é obediente a Deus, o seu coração é virgem, todo entregue a Deus, e assim torna-se mãe solícita, que está atenta aos seus filhos e tudo leva ao eterno Filho. Pela sua confiança incondicional, Maria sabia que Jesus iria fazer alguma coisa para devolver a alegria àqueles que a tinham perdido e, por isso, indica aos serventes, que cumpram o que o Filho lhes indicar.²⁸⁵

Maria, da sua humildade, oferece a indicação aos serventes e assim prepara o caminho de Jesus, para que Ele se possa manifestar.²⁸⁶ Assim, Maria leva Jesus à manifestação da Sua glória. Podemos afirmar que a Mãe de Jesus O dá à luz para a vida pública, impulsionando-O a agir e a manifestar-Se, a fim de que não falte a alegria nos corações humanos.

Com as palavras de Maria aos serventes, ficámos com o verdadeiro mandato da Virgem, obedecer a Jesus. Aqui está o cerne da devoção mariana: cumprir a vontade que a Mãe tem de sermos submissos à vontade de Deus, manifestada em Jesus Cristo. Isso mesmo nos afirma o teólogo Bernhard Häring:

Fazei o que Ele vos disser! Tocamos aqui o núcleo e centro da autêntica devoção a Maria. Maria, nossa mãe não tem maior desejo que o de orientar até Jesus todos os nossos cuidados, nosso amor e obediência. Honramos deveras Maria quando fazemos tudo quanto Jesus nos diz, com as suas palavras, a sua graça, a sua vida e morte e todos os sucessos de sua existência no nosso mundo.²⁸⁷

²⁸⁴ Ravasi, *Le sette parole di Maria*, p.121.

²⁸⁵ Cfr. Ravasi, p. 125.

²⁸⁶ Cfr. Nelson Maria Brecho Da Silva, «A Figura de Maria na festa de Caná em Jo 2,1-11», *Atualidade Teológica* 24, n.º 64 (2020), p.162, disponível em <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.47891>. Consultado a 16 de maio de 2023.

²⁸⁷ Häring, *Maria prototipo de la fe*, pp. 115-116.

Para honrarmos a Mãe, temos de obedecer ao Filho. Esta é a mensagem central de toda a devoção a Maria e, de facto, esse é o apelo que Maria nos faz, em todas as aparições. Nestas, o convite à alegria é constante. Apontando-nos para a vontade de Deus, Maria sempre nos convida à alegria e sempre intercede para que tal seja uma realidade e esta não falte nas nossas vidas.

Para ilustrarmos a atitude de Maria nas bodas de Caná, parece-nos bastante oportuno o uso da imagem de Nossa Senhora da Alegria, que se venera, com esta invocação, em Aboim da Nóbrega, Vila Verde. Porque Maria devolveu a alegria às bodas, parece-nos bastante pertinente esta invocação da Senhora da Alegria.

Nesta imagem que a seguir se apresenta (figura 14), está representada Maria com o menino Jesus ao colo, enquanto segura uma viola, ou um cavaquinho. Nossa Senhora apresenta-se trajada com um belíssimo vestido vermelho, adornado com bastantes flores brancas, e com uma franja dourada. Por cima do vestido, Maria ostenta um manto azul com motivos florais nele gravados, com franja dourada. No ombro esquerdo, Maria segura o seu Filho, que ostenta um papel onde se pode observar a inscrição: «causa da nossa alegria». Sobre o ombro direito Maria carrega um par de pombinhas brancas. Maria apresenta-se a tocar viola (ou cavaquinho), com a mão direita sobre o cordoado, a mão esquerda sobre o travessão. Maria está poisada sobre quatro cabeças de Anjos.



Figura 14 - Nossa Senhora da Alegria²⁸⁸

- Autor: Desconhecido
- Datação: Desconhecida
- Dimensões: Desconhecidas
- Material: Madeira e tinta
- Localização: Aboim da Nóbrega, Vila Verde

²⁸⁸ Imagem disponível em:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=10158607952024641&set=pcb.570517213628825>. Acedido a 10 de junho de 2023. Por dificuldades em contactar o pároco de Aboim da Nóbrega, tivemos de recorrer a uma imagem publicada na rede social Facebook, fotografia da autoria de Paulo Sá, que após contacto, autorizou o uso desta imagem.

1.2.6. MARIA JUNTO À CRUZ

Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua. (Jo 19,25-27)

Surge-nos, agora, a hora derradeira, em que a missão de Jesus se revela plenamente e a maternidade de Maria assume o seu novo sentido. Na cruz, Jesus mostra a plenitude da revelação divina e, nessa revelação, entrega Maria ao discípulo amado e deixa-a a cada um de nós como Mãe. No momento derradeiro da história humana, Jesus leva a cruz até ao Calvário e nela é crucificado. Maria, sua Mãe, acompanha-O em todo este doloroso caminho. Quanta dor passou Maria ao ver o seu Filho assim tratado e morto.

Quando até os discípulos de Jesus O abandonam neste momento derradeiro, a Mãe lá estava, chorosa, mas de pé, em sinal da sua força e conforto em Deus. No momento da cruz, Jesus dá a Maria um conforto, dá-lhe um novo Filho para amar. Neste filho, o discípulo amado, está cada um de nós e Maria aceita esta nova missão, assumindo esta nova maternidade. Esta maternidade já não é a de quem dá à luz, mas é uma maternidade espiritual.

Os Padres da Igreja comentaram amplamente esta presença de Maria junto à cruz, bem como a sua entrega, por parte de Jesus, ao discípulo João. Um dos Padres que nos reporta isso é Santo Ambrósio de Milão (340-397), que alude ao olhar compassivo de Maria e também à dor que sofre a Mãe, quase ao ponto de se oferecer pelo Filho. Só não o fez porque sabia que se estava a cumprir a missão de Jesus. Atentemos nas palavras deste Santo:

A mãe olhou com olhos compassivos para as chagas do Filho, de quem ela sabia que viria a redenção do mundo. [...] O Filho foi pendurado na cruz e a mãe se ofereceu aos perseguidores. Se ela estivesse lá apenas para ser morta antes de seu Filho, sua afeição materna, pela qual ela não queria sobreviver, já teria sido louvável; mas estando ali prestes a morrer com Ele, foi porque esperava ressuscitar com Ele. [...] Jesus, não se esquecendo da Mãe, nem mesmo na cruz, desafia-a dizendo: «Aqui está o teu filho», e a João: «Aqui está a tua mãe» (Jo 19,26). Do alto da cruz, Cristo ditou seus últimos desejos, e João, digno

de tão grande testador, selou seu testamento. Maravilhoso testamento, que não deixa dinheiro, mas vida, que está escrito não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo.²⁸⁹

Para Santo Ambrósio, Maria está na crucificação de Jesus, compadecendo-se d'Ele. Com a morte de Jesus na cruz, também Maria morreria, isto é, qual é a mãe, que, vendo o seu filho morrer, não sofre, perdendo nessa morte uma parte de si? Também Maria perde o seu Filho na cruz, e para que o sofrimento da Mãe fosse aliviado, Jesus tinha-a entregado, em maneira de testamento, a João. Este discípulo, por ter sido o mais próximo de Jesus, aquele que reclinou a cabeça sobre o peito de Jesus no momento da Última Ceia (cfr, Jo 13,25), foi o que registou o testamento do Senhor, sendo ele próprio herdeiro desse testamento. Porque Jesus não queria deixar a Mãe desamparada, entrega-a a João, mas entrega-a, não para que ele apenas cuide dela, mas entrega-a, verdadeiramente, como Mãe.

Na cruz, Jesus entrega Maria como mãe de João, mostrando o profundo amor que tem pela Mãe. Neste sentido, fala-nos São Cromácio de Aquileia (345-407), que nos diz:

No tempo da paixão, quando o Filho de Deus estava pendurado na cruz para a salvação do mundo, o Senhor confiou a Mãe Maria a ninguém menos que João, dizendo-lhe: «Aqui está a tua Mãe!»; e à Mãe: «Aqui está o teu filho!» (Jo 19, 26). Ele confiou sua santa Mãe a João não porque pretendesse abandonar a santa Maria, [...] mas para demonstrar o afeto de sua devoção a Maria.²⁹⁰

Nas palavras deste Santo, podemos ver que Jesus não abandonou a sua Mãe, mas antes, porque lhe tinha muita estima, a entregou ao seu discípulo mais próximo. Deste modo, não deixou a Mãe desamparada, mas confiou-a ao discípulo amado. Nesta entrega da Mãe ao discípulo, está cada um de nós que acolhe Maria como Mãe e, por aí, se justifica a devoção que temos a Maria, porque nos foi confiada pelo próprio Deus.

São João Crisóstomo (347-407) também nos diz isso mesmo. Porém, o «Boca de Ouro» vai mais além, demonstrando-nos o cuidado e a solicitude que devemos ter para com aqueles que nos deram a vida. Nas palavras deste Santo, está também o testemunho discreto de João. Consideremos as palavras de ouro, com que este Santo nos brindou:

[Jesus] confiou sua Mãe a seu discípulo para nos instruir no cuidado de nossos pais, mesmo em agonia; e Ele a confiou ao discípulo que Ele amava. Mais uma vez, João esconde sua identidade por humildade, pois, se quisesse se vangloriar, teria exposto o motivo pelo qual foi amado. [...] Mas por que Ele não disse outra palavra a João e o confortou em sua

²⁸⁹ Ambrósio de Milão, *Exposição sobre o Evangelho segundo São Lucas*, 10,129-131, PL 15, 1836-1837.

²⁹⁰ Cromácio de Aquileia, *Sermões*, 22, 3, SC 164, 54.

dor? Porque não era hora de palavras de consolo. Além disso, não foi pouca coisa em si ser julgado digno de tal honra. Com que grande dignidade Ele honrou seu discípulo! Já que Ele estava saindo, confiou os cuidados de Maria, ao discípulo. Já que como sua Mãe, ela seria naturalmente ferida e precisaria de um protetor, Ele a colocou corretamente nas mãos de seu amado discípulo.²⁹¹

O Doutor da boca de ouro (Crisóstomo) considera que Jesus nos ensinou a tratar e a cuidar dos nossos pais, mesmo em situação de debilidade e, por isso, entregou Maria ao discípulo, para nos dar o exemplo. É ainda curioso como este Santo afirma a humildade de João, que nunca menciona o seu nome e que foi encarregue de assumir tão grande tarefa como de cuidar da Mãe de Deus. João assumiu o mandato de cuidar de Maria, que estava ferida pela morte do seu Filho. Aqui se vê a dignidade de João em ter assumido a honra de receber a mãe de Jesus, como sua, em sua casa.

Este amor que João teve por Maria, ao ponto de a acolher em sua casa, é também considerado por São Paulino de Nola (354-431), que nos fala da solícitude de João, e nos mostra o amor por Maria. Tomemos em consideração as palavras deste Santo:

O Senhor, [...] voltando-se para Maria, diz-lhe: «Mulher, eis aqui o teu filho!», e ao discípulo ali presente: «Aqui está a tua mãe!» (Jo 19, 26-27). Cristo, com suas palavras transmite um duplo ensinamento. Por um lado, sendo solícito para com a mãe, deixa-nos o significado profundo do seu amor por ela: com a Sua solícitude não abandonou aquela que deixou no corpo; por outro lado, [ela sabia que] ele não a deixaria nem em seu corpo, porque aquele que ela via morrendo, ela logo veria vivo novamente. [...] Além disso, cumprem-se deste modo misterioso, os desígnios divinos, Ele quer indicar o salutar mistério do Seu amor filial, e confia a sua mãe a João, para a ter como mãe e a consolar; a Maria, Jesus, entrega um novo filho no lugar de Seu corpo, como [...] se ela mesma o tivesse gerado.²⁹²

Este Santo, diz-nos que Jesus, ao entregar Maria a João, deixou-nos um duplo ensinamento: primeiro, a solícitude para com a Mãe; depois, o ensinamento da nova maternidade de Maria. Ao entregar a Mãe ao discípulo, do mesmo modo, Jesus entrega cada um de nós à Sua mãe e nós, por nossa vez, acolhemo-la como seus filhos. Ela acolhe-nos, em tudo e sempre, como nossa Mãe, como se nos tivesse gerado. É ainda de destacar a fé de Maria que, não só estava junto à cruz, como acreditava que Jesus haveria de ressuscitar. Por isso, Jesus lhe entrega João como filho, para que a mãe não fique órfã de filhos.

²⁹¹ João Crisóstomo, *Homília sobre o Evangelho de João*, 85, 2-3, PG 59, 461-462.

²⁹² Paulino de Nola, *Cartas*, 17, PL 61, 415A - 417A.

São Bernardo comenta a presença de Maria junto à cruz e a sua entrega por parte de Jesus a João, como a espada que Simeão profetizou, que trespassaria a alma de Maria (Lc 2, 35). Bernardo também nos diz que apesar de Maria ter conhecimento do que se podia passar, passou por um sofrimento atroz, tendo sido cortantes as palavras de Jesus a seu respeito e o facto de em substituição de Jesus ter ficado João. Consideremos as palavras deste Santo:

O martírio da Virgem, [...] fica atestado pela profecia de Simeão e pela mesma história da Paixão do Senhor. [...] É verdade, Mãe santa, uma espada trespassou a tua alma. Era impossível que esta espada penetrasse a carne de Teu Filho, sem atravessar a tua alma [...] A Ele, a espada não lhe poderia fazer mal algum, nem chegou a tocar a Sua Alma, mas atravessou a tua. [...] Sim a facada de dor atravessou a tua alma. [...] os teus sentimentos de compaixão excediam as sensações de dor corporal. Não foram piores que uma espada aquelas palavras que atravessaram realmente a tua alma: [...] mulher, eis o teu filho!? Que troca! João é-te entregue em vez de Jesus, o servo em substituição do Senhor. O discípulo em lugar do mestre, o filho de Zebedeu, pelo Filho de Deus, um simples homem em substituição do Deus verdadeiro. [...] Não sabia Maria que seu Filho havia de morrer? Sim, e com toda a certeza! Não sabia [Maria] que Jesus havia de ressuscitar ao fim de pouco tempo? Sim, e com toda a segurança! E apesar disso, sofria pelo crucificado? Sim e de uma maneira espantosa! [...] Jesus morreu no seu corpo, Maria morreu em seu coração [...] mas numa morte de amor pelo seu Filho.²⁹³

Para o Doutor melífluo, Maria sofreu o martírio por ver o seu Filho padecer, e sentiu a espada que Simeão havia profetizado trespassar o seu coração. Para Maria, foram cortantes as palavras de Jesus: «eis a tua Mãe». Também foi doloroso, para Maria, em lugar de seu Filho, receber um discípulo. Em lugar de Deus, receber um homem como filho. De facto, pelos sofrimentos do Filho, o coração de Maria foi trespassado, tal era a sua união a Jesus. Foi de atroz sofrimento para a Mãe ouvir de seu Filho que lhe entregava o discípulo, para que ela o acolhesse como ao próprio Filho, que o amasse como amou Jesus. Tal foi a união de Maria com Jesus, que os sofrimentos deste, ainda que atenuados pela presença de João, foram os sofrimentos da Mãe.

Desta união com Jesus, inclusive no seu sofrimento, falam-nos os Padres Conciliares do Vaticano II, pois na Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, afirma-se:

Assim avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à cruz. Junto desta esteve, não sem desígnio de Deus (cfr. Jo 19,25), padecendo

²⁹³ Bernardo de Claraval, *Sermão do domingo dentro da oitava da Assunção*, 14-15, pp. 413-415.

acerbamente com o seu Filho único, e associando-se com coração de mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima que d'Ela nascera; finalmente, Jesus Cristo, agonizante na cruz, deu-a por mãe ao discípulo, com estas palavras: mulher, eis aí o teu filho (Jo 19, 26-27). (LG 58).

A maternidade de Maria, bem explícita neste documento, pela ligação da fé, foi o que permitiu a íntima união de Maria a Jesus, inclusive no momento da cruz. Mas Maria confiava, a tal ponto que acreditava que Jesus ia ressuscitar e foi também o que terá levado Jesus a entregar Maria como Mãe do discípulo e em João, como Mãe nossa, de todos os homens.

A nova maternidade de Maria é-nos descrita por São João Paulo II na Encíclica *Redemptoris Mater*. Afirma o Papa, ora Santo:

A maternidade na economia salvífica da graça no seu momento culminante, isto é, quando se realiza o sacrifício de Cristo na Cruz, o seu mistério pascal. [...] Jesus, vendo a mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!». Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!». E a partir daquele momento, o discípulo levou-a para a sua casa» (Jo 19-, 25-27). Neste episódio reconhece-se, sem dúvida, uma expressão do desvelo singular do Filho para com a Mãe, que Ele ia deixar no meio de tanto sofrimento. Todavia, quanto ao sentido deste desvelo, o «testamento da Cruz» de Cristo diz algo mais. Jesus põe em relevo um vínculo novo entre Mãe e Filho, do qual confirma solenemente toda a verdade e realidade. Pode dizer-se que, se a maternidade de Maria em relação aos homens já tinha aflorado e se tinha delineado em precedência, agora é claramente precisada e estabelecida: ela emerge da maturação definitiva do mistério pascal do Redentor. A Mãe de Cristo, encontrando-se na irradiação direta deste mistério que abrange o homem - todos e cada um dos homens - é dada ao homem - a todos e cada um dos homens, como mãe. (Rm 23)

A maternidade universal de Maria, que nos foi deixada como mandato de Jesus, é assumida plenamente por Maria. Após o cruciante momento da cruz, da Paixão, cada homem chama Maria sua mãe e ela como Mãe de todos cuida, por todos vela. Intimamente unida, desde o início da sua maternidade ao seu Filho, Jesus, ao acompanhá-Lo no doloroso momento da cruz, recebe uma missão nova, uma maternidade nova. Nesta missão que Maria recebe, em vez de ter o Filho, passa a responder por todos os filhos, pois em João, que a recebe e a leva para sua casa, está representado cada Homem, que recebendo também este mandato de Jesus, assume Maria como sua Mãe.

Esta ligação maternal a Maria é-nos apresentada também pelo Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que nos exorta a recebermos Maria como Mãe. Atendamos nas suas palavras:

Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo. Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai Lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: «Mulher, eis o teu filho!» E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: «Eis a tua mãe!» (*Jo* 19, 26-27). Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério duma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. E só depois de fazer isto é que Jesus pôde sentir que «tudo se consumara» (*Jo* 19, 28). Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. (EG 285)

Maria estava aos pés de Jesus e ali recebeu uma nova missão: ser Mãe de todos os homens. Assim, Maria cumpre a missão salvífica especial que acolhe de Jesus. Ele, deixa-nos Maria como Mãe, pois, pela Mãe, chegamos também ao Filho. Ao acolhermos Maria como nossa Mãe, estamos a cumprir o mandato que Jesus nos deu, de olhar para a Mãe, que intercede a Deus, por nós.

Esta presença de Maria junto à cruz, foi de forma brilhante interpretada pelo padre António Vieira, que, num dos seus sermões nos aponta Maria como intercessora e medianeira, baseando-se na presença junto à cruz. Tenhamos presentes as suas palavras:

E [Maria] sendo intercessora, e medianeira entre Deus, de quem é Mãe, e entre os pecadores, de quem é filha, vede que graça se poderá negar a uma intercessão tão estreita por natureza. Essa foi a ventura de um Ladrão, e a desgraça do outro no Calvário. Cristo estava no meio de ambos: mas em meio da cruz de Cristo, e da cruz do bom Ladrão estava a Senhora; em meio da mesma cruz de Cristo, e da cruz do mau Ladrão, não estava. E onde entre o pecador, e Deus mediou a Mãe de Deus, salvou-se o pecador; onde não mediou, não se salvou.²⁹⁴

Para este pregador do século XVII, a presença e o olhar compassivo de Maria permitiu salvar o ladrão condenado, pois Maria, pela sua presença, levou o salteador a olhar para Jesus.

²⁹⁴ Franco, Maduro, e Abreu, *Obra Completa Padre António Vieira-Sermões do Rosário Maria Rosa Mística I*, p.66.

É essa a missão de Maria: ser medianeira entre Deus e os homens. Por isso, leva os homens a Jesus e, com a sua presença e intercessão, traz Jesus até nós.

Maria, por estar junto à cruz e receber João como seu filho, assume a maternidade espiritual que se vê refletida na Igreja, que acolhe os seus filhos e a todos leva a Jesus.²⁹⁵ De facto, junto à cruz, Maria assume plenamente a sua vocação de «Filha de Sião»,²⁹⁶ e, por aí, se entende que Jesus a chame de «mulher», nome que era atribuído à categoria da «Filha de Sião».²⁹⁷ Na entrega de Maria a João, por parte de Jesus, em que se dá a entrega da Mãe (Igreja) ao discípulo amado (todos os discípulos), a Mãe e o discípulo acolhem-se mutuamente. Maria torna-se Mãe dos discípulos, e o discípulo acolhe a Mãe de Deus como sua mãe.²⁹⁸

Ao acolher o discípulo, Maria torna-se também discípula de seu Filho, pois:

É-lhe confiada a incumbência para acompanhar João, o discípulo que seu Filho amava. Maria encontra no discípulo amado o sentido de sua missão: receber a nova maternidade, a do Corpo de Cristo na pessoa desse discípulo. Todo o amor entregue ao Filho transforma-a em sua discípula.²⁹⁹

Maria, que já se havia tornado discípula de Jesus, acolhe o Seu mandato e recebe João, pelo amor que sempre teve ao Filho. Maria foi a discípula perfeita e foi este amor que a fez estar no Calvário, de pé, com a confiança na ressurreição de Seu Filho. Este facto é atestado pelo próprio relato evangélico, que nos apresenta Maria de pé, diante da cruz, e não prostrada de dor. «Maria ao pé da cruz representa a fidelidade e a radicalidade do seguimento de Jesus, da maternidade, à nova filiação do discípulo que Jesus amava».³⁰⁰ Em Maria junto à cruz, manifesta-se a nova maternidade, a maternidade da Igreja, de acolher os filhos e levá-los a Jesus, estando com eles também nos momentos de dor. De facto, na cruz o que permanece é o

²⁹⁵ Cfr. Potterie, *Maria en el misterio de la Alianza*, p. 267.

²⁹⁶ Cfr. Raniero Cantalamessa, *Maria um espelho para a Igreja*, trad. Lino Rampazzo (Aparecida: Editora Santuário, 2000), p.110.

²⁹⁷ Cfr. Karl-Heinz Menke, *María en la historia de Israel y en la fe de la Iglesia*, trad. Constantino Ruiz-Garrido (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2007), p. 74

²⁹⁸ Cfr. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004), p. 272.

²⁹⁹ Ronsi, «Maria, mulher toda de Deus», p.101.

³⁰⁰ Isidoro Mazzarolo, «Maria na Bíblia», em *Anais do Congresso de Mariologia - Piedade popular, cultura e teologia*, ed. Leomar Antônio Brustolin e Luis Bedin Fontana (Porto Alegre: Edipucrs, 2018), p.45. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-de-mariologia/assets/dicoes/2017/arquivos/2.pdf>. Acedido a 15 de maio de 2023.

Amor e este Amor transforma a maternidade de Maria, que, ao invés de ser apenas Mãe do Filho de Deus, se torna Mãe da Humanidade.³⁰¹

Esta nova maternidade universal de Maria aponta-nos já para a realidade da Igreja, ainda que dorida. Está como a Mãe das dores, junto à cruz de Jesus e, deste momento, de cruciante sofrimento, brota a sua missão.

Esta presença de Maria, junto à cruz de Jesus é sobremaneira importante, que a Liturgia lhe dedica um dia próprio, 15 de setembro, no qual se celebra a Senhora das Dores, ou a Senhora Dolorosa.

Este foi um dos episódios amplamente representados na arte, seja com as representações da Senhora das Dores, seja com as representações da *Pietà*, em que Nossa Senhora se apresenta com o Filho morto, no seu regaço. Foi precisamente uma dessas representações que escolhemos para ilustrar este episódio.

Nesta imagem, que a seguir se apresenta (figura 15), Maria suporta o seu Filho morto no colo. O olhar da Virgem dirige-se para o alto, mostrando a confiança da Mãe. O rosto de Cristo é marcado por cabelos e barbas fartos, encaracolados em S. A Virgem exibe um olhar pesado e dolorido, mas que demonstra confiança. Maria está vestida em tons de dourado, vermelho e azul, com destaque para o manto, que apresenta como motivos decorativos decorações florais.

³⁰¹ Cfr. José Ulisses Leva, «Grata Lembrança Memória e Celebração», *Revista Eletrônica Espaço Teológico* 7, n.º 11 (2013), p.77. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2013v7i11pp>. Acedido a 25 de maio de 2023.



Figura 15 - Pietà ³⁰²

- Autor:

Frei Cipriano da Cruz (escultor); Manuel da Costa Pereira (pintor e dourador).³⁰³

- Datação:

1685-1690

- Dimensões:

137 x 152 cm

- Material:

Madeira de castanho, entalhada, dourada e policromada, com punção, esgrafitado e bordados de aplicação em cera-resina.

- Localização:

Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra.

³⁰² Imagem disponível, com licença de uso Creative Commons, em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b4/Frei_Cipriano_da_Cruz_Pieta_2_IMG_0594.JPG. Acedido a 30 de maio de 2023.

³⁰³ Informações disponíveis em: https://baroqueart.museumwnf.org/database_item.php?id=object%3BBAR%3Bpt%3BMus11_A%3B14%3Bpt&fbclid=IwAR2YG1SyPPZdk1gbvDNA4SttCW7eDhBLwyYqnyoc236ZtdhqJpk0zO5t92U. Acedido a 30 de maio de 2023.

1.2.7. SENHORA DO PENTECOSTES

Todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus. (At 1,14)

Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. [...] Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. (At 2, 1.3)

Maria, que acreditou na Ressurreição de Jesus e junto à cruz se tornou Mãe da Igreja, ao acolher João como seu filho, assumindo a maternidade espiritual universal, tornou-se, portanto, mãe dos discípulos e rainha dos Apóstolos, está agora no Cenáculo, com estes, em oração, aguardando a descida do Espírito Santo, prometido por Jesus.

Maria mantém os discípulos de Jesus unidos na oração, para acolherem o Espírito Santo. Porque Maria é aquela que sempre acreditou, está com os discípulos, assumindo assim o mandato de Jesus de acolher os discípulos como filhos. Como tal, não os deixa desanimar e, pela sua presença, torna-os perseverantes na fé de que vão receber o Espírito Divino. Porque Maria assume esta missão dada por Jesus, do alto da cruz, torna-se Mãe da Igreja, que nasce precisamente da cruz de Jesus.

Maria incita os discípulos à oração, aguardando a presença do Espírito Santo. Sem a presença de Maria, os discípulos ficavam desanimados com o que aconteceu com Jesus, ao verem-se sem a Sua presença, sem a presença física do Mestre. Mas, com a presença de Maria, os discípulos permaneceram unidos na oração. De facto, não pode haver Igreja sem a presença de Maria, pois os discípulos ficariam desanimados. Isto mesmo nos afirma o Padre da Igreja, São Cromácio de Aquileia (345-407):

Quando Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, depois de ter vencido a morte, ressuscitou e subiu ao céu, a sua Igreja, que era composta por cem pessoas, reuniu-se, assim como vós. [...] Portanto, a Igreja se reunia na sala do andar superior, juntamente com Maria, a Mãe de Jesus, e seus irmãos. Assim, a Igreja não pode ser chamada assim, se a Mãe do Senhor não estiver presente, junto com seus irmãos. Com efeito, a Igreja de Cristo existe onde quer que se pregue a Encarnação de Cristo, nascido da Virgem; e ali onde pregam os apóstolos, que são irmãos do Senhor, ali se ouve o Evangelho. Não se pode falar

da Igreja onde fica a sinagoga dos judeus, porque ela não quis acreditar na Encarnação de Cristo nascido da Virgem, nem escuta a interpretação espiritual da Escritura.³⁰⁴

Para este Padre, a Igreja não pode ser assim chamada sem a presença de Maria. Não se pode anunciar Cristo, sem anunciar o papel de Maria na História da Salvação. De facto, como é possível anunciar que Jesus Cristo Encarnou sem dizer o nome de Maria? Como se pode falar do Evangelho sem falar em Maria, que O trouxe no seu seio e que Lhe deu vida? Maria, está intimamente ligada ao Evangelho e intimamente ligada à Igreja, pois a Igreja anuncia aquilo que Maria viveu como Mãe de Jesus. A Igreja, enquanto comunidade dos discípulos, não existiria sem a presença orante de Maria. A Igreja não poderia ser anunciadora, se Maria não conservasse os discípulos unidos em oração.

A presença de Maria junto à cruz e o seu envio ao discípulo amado, que poderíamos dizer aos discípulos, tornou Maria enviada. Maria tornou-se Apóstola dos discípulos, ao receber o mandato de Jesus: «eis o teu filho» (Jo 19,26). Maria é a anunciadora dos discípulos, pois anunciou-lhes a esperança da Ressurreição e ensinou os discípulos a acreditarem no que Jesus ensinou. Quem, de forma brilhante, afirma a realidade de Maria como evangelizadora, é Severo de Antioquia (456-538), que nos diz:

[Maria] pode ser chamada de Apóstola e com razão se diz que ela supera todos os apóstolos, porque desde o início ela foi contada entre os apóstolos, como se lê no livro dos Atos dos Apóstolos, que diz: Eles estavam reunidos e perseveravam em oração com Maria, mãe de Jesus (At 1, 14). Além disso, se aquelas palavras que ouviram de Nosso Senhor: Ide e ensinai todas as nações (Mt 28, 19) os transformaram em apóstolos, qual é a nação que a Virgem não ensinou e conduziu ao conhecimento de Deus? E fê-lo, mesmo calada, através do seu nascimento singular e excecional e, portanto, copioso nas suas consequências; fê-lo através da sua concepção incomparável, que a constituiu a mãe e a raiz da pregação evangélica.³⁰⁵

Para este monge, Maria é chamada Apóstola e supera todo o colégio apostólico, pois manteve-o unido em oração, enquanto não recebiam o Espírito Santo. É certo que Maria não andou de terra em terra a anunciar Cristo, como fizeram os Apóstolos, mas andou por todas as nações e em todas onde apareceu, anunciou Cristo. Maria tornou-se anunciadora de Jesus logo que soube da sua concepção no seu seio, pois logo foi anunciar Cristo a Isabel. Maria é a

³⁰⁴ Cromácio de Aquileia, *Sermões*, 30, 1, SC 164, 135.

³⁰⁵ Severo de Antioquia, *Homília XIV em memória da Santa Mãe de Deus*, 8, PO 38, 400.

anunciadora nata, pois, por meio dela, foi-nos anunciado Cristo, uma vez que, pela Encarnação no seio de Maria, veio até nós o próprio Deus.

Maria, por ser a anunciadora de Cristo e por manter os discípulos unidos em oração, é a imagem da Igreja. À semelhança de Maria, que recebeu o Espírito Santo, também a Igreja recebe o Paráclito. Esta semelhança entre Maria e a Igreja é-nos apresentada numa coletânea de homílias do século VII, que assumiu como autor Eusébio Galicano. Consideremos um excerto desse texto:

Desfruta da Igreja de Cristo que, à semelhança da bem-aventurada Maria e fecundada pelo Espírito Santo, é enriquecida e feita mãe da descendência divina. [...] vamos comparar essas duas mães: a geração de uma fortaleceu nossa fé na outra e vice-versa. Maria foi cheia da sombra do Espírito Santo, desceu misteriosamente, na fonte bendita o Espírito Santo desposou a Igreja por infusão. Maria gerou um filho sem pecado; a Igreja apagou os pecados daqueles que ela gerou. Por Maria nasceu Aquele que era desde o princípio; pela Igreja renasce Aquele que no princípio pereceu; Aquele que gerou em favor dos povos, este gera os povos; aquela, como sabemos, deu à luz um filho apenas uma vez, permanecendo virgem, a outra dá à luz continuamente por meio de seu marido virgem. Então, o que vós considerais um prodígio único ao longo dos séculos, agora o reconheceis como uma função habitual.³⁰⁶

Neste texto, afirma-se que a Igreja, à semelhança de Maria, é fecundada pelo Espírito Santo e dá-nos a descendência divina. Da comparação entre Maria e a Igreja, o texto diz-nos que ambas foram fecundadas pelo Espírito Santo. Por Ele, veio Jesus ao mundo e a Igreja foi criada e existe. Podemos dizer que a Igreja nasceu, que nasceu do lado aberto de Jesus na cruz, pelo Espírito Santo, nasce do seio puríssimo de Maria. Maria é a Mãe da Igreja porque é a Esposa do Espírito Santo, devido à relação que tem com Ele, na hora do seu sim ao Anjo Gabriel.

Quem de forma esplêndida nos explicita o papel de Maria junto dos discípulos, em oração, no Cenáculo é Pascácio Radberto (785-863). Consideremos as suas palavras:

Aqui, Jesus ascendeu ao céu, a Virgem e os Apóstolos passaram o tempo aprendendo um modo de vida virtuoso; ela medita sobre a lei dos mandamentos de Deus, para se tornar uma expressão autêntica do ensinamento dado por Cristo e um exemplo de perfeição para as virgens. Ela também conversa com as testemunhas da santa Ressurreição, sendo ela mesma uma testemunha. [...] Por isso se diz que subiram ao cenáculo onde se celebra dignamente a Páscoa e ali permaneceram junto com Maria, mãe de Jesus, vivendo

³⁰⁶ Eusébio Galicano, *Homílias XXIII de Páscoa*, 2, CCL 101, 267-268.

assiduamente na caridade, perseverando na oração até serem revestidos das virtudes do céu. Assim começaram a orar aqueles que há pouco, falando com o Senhor, se alimentavam de virtudes e milagres.³⁰⁷

Para este Padre da Igreja, a presença orante de Maria no Cenáculo é o fator congregador da comunidade dos discípulos. De facto, é à volta de Maria que eles se congregam e mantêm unidos em oração, à semelhança do que acontece na Igreja. Podemos então afirmar que Maria é a Mãe da Igreja nascente, que permanece até aos nossos dias. Maria como Mãe, congrega os seus filhos, reunindo-os e falando-lhes de Cristo. Esta é também a missão da Igreja.

São Bernardo, comentando a permanência dos discípulos no Cenáculo em oração com Maria, mostra-nos a humildade de Maria, mostrando que essa característica de Maria é tomada em conta por São Lucas ao escrever os Atos dos Apóstolos. Consideremos as palavras do Doutor melífluo:

Os Atos dos Apóstolos contam-nos que voltando do monte das oliveiras, se dedicavam [os apóstolos] à oração em comum. Sim, Maria estava lá! Ela deveria ser nomeada em primeiro lugar, pois se destaca por ser a mãe do Filho, e pela sua santidade eminente. Mas eis o que nos é dito: Pedro e André, Tiago e João e todos os outros, juntamente com algumas mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus. Com certeza ela agiu como a última das mulheres, e por isso se cita como a última. [...] Maria, quanto maior a sua dignidade, mais se humilhava em tudo, e mais que todos. Com razão a última foi a primeira, pois era a primeira de todos e se fez a última. Com razão se converteu em Senhora de todos, a que atuava como serva do Senhor. E com razão foi elevada acima dos Anjos, aquela que mantinha unidos os discípulos.³⁰⁸

Para o abade cisterciense, a presença de Maria e o facto de ser mencionada por último é propositado e dá honras a Maria, pois por ser a primeira a acolher a missão de seu Filho, a acolher os discípulos, torna-se a última a ser mencionada no texto, porque Maria já estava lá, perseverante com a Igreja nascente.

No Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium*, considerou-se esta espera de Maria pela vinda do Espírito Santo, no Pentecostes como sinal da Igreja, todos aguardam a vinda do Espírito que Maria implora para a Igreja:

³⁰⁷ Pascácio Radberto, *Homília na Assunção da Santíssima Virgem Maria*, 4, PL 30, 125.

³⁰⁸ Bernardo de Claraval, *Sermão do domingo dentro da oitava da Assunção*, 11, in *Obras completas de São Bernardo- IV- Sermões Litúrgicos-2*, pp.409-411.

Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes que viesse o Espírito prometido por Cristo, vemos que, antes do dia de Pentecostes, os Apóstolos «perseveravam unanimemente em oração, com as mulheres, Maria Mãe de Jesus e Seus irmãos» (At 1,14), implorando Maria, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na anunciação (LG 59).

Nesta mesma Constituição Dogmática, considera-se a maternidade de Maria no Pentecostes como a maternidade da Igreja, pois, à semelhança de Maria, a Igreja mantém os filhos de Deus unidos na esperança e perseverantes na oração. A ligação entre Maria e a Igreja, volta a expressar-se do seguinte modo:

Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. [...] No mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe (LG 63).

Maria está intimamente ligada à Igreja pela maternidade divina. Maria, que é imagem e início da Igreja (cfr. LG 68), é também figura da mesma Igreja, que mantém os filhos unidos na caridade e perseverantes na oração, em torno do Filho. Pela união com Cristo, Maria acredita e mantém unidos os filhos. Também a Igreja mantém os filhos unidos em oração ao redor de Cristo, do Pai e do Espírito Santo.

São verdadeiramente belas as palavras de São Paulo VI ao atribuir o título de Mãe da Igreja a Maria. Atentemos nas suas palavras, proferidas aquando da conclusão da III sessão do Concílio Vaticano II:

[O título de Maria mãe da Igreja] pertence à genuína substância da devoção a Maria, porque se justifica perfeitamente na própria dignidade da Mãe do Verbo Encarnado. Efetivamente, assim como a maternidade divina é a causa pela qual Maria tem uma relação absolutamente única com Cristo e está presente na obra da salvação humana operada por Cristo, assim também da maternidade divina brotam as relações que intervêm entre Maria e a Igreja; já que Maria é a Mãe de Cristo, que, desde o primeiro instante da sua Encarnação no seu seio virginal uniu a si como Cabeça o seu Corpo místico, que é a Igreja. Maria, portanto, como Mãe de Cristo, é também Mãe dos fiéis e de todos os pastores, isto é, da Igreja. [...] Ela, que em Jesus nos deu a fonte da graça sobrenatural, não deixará de manifestar a sua função materna à Igreja, especialmente neste tempo em que a Esposa de Cristo se empenha em cumprir com grande zelo a sua missão salvadora. [...] Maria, na sua

vida terrena, realizou a perfeita figura do discípulo de Cristo, foi espelho de todas as virtudes, e Encarnou as bem-aventuranças evangélicas proclamadas por Jesus Cristo. Daí deriva que, compreendendo a sua incomparável variedade de vida e de obras, toda a Igreja encontre na Virgem Mãe de Deus o exemplo da perfeita imitação de Cristo.³⁰⁹

Para São Paulo VI, Maria e a Igreja estão intimamente ligadas. Pela maternidade divina, Maria deu à luz Jesus, o Filho de Deus; e a Igreja, por sua vez, gera constantemente filhos para Deus. Maria teve em seu seio Jesus, deu-O à luz e acompanhou a Sua passagem na Terra até à cruz. Depois, animou os discípulos até à vinda do Espírito Santo. De igual modo, também a Igreja gera, no seu seio, os filhos de Deus, acompanha-os e constitui o Corpo Místico de Cristo. Em Maria, a Igreja encontra o exemplo da imitação de Cristo.

Maria é a Mãe da Igreja, pois, pela presença do Espírito Santo, a Virgem Orante, bem como a Igreja, está sempre presente no meio do povo e reúne à sua volta os discípulos de Jesus. Isso mesmo nos afirma o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Juntamente com o Espírito Santo, sempre está Maria no meio do povo. Ela reunia os discípulos para O invocarem (*At 1, 14*), e assim tornou possível a explosão missionária que se deu no Pentecostes. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização [EG 284].

Pela ação de Maria de congregar os discípulos à sua volta, falando-lhes de Jesus, enquanto aguardavam a vinda do Espírito Santo e que então, deu origem à Igreja, Maria é a Mãe da Igreja. Assim como Maria foi evangelizadora, animando os discípulos e falando-lhes da Ressurreição de Jesus, assim os discípulos foram enviados a anunciar o nome de Cristo, por toda a terra, aumentando cada vez mais o número de crentes no Evangelho e, consecutivamente, os filhos da Igreja.

Porque Maria é a Mãe da Igreja nascente, o Papa Francisco, por intermédio da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, decidiu inscrever esta festa no calendário litúrgico. Prestemos atenção às palavras com que é inscrita esta festa no calendário:

Dedicada guia da Igreja nascente, Maria iniciou, portanto, a própria missão materna já no cenáculo, rezando com os Apóstolos na expectativa da vinda do Espírito Santo (cf. *At 1, 14*). Ao longo dos séculos, por este modo de sentir, a piedade cristã honrou Maria

³⁰⁹ Paulus PP. VI, *Alocuções na conclusão da terceira sessão do Concílio Vaticano II* (21 de novembro de 1964). *AAS* 56 (1964), 1015-1016.

com os títulos, de certo modo equivalentes, de Mãe dos discípulos, dos fiéis, dos crentes, de todos aqueles que renascem em Cristo e, também, «Mãe da Igreja».³¹⁰

Na inscrição desta Festa no calendário, o Papa Francisco considera que Maria iniciou a missão da Igreja, sendo, portanto, protagonista da primeira comunidade, que acolheu o Espírito Santo, no Pentecostes.³¹¹ No Pentecostes nasceu a Igreja, da solicitude e perseverança de Maria, unindo os discípulos ao Seu Mestre. Mesmo depois do Pentecostes, Maria foi a guia da Igreja, que Maria assumiu como missão materna.

Assim como Maria gerou e cuidou de Jesus, acompanhando-o até à última hora, assim também «a Igreja gera, alimenta, conforta, cuida dos filhos do Pai, irmãos de Cristo, na força do Espírito Santo».³¹² De facto, a ação maternal de Maria inspira a ação da Igreja, como nos afirma José Eduardo Pinho:

A maternidade de Maria inspira a maternidade espiritual da Igreja e ilumina o modo de a Igreja entender o seu papel de sinal e instrumento no acontecimento da salvação. A Igreja, não obstante a distância que a separa do seu Senhor, é para o crente lugar e mediação da presença de Cristo, é «a mãe» que gera para a fé.³¹³

A maternidade de Maria e a maternidade da Igreja estão intimamente ligadas, uma vez que a maternidade da Igreja é inspirada na maternidade de Maria e, em ambas, se dá a presença de Cristo. A maternidade de Maria é sinal, para a Igreja, de que os dons do Senhor, que a constituem, dependem da sua abertura às interpelações do Espírito Santo.³¹⁴

Um paralelo ente Maria e a Igreja dá-se pela maternidade e virgindade, pois «porque Maria e a Igreja são virgens, estão direcionadas para a união com Cristo no Espírito Santo».³¹⁵ Pela virgindade e pela maternidade Maria e a Igreja estão unidas, pois em ambas se dá a união com Cristo, no Espírito Santo. É na comunhão Trinitária que Maria e a Igreja estão em relação, pois ambas geram filhos de Deus: Maria o Filho; a Igreja, os filhos no Filho.

³¹⁰ Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, *De celebratione Beatae Mariae Virginis Ecclesiae Matris in Calendario Romano Generali inscribenda*, AAS 110 (2018), pp. 437-438.

³¹¹ Cfr. Papa Francisco, «*Regina Caeli*, 31 de maio de 2020». Consultado em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/Papa-francesco_regina-coeli_20200531.html. Acedido a 30 de maio de 2023.

³¹² Thurian, *Maria, Madre del Señor, figura de la Iglesia*, p. 245.

³¹³ José Eduardo Borges de Pinho, «A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja», *Humanística e Teologia* 38, n.º 2 (2017), p. 6. Consultado em: <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2017.9404>. Acedido a 25 de maio de 2023.

³¹⁴ Cfr. Pinho, «A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja», p.70.

³¹⁵ Joseph Ratzinger e Hans Urs Von Balthasar, *Maria, Primeira Igreja*, trad. Maria Armanda de Saint-Maurice (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004), p.111.

No Pentecostes, Maria gera a Igreja, pois, estando em oração, abre-lhe a dimensão Trinitária. No contexto da comunidade orante, reunida no Cenáculo, gera-se a Igreja, o dom da vida Trinitária.

É a comunidade orante que, reunida em torno da presença de Maria, dá origem à comunidade eclesial, como nos afirma Ratzinger e Von Balthasar:

No Pentecostes, no momento do nascimento da Igreja graças ao Espírito Santo, Maria está no centro da comunidade orante que, graças à descida do Espírito, se torna Igreja. A correspondência entre a Encarnação de Jesus em Nazaré pelo poder do Espírito Santo e o nascimento da Igreja no Pentecostes é ineludível [evidente], a pessoa que une estes dois momentos, é Maria.³¹⁶

Maria gera a Igreja no Pentecostes, pois a comunidade orante no Cenáculo, reunida à volta de Maria, pela presença do Espírito Santo, torna-se comunidade eclesial, que é enviada em missão, para anunciar a Ressurreição a todos os povos. Maria une dois momentos importantes, a Encarnação e o Pentecostes, como se fosse a própria Maria a dar à luz a Igreja, assim como deu à luz Jesus no momento da Encarnação. O facto de Maria perseverar em oração dá origem à Igreja, pois, é por todos estarem unidos a Maria, que o Espírito Santo é acolhido e depois, os envia a anunciarem a ressurreição do Senhor, conforme nos afirma Max Thurian:

Maria persevera na oração, esperando a grande efusão do Espírito Santo que inaugurará a era missionária da Igreja. Como figura da mãe Igreja, ela não ocupa uma posição ministerial ou hierárquica como os nomeados em primeiro lugar, Pedro, João, Tiago e os outros apóstolos. Ela é citada entre as mulheres e parentes de Jesus. No seio da Igreja primitiva, Maria é um sinal humilde e orante, como serva do Senhor e da Igreja. Assim receberá o Espírito de Pentecostes para que na Igreja se realize plenamente a sua vocação.³¹⁷

A humildade de Maria eleva a sua maternidade à maternidade da Igreja de gerar novos filhos para a fé. Maria gerou os discípulos e, conseqüentemente, a Igreja para a missão a que foi chamada. Maria é Mãe dos discípulos e Mãe da Igreja, porque a todos congrega em oração, e prepara para a vinda do Espírito Santo. Apesar da condição humilde de Maria, esta não deixa de cuidar dos filhos que lhe foram confiados pelo Eterno Filho, no momento da cruz. Esta ligação maternal entre Maria e a Igreja, é-nos apresentada por José Eduardo Borges de Pinho:

³¹⁶ Ratzinger e Balthasar, p.54.

³¹⁷ Thurian, *Maria, Madre del Señor, figura de la Iglesia*, p. 240.

Nos Atos, Maria é apresentada, juntamente com os apóstolos reunidos no Cenáculo (cfr. At 1,14), a Mãe de Jesus é vista em relação com a Igreja que nasce, estabelecendo-se assim uma ligação profunda entre o papel maternal de Maria e a função maternal da Igreja. A maternidade espiritual da Igreja ao serviço do Reino de Deus encontra, pois, exemplaridade, impulso e sinalização específica no papel mediador de Maria.³¹⁸

Por se manter perseverante em oração com os discípulos, Maria é considerada figura e sinal da Igreja que naquele momento nasce. Da maternidade de Maria, recebida junto à cruz, surge a Igreja, assumindo a função maternal de Maria, como exemplo e modelo de como agir.

Esta ação de Maria, face à Igreja, é considerada pelo cardeal Cantalamessa, não como a maternidade de Maria, mas como a maternidade espiritual de uma madrinha. Maria age como madrinha dos Apóstolos (que constituem a Igreja). À semelhança do que se faz no Batismo em que há um padrinho e/ou uma madrinha, que apresenta o catecúmeno, assim Maria apresentou a Igreja constituída pelos Apóstolos, ao batismo no Espírito Santo. Consideremos as suas eloquentes palavras:

Maria, que debaixo da cruz se mostrou como Mãe da Igreja, aqui, no Cenáculo, se mostra como sua madrinha. Uma madrinha forte e firme. A madrinha, para poder desempenhar essa função, deve ser alguém que já recebeu o batismo. Era o caso de Maria: uma batizada pelo Espírito que agora apresenta a Igreja para o batismo do Espírito. Se os batizados são adultos, a madrinha assiste-os na preparação, é o que Maria fez com os apóstolos e faz connosco.³¹⁹

É verdadeiramente curiosa esta afirmação que faz o Pregador da Casa Pontificia, pois assim como uma madrinha é chamada a ser mãe na fé daquele que apresenta ao batismo, assim Maria foi Mãe na fé da Igreja, uma vez que preparou e apresentou os Apóstolos ao Batismo no Espírito Santo. Maria, que na Anunciação havia recebido o Espírito Santo, prepara e apresenta a Igreja ao Batismo no mesmo Espírito. Isso também nos é afirmado por Borges de Pinho:

No Pentecostes da Igreja, Maria está presente como testemunha qualificada do acontecimento Jesus, do seu significado para a humanidade, do início da Igreja. Na sua discricção, Maria aparece-nos como uma mulher atenta aos sinais de Deus na sua vida, como aquela que procurava entender os caminhos de Deus através do seu Filho e para si própria.³²⁰

³¹⁸ Pinho, «A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja», p. 62.

³¹⁹ Cantalamessa, *Maria um espelho para a Igreja*, p. 130.

³²⁰ Pinho, «A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja», p. 69.

Maria, sendo a testemunha qualificada de tudo o que Jesus fez, prepara a Igreja e apresenta-a ao Batismo. Maria que sempre foi atenta aos sinais de Deus na sua vida, transmite esses mesmos ensinamentos à Igreja, para que esta seja sempre capaz de reconhecer a presença de Jesus, e do Espírito Santo, que impelem a Igreja para a missão de anunciar o Evangelho. Em Maria, são assumidas as duas dimensões da maternidade, a mãe que gera a Igreja, e a maternidade espiritual, de uma madrinha, que leva a Igreja ao Batismo no Espírito Santo.

Esta invocação de Maria, apesar de ter raízes históricas, ganhou novo fervor no Concílio Vaticano II, mais concretamente com o Papa São Paulo VI. Esta devoção cresceu de tal forma que se introduziram no Lecionário das Celebrações de Nossa Senhora três formulários com o título «a Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja». Também na Ladainha de Nossa Senhora foi inserida, por São João Paulo II, em 1995, a invocação Maria, Mãe da Igreja.

Também na arte, a invocação de Santa Maria Mãe da Igreja, começou a ser representada. Um exemplo disso é a imagem que a seguir se apresenta (figura 16).

Neste painel de azulejos, aparece-nos, em plano central, Maria, elevada com os braços abertos, adornada com uma túnica branca e a cobrir a túnica um grandioso manto de graça, azul, aberto sobre aqueles que a contemplam. Este manto, fazendo recordar as antigas «Senhoras da Misericórdia», recobre todos os membros da Igreja.³²¹ Atrás da Senhora, surgem raios de sol, que mostram a realeza de Maria. Do céu azulado, com manchas castanhas, descem línguas de fogo, como descrito no relato do Pentecostes, simbolizando a presença do Espírito Santo, que desce sobre os membros da Igreja, que se apresentam no plano inferior. Neste plano está representada toda a realidade da Igreja Peregrina, aparecendo a figura do Papa, clérigos, consagrados, e um grande número os féis do povo de Deus. Sobre todos desce o Espírito Santo.

³²¹ Cfr. Ratzinger e Balthasar, *Maria, Primeira Igreja*, p.109.



Figura 16 - Santa Maria Mãe da Igreja³²²

- Autor:

Artur Ricardo/ Miguel Frias (Argila atelier)

- Datação:

1989

- Dimensões:

7x5 m (aproximado)

- Material:

Azulejo e tinta

- Localização:

Igreja de Santa Maria, Mãe da Igreja,

Alvite, Moimenta da Beira.

³²² Imagem e respetivos direitos de utilização, gentilmente cedidos, via email, pelo pároco de Alvite, Padre António Giroto, a quem muito agradecemos a disponibilização da imagem, bem como das informações relativas à mesma.

1.2.8. *MARIA A SENHORA VESTIDA DE SOL*

Depois, apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. Estava grávida e gritava com as dores de parto e o tormento de dar à luz. (Ap 12,1-2)

Esta viagem bíblica pelas figuras de Maria encaminha-nos, agora, para o relato presente no último livro do cânone sagrado, o livro do Apocalipse. Neste livro, João relata-nos os vários sinais. No capítulo 12 deste livro, aparece-nos um sinal, que reconhecemos como figura de Maria. Neste relato, aparece no céu um sinal, uma Mulher com vestes de sol, a calcar a lua e com uma coroa de doze estrelas na cabeça.

A Tradição da Igreja lê este sinal como figura de Maria, com a sua presença gloriosa, não entre os homens, mas já no Céu, onde foi assunta. Esta passagem, que é figura de Maria, é também interpretada como figura da Igreja. Como Maria é a Mãe da Igreja e a realidade da Igreja não se pode pensar sem Maria, com segurança relacionamos esta passagem como figura de Maria, sem esquecer que, por sua vez, a Virgem gloriosa representa a Igreja.

Esta mesma relação, entre Maria e a Igreja é-nos apresentada com base no relato apocalíptico por Quodvultdeus (?- 454). Consideremos as palavras deste Padre da Igreja:

No Apocalipse do Apóstolo João, está escrito que o dragão estava diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o filho que ela ia dar à luz (cf. Ap 12, 4). Nenhum de vocês ignora que o dragão é o diabo. Quanto à mulher, ela é a figura da Virgem Maria que, permanecendo inviolada, deu à luz, sem nenhum dano, àquele que é nossa Cabeça. Ela é pessoalmente uma imagem da santa Igreja. Assim como Maria, ao dar à luz o Filho, permaneceu virgem, assim também a Igreja não perde a sua virgindade ao dar à luz os membros (de Cristo) através dos tempos.³²³

Este Padre da Igreja considera a mulher descrita no Apocalipse como uma figura de Maria e relaciona a veste gloriosa de sol com a virgindade de Maria. Por esta condição Maria é, também, associada à Igreja, que constantemente aparece gloriosa, apesar de gerar os membros de Cristo ao longo da História da Salvação.

³²³ Quodvultdeus, *Explicação do símbolo aos catecúmenos*, 4, 1, PL 40, 661.

Ecuménio (séc.VI), por seu turno, considera a passagem que estamos a analisar como figura de Maria, sendo que este Padre da Igreja chega a afirmar que as vestes de sol, em Maria, foram dadas pela glória de Jesus. Atendamos às suas palavras:

Por que vós dizeis que é um prodígio no céu, uma mulher vestida de sol e com a lua sob seus pés? João, o refere à Mãe do nosso Salvador. Não é de admirar que a visão a descreva no céu e não na terra, como pura de corpo e alma, igual a um Anjo, como cidadã do céu, como aquela que abraçou e deu carne a Deus, que habita no céu. [...] Porque a Virgem é consubstancial a nós, [...] que quer ele dizer quando diz que ela está vestida com o sol e que ela tem a lua sob seus pés? [...] A lua é iluminada pela luz do sol, isto é, por meio de Cristo, exatamente como a lua dá luz, graças ao sol, assim Maria brilha graças ao Filho. De acordo com esta explicação, seria mais correto dizer que a mulher não estava vestida com o sol, mas que a mulher vestia o sol contido em seu ventre. Mas, para mostrar na visão que, uma vez concebido, o Senhor era o protetor de sua própria mãe e de toda a criação, a visão diz que ele vestiu a mulher. Assim, o Anjo de Deus disse à Santa Virgem: «O Espírito do Senhor descerá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra».³²⁴

Para este Padre da Igreja, «a mulher vestida de sol» é figura de Maria e, por isso, o sinal é dado no céu. As vestes de sol que Maria usa, são-lhe dadas por Jesus, pois resplandecem a glória de Jesus. Assim como a lua reflete a luz do sol, assim Maria reflete a glória de Deus. Tanto num caso, como noutro, a luz vem de uma entidade superior, seja o sol para a lua, seja a glória de Jesus para Maria.

Também São Bernardo alude às vestes gloriosas, associadas a Maria, nesta figura escatológica. O abade de Claraval explica-nos, também, alguns dos elementos que compõem a cena. Contemplemos as palavras de mel, com que nos brinda:

Não acreditas que Maria é a mulher vestida de sol? O contexto da visão profética indica que se fala do estado presente da Igreja; contudo, também pode atribuir-se sem inconveniente nenhum a Maria. Sem dúvida ela é a que se vestiu como outro sol. [...] Nada tem de estranho afirmar que a lua está debaixo de seus pés, cremos, sem duvidar, que ela foi elevada sobre os coros dos Anjos, dos querubins e dos serafins. [...] A lua pode considerar-se símbolo da necessidade, e representa a igreja na sua condição atual. A lua precisa da luz do sol, para iluminar. [...] Muito acertadamente se diz que Maria está vestida

³²⁴ Ecuménio, *Comentário sobre o Apocalipse*, 6, 18, TEG 8, 170-172.

de sol, penetrou o abismo insondável da sabedoria divina, muito mais do que podemos imaginar. Esteve imersa nessa luz inacessível, com a única segurança de não perder a unidade pessoal da sua condição de criatura, [...] os vestidos desta mulher são infinitamente imaculados e ardentes, tudo nela está tão iluminado, que nem se nos ocorre encontrar nela a menor treva, obscuridade ou tibieza. [...] A mulher que está entre o sol e a lua é Maria. Uma mulher vestida de sol, envolta num manto de luz, revestida de Jesus Cristo, tal era a familiaridade entre Maria e Cristo. [...] Na sua cabeça uma coroa de doze estrelas. Bem merece estar rodeada de estrelas essa cabeça que brilha muito mais rutilante que elas, e lhes dá mais beleza que a que recebe. Causa alguma estranheza, que as estrelas coroem aquela que está vestida de sol? Não, as estrelas são o corolário daquela que está vestida de glória.³²⁵

Para o Doutor melífluu, este episódio é interpretado como figura da Igreja, podendo sem qualquer inconveniente ser interpretado, concomitantemente, como figura de Maria. O abade cisterciense apresenta Maria como revestida do sol que é Cristo, isto é, a luz que brilha em Maria e refulge nas suas vestes. Também a lua, apresentada aos pés de Maria, é figura da Igreja, necessitada da graça de Cristo. As vestes de Maria veem-lhe da sua condição pura de Virgem Mãe de Deus. Por esse motivo, são caracterizadas por Bernardo como imaculadas e ardentes. O Doutor mariano apresenta ainda o motivo de Maria se apresentar coroada de estrelas: as estrelas, coroam aquela que possui vestes resplandecentes, que as ilumina e lhes dá brilho.

Também o Magistério da Igreja, faz referência a este episódio com ligação a Maria, embora de forma escassa, pelo menos no Magistério recente. Um exemplo é a Exortação Apostólica *Signum Magnum*, do Papa São Paulo VI, onde se diz, a título de introdução:

O «sinal grandioso», que o Apóstolo São João viu no Céu: «uma Mulher revestida com o sol» (Ap 12,1), não sem fundamento, o interpreta a Sagrada Liturgia como referindo-se à Santíssima Virgem Maria, Mãe de todos os homens pela graça de Cristo Redentor.³²⁶

São Paulo VI considera esta passagem do Apocalipse como figura de Maria e, seguidamente, apresenta-a como fundamento para que este texto seja usado na Liturgia, concretamente nas celebrações marianas. Também o Papa São João Paulo II, na Encíclica *Redemptoris Mater*, alude a este texto do Apocalipse como figura de Maria. Consideremos:

Maria, de facto, presente na Igreja como Mãe do Redentor, participa maternalmente naquele «duro combate contra os poderes das trevas, que se trava ao longo de toda a história humana», e, em virtude desta sua identificação eclesial com a «mulher vestida de sol»

³²⁵ Bernardo de Claraval, *Sermão do domingo dentro da oitava da Assunção*, 3-7, pp. 397-403.

³²⁶ Paulus PP.VI, «Adhortatio Apostolica Signum Magnum». AAS 59, (1967). Introdução.

(Ap 12, 1), pode dizer-se que «a Igreja alcançou já na Virgem Santíssima aquela perfeição, que faz que ela se apresente sem mancha nem ruga. (Rm 47).

Para São João Paulo II, Maria é interpretada como figura da mulher vestida de sol em função do combate contra as trevas. Mas, é na identificação eclesial que Maria é assim interpretada e representa a própria Igreja, que, à semelhança de Maria, é apresentada como Virgem sem mancha. Daí, vestes resplandecentes de glória. Isso mesmo nos afirma José Carlos Carvalho: «a mulher revestida de sol com a lua debaixo dos pés, representa a Virgem Maria, a figura da Igreja, o mesmo é dizer, nela revê-se a própria Igreja». ³²⁷

Na «mulher revestida de sol», está representada a Virgem Maria, que é figura da Igreja. Podemos, também, afirmar que nesta passagem está representada a Mãe do Messias, que combate contra o poder das trevas e sai vitoriosa. Tal nos indica Pierre Grelot:

É aqui que encontramos a presença de Maria como mãe do Messias: ela já traz os traços da Mulher vestida de sol contra a qual o dragão nada pode fazer, nem como poder do pecado, nem como poder da morte. Sob esta dupla relação, a mãe de Jesus aparece assim como o arquétipo da Igreja, como o primeiro membro da nova humanidade: um membro que cumpriu um papel único e inigualável como mãe do mediador da salvação. ³²⁸

Maria é, neste relato bíblico, apresentada como a Mãe vitoriosa do Messias. Maria vence a batalha contra a antiga serpente e o mal nada pode contra ela, nem com o pecado, nem com a morte. Desta forma, Maria surge também como figura da Igreja e primeiro membro da nova Humanidade. De facto, a Mãe do Messias surge no céu vitoriosa, pelo poder de Cristo, que derrotou as forças do mal. Ora, como o céu simboliza o lugar de Deus, e Maria sempre esteve ligada ao divino; ela, que foi elevada ao céu, aparece como Mulher vitoriosa, sobre o poder do mal. ³²⁹ Encontramos bem presente, em tal realidade, o prenúncio da afirmação dogmática da Assunção de Maria.

Maria, representada nesta passagem do Apocalipse, aponta-nos para a Igreja, que precisa constantemente da luz de Cristo, para iluminar e guiar os seus filhos. Tal como afirma o teólogo Karl Menke:

³²⁷ José Carlos Carvalho, «A “mulher” hebraica do Apocalipse», *Humanística e Teologia* 26, n.º 1 (2005), p.11. Consultado em: <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2005.8190>. Acedido a 25 de maio de 2023.

³²⁸ Pierre Grelot, «Marie Mère de Jésus dans les Écritures», *Nouvelle Revue Théologique* 121, n.º 1 (1999), p. 63.

³²⁹ Cfr. Grelot, p. 65.

A mulher em Ap 12, 1 não precisa do sol para iluminá-la; mas ela está vestida com ele. A mulher de Ap 12, 1 não precisa da lua para iluminá-la, mas a lua está a seus pés. [...] assim como a lua recebe a sua luz do sol, assim também a Igreja recebe a sua luz de Cristo. Se a lua está aos pés da «mulher», isso diz algo sobre o seu relacionamento com a Igreja. E «a mulher vestida de sol» não tem apenas a lua a seus pés; também doze estrelas adornam a sua cabeça.³³⁰

Este autor apresenta-nos a mulher de Ap 12, 1 como superior à Igreja, pois tem a lua, que simboliza a Igreja debaixo dos pés. Porém, assim como a lua, a luz de Maria é a luz de Cristo. Essa luz divina, que ilumina os filhos da Igreja e de Maria, é representada pelas estrelas, que nos apontam para o Cordeiro Pascal, conforme nos afirma Teodoro de Faria: «a coroa de estrelas indica a glória que lhe advém dos filhos Santos, é afinal a Igreja coroada com a salvação adquirida pelo Cordeiro Pascal, Cristo morto e Ressuscitado».³³¹

A coroa de estrelas que Maria recebe e, consecutivamente, a Igreja vêm-lhe da santidade dos seus filhos, que, imitando Jesus Cristo, iluminam Maria e a Igreja. Aqui está representada a nova Humanidade inaugurada por Jesus, plenamente realizada em Maria, que é arquétipo da Igreja. Pierre Grelot, afirma-nos precisamente tal, considerando Maria como a redimida e assunta ao Céu pelos méritos da sua maternidade. Consideremos as suas palavras:

O símbolo da Mulher coroada de estrelas, figura da nova humanidade, só visa Maria em vista da sua maternidade, e a Igreja é também referida pela alusão aos outros filhos que venceram (o Dragão) graças ao sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho (12, 11). A reflexão sobre a Virgem Maria é assim incorporada à eclesiologia, como reconheceu o Concílio Vaticano II: «Maria é modelo da Igreja», ou melhor, segundo Ap 12, seu arquétipo.³³²

Maria, pela sua maternidade e obediência, foi assunta ao Céu e, nesta visão de João, aponta-nos a nova Humanidade por Jesus inaugurada e por Maria assumida, referindo-se à Igreja, nos filhos que vencem o mal, pela força do sangue do Cordeiro, e pelo testemunho da fé. Assim, a visão mariológica desta passagem torna-se também eclesiológica.

Esta passagem assume especial importância na mariologia, nomeadamente como apoio aos dogmas da Assunção de Maria ao Céu e da Imaculada Conceição. Quanto à Assunção, acabámos de o explicitar e já havíamos analisado essa perspectiva, quando falámos da Arca da

³³⁰ Menke, *Maria en la historia de Israel y en la fe de la Iglesia*, pp.78-79.

³³¹ Faria, *Maria, Mãe de Jesus*, pp. 104-105.

³³² Grelot, «Marie Mère de Jésus dans les Écritures», pp. 69-70.

Aliança. Quanto à Imaculada Conceição, é bastante curioso que, as representações dessa verdade dogmática assumam, iconograficamente, a visão de João, relatada no Apocalipse. Isso mesmo nos afirma Ravasi:

Beleza e candura imaculada de Maria são celebradas através da mulher «vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça». Nasceram, assim, as famosas «Imaculadas», esculturas ou pinturas que, triunfarão na iconografia mariana: à meia-lua debaixo dos pés da Virgem será acrescentada a serpente do Génesis, identificada com o dragão do Apocalipse. A serpente enrosca-se no globo terrestre que sustenta a meia-lua sobre a qual sobressai Maria, radiante de luz, com o Menino nos braços. Maria é iluminada pelos raios de um sol escondido por detrás dela (daí muitas vezes também a tipologia de «Maria com um resplendor»), símbolo do divino e messiânico, enquanto as doze estrelas que fazem as vezes do resplendor ou coroa remetem para as dozes tribos de Israel e para os Apóstolos.³³³

Nas representações da Imaculada Conceição da Virgem Maria assumem-se os elementos que estão presentes na visão de João. Daqui vem-nos uma segurança da interpretação mariana deste texto. Maria surge representada pela beleza e candura, vestida de sol e com a coroa de doze estrelas na cabeça, sendo acrescentada, aos pés da Imaculada, a serpente do Génesis.

Um outro facto que nos mostra a interpretação da Igreja deste texto como símbolo mariano, vem-nos pela Liturgia: grande parte das celebrações de Maria, apresenta este texto na Liturgia da Palavra.

Não podemos deixar de referir, aqui que, para os portugueses, esta é uma representação de especial importância, considerando que, foi esta representação de Nossa Senhora que os Pastorinhos viram em Fátima, em 1917. Foi também baseada em partes desta visão, que foi criada a imagem da Nossa Senhora do Sameiro, que representando a Imaculada Conceição, se venera em Braga. Daqui, advém que os crentes portugueses tenham ganho especial carinho pela representação imagética de Nossa Senhora, baseada na visão de João no Apocalipse.

A imagem que escolhemos para ilustrar esta associação com Nossa Senhora é uma iluminura do códice do Beato da Liébana, sobre o livro do Apocalipse. Nesta imagem, que a seguir se apresenta (figura 17), e que ilustra os versículos 1-18 do capítulo 12 do Apocalipse, encontramos do lado esquerdo, sobre um plano azul-celeste, Maria representada com o sol

³³³ Ravasi, *Os Rostos de Maria na Bíblia*, pp. 284-285.

vestido, coroada com 12 estrelas e a pisar a lua. Em plano inferior aparece-nos um Anjo, como que a impedir que o dragão faça mal à mulher. No lado direito, surge-nos, sobre um plano vermelho-infernal, o dragão com sete cabeças e dez chifres, com uma coroa em cada chifre. Este, com a cauda, derruba as estrelas do Céu. Das cabeças, três estão voltadas para o Arcanjo Miguel, que juntamente com outro Anjo, que se apresentam em plano superior, trespassando com lanças as cabeças do dragão. As outras quatro cabeças do dragão, por sua vez, estão voltadas para a mulher que vai dar à luz, estando preparadas para lhe devorar o filho. Não o conseguindo, brota da cabeça superior do dragão um rio, na vã tentativa de apanhar a mulher, sendo que tal não é permitido, pois a terra abriu-se para travar as invetivas do dragão.



Figura 17 - Mulher revestida de Sol- Apocalipse 12, 1-18 ³³⁴

- Autor:
Beato da Liébana
- Datação:
Séc. VIII
- Dimensões:
Desconhecidas
- Material:
Pintura a óleo sobre pergaminho
- Localização:
Códice do beato da Liébana, mosteiro de San Andrés de Arroyo, Espanha.

³³⁴ Esta imagem, que gentilmente foi cedida pelas monjas Cistercienses, do mosteiro de San Andrés de Arroyo, após contacto por email. Encontra-se também disponível em: <https://www.turismo-prerromano.com/wp-content/uploads/2022/01/FOTOb.jpg>. Acedido a 5 de junho de 2023.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho fomos percebendo que a ligação entre Maria e a Sagrada Escritura é uma ligação íntima, seja no Novo Testamento, no qual Maria surge descrita, de forma direta, seja no Antigo Testamento, em que as figuras apontadas são alusão prévia a Maria.

Pela análise dos textos do Antigo Testamento verificámos que estes, embora de forma indireta, nos falam de Maria, e que à luz da Encarnação de Cristo, são entendidos como figura da Mãe de Jesus. Seja Eva, a primeira mulher, «mãe dos viventes»; seja Débora, que pela sua perseverança e oração conduziu o povo de Israel à vitória; seja Rute que, sendo estrangeira, pelo seu zelo, pela sogra, foi recompensada e permitiu que gerações mais tarde, da sua família, nascesse David; seja Ana, que consagrou Samuel ao Senhor, e pelo nascimento de seu filho, canta o primeiro «*magnificat*»; seja a esposa do Cântico dos Cânticos, todas estas mulheres, são figura de Maria, e apontam-nos para dimensões da maternidade mariana. Também a sarça, que Moisés vê arder sem se consumir, o velo que Gedeão estende, e nele cai o orvalho da graça divina, a arca, sinal da Aliança de Deus com a Humanidade, e a profecia que Isaías faz, representam e aplicam-se a Maria, às suas características de Humildade, Virgindade, Maternidade e entrega ao Senhor.

A Tradição, e o Magistério da Igreja, bem como a Liturgia, e a devoção, apontam-nos estas características em Maria. De forma relevante, a arte expressa estas verdades associadas a Maria nos vários textos bíblicos.

Na análise dos textos do Novo Testamento, que interpretámos à luz do mistério da Encarnação, Vida, paixão, morte e Ressurreição de Jesus, considerámos não as figuras de Maria, mas, em relato direto, a sua presença e atitude nos vários episódios do acontecimento Crístico. Neste aspeto, interpretámos os acontecimentos da Anunciação do Anjo, visitação a Isabel, Nascimento de Jesus, Apresentação no templo, as Bodas de Caná, a presença de Maria junto à Cruz de Jesus e o Pentecostes. A partir destes acontecimentos, apercebemo-nos das características de Maria, como a sua humildade, a sua entrega e confiança no Senhor, a sua Virgindade, a sua maternidade física e espiritual, a sua presença orante na Igreja e a sua interceção pelos filhos.

Dentro deste capítulo considerámos também a visão do Apóstolo João, descrita no capítulo 12 do livro do Apocalipse. Visto não ser um episódio de ação ou presença direta de

Maria, foi por nós interpretado como uma visão de Maria, na Jerusalém celeste, sendo também um espelho da Igreja. Nesta visão, considerámos a figura de Maria e da Igreja na luta contra as forças do mal. Como Maria é a mãe da Igreja, parece-nos válida esta consideração.

Todos estes temas procurámos analisar à luz da Sagrada Escritura, do Magistério e da Tradição da Igreja (mormente nos Padres da Igreja, e à luz dos escritos de São Bernardo de Claraval), dos estudos científicos dos séculos XX e XXI, à luz do *sensus fidei*, através das devoções, invocações e Liturgia. Mas também fizemos a análise iconográfica e simbólica de cada uma das temáticas apresentadas. Para tal, procurámos ilustrar cada uma das referências a Maria, com uma peça de arte, ou uma representação desse tema. Se para algumas destas representações foi fácil o acesso (nomeadamente as representações do Novo Testamento), para outras foi necessária uma busca contínua, até alcançarmos as imagens representativas do episódio em questão.

Dentro das ilustrações temáticas, procurámos imagens nas quais Nossa Senhora estivesse representada relacionando-a com o episódio estudado. Tal, porém, não nos foi possível em três episódios: Débora, Rute e Ana. Não nos foi possível aceder a estas imagens; nestas situações optámos por ilustrar o tema com uma representação da figura feminina em questão, embora nessa imagem não estivesse representada Maria. É o caso das figuras 3, 5 e 6.

A busca por imagens que pudessem ilustrar os temas apresentados, conduziu-nos numa viagem (em muitos casos online), dentro do Centro e Norte de Portugal, levando-nos também a representações que se encontram no estrangeiro, como sejam, na Grécia, Itália, França, Inglaterra, Espanha, e Estados Unidos da América. Nestas representações apresentadas, procurámos ilustrar os vários temas, com a diversidade de formas físicas de representação da imagem. Para isso apresentámos representações de Nossa Senhora através da pintura a fresco, pintura em tela ou painel, pintura a óleo, iluminuras, escultura, azulejaria (tradicional portuguesa e mais contemporânea), e arte em vitral. Para podermos ilustrar em todos os materiais as figuras de Nossa Senhora ficou a faltar-nos a representação em tapeçarias, que apesar de sabermos da sua existência, não lhes tivemos acesso, e da representação através da escrita de ícones, a qual, por não estarmos familiarizados com esta forma de arte, optámos por não usar, por ser difícil atribuí-las aos temas em estudo.

Vimos, portanto, que a devoção a Maria, se baseia na Sagrada Escritura, seja nos relatos diretos, ou nos relatos que nos apontam Maria de forma indireta. Esta devoção, que tem a sua expressão artística, mostra-nos o exemplo de Maria, bem como a confiança que enquanto seus

filhos podemos ter na Virgem de Nazaré, que sendo Mãe de Deus, é também nossa mãe e mãe da Igreja.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- Sagrada Escritura:

Bíblia Sagrada. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2015.

- Magistério:

Benedictus PP. XVI. «Adhortatio Apostolica Postsynodalis Verbum Domini». *AAS* 102, n.º 11 (2010): 681–787.

———. «Homiliae I In Sollemnitatem Assumptionis Beatae Mariae Virginis.» *AAS* 103, n.º 9 (2011): 572–75.

———. «Litterae Encyclicae Deus Caritas Est». *AAS* 98 (2006): 217–52.

Conferência geral do Episcopado Latino-Americano. «Documento de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina -conclusões da IIIª conferência geral do episcopado latino-americano». Edições Paulinas, 1979.

https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf.

Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, *De celebratione Beatae Mariae Virginis Ecclesiae Matris in Calendario Romano Generali inscribenda*. *AAS* 110 (2018): 437–38.

Franciscus PP. «Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium». *AAS* 105 (2013): 1019–1137.

———. «Epistula Apostolica Admirabile signum». *AAS* 109 (2019): 1839–45.

Igreja Católica. «Catecismo da Igreja Católica». Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016.

Igreja Católica. *Ofício Divino, reformado segundo os decretos do Concílio Vaticano II e promulgado por Paulo VI-Liturgia das Horas-segundo o rito romano*, 4ª, vol. 4 (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa- Gráfica de Coimbra 2001).

Ioannes Paulus PP. II. «Litterae Encyclicae Redemptoris Mater». *AAS* 79 (1987): 361–433.

Missal Romano, reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S o Papa Paulo VI e revisto por S.S o Papa João Paulo II, Conferência Episcopal Portuguesa, 3ª ed., Fátima 2021.

Paulus PP. VI. «Adhortatio Apostolica Signum Magnum». *AAS* 59 (1967): 465–75.

———. *Aloquções na conclusão da terceira sessão do Concílio Vaticano II* (21 de novembro de 1964). *AAS* 56 (1964), 1015-16.

Pius PP. IX. «“Ineffabilis Deus”, 8 de dezembro de 1854-Dogma da Imaculada Conceição». Em *A Virgem Santa Maria na fé da Igreja*, por Silvério Benigno Pires, 40–62. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2017.

Pius PP. XII. «Radiomensagem aos fiéis portugueses por ocasião da consagração da Igreja e do género humano ao Coração Imaculado de Maria». *AAS* 34 (1942): 313–25.

———. Constitutio Apostolica. «Fidei Dogma Definitur Deiparam Virginitatem Mariam Corpore et Anima Fuisse ad Caelestem Gloriam Assumptam “Munificentissimus Deus”». *AAS* 42 (1950): 753-773.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”». *AAS* 57 (1965): 5–67.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II, «Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundus huius temporis “Gaudium et Spes”». *AAS* 58 (1966) 1025-1115.

- Fontes Patrísticas:

Agostinho, *Enchiridion* (Fé, Esperança e Amor), PL 40.

Ambrósio de Milão, *A Educação da Virgem*, PL 16.

————. *Cartas*, PL 13.
 ————. *Exposição sobre o Evangelho segundo São Lucas*, PL 15.
 Anfíloquio de Icóncio, *Homília na Natividade de Jesus Cristo*, PG 39.
 Antípatro de Bostra, *Homília sobre a Mãe de Deus*, PG 85.
 Atanásio de Alexandria, *Carta a Epíteto*, PG 26.
 Basílio Magno, *Homília na Santa Geração de Cristo*, PG 31.
 Beda, *Homílias sobre os Evangelhos*, CCL 122.
 Cirilo de Alexandria, *Comentário sobre João*, PG 73.
 Cirilo de Jerusalém, *Catequeses IV*, PG 33.
 Crisipo de Jerusalém, *Homília sobre a Santa Mãe de Deus*, PO 19.
 Cromácio de Aquileia, *Sermões*, SC 164.
 Ecuménio, *Comentário sobre o Apocalipse*, TEG 8.
 Efrém, *Diatesseron (Da Harmonia dos Quatro Evangelhos)*, SC 121.
 ————. *Hino sobre a Natividade*, 7, CSCO 186.
 Epifânio de Salamina, *Panarion (contra as heresias)*, PG 42.
 Eusébio de Cesareia, *Comentário sobre Isaías, 7,14*, PG 24.
 Eusébio Galicano, *Homílias XXIII de Páscoa*, CCL 101.
 Gregório de Nissa, *Comentário sobre o Cântico dos Cânticos*, PG 44.
 ————. *Homília sobre a Ressurreição*, PG 46.
 ————. *Sermão na Natividade do Senhor*, PG 46.
 Gregório Magno, *Homília sobre a Natividade*, PG 46.
 Hesíquio de Jerusalém, *Homília II Sobre a Mãe de Deus*, PG 93.
 Ireneu de Leão, *Contra as Heresias III*, PG 7.
 Jerónimo, *Contra Joviniano*, PL 23.
 João Crisóstomo, *Homília sobre o Evangelho de João*, PG 59.
 João Damasceno, *Homília da Dormição de Maria II*, PG 96.
 Justino, *Apologia I*, PG 6.
 ————. *Diálogo com Trifão*, PG 6.
 Leão Magno, *Sermão no Natal do Senhor*, PL 54.
 Máximo confessor, *Vida de Maria*, CSCO 478.
 Máximo de Turim, *Sermões*, 42,5, PG 57,740.
 Modesto de Jerusalém, *Sermão na Dormição da Mãe de Deus*, PG 86.
 ————. *Encómio á Dormição da Mãe de Deus e a sempre Virgem Maria*, PG 86-II.
 Orígenes, *Comentário ao Evangelho de São João*, VI, PG 14.
 ————. *Homílias sobre o Evangelho de São Lucas*, PG 13.
 Pascacio Radberto, *Homília na Assunção da Santíssima Virgem Maria*, PL 30.
 Paulino de Nola, *Cartas*, PL 61.
 Paulo de Emesa, *Homília I no Natal*, PG 77.
 Pedro Crisólogo, *Sermão 143*, PL 52.
 Proclo de Constantinopla, *Homília I sobre a Mãe de Deus*, PG 65.
 Pseudo-Gregório Taumaturgo, *Homília II na Anunciação*, PG 10.
 Quodvultdeus, *Explicação do símbolo aos catecúmenos*, PL 40.
 Romano, o melode, *Hino das Bodas de Caná*, SC 110.
 Severiano de Gábala, *Homília sobre o Legislador*, PG 56.
 Severo de Antioquia, *Homília XIV em memória da Santa Mãe de Deus*, PO 38.
 Sofrónio de Jerusalém, *Homília na Anunciação*, PG 87.
 Teodoro de Mopsuestia, *Comentário sobre o Evangelho de João*, CSCO 116.
 Teodoro Studita, *Odes para a Natividade de Nossa Senhora Mãe de Deus*, PG 96.
 Tertuliano, *Sobre a Encarnação do Senhor*, PL 2.
 Tito de Bostra, *Comentário a São Lucas*, CMP II, 827.

- Obras/ estudos utilizados:

- Alves, Alexandre. *A Igreja de S. Julião de Azurara-Matriz de Mangualde*. Mangualde: Câmara Municipal de Mangualde, 1990.
- . *O santuário de Nossa Senhora do Castelo em Mangualde*. Mangualde: Santa Casa da Misericórdia de Mangualde, 2001.
- Alves, Herculano. «Vocação e missão de Maria na história da salvação-Figuras de Maria no Antigo Testamento». Em *XI Semana Bíblica Nacional-Maria na História da Salvação*, editado por Morgado Lopes, 11–44. Lisboa: Difusora Bíblica, 1989.
- Barroca, Maria Fernanda. *As sete palavras de Maria*. Lisboa: Diel, 1997.
- Beckhäuser, Alberto. *Símbolos Litúrgicos*. 16^a. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- Belo, Carlos Filipe Ximenes. *Ladainhas de Nossa Senhora-Meditações sobre cada invocação*. Porto: Edições Salesianas, 2016.
- Bernard, Bruce. *A Rainha do Céu*. Lisboa: Editorial Verbo, 1990.
- Bernardo de Claraval. *Obras completas de São Bernardo- IV- Sermões Litúrgicos-2º*. Editado por Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences; Vol. IV. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986.
- . *Obras completas de São Bernardo-III-Sermões Litúrgicos-1º*. Editado por Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences; Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985.
- . *Obras Completas de São Bernardo-II-Tratados 2º*. Editado por Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences; Traduzido por Iñaki Aranguren. Vol. II. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984.
- . *Obras completas de São Bernardo-V- Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*. Editado por Conferencia Regional Española de Abades Cisterciences; Traduzido por Iñaki Aranguren. Vol. 5. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1987.
- Bigotto, Giovanni Maria. *Maria dos Evangelhos*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010.
- Boff, Leonardo. *O Rosto Materno de Deus-ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
- Briede, Lelde. «La grâce christique de la Mère de Dieu». *Nouvelle Revue Théologique* 136, n.º 2 (2014): 229–46.
- Brown, Raymond.E. *The birth of the Messiah- a commentary on the infancy narratives in the Gospels of Matthew and Luke*. Nova Iorque: Doubleday, 1977.
- Cantalamesa, Raniero. *Maria um espelho para a Igreja*. Traduzido por Lino Rampazzo. Aparecida: Editora Santuário, 2000.
- Cardoso, Isabel Maria Alçada. «Da humildade à caridade: o “coração” em Santo Agostinho». *Didaskalia* 47, n.º 1 (2017): 163–81.
- Carreto, Carlos. *Maria, a mulher que acreditou*. Traduzido por Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- Carvalho, Maria João Vilhena de, e José Paulo Leite de Abreu. *Viagem à escultura do Museu Pio XII*. Braga: Instituto de História e Arte Cristãs-Museu Pio XII, 2011.
- Carvalho, Maria Manuela de. «A Cheia de Graça e a plenitude prometida». Em *Maria nos Caminhos da Igreja*, 59–67. Semanas de estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa. s.l: Editorial Verbo, 1991.
- . *Maria Figura da graça*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- Degl’innocenti, Martina, e Stella Marinone. *Maria*. Círculo de Leitores, 2016.
- Dias, José de Oliveira. *Florilégio da Fátima, Novo Mês de Maria*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1945.
- Dias, Nicolau. *Livro do Rosário de Nossa Senhora*. (1573) Edição fac-Similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.

- Dolna, Bernhard. «As Bodas de Caná, um casamento Judaico?» Traduzido por Inês Madeira de Andrade. *Communio-Revista Internacional Católica* 23, n.º 2 (2006): 143–55.
- Dupont, Jacques. «Le Magnificat comme discours sur Dieu». *Nouvelle Revue Théologique* 102, n.º 3 (1980): 321–43.
- Faria, Teodoro de. *Maria, Mãe de Jesus*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011.
- Farias, José Jacinto Ferreira de. «O coração de Maria e a mística da reparação». *Didaskalia* 47, n.º 1 (2017): 203–37.
- Ferreira, Pedro Lourenço. «A Virgem Maria, Modelo da Igreja em Oração». Em *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- Flecha, José -Román. «Maria en el Antiguo Testamento». Em *Maria en la Biblia y en los padres de la Iglesia*, editado por José A. Martínez Puche, 13–77. Madrid: Edibesa, 2006.
- Franco, José Eduardo, Carlos Maduro, e José Paulo Leite de Abreu. *Obra Completa Padre António Vieira-Sermões do Rosário Maria Rosa Mística I*. Editado por Pedro Calafate e José Eduardo Franco. Vol. 8. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- Gandolfo, Guido. *Com Maria Mãe de Deus*. Editado por António Maia da Rocha. Prior Velho: Paulinas Editora, 2020.
- Gharib, Georges, Ermanno M. Toniolo, Luigi Gambero, e Gerardo di Nola. *Texti Mariani del Primo Millennio 2. Padri e altri autori Bizantini*. Roma: Città Nuova Editrice, 1989.
- . *Texti Mariani del Primo Millennio 4. Padri e altri autori orientali*. Roma: Città Nuova Editrice, 1991.
- Gheerbrant, Alain. «Lírio». Em *Dicionário dos Símbolos*, editado por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra, 412–13. s.l.: Círculo de Leitores, 1997.
- . «Rosa». Em *Dicionário dos Símbolos*, editado por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra, 575–76. Círculo de Leitores, 1997.
- . «Vermelho». Em *Dicionário dos Símbolos*, editado por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra, 686–87. s.l.: Círculo de Leitores, 1997.
- Gorgulho, L.B. «Ruth et la “Fille de Sion” mère du Messie». *Revue Thomiste -Revue Doctrinale de Théologie et de Philosophie* 63, n.º 4 (1963): 501–14.
- Grelot, Pierre. «Marie Mère de Jésus dans les Écritures». *Nouvelle Revue Théologique* 121, n.º 1 (1999): 59–71.
- Groningen, Gerard Van. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Traduzido por Cláudio Wagner. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1995.
- Group des Dombes. *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos- I- na história e na escritura*. Traduzido por Maria Delfina Chorão de Aguiar. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.
- Guitton, Jean. *A Virgem Maria Nossa Senhora-Bendita entre as mulheres*. Traduzido por Cruz Pontes. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959.
- Häring, Bernhard. *Maria prototipo de la fe*. Barcelona: Editorial Herder, 1983.
- López, Demetria Ruiz. *El Magníficat, un canto para el tercer milenio*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000.
- Loth, Joseph, e André Virel. «Estrela». Em *Dicionário dos Símbolos*, editado por Alain Gheerbrant e Jean Chevalier, traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra, 307–10. s.l.: Círculo de Leitores, 1997.
- Lubich, Chiara. *Maria, coração da Humanidade*. Parede: Cidade Nova, 1988.
- Manicardi, Luciano. *O Livro de Rute, um caminho para o Messias-caderno 19*. Editado por Rita Veiga. s.l.: Fundação Betânia, 2011.

- Manns, Frédéric. *Maria, uma mulher judia-Feliz és tu que acreditaste!* Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.
- Marguerie, Bertrand de. *O coração de Maria coração da Igreja - Ensaio de Síntese Teológica*. Traduzido por Augusto Ascenso Pascoal. Fátima: Edições Missões Consolata, 1992.
- Marin, Antonio Royo. *La Virgen Maria. Teología y espiritualidad marianas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968.
- Matos, Manuel Alberto Pereira de. *Ave Maria, a Bendita-Uma fresta aberta ao ecumenismo*. Guarda: Veritas, 2020.
- May, Eric. «Maria en el Antiguo Testamento». Em *Mariologia*, editado por J.B.Carol. e Trad.Maria Angeles G.Careaga, 54–81. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- Menke, Karl-Heinz. *María en la historia de Israel y en la fe de la Iglesia*. Traduzido por Constantino Ruiz-Garrido. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2007.
- Mesters, Carlos. *Maria, a mãe de Jesus*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- Michaud, Jean-Paul. *Maria dos Evangelhos*. Cadernos Bíblicos 48. Lisboa: Difusora Bíblica, 1995.
- Montfort, Luis Maria Grignon de. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*. Editado por Nuno Manuel Castello-Branco Bastos. Porto: Caminhos Romanos, 2012.
- Neves, Joaquim Carreira das. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- Newman, John Henry. *Meditações e devoções*. São Paulo: Editora Molokai, 2016.
- O'Carroll, Michael. *Theotokos: A Theological Encyclopedia of the Blessed Virgin Mary*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2000.
- Paredes, José García de. *Mariologia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.
- Pastro, Cláudio. *Arte Sacra-o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- Pemán, José María. *Lo que María guardaba en su corazón*. Madrid: Ediciones Palabra, 1994.
- Pierret, Paul, e Guy de Tervarent. «Coroa». Em *Dicionário dos Símbolos*, editado por Alain Gheerbrant e Jean Chevalier, traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra, 231–33. s.l: Circulo de Leitores, 1997.
- Pitre, Brant. *Jesus e as raízes judaicas de Nossa Senhora- Quem é a mãe do Messias?* Cascais: Lucerna, 2022.
- Poças, Licínio. *Nossa Senhora-Títulos e Iconografia*. s.l: s.e, 2014.
- Potterrie, Ignacio de La. *Maria en el misterio de la Alianza*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.
- Pozo, Cándido. *Maria en la escritura y en la fe de la Iglesia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988.
- Ratzinger, Joseph, e Hans Urs Von Balthasar. *Maria, Primeira Igreja*. Traduzido por Maria Armada de Saint-Maurice. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.
- Ravasi, Gianfranco. *Antico Testamento Introduzione*. Milão: Edizione Piemme, 1991.
- . *Il Cantico dei Cantici-commento e attualizzazione*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1992.
- . *Le sette parole di Maria*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2020.
- . *Os Rostos de Maria na Bíblia*. Lisboa: Paulus editora, 2008.
- Réau, Louis. *Iconografia del arte Cristiana-iconografia de la Biblia-Antiguo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2007.
- Rosendi, Carlos Caso. *Arca da Graça-a Virgem Maria nas Sagradas Escrituras*. Colombo: First Light Press, 2009.
- s.a. *Akathistos, Hino em honra da Virgem Mãe de Deus*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 1998.

- Servais, Jacques. «Maria no Mistério da Encarnação». Traduzido por Leonor Correia. *Communio-Revista Internacional Católica* 20, n.º 1 (2003): 31–36.
- Silva, Carlos H.do C. «Do Imaculado Coração: a mariana expressão do diferencial órgão de consagração. Uma abordagem filosófico-antropológica». *Didaskalia* 47, n.º 1 (2017): 31–99.
- Stock, Klemens. «María, la Madre del Señor, en el Nuevo Testamento». Em *Maria en la Biblia y en los Padres de la Iglesia*, editado por José A. Martínez Puche. Madrid: Edibesa, 2006.
- Thurian, Max. *Maria, Madre del Señor, figura de la Iglesia*. Saragoça: Editorial Hechos y Dichos, 1966.
- Zupancic, Marija. «Maria em Caná». Traduzido por M.da Graça Pereira Coutinho. *Communio-Revista Internacional Católica* 23, n.º 2 (2006): 169–76.

- Fontes de utilização digital:

- Almendra, Luísa Maria. «Quem É Maria De Nazaré?: O Testemunho Bíblico Na Vida Da Igreja». *Atualidade Teológica XXIII*, n.º 59 (2018): 407–23. <https://doi.org/10.17771/pucrio.ateo.34494>. Consultado a 16 de maio de 2023.
- Arrouye, Jean. «Ce qui coule de source dans le Buisson Ardent de Nicolas Froment». Em *L'eau au Moyen Âge*, 7–21. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 1985. <https://doi.org/10.4000/books.pup.2930>. Consultado a 17 de janeiro de 2023.
- Assis, Eunice Ângelo Morais de. «Ana-Ousadia que mudou o seu destino». Universidade de São Paulo, 2006. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-09112007-153724/publico/TESE_EUNICE_ANGELO_MORAIS_ASSIS.pdf. Consultado a 9 de fevereiro de 2023.
- Benítez, Jose Luis Betín, Jose Luis Valera Villar, e Luz Edith Rodriguez Valencia. «Maria Primera Discipula y Misionera del Señor “Maria se puso en Camino” (Lc 1, 39)». Pontificia Universidad Javeriana, 2019. <http://hdl.handle.net/10554/45199>. Consultado a 9 de maio de 2023.
- Boff, Lina. «Falar de Maria de Nazaré partindo das fontes históricas». *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap* 7, n.º 1 (2017): 6–26. <https://doi.org/10.25247/2237-907x.2017v7n1>. Consultado a 16 de maio de 2023.
- Büttner, Nils, "Pintura de paisagem por volta de 1500", em *Christoph Wagner e Berthold Furtmeyr: Obras-primas da iluminura e arte de Ratisbona no Gótico tardio e Renascentista*, (s.ed, Ratisbona, 2010). acedido a 10 de janeiro de 2023 a partir de: https://inpress.lib.uiowa.edu/feminae/DetailsPage.aspx?Feminae_ID=30970. Consultado a 10 de janeiro de 2023.
- Carvalho, José Carlos. «A “mulher” hebraica do Apocalipse». *Humanística e Teologia* 26, n.º 1 (2005): 3–19. <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2005.8190>. Consultado a 25 de maio de 2023.
- Carvalho, Maria Manuela. «O coração imaculado e eclesial de Maria na vivência da Mensagem de Fátima.» *Didaskalia* 28, n.º 2 (1998): 49–58. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1998.1406>. Consultado a 16 de maio de 2023.
- Cordeiro, André Rocha. «Mater, Virgo et Regina- Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria (Portugal - 1573)». Universidade Estadual de Maringá-Brasil, 2017. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4595>. Consultado a 5 de outubro de 2022.
- Disalvo, Santiago. «Hortus deliciarum et flos spineti : el jardín y las flores de María, de la poesía litúrgica a la lírica hispánica medieval». *Revista do Centro de Estudos*

- Portugueses* 30, n.º 44 (2010): 131. <https://doi.org/10.17851/2359-0076.30.44.131-151>. Consultado a 11 de março de 2023.
- Larson, Victoria. «A Rose Blooms in the Winter: The Tradition of the Hortus Conclusus and its Significance as a Devotional Emblem», *Dialog: A Journal of Theology*, 52, n.º 4 (2013). <https://discovery.ebsco.com/c/ljojij/viewer/pdf/xgbmtemy6f>. Consultado a 28 de fevereiro de 2023.
- Leva, José Ulisses. «Grata Lembrança Memória e Celebração». *Revista Eletrônica Espaço Teológico* 7, n.º 11 (2013): 76–88. <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2013v7i11pp>. Consultado a 25 de maio de 2023.
- Mazzarolo, Isidoro. «Maria na Bíblia». Em *Anais do Congresso de Mariologia - Piedade popular, cultura e teologia*, editado por Leomar Antônio Brustolin e Luis Bedin Fontana, 29–47. Porto Alegre: Edipucrs, 2018. <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-de-mariologia/assets/edicoes/2017/arquivos/2.pdf>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Mendes, João Diogo Martins. «Imaculada Conceição -Dogma e crença portuguesa». Universidade Católica Portuguesa, 2022. <http://hdl.handle.net/10400.14/36284>. Consultado a 12 de setembro de 2022.
- Papa Francisco, «Audiência Geral 8 de Junho, 2016». https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/Papa-francesco_20160608_udienza-generale.html Consultado a 23 de maio de 2023.
- Papa Francisco, «*Regina Caeli*, 31 de maio de 2020». https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/Papa-francesco_regina-coeli_20200531.html. Consultado a 30 de maio de 2023.
- Pedrosa-Pádua, Lucia. «Teologia mariana: contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus». *Atualidade Teológica* 21, n.º 57 (2017): 476–94. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.31816>. Consultado a 16 de maio de 2023.
- Peterlevitz, Luciano R. «“«Eis que a jovem/virgem est grávida»” - (IS 7.14) - Considerações Exegéticas e Hermenêuticas sobre Isaías 7.10-17». *Teologia Brasileira*, 2018. <https://teologiabrasileira.com.br/eis-que-a-jovem-virgem-est-gravida-is-7-14-consideracoes-exegeticas-e-hermeneuticas-sobre-isaias-7-10-17/>. Consultado a 25 de abril de 2023.
- Pinho, José Eduardo Borges de. «A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja». *Humanística e Teologia* 38, n.º 2 (2017): 55–79. <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2017.9404>. Consultado a 25 de maio de 2023.
- Pinto, Raphael Colvara. «Mary: The Locus to Speak of the Feminine». *Teocomunicação* 52, n.º 1 (2022): 1–11. <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2022.1.42913>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Pozzi, Giovanni. «Rosas y lirios para María. Una antifona pintada». Traduzido por Rafael Bonilla Cerezo. *Creneida. Anuario de Literaturas Hispánicas*, 30 de dezembro de 2013, 47–80. <https://doi.org/10.21071/calh.v0i1.3571>. Consultado a 13 de março de 2023.
- Ribeiro, Lidice Meyer Pinto. «O Papel das mulheres na Bíblia: Protagonistas ou coadjuvantes?» *Ad Aeternum* 1 (2020): 68–85. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/7348>. Consultado a 7 de fevereiro de 2023.
- Ronsi, Francilaide de Queiroz. «Maria, mulher toda de Deus». *Revista Coletânea* 17, n.º 33 (2018): 93–106. <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-5>. Consultado a 15 de maio de 2023.

- s.a. «A sarça ardente». Ponto SJ, 2018. <https://pontosj.pt/especial/a-sarca-ardente/>. Consultado a 17 de janeiro de 2023.
- Silva, Nelson Maria Brecho Da. «A Figura de Maria na festa de Caná em Jo 2,1-11». *Atualidade Teológica* 24, n.º 64 (2020): 153–70. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.47891>. Consultado a 16 de maio de 2023.
- Silva, Roberval Rubens. «A espiritualidade do cântico Magnificat de Maria como um novo rosto possível para a Igreja Cristã nos dias atuais». *II Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral: A sinodalidade no processo pastoral da Igreja no Brasil*, Annales FAJE, 7, n.º 2 (2022): 126–34. <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5192>. Consultado a 13 de fevereiro de 2023.
- Vignolo, Roberto. «Isaia 7,14. Una lettura ermeneutica della profezia dell’Emmanuele». *Credere Oggi* 37, n.º 6 (11 de novembro de 2017): 67–85. <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib&db=a9h&AN=129540598&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Wolf, Herbert M. «A Solution to the Immanuel Prophecy in Isaiah 7:14-8:22». *Journal of Biblical Literature* 91, n.º 4 (1972): 449–56. <https://doi.org/10.2307/3263678>. Consultado a 25 de março de 2023.

- Fontes online das Imagens:

- Furtmeyr, Berthold, *A árvore da Vida e da Morte, ladeada por Eva e Maria - Ecclesia*, iluminura do «Missal de Salzburgo», Munique, 1489. <https://daten.digitale-sammlungen.de/0004/bsb00045166/images/index.html?fip=193.174.98.30&id=00045166&seite=127>. Consultado a 10 de janeiro de 2023.
- https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5f/Nicola_Froment%2C_Triptych_of_the_Burning_Bush%2C_1475%2C_Aix-en-Provence%2C_Church_Saint-Sauveur.jpg. Consultado a 2 de fevereiro de 2023.
- https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Salomon_de_Bray_-_Jael,_Deborah_and_Barak_-_WGA03141.jpg. Consultado a 8 de junho de 2023.
- [https://www.ruicon.ru/arts-new/fresco/1x1-dtl.php?page_19=3&p_f_12_temp_id=1&p_f_12_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&user_f_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&p_f_12_61\[\]=&p_f_12_20\[\]=&p_f_12_59\[\]=&p_f_12_65_link=&p_f_12_65=&p_f_12_3=&p_f_12_21_link=&p_f_12_21=&p_f_12_72=.](https://www.ruicon.ru/arts-new/fresco/1x1-dtl.php?page_19=3&p_f_12_temp_id=1&p_f_12_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&user_f_73=~%D0%93%D0%B5%D0%B4%D0%B5%D0%BE%D0%BD&p_f_12_61[]=&p_f_12_20[]=&p_f_12_59[]=&p_f_12_65_link=&p_f_12_65=&p_f_12_3=&p_f_12_21_link=&p_f_12_21=&p_f_12_72=_.) Consultado a 6 de fevereiro de 2023.
- <https://zyro.com/pt/ferramentas/upscler-de-imagem>.
- <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IID=53905>. Acedido a 8 de junho de 2023.
- https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gerbrand_van_den_Eeckhout_-_Anna_toont_haar_zoon_Samu%C3%ABl_aan_de_priester_Eli.jpg. Consultado a 10 de junho de 2023.
- <https://www.facebook.com/photo?fbid=10158607952024641&set=pcb.570517213628825>. Consultado a 10 de junho de 2023.
- https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b4/Frei_Cipriano_da_Cruz_Pieta_2_IMG_0594.JPG. Consultado a 30 de maio de 2023.

https://baroqueart.museumwnf.org/database_item.php?id=object%3BBAR%3Bpt%3BMus11_A%3B14%3Bpt&fbclid=IwAR2YG1SyPPZdk1gbvDNA4SttCW7eDhBLwyYqnyoc236ZtdhqJpk0zO5t92U. Consultado a 30 de maio de 2023.

<https://www.turismo-prerromanico.com/wp-content/uploads/2022/01/FOTOb.jpg>. Consultado a 5 de junho de 2023.

-Outras fontes consultadas:

- Alexander, Joseph Addison. *Commentary on Isaiah*. Oak: Kregel Classics, 1992.
- Alves, Américo F. *Ela vem com Aparições, Mensagens, Tradições, Santuários, Graças*. Braga: Editorial Franciscana, 1994.
- Alves, Manuel Isidro. «A Filha de Sião e o anúncio do povo de Deus». Em *XI Semana Bíblica Nacional-Maria na História da Salvação*, 45–59. Lisboa: Difusora Bíblica, 1989.
- Amato, A., A. Gilbert, A. Aubert, e Manuel Isidro Alves. *Maria e o Espírito Santo*. Editado por Manuel Durães Barbosa. Lisboa: Editorial L.I.A.M., 1988.
- Auer, Johann. *Jesus Cristo Salvador do Mundo-Maria no plano salvífico de Deus*. Barcelona: Editorial Herder, 1990.
- Azevedo, Carlos A. Moreira. *Santa Maria- Teologia, arte e culto: Contributo do Santuário Mariano*. s.l: Imprimatur, 2021.
- Barranco, Pablo Cervera. *Ahí tienes a tu Madre-María, Madre y Patrona de todos los pueblos del Mundo*. Burgos: Grupo Editorial Fonte, 2020.
- Bernardo de Claraval. *Tratado dos Louvores da Virgem Mãe*. Traduzido por Margarida Martins da Silva e Isabel A. Ferreira. Lisboa: Editorial Confluência, 2004.
- Blaquière, Georgette. *O Evangelho de Maria*. Editado por Maria Teresa Alvim. Gráfica de Coimbra, 1994.
- Boff, Clodovis M. *Mariologia Social: O significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus Editora, 2006.
- Brown, Raymond E. *La muerte del Mesías- desde Getsemaní hasta el sepulcro*. Traduzido por Serafín Fernández Martínez. Vol. 2. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2006.
- Brown, Raymond E., Karl P. Donfried, Joseph A. Fitzmyer, e John Reumann. *María en el Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2011.
- Carvalho, José do Vale. *Nossa Senhora na história e devoção do povo português*. s.l: Edições Salesianas, 1988.
- Casimiro, Luís. *Viagem à pintura do Museu Pio XII*. Braga: Instituto de História e Arte Cristãs-Museu Pio XII, 2007.
- Coelho, Geraldo Dias. «O culto dos Anjos e a Crença dos Homens. Bíblia, História das Religiões e Arte». Em *Angelorum-Anjos em Portugal*, editado por Manuel de Sampaio Pimentel Azevedo Graça, 11–32. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio, 2012.
- Couto, A. Sílvio. *Descobrimo Maria pela ladainha*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011.
- Cunha, João Pedro. «As Bodas de Caná (Jo 2, 1-12)». *Cenáculo- Revista dos alunos da faculdade de Teologia- Braga*, 2ª, 50, n.º 195–196 (2011): 19–39.
- Derouville, Alexandre Joseph. *Imitação de Maria*. Cucujães: Editorial Missões, 2017.
- Dias, Manuel Madureira. *Maria de Nazaré, Mãe de Deus e mãe nossa*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.
- Diel, Paul. *Le symbolisme dans la Bible*. Paris: Éditions Payot, 2002.
- Elowsky, Joel C. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Nuevo Testamento 4a; Evangelio según San Juan 1-10*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2012.
- . *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época*

- patrística. Nuevo Testamento 4b; Evangelio según San Juan 11-21*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2013.
- Evdokimov, Paul. *L'art de l'icône: théologie de la beauté*. s.l: Desclée de Brouwer, 1972.
- Faria, Teodoro de. *Ícones: a beleza salvará o mundo*. Cascais: Lucerna, 2020.
- Farias, José Jacinto Ferreira de. «O Imaculado Coração de Maria». Em *O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus*, 59–74. Itinerário temático do Centenário das Aparições de Fátima 7. Fátima: Santuário de Fátima, 2016.
- Ferreira, Manuel. *Eis a Serva do Senhor-reflexões para o mês de Maria*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1990.
- Feuillet, André. «Les adieux du Christ à sa mère (Jean 19,25- 27) et la maternité spirituelle de Marie». *Nouvelle Revue Théologique* 86, n.º 5 (1964): 469–89.
- Fiores, Stefano de, e Salvatore Meo, eds. *Nuevo Diccionario de Mariología*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.
- Flecha, José -Román. *Buscadores de Deus-I- entre a ousadia e a ansiedade*. Traduzido por Idalino Simões. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.
- . *Buscadores de Deus-II- entre a memória e a profecia*. Traduzido por Idalino Simões. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.
- . *Buscadores de Deus-III-da espera ao encontro*. Traduzido por Idalino Simões. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.
- Forte, Bruno. *Maria, a Mulher ícone do Mistério -ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. Editado por Benõni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- Franke, John R., e Juan Gil Aguilar. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Antiguo Testamento 4; Josué, Jueces, Rut, 1-2 Samuel*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2009.
- Fuente, Eloy Bueno de la. *A mensagem de Fátima, A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2020.
- Galot, Jean. *Maria la Donna nell'opera della Salvezza*. Traduzido por Nevia Corradini. Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1991.
- Gharib, Georges, Ermanno M. Toniolo, Luigi Gambero, e Gerardo di Nola. *Texti Mariani del Primo Millennio 1. Padri e altri autori Greci*. Roma: Città Nuova Editrice, 1988.
- . *Texti Mariani del Primo Millennio 3. Padri e altri autori Latini*. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.
- Gil, Júlio. *Nossa Senhora de Portugal: Santuários Marianos*. Lisboa: Intermezzo-Audiovisuais, 2003.
- Graça, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo, ed. *Angelorum-Anjos em Portugal*. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio, 2012.
- Group des Dombes. *Maria no projeto de Deus e a comunhão dos Santos-II- controvérsia e conversão*. Traduzido por Maria Delfina Chorão de Aguiar. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.
- Grzywacz, José André. *Magnificat -o Cântico revolucionário de Maria a Mãe de Jesus*. s.l: Paulus editora, 2022.
- José H. Prado Flores. *Maria de Nazaret*. México: Rema, 2016.
- Just, Arthur A. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Nuevo Testamento 3; Evangelio según San Lucas*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2006.
- Kasper, Walter. *María, signo de Esperança. editorial Sal Terrae*. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2020.
- Lafrance, Jean. *Com Maria em Oração*. Editado por Joaquim M. Abranches e Ana Maria Lago da Silva. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1988.

- Lajolo, Giovanni. *Maria: Silencios e Palavras*. Editado por Mário José Galvão de Almeida. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2014.
- Lamet, Pedro Miguel. *As Palavras Caladas, Diário de Maria de Nazaré*. Editado por Fátima Ragageles. Coimbra: Edições Tenacitas, 2018.
- Larrañaga, Inácio. *o Silêncio de Maria*. Editado por A. Duarte Almeida. São Paulo: Edições Paulistas, 1978.
- Laurentin, René. *Breve tratado de Teologia Mariana*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1965.
- Leite, Fernando. *Com Maria dia a dia-agenda para o ano mariano*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1987.
- León, Domingo Muñoz. *Apocalipsis*. Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2007.
- Lienhard, Joseph T., e Marcello Merino Rodríguez. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Antiguo Testamento 3; Éxodo, Levítico, Números, Deuteronomio*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2003.
- Louth, Andrew. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Antiguo Testamento 1; Génesis 1-11*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2003.
- Manns, Frédéric. «Encore une fois “Jésus et le disciple”». *Didaskalia* 61, n.º 2 (2011): 29–52.
- Marchi, João de. *Era uma Senhora mais brilhante que o sol*. Fátima: Consolata Editora, 2017.
- Marjay, Frederic P. *Lágrimas Celestes*. Lisboa: Edição Dr. Marjay, 1955.
- Martin, Francis, e Evan Smith. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Nuevo Testamento 5; Hechos de los Apóstoles*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2011.
- Marto, António dos Santos. «A devoção Mariana e a nova Evangelização». Em *Os caminhos de Maria nos caminhos para Deus*, 83–100. Braga: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro / Faculdade de Teologia - Braga, 2006.
- Mazzinghi, Luca. *Cantico dei Cantici-introduzione, traduzione e commento*. Milano: Edizioni San Paolo, 2011.
- McKinion, Steven A., e Juan Gil Aguilar. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Antiguo Testamento 12; Isaías 1-39*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2007.
- Megale, Nilza Maria Botelho. *Nossa Senhora: Invocações da Virgem Maria*. Rio de Janeiro: Editora Marques Saraiva, 2002.
- Moeller, Charles. «Doctrinal Aspects of Mariology». *Lumen Vitae* 8 (1953): 220–43.
- Munari, Tiberio. *Uma Mãe para o homem do terceiro milénio*. Traduzido por António Maia da Rocha. Loures: Paulus Editora, 1999.
- Oliveira, Anacleto. «O “assombramento” de Maria na Anunciação (Lc 1, 26-38)». *Didaskalia* 30, n.º 2 (2000): 33–58.
- Paredes, José García de. *Maria a Mulher Consagrada*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983.
- Pedroso, Dário. *Coração Imaculado de Maria-refúgio e Caminho*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2016.
- . *Meditando o Terço*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2003.
- . *Por Maria até Deus*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2014.
- Pelletier, Anne-Marie. *El Cantar de los Cantares*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1995.
- Pons, Guillermo. *Textos Marianos de los primeros siglos-antología patristica*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1994.
- Rahner, Karl. *María, Madre del Señor*. Barcelona: Editorial Herder, 1967.

- Ratzinger, Joseph. «Cheia de Graça: Elementos bíblicos da devoção mariana». Traduzido por Lucília Catarino. *Communio-Revista Internacional Católica* 8, n.º 5 (1991): 455–67.
- Réau, Louis. *Iconografia del arte cristiano- Iconografia de la Biblia II: Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008.
- Rey, Juan. *Retratos de Nossa Senhora*. Editado por M.V Figueiredo. Porto: Apostolado da Imprensa, 1957.
- Ribolla, José. *O jeito de Maria de Nazaré*. Aparecida: Editora Santuário, 1991.
- Rodriguez, Jesús Manuel Urones. *Fundamentos Bíblicos del Catolicismo*. Charleston: CreatedSpace, 2018.
- Rupnik, Marko Ivan. *A arte da Vida, o quotidiano na beleza*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2015.
- Salgueirinho, Mário. *Palavras de Maria de Nazaré*. Porto: Livraria Voz Portucalense, 2008.
- Schillebeeckx, E. *Maria, madre dela Redencion- bases religiosas del Misterio de Maria*. Traduzido por Constantino Ruíz-Garrido. Madrid: Ediciones Fax, 1969.
- Schökel, L.Alonso, e J.L. Sicre Díaz. *Profetas-comentario I- Isaias-Jeremias*. Madrid: Ediciones Cristandad, 1980.
- Silva, João luís. *Senhora do Coração orante*. Loures: Paulus Editora, 2022.
- Sonnet, Jean-Pierre. «Le Cantique, entre érotique et mystique: sanctuaire de la parole échangée». *Nouvelle Revue Théologique* 119, n.º 4 (1997): 481–502.
- Spedalieri, Francesco. *Maria; Nella Scrittura e Nella Tradizione Della Chiesa Primitiva- Studio Diretto Sulle Fonti*. Messina: Editrice la Sicilia Messina, 1961.
- Suárez-Guanes, Javier. *A Donzela de Nazaré*. Coimbra: Tenacitas, 2018.
- Teixeira, Joaquim de Sousa. «A “sapientia cordis”: o quiasma de amor e conhecimento». *Didaskalia* 47, n.º 1 (2017): 11–29.
- Terseur, Françoise. *O poder da Deusa-Fontes remotas dos Mistérios Marianos*. 2ª. s.l: Nova Acrópole, 2022.
- Toledo, Valdeci. *Maria poderia ter dito não?: A liberdade humana e a vontade divina*. Ação Social Claretiana (Editora Ave-Maria), 2017.
- Uspensky, Leonid. *Teología del Icono*. Traduzido por Ramón Jimeno Sánchez. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2013.
- Vieira, António, Ernesto José Rodrigues, João Francisco Marques, José Eduardo Franco, e António Vieira. *Sermões do Rosário: Maria Rosa mística II*. Obra completa / António Vieira. Dir.: José Eduardo Franco ... T. 2, Parenética / coord. geral João Francisco Marques, Vol. 9. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- Villar, Ildefonso Rodriguez. *Pontos de meditação sobre a Vida e Virtudes de Nossa Senhora*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1954.
- Weinrich, William C. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Nuevo Testamento 12; Apocalipsis*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2010.
- Wright, J.Robert. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Antiguo Testamento 10; Proverbios, Eclesiastés, Cantar de los Cantares*. Vol. 10. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2008.
- Zanon, Darlei. *Devoções a Nossa Senhora: história e orações de 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.

- Outras fontes digitais consultadas:

- Almeida, Bernardo Corrêa d'. «Maria, a discípula amada, nos escritos joaninos». *Humanística e Teologia* 38, n.º 2 (1 de julho de 2017): 17–29.
<https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2017.9402>. Consultado a 25 de maio de 2023.

- Benko, Stephen. «The Magnificat: A History of the Controversy». *Journal of Biblical Literature* 86, n.º 3 (1967): 263–75. <https://doi.org/10.2307/3263007>. Consultado a 8 de maio de 2023.
- Burkitt, F. C. «Who Spoke the “Magnificat?”» *The Journal of Theological Studies* 7, n.º 26 (1906): 220–27. <https://www.jstor.org/stable/23947189>. Consultado a 8 de maio de 2023.
- Carmo, Solange Maria do, e Francisco Cornélio Freire Rodrigues. «Apocalipse 12: A força dos pequenos. A mulher como grande sinal». *Estudos Bíblicos* 35, n.º 140 (2018): 464–79. <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/47>. Consultado a 6 de junho de 2023.
- Carvalho, José Carlos. «O apocalipse e lugares utópicos». *Revista de Cultura Teológica* 26, n.º 92 (2018): 159–70. <https://doi.org/10.23925/rct.i92.40159>. Consultado a 3 de junho de 2023.
- Carvalho, Maria Manuela. «Dinamismo trinitário em Maria: a Igreja primordial». *Didaskalia* 30, n.º 2 (2000): 109–24. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2000.1541>. Consultado a 16 de maio de 2023.
- Cobo, Antonio Aguayo. «Del jardín de las hespérides al ‘hortus conclusus’. interpretación iconológica de la portada del claustro de Santa María Coronada en Medina Sidonia». *Imagen y cultura: la interpretación de las imágenes como historia cultural* 1 (2008): 93–110. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6778005>. Consultado a 11 de março de 2023.
- Coda, Piero. «Maria e la Trinità». *Revista Española de Teología* 64, n.º 1–4 (2004): 465–81. <https://repositorio.sandamaso.es/handle/123456789/2774>. Consultado a 9 d maio de 2023.
- Conradi, Gabriel María Verd. «“Gratia plena” (Lc 1,28):» *Estudios Eclesiásticos. Revista de investigación e información teológica y canónica* 50, n.º 195 (1 de outubro de 1975): 357–89. <https://doaj.org/article/9ce56658b1d544779dd5bb15a6fd20ec>. Consultado a 4 de maio de 2023.
- Corazzo, Nina. «The Garden Enclosed (Hortus Conclusus) and Its Vegetation as Sign». *Semiotics*, 1 de julho de 1996, 132–43. <https://doi.org/10.5840/cpsem199626>. Consultado a 11 de março de 2023.
- Cruz, Maria da Penhada. «O discipulado de Maria de Nazaré a partir da narrativa da anunciação (Lc 1, 26 - 38)». *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. 15, n.º 28 (23 de dezembro de 2021): 5–24. <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/56093>. Consultado a 3 de maio de 2023.
- De Fiores, Stefano. «Maria paradigma antropologico per il terzo millennio». *Revista Española de Teología*, n.º 64 (2004): 65–85. <https://repositorio.sandamaso.es/handle/123456789/2757>. Consultado a 9 de maio de 2023.
- Delebecque, Edouard. «Sur la salutation de Gabriel à Marie (Lc 1,28)». *Biblica* 65, n.º 3 (1984): 352–55. <https://www.jstor.org/stable/42707674>. Consultado a 6 de maio de 2023.
- Edição Locus. «Iconografia de Maria: Catacumbas de Priscila, a Anunciação». *Locus Mariologicus*, 23 de setembro de 2022. <https://www.locusmariologicus.org/iconografia-de-maria-catacumbas-de-priscila-a-anunciacao/>. Consultado a 27 de abril de 2023.
- Feník, Juraj, e Róbert Lapko. «Annunciations to Mary in Luke 1-2». *Biblica* 96, n.º 4 (2015): 498–524. <https://www.jstor.org/stable/43922785>. Consultado a 6 de maio de 2023.
- Feuillet, A. «Le Messie Et Sa Mère: D’après Le Chapitre Xii De L’apocalypse». *Revue*

- Biblique* 66, n.º 1 (1959): 55–86. <https://www.jstor.org/stable/44090682>. Consultado a 7 de maio de 2023.
- . «L’heure de la femme (Jn 16,21) et l’heure de la Mère de Jésus (Jn 19,25-27)». *Revue Biblique* 47, n.º 2 (1966): 169–84. <https://www.jstor.org/stable/43595235>. Consultado a 7 de maio de 2023.
- . «L’heure de la femme (Jn 16,21) et l’heure de la Mère de Jésus (Jn 19,25-27) (suite)». *Revue Biblique* 47, n.º 3 (1966): 361–80. <https://www.jstor.org/stable/43595173>. Consultado a 7 de maio de 2023.
- . «L’heure de la femme (Jn 16,21) et l’heure de la Mère de Jésus (Jn 19,25-27 (suite et fin)». *Revue Biblique* 47, n.º 4 (1966): 557–73. <https://www.jstor.org/stable/43595202>. Consultado a 7 de maio de 2023.
- Florencio, Antonio Carlos Bezerra. «A minha alma engrandece ao Senhor: um exame do cântico de Maria em Lucas 1.46-55», 10 de fevereiro de 2023. <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/31468>. Consultado a 8 de maio de 2023.
- Frois, Bernard J Le. «The Divine Maternity in Sacred Scripture». *Marian Studies* 6 (1955): 102–19. https://ecommons.udayton.edu/marian_studies/vol6/iss1/10. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Gomes, Tiago de Fraga. «Maria, Mãe da Igreja Evangelizadora». Em *Anais do Congresso de Mariologia - Piedade popular, cultura e teologia*, editado por Leomar Antônio Brustolin e Luis Bedin Fontana, 211–16. Porto Alegre: Edipucrs, 2018. <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre//anais/congresso-de-mariologia/assets/edicoes/2017/arquivos/21.pdf>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Grenzer, Matthias. «Convivências junto à Cruz (Jo 19,25-27)». *Atualidade Teológica* 21, n.º 57 (2017): 458–75. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.31812>. Consultado a 3 de maio de 2023.
- Haupt, Paul. «Magnificat and Benedictus». *The American Journal of Philology* 40, n.º 1 (1919): 64–75. <https://doi.org/10.2307/289313>. Consultado a 8 de maio de 2023.
- Iwashita, Pedro K. «O Espírito Santo na vida e na missão de Maria». *Revista de Cultura Teológica* 19, n.º 75 (2011): 93–108. <https://doi.org/10.19176/rct.v0i75.15329>. Consultado a 6 de maio de 2023.
- Jang, Sehoon. «The Mother of the Infant King, Isaiah 7:14: ’alma and Parthenos in the World of the Bible; A Linguistic Perspective». *CATHOLIC BIBLICAL QUARTERLY* 84, n.º 1 (1 de janeiro de 2022): 122. <https://doi.org/000765393600014>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Kamesar, Adam. «The Virgin of Isaiah 7: 14: The Philological Argument from the Second to the Fifth Century». *The Journal of Theological Studies* 41, n.º 1 (1990): 51–75. <https://www.jstor.org/stable/23964880>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Kochaniewics, Boguslaw. «Ave, llena de gracia, el Señor es contigo" (Lc 1,28) En la interpretación de los Padres de la Iglesia». *Revista Albertus Magnus* 6, n.º 2 (2015): 251–74. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5663482>. Consultado a 4 de maio de 2023.
- Kozłowski, Jan M. «Mary as the Ark of the Covenant in the Scene of the Visitation (Luke 1,39-56)reconsidered». *Warszawskie Studia Teologiczne* 31 (2018): 108–16. <https://doi.org/10.30439/WST.2018.1.9>. Consultado a 14 de fevereiro de 2023.
- Langella, Alfonso. «Maria, Donna della Speranza. Una riflessione alla luce della Spe salvi di Benedetto XVI». *Asprenas* 55 (2008), n. 1, 139-160/ 55, n.º 1 (2008): 139–60. <https://mariaenoi.wordpress.com/2020/08/01/maria-donna-della-speranza-una-riflessione-alla-luce-della-spe-salvi-di-benedetto-xvi/>. Consultado a 9 de maio de 2023.
- Lathey, Cuthbert. «The Emmanuel Prophecy: Isaias 7:14». *The Catholic Biblical Quarterly* 8,

- n.º 4 (1946): 369–76. <https://www.jstor.org/stable/43719905>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Leong, Chin Hei. «The Magnificat: Read From Its Sources». *Orientis Aura: Macau Perspectives in Religious Studies*, n.º 2 (2017): 7–38. <https://journals.usj.edu.mo/index.php/orientisaura/article/view/17>. Consultado a 8 de maio de 2023.
- Lima, Anderson de Oliveira. «Apocalipse 12: um conjunto literário». *Perspectiva Teológica* 42, n.º 117 (2010): 205–205. <https://doi.org/10.20911/21768757v42n117p205/2010>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Martínez, María Carmen Román. «María, modelo del Discipulo, según Lucas». *Reseña Bíblica*, n.º 61 (2009): 33–42. http://www.laity.va/content/dam/laici/documenti/donna/bibbia/espanol/mari_a-modelo-del-discipulo-segu_n-lucas.pdf. Consultado a 9 de maio de 2023.
- Mazzarolo, Isidoro. «As raízes do louvor no Magnificat (Lc 1,46-55)». *Estudos Bíblicos* 36, n.º 141 (2019): 72–82. <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/33>. Consultado a 8 de maio de 2023.
- Mendes, Lucas Matheus. «O princípio mariano na Igreja em Hans Urs Von Balthasar». Em *Anais do Congresso de Mariologia - Piedade popular, cultura e teologia*, editado por Leomar Antônio Brustolin e Luis Bedin Fontana, 173–78. Porto Alegre: Edipucrs, 2018. <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-de-mariologia/assets/edicoes/2017/arquivos/15.pdf>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Menken, Maarten J.J. «The Textual Form of the Quotation from Isaiah 7:14 in Matthew 1:23». *Novum Testamentum* 43, n.º 2 (abril de 2001): 144–60. <https://doi.org/10.1163/156853601753453332>. Consultado a 25 de maio de 2023.
- Meynet, Roland. «Dieu donne son Nom à Jésus Analyse rhétorique de Lc 1,26-56 et de 1 Sam 2,1-10». *Biblica* 66, n.º 1 (1985): 39–72. <https://www.jstor.org/stable/42610933>. Consultado a 9 de maio de 2023.
- Neves, Joaquim Carreira das. «Isaías 7,14 no texto massorético e no texto grego: a obra de Joachim Becker». *Didaskalia* 2, n.º 1 (1 de janeiro de 1972): 79–112. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1972.601>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Nishino, Yoshiaki. «Le Triptyque du “Buisson ardent” de Nicolas Froment et son programme iconographique». *Artibus et Historiae* 12, n.º 24 (1991): 9–27. <https://doi.org/10.2307/1483411>. Consultado a 25 de janeiro de 2023.
- Perissé, Gabriel. «O diálogo entre Maria e o Anjo Gabriel (Lc 1,26-38): exigências e consequências do encontro genuíno». Em *Anais do Congresso de Mariologia - Piedade popular, cultura e teologia*, editado por Leomar Antônio Brustolin e Luis Bedin Fontana, 151–66. Porto Alegre: Edipucrs, 2018. <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-de-mariologia/assets/edicoes/2017/arquivos/13.pdf>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Pinho, Arnaldo C. de. «Maria e a Igreja Peregrina». *Humanística e Teologia* 11, n.º 1 (1990): 31–45. <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1990.3644>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Porúbčan, Štefan. «The Word “Ot” in Isaia 7,14». *The Catholic Biblical Quarterly* 22, n.º 2 (1960): 144–59. <https://www.jstor.org/stable/43710790>. Consultado a 26 de março de 2023.
- Potterie, Ignace de la. «Κεχαριτωμένη en Lc 1,28 Étude exégétique et théologique». *Biblica* 68, n.º 4 (1987): 480–508. <https://www.jstor.org/stable/42707367>. Consultado a 4 de maio de 2023.
- Raupp, Marcelo. «Isaías 7:14 e Zacarias 12:10: uma análise das traduções de duas passagens

- messiânicas do Antigo Testamento à luz das suas coordenadas espaço-temporais». *Scientia Traductionis* 0, n.º 15 (19 de dezembro de 2014): 246. <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2014n15p246>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Remaud, Michel. «Les femmes dans la généalogie de Jésus selon Les femmes dans la généalogie de Jésus selon Matthieu». *Nouvelle Revue Théologique* 143, n.º 1 (2021): 3–14. <https://www.nrt.be/fr/articles/les-femmes-dans-la-genealogie-de-jesus-selon-matthieu-3779>. Consultado a 10 de fevereiro de 2023.
- Salvador-González, José María. «Hortus Conclusus—A Mariological Metaphor in Some Renaissance Paintings of the Annunciation in the Light of Medieval Liturgical Hymns». *Religions* 14, n.º 1 (26 de dezembro de 2022): 36. <https://doi.org/10.3390/rel14010036>. Consultado a 27 de fevereiro de 2023.
- Silva, Maria Freire da. «Maria Mulher Ícone do Mistério Trinitário». *Revista de Cultura Teológica*, n.º 17 (22 de março de 1996): 41–56. <https://doi.org/10.19176/rct.v0i17.14330>. Consultado a 14 de fevereiro de 2023.
- Stuhlmüller, Carroll. «The Mother of Emmanuel (Is. 7:14)». *Marian Studies* 12 (1961): 165–204. <https://core.ac.uk/download/pdf/232825074.pdf>. Consultado a 25 de março de 2023.
- Tannehill, Robert C. «The Magnificat as Poem». *Journal of Biblical Literature* 93, n.º 2 (1974): 263–75. <https://doi.org/10.2307/3263096>. Consultado a 8 de maio de 2023.
- Thomas, Frédérique. «Hortus conclusus». *Sigila* 34, n.º 2 (2014): 49–59. <https://doi.org/10.3917/sigila.034.0049>. Consultado a 11 de março de 2023.
- Tommaso, Wilma Steagall De. «Contemplando o nascimento de Jesus: as representações do ícone da natividade na arte sacra». Em *Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo* 3, por Marcelo Máximo Purificação, Eduardo Gusmão De Quadros, e Neusa Valadares Siqueira, 24–37, 1.ª ed. s.l.: Atena Editora, 2023. <https://doi.org/10.22533/at.ed.4852315023>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Tutas, Maria Rodica. «A Virgem Maria na Patrística». Em *Anais do Congresso de Mariologia - Piedade popular, cultura e teologia*, editado por Leomar Antônio Brustolin e Luis Bedin Fontana, 49–70. Porto Alegre: Edipucrs, 2018. <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-de-mariologia/assets/edicoes/2017/arquivos/3.pdf>. Consultado a 15 de maio de 2023.
- Vitório, Jaldemir. «Maria de Nazaré: modelo de discipulado Cristão (Lc1,26-56) – Narração da fé de uma pequenina». *Perspectiva Teológica* 50, n.º 2 (2018): 289–306. <https://doi.org/10.20911/21768757v50n2p289/2018>. Consultado a 10 de março de 2023.
- Wolf, Herbert M. «Uma solução para a profecia de Emanuel em Isaías 7:14-8:22». *Revista de Literatura Bíblica* 91, n.º 4 (1972): 449-56. <https://doi.org/10.2307/3263678>. Consultado a 25 de maio de 2023.
- Wood, Irving F. «Τῆς δούλης in the Magnificat, Luke i. 48». *Journal of Biblical Literature* 21, n.º 1 (1902): 48–50. <https://doi.org/10.2307/3268855>. Consultado a 30 de abril em 2023.